Recordações da Casa dos Mortos

Fiódor Dostoiévski

PARTE 1

1

A CASA DOS MORTOS

O nosso presídio ficava nos limites da fortaleza, junto ao baluarte. Quando, através das fendas da paliçada, procurávamos avistar o mundo, entrevíamos apenas uma nesga estreita de céu e um alto barranco de terra, invadido pelo mato alto, noite e dia percorrido pelas sentinelas. E nós pensávamos logo que não adiantava passarem-se os dias: veríamos sempre, olhando por aquelas fendas, a mesma muralha, o mesmo soldado, a mesma nesga de céu — não o céu da fortaleza, mas um outro, um céu mais longínquo, um céu livre.

Imaginai um vasto pátio de duzentos passos de comprimento e cento e cinquenta de largura, com a forma dum hexágono irregular. Uma paliçada feita de altos moirões, profundamente encravados no solo, fortemente ligados uns aos outros, e talhados em ponta — rodeava por todos os lados o nosso presídio. Num dos lados da paliçada um portão, sempre fechado, sempre guardado por uma sentinela, não se abre senão à vista de uma ordem a fim de dar passagem aos presidiários que vão para o trabalho.

Além desse portão, havia o mundo luminoso da liberdade. E, de dentro, aquele mundo nos parecia como um conto de fadas, como uma miragem. O nosso mundo nada tinha de análogo com esse outro: eram leis, costumes, hábitos característicos, uma casa morta-viva, uma vida à parte de homens à parte. E é esse recanto que desejo descrever.

Quando se penetra no recinto, distinguem-se lá diversas construções. Dos dois lados do grande pátio se erguem amplas construções de madeira de um só andar. São as casernas. Lá vivem os forçados, separados em categorias. No fundo do pátio se eleva uma edificação do mesmo gênero, a cozinha, dividida em duas peças, e, mais atrás, um barracão que, sob o mesmo teto, abriga a adega, a despensa e o celeiro. O centro do pátio forma uma espécie de praça ampla, nua e plana. Os detentos lá se reúnem para a chamada, pela manhã, ao meio-dia e à tarde, e, às vezes, até extemporaneamente quando os soldados da guarda são desconfiados ou gostam de fazer contas. Entre as construções e a paliçada ainda há um espaço considerável. Nesse trecho é que, nas horas de descanso, alguns detentos sombrios, pouco sociáveis, vão passear, e, longe de todos os olhos, mergulham nos seus pensamentos. Quando eu os encontrava no decorrer desses passeios, gostava de lhes perscrutar os rostos sombrios e estigmatizados, a lhes imaginar as preocupações. Um deles passava o seu tempo livre a contar as estacas da cerca. Eram quinhentas, contudo ele as conhecia de cor. Cada uma das estacas lhe significava um dia.

Descontava uma diariamente e, assim, contando as que restavam, podia com um olhar calcular o tempo que ainda passaria nos trabalhos. Quando terminava um dos lados do hexágono, não escondia a sua alegria, restava-lhe ainda mais de um ano de espera, mas o presídio é uma boa escola de paciência. Assisti certa vez a um presidiário, liberto após vinte anos de pena, despedir-se dos colegas. Alguns ainda lhe recordavam a chegada, quando jovem, descuidoso, não se preocupava com o crime nem com o castigo. E ei-lo que partia agora com a cabeça grisalha, um rosto sombrio e triste de velho. Passou silenciosamente por nossos seis alojamentos: quando penetrava em cada um deles, murmurava uma oração diante do ícone; depois, fazia uma reverência profunda, até a cintura, diante dos detentos, pedindo-lhes que não guardassem de si uma lembrança má. Lembro-me também de um preso, um camponês siberiano, que fora abastado. Uma tarde, chamaram-no à porta. Seis meses antes ele soubera, magoado, que sua mulher tornara a casar. Agora, era ela própria que o mandava chamar para lhe dar uma esmola. Conversaram dois minutos, rebentaram em pranto, e despediram-se para sempre. Ainda lhe vejo o rosto quando voltou à caserna... Sim, realmente o presídio é uma boa escola de paciência.

Quando chegava o crepúsculo, fechavam-nos a todos nas nossas casernas. E nunca me deixou de ser penoso sair do pátio para o alojamento. Candeias de sebo espalhavam uma luz baça pela sala comprida, baixa, saturada dum odor nauseabundo. Não consigo compreender, hoje em dia, como pude passar, ali, dez anos. Na espécie de tarimba que servia de leito comum a trinta de nós, todo o meu domínio se reduzia ao espaço de três tábuas.

Quero crer que naquela sala toda variedade de crimes se achava representada. A maior parte dos detentos se compunha de condenados civis. Esses indivíduos, privados para sempre dos seus direitos de cidadãos, membros amputados da sociedade, tinham o rosto marcado com ferro em brasa, estigma eterno do réprobo. Demoravam de oito a dez anos no presídio, depois eram mandados na qualidade de colonos para qualquer recanto esquecido da Sibéria. Havia também criminosos vindos do exército: mas, segundo o costume das “companhias correcionais”, esses conservavam os seus direitos civis. Condenados por um lapso de tempo bastante curto, uma vez cumprida a pena, reintegravam o seu posto num batalhão siberiano. Muitos dentre eles não tardavam a reaparecer, após novo crime grave — mas por vinte anos dessa vez. Formavam a seção dos “reincidentes”, que também não eram privados dos seus direitos civis.

No inverno, fechavam-nos muito cedo, passavam-se pelo menos quatro horas antes que todos dormíssemos. E, ate então, quantos gritos, quantas risadas, quanto palavrão! O retinir das grilhetas, o cheiro nauseabundo, a fumarada espessa, as cabeças raspadas, as caras marcadas com ferro em brasa, as roupas em farrapos, tudo ressumava vergonha, infâmia!... Aí o homem tem a vida bem rija! “Um ser que se habitua a tudo” é,

segundo o creio, a melhor definição que se possa dar do homem.

Nosso presídio reunia uma média de duzentos e cinquenta detentos: uns chegavam, outros saíam, outros morriam. Quanta gente havia lá! Cada província, cada região da Rússia, creio bem que tinha ali o seu representante. Viam-se até alguns nativos das montanhas do Cáucaso. Eram todos classificados de acordo com a gravidade e a duração da pena. Havia, enfim, uma última seção, bastante numerosa, a dos veteranos do crime, na maioria militares... Era chamada a “seção especial”. Para lá enviavam criminosos de toda a Rússia. Ignorando o limite da sua pena, consideravam-se a si próprios condenados a prisão perpétua. Segundo a lei, deveriam fornecer um trabalho duplo ou tríplice. Eram mantidos no presídio, enquanto esperavam a organização de trabalhos forçados particularmente penosos. “Vocês estão aqui por algum tempo, dizias eles aos outros presidiários: nós estamos para a vida inteira”. Segundo ouvi dizer, essa seção foi suprimida: teriam mandado embora todos os detentos civis, conservando apenas os militares. Mudança de administração, é lógico. O que descrevo, portanto, são coisas de outrora, práticas abolidas, fatos já há muito esquecidos.

Sim, já há muito tempo. Tudo isso hoje me parece um sonho. Recordo minha chegada ao presídio. Era uma tarde de dezembro: a noite ia cair, os presidiários voltavam da tarefa diária, preparavam-se para a chamada. Um suboficial de grandes bigodes abriu-me a porta daquela estranha moradia onde eu deveria passar tantos anos, suportar emoções de tal ordem, que seria incapaz de compreendê-las se as não experimentasse. Por exemplo, não poderia conceber nunca o tormento espantoso de não poder ficar só — um minuto que fosse — durante os dez anos em que estive preso. No trabalho — um escolta; na prisão — a companhia de duzentos outros presos; e nem uma vez a solidão! E, de qualquer modo, tinha que me afazer a isso!

Havia lá assassinos ocasionais e matadores de profissão, malandros e capitães de bandidos. Havia gatunos, batedores de carteiras, vagabundos, cavaleiros de indústria e vigaristas. Havia também alguns deles que nos deixavam perplexos: por que estariam ali? Contudo cada um tinha a sua história, história tão perturbada e confusa quanto o amanhecer após uma noite de bebedeira. Aliás, eles pouco falavam do passado, não gostavam de o narrar, procuravam até não o rememorar jamais. Conheci entre os presidiários alguns assassinos, tão satisfeitos, tão descuidosos, que, nunca (poder-se-ia apostar com segurança), a consciência os atormentara um só instante. Mas havia também outros de rosto sombrio, quase sempre mudos. Em resumo, quase ninguém falava sobre a vida pretérita, e a curiosidade não pertencia nem aos costumes, nem às regras da casa. Todavia, de tempos em tempos, um detento que queria desabafar confiava um segredo qualquer a um vizinho, que o ouvia friamente, de cara fechada. Ninguém, ali, poderia causar espanto a ninguém. “Nós cá sabemos ler e escrever”, diziam os presos com uma espécie de cínica satisfação.

Lembro-me que um dia um bandido, bêbado (arranja-se bebida algumas vezes, no presídio), se pôs a contar como assassinara um garoto de cinco anos: seduzira-o com um brinquedo, depois levara-o para um galpão e lá o degolara. A caserna inteira, que a princípio rira das suas pilhérias, soltou um brado, e o homem foi obrigado a calar a boca; aquele brado unânime não era um sintoma de indignação. Significava apenas que não se devia falar “naquilo”, que falar “naquilo” era inadmissível. Devo observar, aliás, que aquela gente tinha alguma instrução, no sentido literal da palavra. Pelo menos a metade dentre eles sabia ler e escrever. E onde, na Rússia, em qualquer agrupamento popular, se encontrarão duzentos e cinquenta indivíduos, metade dos quais saiba ler e escrever? Soube, depois, que alguém concluiu, segundo esses dados, que a instrução perde os homens. Erro grave, creio eu. É preciso procurar em outra causa as razões desse desvio moral. Com efeito, a instrução provoca a presunção no povo; mas isso, no meu entender, não é um defeito, e abunda em toda parte.

Distinguiam-se as seções pelos trajes. Em uma das seções metade do casaco era marrom escuro e a outra cinza, enquanto as calças tinham uma perna cinza e a outra marrom. Um dia, durante o trabalho, uma rapariga, vendedora de kalatch 1, aproximou-se dos detentos, olhou-os longamente, e pôs-se a rir:

— Ai, como é feio! — exclamava. Não tinham pano que chegasse para a roupa deles, nem do preto, nem do pardo!

Outros usavam um casaco de lã cinzenta, com mangas pardas. Também as cabeças eram raspadas de maneiras diversas: em alguns a metade do crânio raspado ia de alto a baixo, em outros, ia de través.

Ao primeiro olhar descobria-se uma imensa semelhança entre os membros daquela estranha família. As personalidades mais salientes, as mais originais, os que dominavam, malgrado seu — procuravam esbater-se, adaptar-se ao diapasão do presídio. Salvo alguns indivíduos cuja inesgotável alegria granjeava o desprezo geral, todos os presos eram sombrios, ariscos, invejosos, presunçosos, fanfarrões, susceptíveis e extremamente formalistas. Para eles, a suprema qualidade consistia em não se espantarem de nada. Viviam apenas pelas aparências. Mas muitas vezes, com espantosa rapidez, a cara mais insolente cedia lugar a uma expressão de chapada covardia. Havia por lá homens naturalmente fortes; eram simples e sem rodeios. Porém, coisa estranha, alguns davam mostras de uma vaidade quase doentia. A gloríola, a exterioridade, tinham prioridade sobre tudo. A maioria deles era apavorantemente pervertida. As calúnias, os mexericos, não paravam nunca: aquilo era um inferno, uma verdadeira reprodução do tártaro. Ninguém, entretanto, ousaria insurgir-se contra as regras e hábitos consagrados. Alguns espíritos de formação especial tinham dificuldades em se submeter, contudo submetiam-se. Chegavam-nos indivíduos que, dominados pela vaidade, haviam ultrapassado todos os limites, e perpetrado os seus crimes como que involuntariamente,

como num delírio, como numa embriaguez. Mas nós depressa os domávamos — domávamos até aqueles que tinham sido o terror de cidades e aldeias. Olhando em torno de si, o “novato” depressa compreendia que não caíra em lugar propício a surpresas, e não demorava a adotar o tom comum. Esse tom se caracterizava por uma dignidade estranha e especialíssima, que nenhum dos habitantes do presídio poderia abandonar. Dir-se-ia que a situação de presidiário representava um título, e, até mesmo, um título de honra! Nenhum sinal de vergonha ou arrependimento. Notava-se, entretanto, um simulacro de docilidade — mais ou menos oficial — certo raciocínio tranquilo. “Somos condenados, não soubemos viver em liberdade; agora, temos que nos arrastar através da rua verde2 , temos que ficar em fila para a chamada. Quem não deu ouvidos ao pai e à mãe acaba obedecendo ao rufar do tambor. Quem não aprendeu a bordar com fio de ouro, acaba quebrando pedra.” Tudo isso se dizia e se repetia muitas vezes, como máximas, como anexins, mas nunca em tom sério... Eram apenas palavras. Haveria um único presidiário que reconhecesse a própria delinquência? Se alguém de fora se atrevesse a censurar a um preso os seus delitos, ou o injuriasse (coisa aliás rara no caráter russo), receberia insultos sem fim. E que mestres eram os presidiários em matéria de insultos e invectivas! Injuriavam requintadamente, sutilmente, artisticamente. Levavam o insulto até a ciência; aplicavam-se em descobrir palavras menos ofensivas pela forma que pela ideia, pelo sentido, pelo espírito; era perfeito como um veneno! E as rixas perpétuas desenvolviam constantemente essa ciência. Como trabalhavam sob o azorrague, toda aquela gente era preguiçosa e depravada. Se não o eram anteriormente, depressa o ficavam. Reunidos ali, contra a vontade, continuavam sempre estranhos uns aos outros.

“O diabo gastou três pares de lapti3 para nos trazer aqui”, diziam referindo-se a si próprios; por isso a calúnia, a intriga, os mexericos, a inveja, o ódio, ocupavam o primeiro plano naquela vida condenada. A mais intrigante das comadres de subúrbio não teria a lábia de alguns daqueles bandidos.

Encontravam-se entre eles, repito-o, almas de boa têmpera, de uma intrepidez a toda prova, habituados a dobrar os outros diante de si. Esses gozavam de uma estima espontânea; e por seu lado, embora muito ufanos da sua glória, esforçavam-se por não molestar ninguém, por jamais se lançarem em brigas inúteis, portavam-se com absoluta dignidade, eram quase sempre cordatos e obedientes às ordens — não por princípio, ou por consciência do dever, mas por uma espécie de tratado, do qual reconheciam as vantagens recíprocas. E a administração, com esses, sabia ser prudente. Lembro-me que um dos nossos colegas, homem valente, com tendências de fera, foi chamado um dia para o vergalho. Era no verão, na hora do descanso. Como chefe imediato do presídio, o major compareceu ao corpo da guarda, que ficava junto à porta de entrada, a fim de assistir à punição. Esse major era para os detidos um ente fatal; conseguia fazê-los tremer diante de si. Sua severidade raiava à extravagância, e ele “se atirava à gente”, segundo a

expressão dos presos. O seu maior recurso para causar terror era o olhar de lince, ao qual nada se podia esconder. Aquele homem via até mesmo sem olhar. Mal entrava no presídio já sabia o que se estava passando no extremo oposto do recinto. Os presos o chamavam “Oito-Olhos”. E seu sistema de nada adiantava, pois aqueles processos diabólicos serviam apenas para tornar os homens ainda mais furiosos. Se não houvesse acima dele um governador condescendente, razoável, que lhe moderava os impulsos selvagens, o major teria provocado grandes desgraças. Nem compreendo mesmo como é que pôde chegar são e salvo ao fim da carreira; é verdade que só foi reformado depois de passar por um julgamento 4.

O preso ficou lívido quando o chamaram. Em geral oferecia corajosamente o dorso às varas; aturava o castigo sem dizer palavra, depois erguia-se como se nada acontecera, igual a um filósofo que encara friamente a sua pouca sorte. E, aliás, com ele, tomavam-se precauções. Mas, daquela vez, o homem se julgava no seu direito. Ficou lívido, pois, e sem que os soldados da escolta o percebessem, teve tempo de enfiar na manga um trinchete de sapateiro, muito afiado. As facas e outros instrumentos cortantes nos eram proibidos. Não relaxavam a esse respeito, davam buscas frequentes, imprevistas, minuciosas: e os delinquentes incorriam em punições cruéis. É, porém, dificílimo apanhar o que um ladrão intentou esconder; a despeito das buscas, as facas e outros instrumentos indispensáveis não desapareciam. E os que eram confiscados, imediatamente se viam substituídos.

Os detidos todos correram ao pátio, de coração batendo, para olhar a cena. Cada um sabia que, daquela vez, Petrov não tencionava se deitar sob as varas, e que chegara a derradeira hora do major. Mas, no último momento, o major subiu ao carro e foi embora, encarregando da execução da pena outro oficial. “Foi Deus que o salvou”, exclamaram os detentos. Quanto a Petrov, suportou passivamente os açoites. Seu furor abrandara com a partida do homem. O detento mantém-se humilde e obediente até certo limite, porém esse limite não deve ser ultrapassado. Não há nada mais curioso que os seus súbitos arrancos de irritação, de reação. Dado indivíduo, que durante anos placidamente suportou os castigos mais atrozes, se enfurece de repente por uma ninharia, por uma bagatela, por um nada. Um estranho pode considerá-lo doido — e realmente muitos assim o julgam.

Já disse que durante os meus anos de presídio jamais constatei entre os meus companheiros o menor remorso, o menor rebate de consciência; no seu fôro íntimo, a maioria deles considerava que agira bem. Isso é um fato. Evidentemente, a vaidade, os maus exemplos, as bravatas, o respeito humano, devem, nesse caso, ser levados em consideração. Mas, por outro lado, quem se pode gabar de haver sondado essas almas decaídas, de ter descoberto no seu mistério o que fica escondido ao universo inteiro? De qualquer forma, porém, no decorrer de tantos anos, eu devera ter surpreendido em

alguns daqueles corações um indício qualquer de sofrimento, de desespero. E, positivamente, nada descobri. É claro que não se devem fazer julgamentos de acordo com ideias preconcebidas, e decerto a filosofia do crime é mais complexa do que se imagina. O presídio, os trabalhos forçados, não melhoram o criminoso; apenas o castigam, e garantem a sociedade contra os atentados que ele ainda poderia cometer. O presídio, os trabalhos forçados, desenvolvem no criminoso apenas o ódio, a sede dos prazeres proibidos, e uma terrível indiferença espiritual. Por outro lado, estou convencido de que o famoso sistema celular consegue atingir apenas um resultado enganador, aparente. Suga a seiva vital do indivíduo, enerva-lhe a alma, enfraquece-o, assusta-o, e depois nos apresenta como um modelo de regeneração, de arrependimento, o que é apenas uma múmia ressequida e meio louca.

É claro que o delinquente rebelado contra a sociedade a odeia; considera quase sempre que é ele quem tem razão e ela que erra. O castigo que lhe impuseram permite-lhe aliás considerar-se absolvido, quite para com os homens. Pode-se afinal encarar a coisa sob um ângulo que dá azo quase a inocentar o culpado. Entretanto, todo o mundo reconhecerá que, em toda parte, desde o início das eras, e sob qualquer legislação, houve crimes que sempre foram considerados crimes, e que serão olhados como tais, enquanto o homem for homem. E só no presídio ouvi contar com uma risada infantil, irresistivelmente alegre, as ações mais espantosas, mais desnaturadas, as façanhas mais monstruosas, mais infames. Certo parricida, especialmente, jamais me sairá da lembrança. De origem fidalga e antigo funcionário público, exercera junto ao pai sexagenário o papel de filho pródigo. Seu procedimento era tão desregrado, suas dívidas tão escandalosas, que o pai, mais de uma vez, teve que o conter e censurar. Mas o velho possuía uma granja, uma casa, e o filho o suspeitava de guardar economias; matou-o. O crime só foi descoberto um mês depois. Durante todo esse mês, o criminoso (que aliás avisara as autoridades da desaparição do velho) entregou-se à mais desenfreada orgia. Enfim, na sua ausência, a polícia descobriu o corpo coberto de tábuas, num canal de esgoto que atravessava o pátio em toda a sua extensão. O cadáver estava vestido, preparado; a cabeça encanecida, degolada, fora colocada no seu lugar, sobre o tronco, e sob ela o assassino pusera um travesseiro. O rapaz não confessou, foi degredado, privado dos seus títulos de nobreza, condenado a vinte anos de trabalhos forçados. Durante todo o tempo em que o conheci nunca o vi senão em excelente disposição de espírito, jovialíssimo. Sem ser um tolo, a criatura mais estouvada, mais leviana, mais descuidosa deste mundo. Nunca observei nele nenhum traço especial de crueldade. Os detentos o desprezavam, não pelo crime, no qual ele não falava nunca, mas por sua leviandade, por sua falta de compostura. Na palestra, acontecia-lhe referir-se ao pai. Uma vez, falando-me do robusto físico hereditário da família, disse: “Cito como exemplo o autor dos meus dias, que até o fim jamais se queixou de uma doença.” Uma insensibilidade tão bestial

parece quase impossível. Chega a ser um fenômeno. Já não é um crime, é uma falha orgânica, uma monstruosidade física e moral ainda não classificada pela ciência. Eu não podia, é lógico, acreditar na culpabilidade daquele moço; mas algumas pessoas da sua província, que deviam estar a par dos fatos, contaram-me a história com minúcias tão precisas que era mister que eu me rendesse à evidência. Os detentos uma vez ouviram-no gritar em sonho: “Segura, segura! A cabeça, corta-lhe a cabeça!”

Quase todos sonhavam e divagavam durante o sono: e o que mais frequentemente se ouvia, então, eram pragas, gritos em calão, referências a facas e machados.

“Somos criaturas maltratadas”, diziam eles; “estamos esmagados por dentro, e é por isso que gritamos de noite.”

Os trabalhos forçados não eram uma ocupação, mas uma penitência. Depois de cumprir o número de horas fixado pela lei, os detentos voltavam para o presídio. Odiavam as suas tarefas. Sem os afazeres pessoais aos quais se dedica com toda a alma, com todo o espírito, o forçado não resistiria. Como, realmente, arrancadas à sociedade e a uma existência normal, criaturas fortemente propensas a viver, desejosas de viver, poderiam se portar normalmente, naturalmente, com boa vontade e bom humor?

Bastaria a ociosidade para desenvolver neles os instintos viciosos dos quais não tinham consciência antes. Sem trabalhos, sem leis, sem nada que lhe pertença especialmente, o homem não é mais ele próprio, avilta-se, torna-se um animal. E eis por que, levado por suas capacidades naturais e por um confuso sentimento de conservação, cada forçado tinha um ofício. Durante o verão, os trabalhos preenchiam inteiramente os longos dias, e as noites curtas mal nos deixavam tempo para dormir. No inverno, porém, o regulamento prescrevia o internamento dos detidos logo ao cair do sol. Que se haveria de fazer durante aquelas tediosas e intermináveis noites? Apesar, pois, do regulamento, cada caserna se transformava numa vasta oficina. Verdade que o trabalho pessoal não era interdito; mas proibiam-nos, severamente, a existência de quaisquer utensílios, o que tornava impossível toda a ocupação. Então, trabalhava-se escondido, e em certos casos, a própria administração fazia vista grossa. Muitos de nós chegavam ao presídio sem a menor noção dum ofício, todavia aprendiam como os outros, e quando soava a hora da liberdade, iam embora providos dum bom ganha-pão. Tínhamos lá sapateiros, marceneiros, carpinteiros, gravadores, douradores. E até mesmo certo judeu, Isai Bumchtein, descobriu a maneira de ser simultaneamente ourives e usurário. Todos procuravam ganhar alguns copeques. Vinham encomendas da cidade. O dinheiro em si já representa liberdade; mas para o homem realmente privado da liberdade, o dinheiro fica com o valor elevado ao décuplo. Basta a gente poder tilintar as moedas no bolso, e, mesmo que não as possa despender, sente-se consolado pela metade. E consegue-se de qualquer modo gastar o dinheiro — principalmente porque o fruto proibido nos parece sempre duas vezes mais saboroso! Até no presídio é possível conseguir bebidas. Os

cachimbos eram rigorosamente proibidos, contudo todo o mundo fumava. O dinheiro e o fumo salvavam os presos do escorbuto e de outras doenças: o trabalho os salvava do crime: sem ele, se entredevorariam, como aranhas fechadas num frasco. Todavia proibiam-se o trabalho e o dinheiro! Frequentemente, durante a noite, era realizada de chofre uma busca e levavam-se todos os objetos interditos. Por melhor escondido que estivesse o dinheiro, caía algumas vezes nas mãos dos guardas. E, em parte por essa razão, em vez de economizar nós nos apressávamos a beber. Daí o consumo de vodca. Depois de cada busca, além da confiscação dos seus bens, o culpado sofria uma punição exemplar. Mas, de cada vez, preenchia-se imediatamente o claro, introduziam-se novamente objetos, e a vida retomava o seu curso. A administração não o ignorava e os detentos, por seu lado, não murmuravam contra a punição — embora uma vida daquelas se pudesse assemelhar à que se leva nas faldas do Vesúvio.

Aqueles que não tinham ofício, entregavam-se a ocupações muitíssimo originais. Alguns, por exemplo, comerciavam, e trocavam coisas que, fora dali, não ocorreria a ninguém traficar com elas, nem mesmo lhes emprestar a mínima valia. O presídio, porém, era tão pobre e quão industrioso. O mais ínfimo dos trapos tinha o seu preço e encontrava uso. A miséria dava ao dinheiro um valor muito diverso do que ele tem lá fora. Um trabalho enorme e difícil pagava-se com uma ou duas moedas de cobre. Outros faziam empréstimos com vencimento semanal. O detento pródigo ou arruinado levava o seu derradeiro objeto ao usurário, que lhe emprestava sob penhor alguns copeques a juros monstruosos. Se o cliente não resgatava o objeto na data marcada, via-o vendido sem piedade. A usura florescia a tal ponto que se empenhavam até mesmo os objetos sujeitos à inspeção: roupa branca marcada, botas e outros pertences que a administração poderia reclamar a qualquer momento. Mas, por ocasião desses empréstimos, a coisa assumia, às vezes, um aspecto imprevisto (não tão imprevisto, aliás). Assim que recebia o dinheiro, o “cliente” ia procurar o suboficial que era o mais acessível dos dirigentes da prisão, e lhe denunciava a penhora de objetos e de uniforme. E o suboficial, sem recorrer sequer à administração, tomava do prestamista os objetos empenhados. Coisa curiosa: nesses casos não surgia nenhuma briga. O usurário devolvia em silêncio o que reclamavam, como quem esperava por aquilo! Talvez reconhecesse no íntimo que no lugar do “cliente” agiria da mesma forma. E se depois julgava necessário praguejar, fazia-o sem cerimônia, por simples descargo de consciência.

Em geral, os presos roubavam tremendamente entre si. Quase todos guardavam num baú, fechado a cadeado, os objetos que lhes dava a administração. Esses cofres eram tolerados, mas não ofereciam garantia alguma. Não é difícil imaginar que artistas do roubo se encontravam entre nós! Um companheiro, que me era sinceramente afeiçoado (conto-o com toda a singeleza), roubou-me uma Bíblia, o único objeto cujo uso me fora autorizado. E confessou-me o roubo no próprio dia em que o cometeu, não por

arrependimento, mas por dó, ao me ver procurar demoradamente o livro. Outros exerciam a profissão de botequineiro, e rapidamente enriqueciam. Mais adiante falarei acerca desse comércio especial e bastante curioso. Como tínhamos no presídio vários condenados por contrabando, não há razão para que se admire a entrada lá de vodca, a despeito das buscas e da vigilância. O contrabando é um crime à parte. O interesse — quem o há de crer? — desempenha nesse caso apenas um papel secundário. O contrabandista trabalha por vício, por vocação. É um poeta ao seu modo. Arrisca tudo, afronta os piores perigos, gasta astúcia, engenho, agilidade incríveis: algumas vezes suas ações parecem até inspiradas. É uma paixão tão forte quanto a do jogo. Conheci um forçado de estatura colossal, porém tão manso, tão sossegado, tão bem humorado, que sua estada entre nós parecia um enigma. Nunca — mas nunca — durante todo o seu período de prisão, teve uma briga qualquer, com ninguém. Era originário da fronteira ocidental, fora deportado como contrabandista, e, é claro, não podia se coibir de exercer o tráfico secreto de vodca. Quantos castigos sofreu por isso, e que pavor tinha ele dos açoites! Continuava, todavia, no ofício, apesar do lucro irrisório, pois só quem enriquecia era o dono das bebidas. O pobre rapaz amava a arte pela arte. Chorão como uma mulher, jurava a todos os deuses, depois de cada fustigação, que jamais tornaria ao vício. Às vezes mantinha o juramento um mês inteiro, depois deixava-se cair em tentação... E graças a indivíduos da sua espécie, a aguardente não nos faltava jamais, no presídio.

Os detentos tinham ainda outra renda que, sem os enriquecer, não era menos regular e benéfica: refiro-me às esmolas. As nossas altas classes sociais não fazem a menor ideia dos cuidados com que os comerciantes, os pequenos burgueses e a plebe em geral cercam os “desgraçados”, como eles dizem. A esmola se faz de modo contínuo, quase sempre sob o forma de pães ou kalatchi, e, mais raramente, em moedas de pequeno valor. Se não fossem essas esmolas, certos presos, especialmente os que ainda estão dependendo de julgamento e que sofrem regime mais severo que os condenados, dificilmente poderiam viver. A esmola se divide religiosamente entre os detentos. Se não há bastante para todos, corta-se um kalatch em partes iguais, às vezes em seis pedaços, mas cada um ganha o seu quinhão.

Lembro-me bem da primeira esmola que recebi. Foi pouco após minha chegada. Eu vinha do trabalho da manhã, com um único soldado de escolta. Caminhavam ao meu encontro uma mulher com a filhinha — menina de dez anos, linda como um anjo; já eu as vira antes. A mãe era viúva de um rapaz, um soldado, que, depois de ser submetido a conselho de guerra, morrera no hospital, no pavilhão dos detentos, onde eu próprio estava em tratamento. Mãe e filha tinham vindo dizer-lhe adeus, ambas chorando amargas lágrimas. Quando me avistou, a garotinha ficou rubra, e murmurou algumas palavras à mãe; a mulher se deteve, procurou no cesto um quarto de copeque e deu a moeda à criança, que correu para mim...

— Toma, “desgraçado”, recebe este cobre pelo amor de Nosso Senhor — gritou ela, enfiando a moeda na minha mão.

Recebi o dinheiro; e a pequena, satisfeita, voltou para junto da mãe. Durante muito tempo conservei a moedinha.

---

1) Pãozinho de trigo em forma de cadeado. Os kalatchi de Moscou são afamados. (N. T.)

2) A explicação dessa expressão vem na continuação do Capítulo 2. (N. T.)

3) Espécie de alpargatas feitas em geral de cortiça de bétula. (N. T.)

4) Dostoievski copiou esses tipos da vida real. O nome do major era Krivtsov; o governador era o General Grave. (N. T.)

2

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

O primeiro mês e, de modo geral, o início da minha vida de prisioneiro desenham-se vivamente ante a minha imaginação; mas os anos seguintes deixaram-me apenas recordações confusas. Algumas lembranças até se fundiram, desbotaram, e não guardei delas, senão uma ideia geral de peso, de uniformidade, de sufocação. Isso, aliás, é um fenômeno absolutamente normal.

O que me impressionou logo que entrei nessa vida foi, lembro-me bem, não poder descobrir nela nada de extraordinário, ou melhor, nada de inesperado. Tudo aquilo parecia já me haver desfilado ante o espírito, quando, de caminho para a Sibéria, eu me esforçava por adivinhar a sorte que me aguardava. Mas, logo após, um abismo de fatos mais que surpreendentes, mais que monstruosos a cada passo me foi detendo. Depois de viver longos anos no presídio, acabei por compreender todo o elemento imprevisto daquela existência, todavia nem por isso deixei de me espantar ante ele. Devo confessar que esse espanto me acompanhou durante todo o período de prisão; nunca me pude afazer àquele cenário.

Entrando no presídio, a minha primeira impressão foi principalmente de horror, contudo — coisa estranha! — a vida me pareceu muito mais fácil do que eu a imaginaria durante a viagem. Embora usassem a grilheta aos pés, os detentos circulavam livremente, praguejavam, cantavam, trabalhavam por conta própria, fumavam cachimbo; alguns até (esses em muito pequeno número) bebiam vodca e à noite jogavam cartas. Quanto aos trabalhos, pareceram-me muito menos duros, muito menos “trabalhos forçados” do que seria de pensar; só muito tempo depois compreendi o verdadeiro caráter desses trabalhos, menos penosos por sua dureza e continuidade que pelo fato de serem “impostos”, obrigatórios, cumpridos sob o azorrague.

É inegável que o nosso mujique labuta muito mais que um forçado; em alguns períodos do ano, sobretudo no verão, é obrigado a trabalhar em serões que lhe tomam a noite inteira. Mas esforça-se por sua conta, no seu interesse, e por isso se sente incomparavelmente menos fatigado do que o forçado, que realiza uma tarefa que lhe é imposta, absolutamente improdutiva para si.

Já me ocorreu uma vez que, se se procurasse aniquilar, esmagar, castigar um homem da maneira mais implacável, se se quisesse fazer com que ante esse castigo o pior

dos facínoras tremesse antecipadamente — bastaria dar ao seu trabalho um caráter de inteiro absurdo, de absoluta inutilidade. Os trabalhos forçados atuais, por mais despidos de interesse que sejam para os condenados, pelo menos não são inteiramente desprovidos dum sentido. O forçado-operário fabrica tijolos, cava o solo, faz argamassa, edifica; e nessas tarefas há um pensamento, há um fito. Algumas vezes, até ele se interessa por sua obra, procura realizá-la melhor, mais habilmente. Mas se o empregarem, por exemplo, a carregar a água dum tonel para um outro, e do segundo para o primeiro, ou a esmagar areia, ou a transportar terra daqui para ali, e devolvê-la depois ao sítio primitivo — creio que ao cabo de poucos dias ele se enforcará, ou cometerá mil destinos, a fim de merecer a morte e escapar àquele rebaixamento, àquela vergonha, àquele tormento. Aliás, essa espécie de castigo significando apenas tortura e vingança seria insensato, porque ultrapassaria o seu fim. Contudo, qualquer trabalho obrigatório contém a sua parte de tortura, de absurdo, de humilhação, e é esse o motivo que torna os trabalhos forçados incomparavelmente mais penosos que os outros.

Aliás, como cheguei ao presídio no mês de dezembro, não pude formar nenhuma ideia das tarefas de verão, cinco vezes mais pesadas que as de inverno. No inverno, na nossa fortaleza, havia muito pouco trabalho regulamentar. Os presos iam para as margens do Irtych, demolir velhas barcaças do governo: trabalhavam nas oficinas, varriam dos edifícios a neve amontoada pelas ventanias, queimavam e moíam alabastro, etc... Os dias eram curtos, a labuta terminava logo, todos nós voltávamos cedo ao presídio, onde ficaríamos quase à toa, se não fora o trabalho pessoal que cada um arranjava para si. Mas apenas um terço dos presos se entregava a uma ocupação regular; os outros vagabundeavam, andavam pelos alojamentos, brigavam, mexericavam, embriagavam-se, caso dispusessem de um pouco de dinheiro. À noite arriscavam no baralho até a camisa do corpo; tudo por tédio, por ociosidade, para matar o tempo. Compreendi, depois, que além da privação da liberdade e da imposição do trabalho, o detento ainda sofre de um outro suplício mais penoso: a coabitação obrigatória. A vida em comum existe decerto em outros lugares, porém os companheiros de presídio em geral não seriam escolhidos como tais por ninguém, e tenho certeza de que todos os presos, inconscientemente embora, sofriam com aquela promiscuidade.

A comida me pareceu também muito tolerável. Os presos me garantiram que não se fornece comida tão boa nas “companhias correcionais” 1 da Rússia Europeia, coisa em que não posso opinar, porque não as conheço. Aliás, muitos tinham dinheiro para obter comida ao seu gosto. A carne nos custava dois copeques por libra, e durante o verão três copeques. Os que tinham dinheiro podiam pois comprar carne. A maioria, entretanto, comia do rancho. Quando os forçados elogiavam a comida, referiam-se ao pão, e notavam satisfeitos que nos davam pães inteiros, e não por peso, cortados em pedaços. O racionamento individual os apavorava: teria deixado pelo menos um terço deles

famintos, enquanto o fornecimento em bloco fazia com que chegasse para todos. Nosso pão era afamado até na cidade; atribuía-se o seu sabor à feliz construção dos fornos. A sopa, ao contrário — a tradicional sopa de couve azeda — , não era bem reputada. Cozinhavam-na num caldeirão, engrossavam-na de leve com centeio, o que não a impedia de ser muito rala, e, sobretudo, nos dias de trabalho, deixar a barriga a roncar, de vazia. Na minha opinião, o mais repelente de tudo era o número inconcebível de baratas que nadavam nela: mas os detentos não se importavam.

Nos três primeiros dias não fui ao trabalho; deixavam que todos os recém-vindos descansassem da viagem. Entretanto, logo ao dia seguinte da chegada, fizeram-me sair da fortaleza para me porem os grilhões. Os que eu trazia não eram os regulamentares: “soavam fino”, segundo a expressão dos detentos, e apareciam sobre a roupa. O modelo usado, a fim de permitir o trabalho, não se compunha de argolas, mas de quatro hastes de ferro da grossura de um dedo, mantidas juntas por quatro anéis: deviam ser usadas sob as calças. No anel do meio enfiava-se uma corrente que por sua vez se afivelava à cintura, sobre a camisa.

Recordo bem minha primeira manhã no presídio. No corpo da guarda, junto ao portão, o tambor rufava a alvorada, e dez minutos depois o oficial de dia abria as casernas. Despertamos. À luz débil de uma candeia, os presos se ergueram, tiritantes de frio. A maioria estava taciturna e mal-humorada. Bocejavam, espreguiçavam-se, franziam a testa marcada pelo ferro. Uns se benziam, outros brigavam. O abafamento era abominável. No momento em que se abriu a porta, o ar frio do inverno entrou em borbotões, formando nuvens de vapor lá dentro. Os homens se reuniram em torno dos baldes de água; cada um por sua vez tomava a caneca, bochechava, molhava o rosto e as mãos. A água fora posta ali desde a véspera pelo parachnik 2, título dado ao preso escolhido entre os outros para o serviço do alojamento. Dispensado do trabalho externo, ele cuidava do asseio da sala, lavava e esfregava o chão e as tarimbas, trazia e levava a cuba, mantinha a água limpa nos baldes — de manhã para o asseio corporal, de noite para beber.

— Não empurra, cara de macaco! — rosnava um preso magro, trigueiro, melancólico, com estranhas protuberâncias no crânio raspado, empurrando um outro forçado de pequena estatura, entroncado, rijo, de cara vermelha e jovial.

— Para que esse berreiro? Alugaste o lugar? Desinfeta daqui, obelisco! Ora vejam o...

E o palavrão que dizia provocava o seu efeito: os outros rebentavam em gargalhadas. Era justamente o que queria o corado trocista, que, evidentemente, desempenhava na caserna o papel de bufão. O preso alto o encarava com desprezo profundo:

— Cara de vaca! Decerto engordaste com o pão branco daqui! No Natal, hás de

parir pelo menos uma dúzia de leitões, hein?

— E tu, que raça de pássaro pensas que és? — gritava de repente o outro, já rubro.

— Isso mesmo, não sou uma leitoa como tu, sou um pássaro.

— Que qualidade de pássaro?

— Isso é comigo.

— Não, dize, anda, que pássaro?

E se devoravam com os olhos. O vermelhão esperava a resposta, de punhos fechados, como pronto para a luta. Eu estava certo de que eles se iriam agarrar: e aquele espetáculo novo me açulava a curiosidade. Soube depois que essas cenas, inteiramente inocentes, eram representadas para divertimento geral. Quase nunca passavam de palavras. Mas tudo aquilo era característico e refletia a mentalidade da prisão.

O preso alto mantinha-se sossegado e majestoso. Sabia que o olhavam: e sua resposta seria sua desonra ou sua glória. Devia sustentar o que dissera, mostrar que era realmente um pássaro. Lançou um olhar de viés ao adversário, e com inexprimível desdém, fitando-o por cima do ombro, como a um inseto, lentamente, significativamente, articulou:

— Pois sou um kagan 3.

Uma gargalhada retumbante acolheu essa afirmação.

— O que és é um malandro, e não um kagan — gaguejou o vermelhão, que, sentindo-se vencido, atingira o grau mais alto do furor.

Quando, porém, a coisa começava a ficar séria, trataram de amansar os adversários.

— Que foi que deu neles? — gritaram.

— Seria melhor que vocês brigassem a murro, e não com a língua! — falou alguém lá do seu canto.

— Segura os dois, senão se agarram! — observou um outro. — Cada qual é mais valente: só brigam de sete contra um!

— Sim, são uns anjinhos: um está aqui por causa de uma libra de pão, e o outro bebeu o soro do leite de uma velha e por isso meteram-lhe o cnute!

— Já chega! — bradou o inválido que exercia as funções de vigilante e dormia num canto,numa tarimba especial.

— Água, meus filhos! O “Neválido” 4 Petrovitch já acordou! Bom dia, meu irmãozinho “Neválido” Petrovitch!

— Se eu fosse teu irmão nós bebíamos juntos! — rosnou o inválido, estirando as mangas do capote.

Preparávamo-nos para a chamada. O sol nascia. Os detentos se aglomeravam na cozinha. Já prontos para o trabalho, com o capote, os gorros de duas cores, esperavam junto ao pão que um dos cozinheiros dividia. Esses cozinheiros, eleitos entre os presos à

razão de dois por cozinha, eram encarregados da guarda da única faca que servia para cortar o pão e a carne. Alguns forçados tinham diante de si uma caneca de kvass 5. Esfarelavam o pão ali dentro, e depressa o engoliam. O barulho era insuportável, mas nos cantos a conversa era discreta, sossegada.

— Paizinho Antonitch, pão e sal, saúde! — exclamou um preso jovem, cumprimentando um forçado tristonho e desdentado.

— Bom dia, se não estás de troça! — respondeu o velhote sem erguer os olhos, continuando a mastigar o pão com as gengivas.

— Imagina, Antonitch, e eu que pensava que tu tinhas morrido! Deveras!

— Ainda não. Vai na frente, me mostrar o caminho!

Sentei-me perto deles. À minha direita conversavam dois outros presos, sossegados, procurando ambos manter um ar de dignidade.

— Eu te garanto que não me hão de roubar — dizia um. — É mais fácil ser eu quem roube aos outros.

— Pois também é bom que ninguém meta as mãos no que é meu, senão a coisa engrossa!

— Então é assim? Tu és diferente de nós? Sossega. Não passamos de galés... e nada mais. Ela é que te há de embrulhar, sem nem dizer muito obrigada... De mim também, meu filho, ela surrupiou quatro copeques. Apareceu aqui outro dia. Mas onde haveria de meter-me com ela? Pensei num adjutório de Fedka, o carrasco, ele ainda tinha a mesma casa no subúrbio — a casa que comprou de Salomonka, aquele judeu piolhento que se enforcou...

— Eu sei. Era botequineiro aqui há três anos atrás; nós o chamávamos “Grichka-bodega-escura”. Eu sei.

— Não, não sabes. O “bodega-escura” era outro.

— Que outro! Estás louco, rapaz. Posso te apresentar tantos testemunhos quantos queiras.

— Podes trazer! De onde é que vens? Será que sabes quem sou eu?

— Quem, tu? Não é para me gabar, mas já te dei umas boas sovas. Ora, quem és tu!

— Já me deste sovas, tu? Ainda está para nascer aquele que me há de dar um sova, estás ouvindo? E aquele que me sovou já está enterrado!

— Ora, má peste te mate!

— E a lepra que te roa!

— Vai atrás de um turco que te meta o sabre!

E choviam os insultos.

— Basta, basta! Que berreiro é esse? — gritavam ao redor. — Vocês não sabiam viver soltos, e agora estão satisfeitos, porque aqui tem pão fresco! Basta!

Separaram-nos rapidamente. Os insultos, os desaforos, toleram-se de bom grado, porque servem de distração para o auditório. Quanto às rixas, só são autorizadas em casos excepcionais. As vias de fato podem ser denunciadas ao major, que vem pessoalmente fazer um inquérito: o inquérito significa aborrecimentos para todos, e deve portanto ser evitado. Aliás, quase sempre os adversários trocam desaforos por distração, por amor à arte. Frequentemente o sangue lhes sobe à cabeça, ficam furiosos, e a gente pensa que se vão agarrar, mas não; assim que a raiva de um e outro atinge certo diapasão, separam-se. Tudo isso, a princípio, me provocou uma extraordinária surpresa. Foi de propósito que citei este exemplo de palestra habitual, entre os forçados. Não compreendia que alguém pudesse trocar insultos por prazer, encontrar nesse mister um encanto, um deleite, um divertimento. Não se deve esquecer também a parte que cabe à vaidade: o colecionador de pragas sobe na estima geral; um pouco mais, e é aplaudido como ator.

Logo à primeira tarde notei que me fitavam de viés, apanhei mesmo alguns olhares sinistros. Por outro lado, desconfiando que eu trazia dinheiro, alguns detentos me rondavam. Ofereceram-me logo os seus serviços, ensinaram-me a carregar os ferros novos, obtiveram-me — mediante dinheiro, é claro — um baú com cadeado, para arrumar nele o meu enxoval de presidiário e a pouca roupa branca que trouxera. Mas logo no dia seguinte roubaram-me tudo e gastaram o produto em bebida.

Um dos meus assaltantes tornou-se mais tarde preciosíssimo para mim, embora continuasse sempre a furtar o que era meu, toda vez que a ocasião lhe parecia adequada. Cometia o roubo sem o menor acanhamento, como por obrigação: e eu não lhe podia guardar rancor.

Entre outras coisas, aqueles colegas serviçais me informaram de que a gente poderia ter o seu chá; seria pois ato útil, para mim, a compra de uma chaleira. E, esperando a compra, poderiam me alugar uma. Recomendaram-me também um cozinheiro que mediante trinta copeques por mês me prepararia as refeições, se eu quisesse comer à parte... Como era de esperar, pediram-me dinheiro emprestado e, logo no primeiro dia, cada um deles renovou os empréstimos duas e três vezes.

Os ex-fidalgos são em geral muito mal vistos no presídio. Embora tenham perdido os direitos civis e sejam ali iguais a todos os outros, os forçados se recusam a encará-los como companheiros. Aliás, não decorre isso de nenhum preconceito, mas de uma opinião inata. Aos seus olhos continuamos sempre a ser fidalgos, o que não os impede de gozar a nossa queda: “Agora acabou! Ainda ontem Piotr andava brilhando em Moscou! Agora, Piotr torce a corda que vai usar no pescoço!” e outras coisas desse jaez.

Gozavam os nossos sofrimentos; entretanto, fazíamos tudo para os esconder deles. Era principalmente nos primeiros tempos que lhes atraíamos as zombarias, porque, como a nossa força não era igual à deles, não os podíamos equivaler no trabalho.

É dificílimo obter a confiança do povo, sobretudo daquela qualidade de gente do povo, e lhes conquistar a afeição.

Tínhamos no presídio vários fidalgos. Para começar, cinco polacos, dos quais falarei mais tarde. Os detentos os detestavam ainda mais que aos nobres russos. Os polacos (refiro-me aos condenados políticos) tratavam os colegas de prisão com uma delicadeza meticulosa, exagerada, altiva; não podiam dissimular a repugnância que a sua convivência lhes inspirava.

Os forçados compreendiam isso muito bem e lhes pagavam na mesma moeda.

Precisei passar quase dois anos no presídio para conseguir a boa vontade de alguns presos. Contudo, no fim da pena, a maioria deles gostava de mim e me considerava um “bom sujeito”.

Excluindo-se a minha pessoa, a fidalguia russa tinha no presídio quatro representantes. Em primeiro lugar, um sujeito crapuloso, medonhamente corrompido, espião e delator de ofício, de quem eu já ouvira falar antes da minha chegada e com o qual cortei relações logo no primeiro dia. O segundo era o parricida de quem já falei. O terceiro chamava-se Akim Akimitch. Raramente tenho visto um original daqueles; ficará para sempre gravado na minha lembrança. Era um homenzarrão ossudo, de espírito fraco, ignorância crassa, metódico e preso à regra como um alemão. Os presos o ridicularizavam, mas alguns evitavam irritá-lo, temendo-lhe o gênio briguento. Desde o início nivelara-se com os outros rixando-se, agarrando-se até com eles. Era de uma honestidade fenomenal, e, assim que constatava uma injustiça, voava a corrigi-la, e muitas vezes se imiscuía em negócios que absolutamente não eram da sua conta. Sua ingenuidade era prodigiosa; por exemplo: quando brigava com os detentos, censurava-lhes as ladroagens e os concitava ao arrependimento. Fora alferes no exército do Cáucaso. Fizemos amizade logo no primeiro dia e ele imediatamente me contou a sua história. Começara a vida lá mesmo no Cáucaso, como suboficial voluntário num regimento de linha; esperara durante muito tempo a promoção a oficial, mas afinal mandaram-no como comandante para um velho fortim. Um príncipe tributário dos arredores incendiou esse fortim, e tentou um ataque noturno, sem nenhum êxito, aliás. Akim Akimitch, por astúcia, fingiu que não sabia quem fora o autor do ataque. O caso foi atribuído aos dissidentes; um mês depois Akim Akimitch convidou o príncipe para uma visita de cordialidade. E o príncipe compareceu, sem desconfiar de nada. Akim Akimitch formou sua guarnição em linha de batalha e confundiu publicamente o visitante, lançando-lhe em rosto a sua felonia. Explicou-lhe miudamente a conduta que doravante deveria ter como príncipe tributário, e depois, à guisa de conclusão... fuzilou-o. E no fim de tudo, mandou um relatório circunstanciado aos seus chefes. Foi a conselho de guerra; condenado à morte, teve a pena comutado para trabalhos forçados de segunda categoria, e foi mandado passar doze anos na Sibéria... Reconhecia que a sua conduta fora ilegal,

garantiu-me até que sabia disso antes de mandar fuzilar o príncipe; não ignorava que o príncipe deveria ser julgado segundo a praxe; contudo, não conseguia compreender em que consistia o seu crime.

— Mas veja, o príncipe tinha incendiado o meu fortim! Na sua opinião, eu ainda deveria dizer muito obrigado, hein? — respondia ele a todas as minhas objeções.

Os forçados, por mais que zombassem de Akim Akimitch e o chamassem de louco, tinham em alta conta o seu espírito de ordem e as suas prendas. Akim Akimitch sabia todos os ofícios: era marceneiro, sapateiro, pintor, dourador, serralheiro; e todas aquelas artes aprendera-as no presídio. Autodidata nato, bastava-lhe ver um objeto para o imitar. Confeccionava também uma enorme variedade de caixas, cestos, lanternas, brinquedos, e os vendia na cidade. Isso lhe rendia algum dinheiro que ele empregava imediatamente na aquisição de roupa branca ou de um travesseiro mais macio. Conseguira até mesmo fabricar para si um colchão dobradiço. Como ocupava o mesmo alojamento que eu, ajudou-me muito durante os primeiros meses da minha detenção.

Antes de saírem da fortaleza para o local do trabalho, os presos formavam dois a dois diante do corpo da guarda. À frente e à cauda da formação colocavam-se os soldados da escolta, de armas embaladas. Aparecia então um oficial de engenharia, condutor dos trabalhos, e alguns sapadores designados como monitores. O condutor contava os presos, depois os mandava em pelotões para os locais designados.

Juntamente com outros, destinaram-me à oficina de engenharia, construção baixa, toda de pedra, situada no meio dum grande pátio atulhado por uma infinidade de materiais. Viam-se ali uma forja, tendas de marceneiro, de serralheiro, de lustrador, etc... Akim Akimitch trabalhava na envernização; esquentava o óleo, moía as tintas, e pintava mesas e outros móveis de cor de nogueira.

Enquanto esperava as minhas novas grilhetas, comuniquei-lhe minhas recentes impressões.

— Sim, é verdade — confirmou; — eles não gostam dos nobres, principalmente quando são condenados políticos; só lhes falta comê-los vivos. É fácil de compreender. Para começar, vocês e eles nada tem de comum. Em segundo lugar, antes de virem para cá eram todos pobres servos ou simples soldados. Julgue por si se podem gostar de nobres. Aqui — sou eu que lhe digo — a vida é dura, mas nas companhias correcionais da Rússia Europeia é bem pior. Os que vêm de lá para cá acham que passaram do inferno para o céu. E não é que o trabalho seja mais penoso. Parece até que lá a primeira categoria não tem uma direção estritamente militar; tratam os presos de modo muito diverso daqui; os deportados podem até ter a sua casinha; não vi com meus olhos, porém foi o que me disseram. Não raspam a cabeça, não obrigam a uniforme, todavia acho até bom que os presos tenham a cabeça raspada e usem uniforme: a ordem é melhor, e é mais agradável à vista. Mas é isso justamente o que desagrada a esses camaradas. E,

também, que bandos de vagabundos! Circassianos, raskolniki 6, bons cristãos ortodoxos que deixaram na aldeia mulher e filhos, judeus, boêmios, e Deus sabe quem mais, obrigados todos a viver bem uns com os outros, a comer na mesma gamela, a dormir na mesma tarimba! E que liberdade! O comer da gente, é preciso engoli-lo às escondidas, cada vintém é guardado no fundo das botas; não precisa dizer mais: presídio é presídio... E quer a gente queira, quer não, acaba meio louco.

Aquilo eu já sabia, Era principalmente a respeito do nosso major que eu queria interrogar Akim Akimitch. Ele não me dissimulou nada e a impressão que me ficou não foi absolutamente agradável.

Tive que passar dois anos sob as ordens desse indivíduo, e tudo que no primeiro dia me disse Akim Akimitch se revelou exato — com a diferença apenas de que a sensação direta sempre ultrapassa a impressão provocada por uma simples narrativa. Era um homem apavorante, sobretudo graças à autoridade absoluta que exercia sobre duzentas pessoas; porque ele, em si, não era senão desordenado e mau. Considerava os detentos como seus inimigos naturais: era esse o seu primeiro e principal engano.

Sua pouca capacidade, suas próprias qualidades se desviavam e tomavam uma direção má. Violento, impulsivo, cruel, precipitava-se como uma bomba na fortaleza, até mesmo alta noite, e se observava algum preso dormindo do lado esquerdo, punia-o no dia seguinte pela manhã. “Segundo as minhas ordens, deve-se dormir do lado direito!” Era odiado, e temido como peçonha. Tinha uma cara vermelhaça e enfarruscada. Todos sabiam que o major era um joguete nas mãos do seu ordenança, Fedka. Seu único amor neste mundo era o cachorrinho Tresorka 7 e quase enlouqueceu quando o animalzinho caiu doente. Soluçava, contam, como se se tratasse dum filho. Expulsou um veterinário, depois de lhe haver dado uma surra, segundo o seu hábito. Mas sabendo, por intermédio de Fedka, que havia no presídio um curandeiro que sempre se saía muito bem, mandou chamá-lo incontinenti.

— Salva-o! — gritava ele. — Cura o meu Tresorka e eu te cubro de dinheiro!

O homem, um mujique siberiano astuto, inteligente, e muito bom veterinário, contou mais tarde aos companheiros a sua visita à casa do major — aliás só o fez muito mais tarde, quando o caso estava quase esquecido.

— Olhei para Tresorka, que estava no sofá, em cima de uma almofada muito alva; vi imediatamente que sofria de uma inflamação e seria preciso sangrá-lo, para o salvar. Mas pensei também: “E se eu fracasso e o cão rebenta?” Então falei: “Excelência, mandou-me chamar muito tarde. Ontem ou anteontem eu ainda o poderia salvar; porém agora não tem mais jeito.” E, assim, finou-se Tresorka.

Contaram-me também, com muitos pormenores, que um forçado quisera matar o major. Já há muitos anos no presídio, esse homem dava mostras de uma submissão exemplar. Notava-se que jamais dirigia a palavra a ninguém; passava até por débil

mental. Sabia ler e escrever, e levara o ano anterior a ler a Bíblia, dia e noite. No meio da noite, quando todos dormiam, erguia-se, acendia uma vela, instalava-se junto à estufa, abria o livro, e lia até o amanhecer. Um dia declarou ao suboficial de guarda que se recusava a ir para o trabalho. Avisaram o major, que se enfureceu e correu ao alojamento. O preso lhe atirou um tijolo, que já tinha consigo, com essa intenção. Mas errou. Agarraram-no, julgaram-no, açoitaram-no. Passou-se tudo com grande rapidez. Três dias depois o desgraçado falecia no hospital. Antes de morrer, declarou que não queria mal a ninguém, que tinha apenas procurado o martírio. Não pertencia entretanto a nenhuma seita dissidente. E nunca mais sua lembrança foi evocada sem certa comoção respeitosa.

Enquanto me punham as novas grilhetas, as vendedoras de kalatch entraram em fila, na oficina. Havia entre elas até criancinhas; enquanto eram pequenas vinham mercar os kalatchi que as mães faziam. Depois de crescidas, continuavam a vir, mas sem mercadoria. Entre as vendedoras, havia também mulheres casadas. O kalatch valia dois copeques e quase todos os presos compravam deles.

Reparei num dos forçados, marceneiro de profissão, já grisalho, mas de cara rubicunda, que pilheriava com as vendedoras. Antes da entrada delas, amarrara ao pescoço um lenço encarnado. Uma mulherona gorda, com a cara toda picada de bexigas, foi sentar no seu banco; e se travou entre eles a seguinte conversa:

— Por que você não foi ontem? — perguntou o homem com um sorriso fátuo.

— Fui sim; e levei o bolo! — retrucou ela, despachada.

— Precisaram da gente; se não fosse isso, estaríamos todos lá! Mas anteontem, vocês correram todas... — Quem foi?

— Quem? A Mariachka, a Kavrochka, a Tchekunda, a Dvugrochevaia... 8

— Escute — perguntei a Akim Akimitch — será possível que...?

— Acontece, sim — respondeu-me Akim baixando modestamente os olhos, porque era pudicíssimo.

Aquilo acontecia realmente, mas de raro em raro e com imensas dificuldades. De modo geral, havia mais apreciadores da bebida que dessa outra diversão, apesar da dureza daquela vida. Para conseguir algum dos presos aproximar-se de uma mulher, precisava escolher o momento, o local, marcar o encontro, conseguir ficar só — coisa mais difícil ainda — em suma, gastar um dinheiro realmente insensato. Apesar disso, aconteceu-me mais tarde testemunhar cenas de amor. Lembro-me de certa vez, no verão, em que nós estávamos num galpão às margens do Irtych, queimando um forno de tijolos. Os vigilantes eram bons rapazes. Logo mais apareciam duas souffleuses, como as chamavam os detentos.

— Por que vieram tão tarde? Estavam com os Zverkovi? — perguntou-lhes o preso. — Já as esperava há muito tempo.

— Eu? Nunca. Mais demora uma gralha numa árvore do que eu com eles —

replicou jovialmente a rapariga.

Era a Tchekunda — a virago mais horrenda deste mundo. Trazia consigo a sua amiga Dvugrochevaia. Essa, então, desafiava qualquer pintura.

— Já faz tempo que a gente não se vê — continuou o galã, dirigindo-se à Dvugrochevaia. — Você anda magrinha.

— É isso. Antes eu era gordota, hoje parece que engoli uma agulha!

— E anda sempre correndo atrás dos soldados?

— Qual! Isso é língua comprida de alguém. Mas a verdade é que ainda que a gente fique sem um fio de seu, não há como um soldado!

— Deixem de pensar em soldados, e venham com a gente... Nós pelo menos temos dinheiro...

Para completar o quadro, é preciso imaginar o galã com a cabeça raspada, a libré de duas cores, a grilheta aos pés, sentinela à vista.

Despedi-me de Akim Akimitch, e sabendo que poderia voltar, pedi um vigilante e fui embora. Era a hora do regresso. Os tarefeiros são os que vão em primeiro lugar. A única maneira de tirar serviço dum forçado é lhe impor uma tarefa. Mesmo quando é pesada demais, ele a termina duas vezes mais depressa do que se labutasse sem detença até o soar do tambor. Finda a tarefa, o preso volta para a caserna, e ninguém mais cuida em lhe pôr empecilhos.

Não se jantava em grupo: quem chegava primeiro tomava lugar à vontade. Aliás, a cozinha não comportaria todos ao mesmo tempo. Provei a sopa mas, por falta de hábito, não a pude engolir e esperei o chá. Sentamo-nos na ponta da mesa. Eu tinha comigo um companheiro — ex-fidalgo também 9.

Os detentos entravam e saíam. Havia muito lugar, faltando ainda tantos. Cinco presos formavam um grupo separado. O cozinheiro lhes serviu duas tigelas de sopa e pôs na mesa uma frigideira cheia de peixe frito. Decerto estavam se banqueteando, em comemoração de qualquer aniversário. Olhavam-nos de viés. Um dos polacos chegou e veio se sentar ao nosso lado.

— Eu não estava lá, mas sei de tudo! — exclamou um preso alto, penetrando na cozinha e olhando em círculo todos os homens presentes.

Cinquenta anos mais ou menos, magro, musculoso, tinha uma cara ao mesmo tempo astuta e jovial. O lábio inferior, pesado, pendente, dava-lhe ao rosto uma expressão muito cômica.

— Saúde, bom proveito! Saúde aos moços de Kursk! — continuou ele, sentando-se perto dos convivas. — Pão e sal! Recebam bem o hóspede!

— Não somos de Kursk, rapaz.

— Então são de Tambov?

— Nem de Tambov. Não arranjas nada aqui, mano. Se queres pedir esmola, corre

atrás de um ricaço.

— Hoje, mano velho, na minha barriga, Ivan Taskun e Maria Ikotichna andam às turras! 10 Onde acharei esse ricaço?

— Lá está Gazine, que é cheio dos cobres! Vai atrás dele!

— Gazine? Está de farra hoje, maninho, está bêbado como um porco — bebeu o sortimento todo!

— Deve ter uns vinte rublos — observou outro. — Todo o mundo sabe que um botequim não é mau negócio.

— Então não me querem mesmo? Tenho que comer por conta da casa?

— Sim, cai fora. Vai pedir chá aos barines na outra mesa.

— Que barines? Não há barine nenhum aqui. Agora são iguais à gente — resmungou um outro galé, que estava sentado longe, e ainda não dera palavra.

— Bem queria eu tomar chá! Mas não sou homem para pedir — tenho vergonha na cara! — declarou o preso do beiço grosso, olhando-nos com a cara bonachona.

— Se quer chá, com todo gosto lhe ofereço — falei eu. — Quer?

— Se quero? Pois não! — E aproximou-se de nós.

— Eh! Em casa dele tomava sopa sem colher, e agora bebe chá com os barines! — continuou o preso resmungão.

— Será que ninguém aqui toma chá? — perguntei. Mas ele não achou que me devia responder.

— Kalatchi! Olha os kalatchi! Quero um também!

Um jovem detento entrava realmente com um rosário de kalatchi, que ia vendendo pelo alojamento. A vendedora lhe dava de graça um em cada vez, para lhe pagar o trabalho, e com isso ele jantava.

— Kalatchi, kalatchi quentinhos! — gritava o rapaz entrando na cozinha. — Quem quer kalatchi, lindos kalatchi de Moscou? Eu bem que os comeria, mas preciso dos cobres. Vamos, filhos, só me resta um! Quem teve mãe?

Esse apelo ao amor materno provocou risadas, e lhe compraram alguns kalatchi.

— Escutem, rapazes — falou ele. — Gazine estrepou-se! Está bêbado como uma vaca — só falta aparecer mestre “Oito-Olhos”...

— O melhor é esconder Gazine. Mas está mesmo chumbado?

— Está é furioso.

— Então precisa duns tapas...

— De quem estão falando? — indaguei do polaco sentado ao meu lado.

— De Gazine, um preso que vende bebidas. Quando junta uns cobres, embriaga-se e fica uma fera. Sem bebida, é quieto; mas quando está bêbado, mostra o que é: atira-se aos outros, de faca na mão. E, então, o aquietam.

— Como?

— Uns dez dos outros se atiram a ele, esmurram-no até que fique desacordado — quase morto.Depois o estiram na tarimba, coberto com o capote.

— Mas não correm risco de o matar?

— Sim, e outro qualquer levaria o diabo — ele não. É forte como um touro. Mais forte que os outros todos: quando for amanhã de manhã levanta-se como se não houvesse nada.

— Diga, por favor — perguntei ainda ao polaco — aqueles ali comem em separado e eu estou bebendo chá simples. E entretanto, parece que me invejam o chá. Por quê?

— Oh, não é por causa do chá — explicou o polaco; — é o barine que eles hostilizam. Tem raiva dos barines porque não se parecem com eles. Qualquer um ficaria contente em o ofender, irritar, humilhar. Vai ver o diabo por aqui! Pode crer, a vida aqui é dura, e muitíssimo mais dura para nós do que para os outros. É preciso muito boa vontade para se acostumar. Vai ter muitos aborrecimentos, sofrer mais de um insulto, porque toma chá e não come na gamela — embora muitos presos comam à parte e tomem chá; mas eles podem; nós, não.

Dizendo isso, deixou-me. Alguns minutos depois suas predições se realizaram.

---

1) São as “companhias correcionais civis”, criadas em 1825 segundo o modelo militar. Recebiam indivíduos condenados à deportação por crimes de pequena gravidade e membros das classes privilegiadas condenados por crimes até mesmo capitais. Os detentos, submetidos à disciplina militar, eram usados em serviços de utilidade pública (pavimentação de ruas, canalização, construção de pontes etc.), sem remuneração.

2) Limpador de privadas. (N. T.)

3) Não há pássaro com esse nome. A palavra kagan, entre alguns povos orientais, significa chefe, príncipe, e entre outros grupos de siberianos, “raposa”. Para o forçado, que escutou sem entender bem, kagan significaria decerto um ser superior, um pássaro das alturas. (N. T.)

4) Deturpação de “inválido”. (N. T.)

5) Bebida fermentada, feita de pão preto e malte. (N. T.)

6) “Velhos crentes”. O “Raskol” foi um cisma provocado pelo patriarca Nikon que em 1666 corrigiu os livros sagrados. (N. T.)

7) Diminutivo russo da palavra francesa Trésor (Tesouro). (N. T.)

8) Tchekunda: “É barato”. — Dvugrochevaia: “Dois groches”. (N. T.)

9) S. F. Durov, condenado à mesma pena de Dostoievski, e com quem o romancista andou brigado durante toda a estada no presídio. Não o nomeia jamais no decorrer das

Recordações e só faz a ele duas ou três alusões. (N. T.)

10) Alegoria popular que significa fome. (N. T.)

3

PRIMEIRAS IMPRESSÕES
(continuação)

Assim que M–cki (o polaco) acabava de sair, Gazine, inteiramente bêbado, irrompeu na cozinha.

Em pleno dia de trabalho, durante o qual deveriam todos estar cumprindo as suas tarefas, com um chefe severo que poderia aparecer a qualquer instante, com um suboficial de serviço, e os inválidos, e todo o pessoal da vigilância, a entrada daquele ébrio punha em choque completo as ideias que eu houvera formado sobre a vida no presídio. Aliás, fiquei muito tempo sem conseguir explicação para fatos desse gênero, que me pareciam de início verdadeiros enigmas.

Já contei que cada um dos forçados tinha a sua ocupação pessoal. Isso representa uma exigência naturalíssima da vida na prisão; ademais, fá-lo ganhar dinheiro, e o detento preza tanto o dinheiro quanto a liberdade; sente um consolo em fazer retinir algumas moedas dentro do bolso; fica pouco à vontade, triste, inquieto, desanimado, quando não tem dinheiro nem meios de o obter. Entretanto, embora o dinheiro represente um tesouro inapreciável, o seu feliz possuidor não o conserva nunca consigo. Em primeiro lugar, como o esconder, de modo que não seja nem roubado nem confiscado? O major, mal descobria algum pecúlio, nas suas buscas repentinas, dele se apossava imediatamente. Talvez o empregasse no melhoramento da ração; mas tomava-

o. Com mais frequência, porém, era o dinheiro roubado. Seria impossível ter confiança em alguém. Descobrimos afinal um método de guardá-lo sem perigo: entregávamos a um velho que pertencia à confraria de Vietka, hoje refugiada entre os mujiques de Starodubov 1. E não posso deixar de dizer algumas palavras a respeito desse velho, embora saia um pouco do meu assunto.

Era um homenzinho encanecido, de uns sessenta anos. Despertou intensamente a minha curiosidade, logo à chegada, porque diferia em tudo dos outros presos. Seu olhar tinha uma expressão tão meiga, tão calma, que eu contemplava sempre com um prazer especial aqueles olhos claros, luminosos, aureolados de pequenas rugas. Conversávamos frequentemente, e raras vezes tenho encontrado tanta bondade, tanta mansidão! Cometera, entretanto, um crime gravíssimo. Tinham-se registrado, entre os seus companheiros de crença, várias deserções; o governo estimulava bastante os trânsfugas e tudo fazia para obter novas conversões. O nosso velho e alguns outros fanáticos do seu

grupo resolveram “manter a verdadeira fé”, como diziam. Quando se quis edificar uma igreja ortodoxa, eles a incendiaram. Preso como um dos instigadores do crime, foi o velho mandado para os trabalhos forçados na Sibéria. Era um comerciante abastado, e tinha mulher e filhos. Abandonara tudo para tomar o caminho do exílio — achando, na sua cegueira, que estava sofrendo pela fé. Vivendo junto a ele, a gente meditava, involuntariamente: qual a razão por que aquele homem resignado, tímido como uma criança, pudera revoltar-se? Interpelei-o várias vezes a respeito da sua “fé”. Ele não abandonava uma linha das suas convicções, mas as réplicas que dava não traíam jamais a mínima animosidade. Contudo, queimara uma igreja e não o negava, pois aos seus olhos aquele ato, aquele “martírio”, constituíam uma honra, uma glória. Entretanto, em vão o sondei, em vão o interroguei, nunca descobri nele o menor traço de orgulho ou de vaidade. Tínhamos entre nós outros “velhos crentes”, siberianos na maioria, bastante instruídos, bons dialéticos à sua maneira, extremamente aferrados ao texto sagrado, porém intolerantes, cheios de astúcia e presunção. Nosso velho não os imitava em nada. Versado nas Escrituras mais que qualquer um deles, fugia no entanto às controvérsias. Tinha o gênio extremamente comunicativo, estava sempre alegre, ria frequentemente — não com a gargalhada grosseira e cínica dos forçados — mas com um riso manso e claro que correspondia bem à sua cabeça grisalha, e no qual se sentia uma grande e ingênua simplicidade. Posso enganar-me, todavia me parece que a gente pode conhecer um homem pelo seu riso, e que, se ao primeiro encontro um desconhecido ri ante nós de uma maneira agradável, sua alma é boa. O nosso velho gozava dum respeito unânime, do qual absolutamente não se orgulhava. Os forçados, que o chamavam “avô”, não o ofendiam jamais. E isso explicava em parte a influência por ele exercida sobre os seus correligionários. Entretanto, apesar do estoicismo real com que suportava os trabalhos forçados, uma tristeza crescia dentro dele, tristeza profunda, incurável, que dissimulava o melhor que podia. Nós dois ocupávamos o mesmo alojamento. Uma noite, pelas três horas, escutei alguém chorar baixinho. O pobre coitado, sentado junto ao fogareiro, naquele mesmo lugar ocupado outrora pelo leitor da Bíblia que quisera matar o major, lia orações num caderno manuscrito. Soluçava e, de tempos em tempos, dizia: “Senhor, não me abandones! Senhor, dá-me forças! Meus filhos, meus filhinhos, nunca mais os tornarei a ver!” Não posso exprimir o dó que aquela cena me causou.

Foi pois a esse velho que pouco a pouco os forçados iam entregando o seu dinheiro. Embora fossem todos ladrões, cada um tinha a certeza de que, com o “avô”, podia ficar sossegado. Sabia-se que ele dispunha dum esconderijo num lugar onde ninguém o descobriria. Mais tarde, o velho confiou o seu segredo a alguns dos polacos e a mim: numa das estacas da paliçada havia um nó na madeira, que parecia estar solidamente ligado ao tronco, mas podia ser retirado, o que descobria um oco bastante profundo; ele lá depunha o dinheiro, e depois recolocava o nó de modo tão perfeito que

ninguém jamais desconfiou de nada.

Mas afastei-me do meu assunto. Tínhamos ficado nisto: por que o dinheiro demora tão pouco tempo no bolso dum forçado? É que não só lhe é difícil conservá-lo, como o presídio provoca uma tristeza tão grande! O forçado, por sua própria natureza, tem uma sede tão grande de liberdade e por sua posição social é tão descuidoso, tão desordenado, que lhe vem naturalmente a ideia de ao menos uma vez dar alegria ao coração, afogar todo o desgosto em barulho e música, a fim de esquecer, um minuto talvez, a sua desgraça abominável! Nada mais estranho que ver alguns deles a trabalhar meses e meses sem folga, com o fito único de despender num só dia todo o lucro obtido; depois disso, novamente se curvam, novamente se encarniçam na labuta, até a próxima bambochata.

Muitos deles gostavam de usar roupa vistosa, mais ou menos esquisita, calças pretas de fantasia, cafetãs curtos à moda siberiana. Também estavam muito em moda camisas de chita e cinturões com fivelas de cobre. Os presos se enfeitavam aos domingos, exibiam-se em todo o esplendor através do alojamento. Chegava a ser infantil a satisfação que sentiam com o seu trajo novo. Aliás, em muitos aspectos, não passavam os galés de crianças grandes. Falar verdade, todos aqueles ouropéis rapidamente desapareciam; algumas vezes naquela mesma noite o seu proprietário os empenhava ou vendia por quase nada. Sempre havia, aliás, pretexto para festas: ou porque era dia santo, ou porque era aquele o dia onomástico de um dos detentos. O aniversariante, assim que acordava, acendia uma vela defronte ao ícone, e fazia as suas orações; depois endomingava-se, encomendava uma refeição — carne, peixe e pratos à moda siberiana — e a devorava como um bicho esfomeado, em geral só, pois raramente convidava um amigo para lhe partilhar o festim. Então aparecia a vodca 2. O forçado bebia como um odre, e andava pelas casernas, titubeando, tropeçando, mas altivo por mostrar a todos que “estava de farra” — pois aquilo lhe era uma garantia da estima geral. O povo russo sente uma estranha simpatia pelo bêbado, porém, no presídio, essa simpatia chegava até o respeito: os paus-d'água pertenciam a uma espécie de aristocracia. Assim que se sentia alegre, o forçado exigia música. Havia entre nós um polaco, condenado por deserção — um crápula, a bem dizer, mas que possuía um violino e tocava. Como não tinha nenhuma profissão, o seu único recurso consistia em se alugar a um aniversariante e tocar para ele alegres músicas dançantes. Essa função o obrigava a acompanhar o ébrio patrão de alojamento em alojamento, arranhando a rabeca com quanta força tivesse. Muitas vezes o rosto lhe traduzia o tédio, o desespero, o cansaço, mas ao escutar o grito “Toca, diabo, ganha o teu dinheiro!” fazia o que podia manobrando o arco. O festeiro sabia muito bem que se por acaso ficasse barulhento demais teria quem cuidasse dele: companheiros o deitariam e esconderiam mal aparecesse um chefe, e isso era feito com absoluto desinteresse. Por seu lado, os suboficiais e os inválidos que zelavam pela ordem interna

podiam ficar sossegados: o bêbado não provocaria complicação nenhuma, pois todo o alojamento teria os olhos nele.

Ao menor barulho, à menor revolta, tinham meios de fazê-lo calar, ou simplesmente o amarravam. Por essa razão os suboficiais fechavam os olhos: sabiam muito bem que se não tolerassem a vodca ali dentro as coisas ficariam muito piores. Mas como a obtinham os presos?

A vodca era comprada dentro do próprio presídio de detentos apelidados "botequineiros" e cujos negócios caminhavam muito bem, embora nossos beberrões fossem em pequeno número: aquelas orgias custavam caro e nós tínhamos grande dificuldade em obter dinheiro. O comércio de vodca se iniciava, desenvolvia-se e se concluía de maneira realmente original. Vejamos um detento sem profissão definida, e pouco dado ao trabalho (havia desses) mas desejoso e impaciente por enriquecer. Como possui alguns copeques, resolve comerciar com aguardente — empresa bastante audaciosa. Grande é o risco: pode pagá-lo na "rua verde", e ao mesmo tempo ver dinheiro e mercadoria confiscados. Entretanto, o botequineiro não hesita. A princípio, não dispondo senão de alguns cobres, ele próprio introduz a vodca, da qual, é lógico, só se desfaz com grande lucro. Repete a experiência segunda, terceira vez; se não é apanhado, em breve possui um pecúlio que lhe permite dar expansão ao negócio. Torna-se negociante, capitalista; tem agentes e auxiliares; arrisca-se muito menos e enriquece muito mais... São os auxiliares que se expõem no seu lugar.

Há sempre no presídio alguns loucos que o jogo ou os excessos arruinaram de todo, gente sem ofício, lamentável, esfarrapada, mas de certa maneira dotada de audácia e energia. Essas criaturas não possuem senão uma coisa: as costas; e aquilo ainda pode ter uma utilidade. O desgraçado resolve portanto lançar mão desse último capital: entende-se com um botequineiro, propõe-se a lhe contrabandear vodca. E todo botequineiro rico utiliza muitos empregados dessa espécie. Tem, na cidade, relações com um indivíduo qualquer, um soldado, um artesão, uma meretriz, que, mediante comissão relativamente elevada, compra num botequim a aguardente do nosso revendedor, e vai depois escondê-la perto do local onde trabalham os forçados. Esse intermediário começa sempre provando a qualidade da mercadoria: e substitui implacavelmente por água pura a porção consumida nessa prova. Os seus fregueses não podem ter exigências: devem se dar por felizes em arranjar vodca, seja qual for. O fornecedor vê então a chegada dos carregadores indicados pelo botequineiro. Esses trazem consigo algumas tripas de boi que foram antecipadamente lavadas e cheias de água, para ficarem frescas e macias. Depois que a vodca é mudada de recipiente, os carregadores enrolam as tripas em redor do corpo — nos lugares mais secretos em que é possível atá-las. É aí que se mostra toda a astúcia, toda a habilidade do contrabandista. Sua honra está em jogo. É preciso enganar vigilantes e sentinelas: e ele os engana. Um bom contrabandista sempre se arranja de

modo que o soldado da escolta (em geral um recruta) de nada desconfie. É claro que, para começar, o forçado estuda bem a psicologia do soldado; leva também em conta a hora e o local da sua tarefa. Se, por exemplo, é foguista na olaria, trepa no forno: quem é que vai enxergar o que ele está fazendo? Quando volta ao presídio, traz sempre na mão uma moeda de quinze ou vinte copeques, para adoçar os possíveis rigores do cabo da guarda que está ao portão, e é encarregado de examinar os presos que retornam do trabalho, antes que deem entrada no recinto da fortaleza. O portador de vodca espera que não lhe inflijam a vergonha de apalpá-lo minuciosamente em certos lugares — mas acontece, às vezes, que um cabo mais insistente vai direto àqueles ditos lugares e descubra o contrabando. Resta então uma derradeira esperança ao desgraçado: às escondidas do soldado da escolta, enfia na mão do cabo a moeda que trazia consigo. Essa manobra quase sempre lhe permite penetrar são e salvo no presídio. Algumas vezes, porém, o negócio acaba mal: ele então tem que contar com o seu último capital — isto é, as costas. Faz-se um relatório ao major, açoita-se impiedosamente o capital, e confisca-se o corpo de delito. Nesses casos, o contrabandista assume toda a responsabilidade e evita cuidadosamente denunciar o botequineiro: não que receie ficar desonrado pela delação; mas simplesmente porque aquela delação de nada lhe servirá. Será fustigado do mesmo modo e seu único consolo será ver o negociante apanhar ao seu lado. E, afinal de contas, ainda precisa do patrão, embora, segundo os usos e o contrato previamente feito, não tenha o carregador direito a indenização alguma pelos açoites recebidos.

Aliás, as delações são no presídio coisa comuníssima. O delator não é objeto de nenhum desprezo, não provoca nenhuma indignação, ninguém o evita, pelo contrário, é até uma amizade procurada. Se alguém tentasse mostrar aos forçados quanta vilania há numa delação, eles decerto não o compreenderiam. Aquele ex-fidalgo, sórdido e viciado, com quem rompi relações desde o primeiro dia, era amigo de Fedka, a ordenança do major. Servia-lhe de espião e Fedka contava ao comandante tudo o que o outro lhe comunicava. Ninguém ignorava esse fato; nunca entretanto um dos presos cuidou em castigar esse canalha nem mesmo em lhe fazer a menor censura.

Mas eis-me de novo afastado do meu assunto. Quando a aguardente é introduzida sem tropeços, o negociante se apodera das tripas cheias, paga os contrabandistas e põe-se a fazer cálculos. Considerando que a mercadoria lhe sai muito cara, acha justo aumentar um pouco os seus futuros lucros, acrescentando-lhe mais uma boa porção de água. Depois de tudo pronto, espera, então, a freguesia. No domingo seguinte, às vezes mais cedo, o cliente se apresenta sob a forma dum detento que trabalhou vários meses como um boi de canga e reuniu vintém por vintém o dinheiro necessário aos seus prazeres. Já há muito tempo, durante o sono, durante o trabalho, o miserável pensa, encantado, naquele dia. A ideia da festa em perspectiva o ampara através da dureza da sua vida. Enfim, acaba de luzir a aurora da data festiva, e como o dinheiro junto não foi

roubado nem confiscado, entrega-o ao botequineiro. O negociante lhe serve a vodca, da mais pura que é possível — isto é, batizada apenas duas vezes; mas à medida que se esvazia a garrafa, vai enchendo-a com água. Nessas condições, como a dose é paga cinco ou seis vezes mais cara do que nos botequins de verdade, é fácil conceber quanto é preciso beber, quanto dinheiro é mister gastar, para chegar à embriaguez. Entretanto, dada a falta de hábito e a abstinência anterior, o forçado se embebeda muito depressa, mas, em geral, continua a beber até não ter mais um real consigo. Então, como o botequineiro também exerce a usura, o aniversariante empenha toda a roupa; em primeiro lugar a sua linda blusa nova, depois os trapos velhos, enfim os objetos que recebeu do governo. Bebido afinal o derradeiro farrapo, o "esponja" se deita, e quando no dia seguinte se levantar com a inevitável ressaca, pedirá em vão ao botequineiro que lhe arranje uma gota de vodca para lhe corrigir o mal-estar. Então, tristemente, terá que suportar os seus incômodos, e voltará incontinenti ao trabalho. E de novo vai se matar durante meses, com vivas saudades daquele dia feliz. Pouco a pouco no entanto se reanimará, esperará outro dia semelhante, ainda longínquo, talvez, mas que acabará afinal por nascer.

Quanto ao botequineiro, depois de fazer fortuna — algumas dezenas de rublos — prepara uma última provisão de vodca — sem batismo, dessa vez, porque é destinada a si próprio. Basta de negócios, agora tem direito de se divertir. E começa então a festança: bebidas, comida e música. Ele tem dinheiro, pode comprar a aquiescência das autoridades subalternas. A festa dura, às vezes, alguns dias. Note-se que a provisão de vodca depressa é esgotada; ele, então, vai procurar os colegas, que já o esperavam, e continua a beber enquanto tiver uma moeda no bolso. A despeito da vigilância dos detentos, acontece às vezes que um dos bêbados cai sob os olhos do major ou dum oficial; levam-no então ao corpo da guarda, confiscam-lhe o dinheiro, se ainda traz algum consigo, e, finalmente, passam-no pelas varas. Ele sofre o castigo, ergue-se, sacode-se, volta à caserna e dentro de poucos dias retoma o seu ofício de botequineiro. Encontram-se, às vezes, entre esses dissipadores, quero dizer, entre os ricos, alguns apreciadores do belo sexo. Por um bom dinheiro o galã em perspectiva corrompe o soldado da escolta, e ambos, em vez de se encaminharem ao trabalho, tomam às escondidas por um carreiro isolado. Lá, nalgum cantinho sossegado, nos fins da cidade, então a festa é grossa e os copeques correm sem conta. O dinheiro de um preso não é mais sujo do que o de outro qualquer homem; aliás, o soldado da escolta é também um candidato aos trabalhos forçados. Com o dinheiro tudo se arranja, e essas sortidas são em geral mantidas secretas. É preciso, entretanto, confessar que custam caro e são raras. Os amantes do belo sexo têm outros recursos menos dispendiosos.

No início do meu tempo de presídio, um jovem detento muito simpático, chamado Sirotkine, me despertou particularmente a curiosidade: parecia enigmático a

muitos respeitos. A beleza do seu rosto me impressionara. Não devia ter mais de vinte e três anos. Como fazia parte da seção especial, tinha que ser considerado um criminoso da pior espécie. Calmo, delicado, falava pouco e raramente sorria. Tinha os olhos azuis, feições regulares, a pele alva, e os cabelos dum louro acinzentado. A cabeça meio raspada não o afetava, tão bonito era o homem. Não tinha nenhuma profissão, porém quase sempre dispunha de dinheiro, em pequenas quantidades. Insigne pela preguiça, Sirotkine não se preocupava com os trajos; mas se, por acaso, alguém lhe dava de presente uma blusa vermelha, por exemplo, o rapaz não escondia o seu prazer, e ia se exibir por todo o alojamento. Não bebia, não jogava, não brigava quase nunca. Passeava, às vezes, por trás das barracas, com as mãos nos bolsos, tranquila e pensativamente. Em que pensaria? Se o chamavam, se lhe faziam uma pergunta, respondia logo com uma espécie de deferência pouco comum ali; e o fazia com algumas palavras rápidas, sem tagarelice inútil, fixando na gente o olhar de uma criança de dez anos. Se tinha algum dinheiro, não adquiria nada útil; não mandava remendar o casaco, não comprava botas novas; comprava kalatchi ou pão doce, que devorava como um garotinho. E os outros forçados lhe diziam: “Ei, Sirotkine! Coitadinho do órfão de

Kazan!” 3

Nas horas de folga, aquele desocupado solitário vagueava duma caserna à outra, entre os companheiros entregues aos seus ofícios particulares. Quando qualquer um lhe atirava uma zombaria, e faziam muita troça dele, Sirotkine dava meia volta sem responder e tocava para outro alojamento; às vezes, quando a pilhéria era por demais ferina, ele corava. E eu perguntava a mim próprio que crime teria cometido aquele moço pacífico e simples. Durante uma das minhas estadas no hospital, tive Sirotkine como vizinho de leito. E, certa ocasião, ele se animou, contou como haviam feito de si um soldado, como sua mãe o acompanhara chorando, os tormentos que sofrera no batalhão. Nunca se pôde habituar à vida de quartel por causa da rispidez dos chefes, sempre descontentes com os seus serviços.

— E depois? — perguntei. — Que foi que te trouxe aqui? E para a seção especial, ainda por cima... Ah, Sirotkine, Sirotkine!

— É verdade, Alexandr Petrovitch, passei apenas um ano no batalhão. E estou aqui porque matei Grigori Petrovitch, meu capitão.

— Estou ouvindo, Sirotkine, contudo não acredito no que dizes. Então é mesmo verdade que mataste um homem?

— É verdade, Alexandr Petrovitch, eu já não podia mais.

— Mas todos os outros recrutas se acostumam. É claro que o começo é difícil, porém a gente se habitua e acaba sendo um bom soldado. Tua mãe é que te estragou: foi criado a pão de ló e doce de leite até os dezoito anos.

— É verdade que minha mãe gostava muito de mim. Quando fui ser soldado, ela

caiu de cama, e segundo me contaram, nunca mais se levantou... E eu não podia mais. O capitão tinha tomado ódio de mim e me castigava o tempo todo. E por quê? Eu obedecia a quem me mandava, cuidava do meu serviço, não bebia, não tinha vícios, porque, veja bem, Alexandr Petrovitch, é muito ruim um homem ter vícios. Todo o mundo era malvado e eu não tinha ninguém com quem desabafar meus desgostos. Às vezes metia-me num canto para chorar à vontade. Um dia, tinham-me posto de sentinela, junto ao depósito de armas. Soprava um vento de outono e a noite estava tão escura que não se enxergava dois dedos diante dos olhos. Ah, que agonia me apertou o coração, que agonia! De repente, tirei a baioneta da arma, deitei-a ao meu lado, descalcei a botina do pé direito, e apertei o gatilho com o dedo grande. Mas o tiro falhou! Examinei o fuzil, pus carga nova de pólvora, ajeitei a pederneira, e novamente encostei o cano ao peito. Que houve, outra vez? A pólvora queimou, porém o tiro não saiu... Calcei a bota, ajustei de novo a baioneta, e continuei a dar guarda, calado. Foi nesse momento que me resolvi a acabar: mil vezes a Sibéria que aquela vida desgraçada! Depois de meia hora o capitão que fazia a ronda caiu-me em cima: “Então, é assim que se faz sentinela?” Peguei o fuzil e enterrei nele a baioneta até o punho. Recebi por isso quatro mil açoites e me mandaram para a seção especial...

Não estava mentindo. Mas por que o haviam mandado para a seção especial? Em geral esse crime provoca um castigo menos severo. Entre os quinze indivíduos que formavam aquela seção, Sirotkine era o único de bela aparência. Salvo duas ou três caras mais ou menos toleráveis, os outros todos davam medo de olhar: orelhas compridas, cabanas, feições medonhas, roupa em desordem. Havia, entre eles, algumas cabeças brancas. Se as circunstâncias o permitirem, falarei detidamente sobre esses homens.

Sirotkine era grande amigo de Gazine, o qual no início deste capítulo vimos entrar cambaleando na cozinha, com o fim único, pelo que parecia, de destruir as ideias que eu anteriormente formara acerca do presídio.

Aquele horrendo indivíduo provocava em todos uma impressão de angústia e pavor. Sempre me pareceu impossível encontrar criatura mais feroz, mais abominável. Vi em Tobolsk o bandido Kameniev, cujos crimes são célebres. Vi depois o desertor Sokolov, medonho matador também. Mas nem um nem outro me inspirou tamanha repugnância como Gazine. Parecia-me, às vezes, que estava à frente de uma aranha enorme, gigantesca, do tamanho dum homem. Era um tártaro cuja força monstruosa ultrapassava a de todos os outros forçados. Estatura acima de mediana, com músculos de Hércules, cabeça disforme, desmesurada, caminhava com as costas arredondadas em corcunda e os olhos no chão. Corriam estranhas histórias a seu respeito: sabia-se que vinha do exército, mas alguns detentos pretendiam, com ou sem razão, que ele se evadira de Nertchinsk [4]; deportado para a Sibéria mais uma vez, conseguira fugir e trocar de nome, para acabar finalmente na nossa seção especial. Contava-se também que ele se

divertia outrora em massacrar criancinhas: arrastava-as para um lugar propício, atormentava-as, martirizava-as, e depois de lhes gozar amplamente o pavor, o pânico, matava-as lentamente, deliberadamente, saboreando o seu prazer. Tudo isso talvez fossem apenas contos de carochinha, engendrados pela desagradável impressão que Gazine provocava em todos nós, mas aquelas invenções se casavam bem com os seus modos, com a sua cara. Entretanto, quando ele não estava bêbado, portava-se de maneira muito razoável. Imperturbável sempre, sem procurar brigas com ninguém, evitando disputas, parecia desprezar os companheiros e se considerar muito acima deles. Pouco loquaz, ou antes, intencionalmente taciturno. Seus movimentos eram lentos, tranquilos, determinados; os olhos traíam inteligência e astúcia extraordinárias, e o rosto, o sorriso, tinham uma expressão uniformemente arrogante, escarninha, cruel. Era um dos mais ricos botequineiros do presídio; contudo, duas vezes por ano bebia à larga e mostrava à luz do sol a bestialidade da sua natureza. Quanto mais se embriagava, mais assaltava os outros com zombarias mortificantes, sabiamente calculadas, e que pareciam preparadas com grande antecedência. Chegando ao paroxismo da embriaguez, ficava furioso, apanhava uma faca e se atirava aos detentos. Conhecendo-lhe a força prodigiosa, eles fugiam dele e se escondiam, pois Gazine atacava todos que lhe caíam nas mãos. Mas depressa conseguiam meios de o dominar. Uma dezena de homens se precipitava sobre ele, moía-o de pancadas no peito, no ventre, por sobre o coração, no estômago: não se poderia imaginar coisa mais cruel. E isso até que ele ficasse desacordado. Era tratamento que mataria qualquer outro que não fosse Gazine, mas com ele não havia esse risco. Depois da pancadaria, enrolavam-no na sua pele de carneiro, e o deitavam na tarimba. “Deixa esse malandro cozinhar agora a vodca que bebeu!” No dia seguinte, com efeito, ele se levantava quase curado, e ia para o trabalho, com a cara fechada, em silêncio. Cada vez que Gazine se divertia, todos sabiam como o seu dia iria terminar. Ele também o sabia, contudo se embriagava da mesma maneira. Alguns anos se passaram assim: afinal, registrou-se uma mudança em Gazine: queixava-se de toda espécie de doenças, emagrecia visivelmente, frequentava cada dia mais o hospital... “Está dando baixa!” diziam dele os detentos. No dia de minha chegada, Gazine entrou na cozinha enquanto eu ainda estava lá, seguido pelo sórdido polaco rabequista que os bêbados contratavam para lhes completar os prazeres. Deteve-se no meio da peça, e encarou em silêncio todos que lá se encontravam. Avistando-me por fim junto ao meu camarada, fixou em nós um olhar escarninho, cruel, e com o sorriso satisfeito de alguém que preparou uma boa pilhéria, aproximou-se a cambalear da nossa mesa.

— Será ousadia perguntar se os seus rendimentos lhes permitem beber chá, aqui?

Troquei um olhar com o meu vizinho; compreendemos ambos que seria melhor ficarmos em silêncio. À primeira contradição o furor do ébrio se desencadearia.

— Então têm dinheiro? — continuou ele. — Tem uns bons cobres, hein? Mas,

digam uma coisa,foi para tomar chazinhos que vieram para a Sibéria? Respondam-me, seus filhos da...

Vendo-nos resolvidos a não lhe dar resposta, a não lhe prestar nenhuma atenção, ele ficou rubro e pôs-se a tremer de fúria. Descobriu ao seu lado, num canto, uma pesada tábua na qual arrumavam os pedaços de pão destinados à nossa comida. Tinha tamanho suficiente para conter as rações de metade dos presos; naquele momento estava vazia e Gazine agarrou-a com as duas mãos, brandindo-a sobre as nossas cabeças. Mais um instante e nos quebraria o crânio. Uma morte, ou tentativa de morte, provocava sempre os maiores aborrecimentos: inquéritos, buscas, severidade redobrada. Por isso tinham os detentos o máximo interesse e cuidado em evitar tais excessos. Entretanto, nenhum se mexeu! Nem uma voz se elevou para nos defender; nem um grito se ergueu contra Gazine! O ódio de todos contra os barines era tão intenso, que se alegravam ao vê-los em perigo. Mas a coisa assumiu um aspecto inesperado: no momento em que Gazine ia abater a tábua, alguém gritou da porta:

— Gazine, roubaram a tua vodca!

O tártaro deixou cair a tábua no chão, e se precipitou como um louco para fora da cozinha.

— Foi Deus que salvou aqueles dois! — disseram entre si os outros; e durante muito tempo ainda repetiram a afirmação.

Nunca pude saber se o roubo da vodca foi real, ou se o simularam para nos salvar.

Nessa noite, antes do fechamento das casernas, fui passear ao longo dos muros, dentro da escuridão crepuscular. Uma pesada tristeza me esmagava a alma, uma tristeza tão grande que durante toda minha estada no presídio, jamais senti outra igual. O primeiro dia de internamento é particularmente doloroso de suportar, seja numa prisão, num quartel ou num presídio. Mas, se bem me lembro, eu já ruminava um problema que me atormentou sem descanso durante todo o período da minha reclusão, problema que ainda hoje me parece em parte insolúvel — isto é, a desigualdade do castigo para crimes similares. Porque, na verdade, nenhum crime é inteiramente semelhante a outro. Vejamos por exemplo dois assassinatos: pesaram-se todas as circunstâncias e se infligiu aos dois culpados um castigo quase idêntico, apesar das diferenças muito sensíveis que existem entre ambos. Um deles, protagonista de uma lenda que corre entre os forçados, matou à toa, por um nada, por uma cebola: emboscado na estrada, assassinou um pobre diabo que passava, e não lhe encontrou nos bolsos senão uma mísera cebola. “Ai, paizinho, tu me mandaste chamar; matei um cristão e só achei com ele uma cebola!” — Idiota! lhe diz o demônio, uma cebola vale um copeque; cem almas são cem cebolas! E cem cebolas são um rublo!” (É assim que reza a tal lenda.) O outro matou um libertino tirânico para salvar a honra da sua noiva, da sua irmã e da sua filha. Um terceiro, servo fugitivo, meio morto de fome, talvez, matou um dos policiais atirados em bando à sua

perseguição; matou para defender a liberdade e a vida. Aquele outro, por simples divertimento, degola criancinhas, e goza um prazer intenso ao lhes sentir o sangue tépido correr nas mãos; dá-lhe prazer o pavor delas, dá-lhe prazer a sua derradeira convulsão de pombinhos sacrificados! Entretanto, uns e outros são punidos com a mesma pena. Há realmente uma variante na intensidade do castigo — mas essa variante é muito precária em relação à diversidade na mesma espécie de crimes. Tantos quantos forem as caracteres, tantas serão as diferenças. Hão de me objetar que seria difícil aplainar essas diferenças, que elas representam um enigma quase tão insolúvel como a quadratura do círculo. Pois concordemos com essa desigualdade, passemos a examinar outra desigualdade: a das consequências do castigo. Um dos condenados se consome, derrete-se como uma vela; outro, não desconfiara nunca que houvesse no mundo vida tão divertida, grupo tão agradável de esplêndidos camaradas; porque, no presídio, até gente com esses sentimentos se encontra. Outro detento, homem cultivado, presa dos remorsos de uma consciência requintada, torturado por sofrimentos morais diante dos quais empalidece qualquer outro castigo, inflige ao seu crime um julgamento muito mais implacável do que aquele com o qual a mais severa das leis o poderia punir. E o outro ao seu lado, nem por um segundo, durante toda a pena, se preocupara com o crime cometido; acha mesmo que agiu com razão. Alguns chegam até a executar um crime unicamente para terem abertas as portas do presídio, e se desembaraçarem assim de uma existência muito pior. Em liberdade, o desgraçado vivia talvez na mais torpe miséria, não comia nunca o suficiente para matar a fome, trabalhava às ordens de um patrão da madrugada à noite. No presídio, o labor é menos pesado, o pão mais abundante e de melhor qualidade, come-se carne aos domingos e dias de festa, recebem-se esmolas, podem-se ganhar alguns cobres. E que companheiros! Gente esperta, habilidosa, que sabe tudo. Com efeito, um desses desgraçados a que aludo, encara os colegas com admiração respeitosa: nunca viu gente igual, considera-os a nata da humanidade!... Concebe-se, pois, que se imponha o mesmo castigo a pessoas tão diferentes? Mas que adianta nos preocuparmos com problemas sem solução! O tambor está rufando, é preciso entrar no alojamento.

---

1) No fim do século XVII, Vietka, burgo situado então em território polonês e que hoje faz parte da província russa de Mohilov, constituiu durante meio século o principal refúgio dos “ritualistas”, ou adversários das reformas litúrgicas preconizadas pelo patriarca Nikon. Durante a guerra de sucessão da Polônia (1734) as tropas russas destruíram esse refúgio; e Starodubov, na província de Tchernigov, herdou sua influência. Os dissidentes de

Starodubov eram chamados raskolniki, ou “velhos crentes”. (N. T.)

2) Aguardente de cereais. (N. T.)

3) Sirotkine deriva de sirota, órfão. A expressão “órfão de Kazan”, que tem origem histórica, designa falsos pobres. (N. T.)

4) Cidade da Transbaikalia, na região mineira para onde eram deportados os forçados da primeira categoria. (N. T.)

4

PRIMEIRAS IMPRESSÕES
(continuação)

Começou-se a última chamada, depois da qual se aferrolharam as casernas, cada uma com um cadeado especial, e os presos ficaram trancados aos grupos, até o amanhecer.

A chamada era feita por um suboficial e dois soldados. Algumas vezes o oficial da guarda assistia a ela, e os forçados se enfileiravam então no pátio. Mas, em geral, o controle era realizado sem nenhuma cerimônia, nos alojamentos. E assim sucedeu na primeira noite depois da minha chegada. Os encarregados da contagem muitas vezes se enganavam nos números; e logo que saíam, tinham de voltar para nova chamada. Nessa noite, tendo afinal os pobres vigilantes atingido o número preciso, fecharam definitivamente a caserna. A nossa continha uns trinta forçados, estropiados de cansaço, deitados com bastante aperto nas tarimbas. Ainda era muito cedo para dormir. Cada um parecia ter necessidade de uma ocupação qualquer. Não ficava conosco outro vigilante além do inválido a que já me referi. Cada alojamento contava também com um “monitor” escolhido pessoalmente pelo major, em atenção à sua boa conduta. Às vezes, contudo, esse monitor cometia as suas faltas e era açoitado, demitido, substituído. Exercia o cargo, então, Akim Akimitch, que, para grande surpresa minha, ralhava à vontade com os presos. Estes, em geral lhe respondiam com pilhérias. Mais prudente que Akim, o “Neválido” não se envolvia com coisa alguma; se chegava a dizer uma palavra, era antes por descargo de consciência. De cócoras na tarimba, remendava em silêncio umas botinhas velhas. Os forçados não lhe prestavam a mínima atenção.

Nesse dia fiz um reparo cuja exatidão pude constatar mais tarde. Todos que tratam com os detentos, a começar pelos vigilantes, adotam em relação a eles uma atitude falsa: dão a ideia de que estão se arriscando a receber uma facada, a todo instante e por dá cá aquela palha. Os forçados se apercebem muito bem do medo que inspiram, o que lhes açula as bravatas. Entretanto, o melhor chefe é justamente aquele que não os teme, e os presos só se sentem à vontade quando despertam confiança. Pode-se até, por essa maneira, lhes conquistar a afeição! Durante a minha detenção, devo dizê-lo, raramente um dos chefes entrou na penitenciária sem escolta e, quando isso acontecia, era de ver-se a estupefação dos nossos! Aliás, esses visitantes intrépidos conquistam sempre o respeito dos homens, e se realmente uma desgraça devesse acontecer, não seria na sua presença. O medo que o galé inspira é universal. Todavia não compreende em que

se baseia. Provém decerto da cara do preso, do seu renome de facínora. E depois, toda criatura que visita um presídio sente que aquele montão de gente não está ali por seu gosto, e que por mais que se tomem medidas de precaução, ninguém tem o direito de transformar em cadáver um homem vivo: um forçado, seja ele quem for, pode conservar seus sentimentos, seu desejo de viver, sua sede de vingança, todas as suas paixões, junto com a necessidade imperiosa de as satisfazer. No entanto, repito-o, é errado temê-lo. Um homem não se atira assim tão rápida e facilmente sobre outro, com a faca na mão: esses acidentes só em raros casos se produzem, e deve-se portanto convir que o perigo é nenhum. Não me refiro, é claro, senão aos forçados já em cumprimento de pena, entre os quais muitos se sentem no presídio como num porto seguro, e estão prontos a viver ali em sossego e submissão (tão grande é o atrativo que pode ter uma vida nova); e os próprios turbulentos depressa são aquietados pelos companheiros, porque o mais audacioso e o mais insolente dos galés se assusta com um nada. Quanto ao criminoso que ainda não recebeu o seu castigo, o caso é outro; este pode muito bem atacar sem motivo qualquer pessoa, na véspera da fustigação, a fim de criar novo caso e retardar a hora fatal. A agressão tem uma causa, um fim: é preciso fazer com que a sorte derive, de qualquer maneira, e o mais rapidamente possível. Conheço aliás a esse respeito um caso de psicologia bastante estranha.

Havia na seção militar um forçado condenado a dois anos de presídio sem privação dos direitos civis. Tratava-se de um fanfarrão odioso, um notabilíssimo covarde. Em geral a fanfarronada e a covardia só raramente se encontram no soldado russo, sempre tão ocupado que nem para gabolices tem tempo. Contudo, quando se descobre algum dessa espécie, é quase sempre um covarde integral. Depois de cumprir pena, Dutov — assim se chamava o detento — voltou ao seu batalhão. Acontecera-lhe o mesmo que a todos os seus colegas que são mandados à prisão a fim de se corrigirem: voltam de lá infinitamente mais pervertidos. E, alguns deles, após no máximo umas duas ou três semanas de liberdade, tornam a ser julgados e são devolvidos ao presídio, mas dessa vez vão para a seção dos reincidentes, por quinze ou vinte anos. Assim aconteceu com Dutov. Cerca de três semanas após sua libertação, cometeu um roubo com violência, deu escândalo, revoltou-se. Condenaram-no a severa punição corporal, cuja perspectiva o apavorou. No último momento, na véspera do dia em que deveria passar sob as chibatas da sua companhia, o condenado agrediu com uma faca o oficial da guarda, no instante em que este penetrava na cela dos detentos. Dutov decerto compreendia muito bem que o seu ato lhe agravaria muitíssimo o caso. Mas precisava de qualquer modo adiar por alguns dias, por algumas horas ao menos, o pavoroso momento do castigo. Era tão covarde que não chegou sequer a ferir o oficial; apenas fingiu a agressão com o único fito de perpetrar novo crime, que lhe proporcionaria novo julgamento.

O minuto que precede a execução é evidentemente pavoroso. Durante os meus

anos de presídio tive ocasião de ver inúmeros condenados na véspera do dia fatal. Em geral encontrava-os no hospital, no pavilhão dos presos, onde eu também ocupava um leito, doente — coisa que me acontecia com grande frequência. Em toda a Rússia os prisioneiros sabem que a compaixão dos médicos não lhes permite considerar os forçados diferentes dos outros homens, como em geral faz a maioria das pessoas, excetuando-se a gente humilde. Nunca um homem do povo censura qualquer coisa a um forçado: por mais horrendo que seja o seu crime, ele o perdoa pensando no castigo que aquele homem sofre, e por causa da sua "desgraça"... Não é à toa que o povo chama ao crime uma "desgraça" e ao criminoso um "desgraçado". Essa expressão profundamente característica tem importância maior precisamente porque é inconsciente, instintiva. Quanto aos médicos, representam realmente em muitos casos a providência dos galés, sobretudo para aqueles que ainda não receberam o seu castigo — categoria submetida a um regime muito mais severo. Quando vê aproximar-se o dia em que será executada a sentença, o condenado frequentemente se declara enfermo, na esperança de afastar, por qualquer preço, o terrível momento. Quando o devolvem da enfermaria, ele espera com toda a certeza receber os açoites na manhã seguinte; e por isso manifesta uma agitação tremenda. Alguns, por amor-próprio, procuram escondê-la, mas a jactância desajeitada que exibem não engana os companheiros. Todos compreendem o que o agita, e ficam calados por compaixão. Conheci um jovem soldado, assassino, condenado ao número máximo de açoites. Tão grande era o seu medo, que resolvera beber uma tampa de gamela cheia de vodca, onde pusera rapé de infusão. Aliás, o condenado sempre bebe bastante aguardente antes da execução do castigo. Obtém vodca com grande antecedência, mesmo a preço exorbitante; privar-se-á do indispensável durante seis meses; economizará custe o que custar a fim de comprar um quartilho de aguardente que há de beber quinze minutos antes da execução. Estão convencidos os presos de que o homem bêbado sente com menos intensidade as pancadas das varas ou do cnute. Mas volto à minha história. Engolida a vodca, o pobre rapaz adoeceu de verdade; teve uma hemorragia e o transportaram ao hospital quase inanimado: o vômito de sangue por tal forma lhe devastou o peito que a tísica não tardou a se declarar e ele morreu ao cabo de seis meses. Os médicos que o trataram não souberam nunca qual fora a causa da sua moléstia.

Ao lado dessa falta de coragem diante do castigo, encontram-se também, devo dizê-lo, casos assombrosos de intrepidez. Ao escrever isto, penso em certos gestos de atrevimento vizinhos da insensibilidade, gestos menos raros que o que se pode supor. Posso citar especialmente certo bandoleiro, o famoso desertor Orlov. Num dia de verão, espalhou-se o boato de que ele seria castigado à noite, e que depois da execução o levariam ao hospital. Os doentes garantiam que Orlov seria açoitado sem dó. Todos se mostravam mais ou menos febris, de tal modo que foi com enorme curiosidade que

fiquei à espera daquela celebridade do crime. Já há muito tempo ouvia contar casos inauditos a seu respeito. Esse facínora de espécie rara trucidava friamente velhos e moços; dotado de extraordinária força de vontade, tinha o orgulho e a consciência dessa força. Depois de confessar um grande número de assassinatos, viu-se ele condenado aos açoites.

Já ficara escuro, e já estavam acesas as candeias quando o trouxeram quase desacordado, o rosto lívido sob a grenha espessa, cacheada e negra como piche. As costas em carne viva estavam inflamadas, roxas. Durante toda a noite os companheiros se ocuparam dele, mudando as compressas, virando-o de um lado e de outro, dando-lhe uma poção, como se se tratasse dum parente próximo ou dum benfeitor. No dia seguinte o homem recuperou toda a lucidez, e deu uma ou duas voltas pela sala. Aquilo me surpreendeu: ele recebera duma só vez a metade do castigo, pois o médico só suspendera a execução quando se convenceu de que a mesma podeira levar a um desenlace fatal.

Entretanto Orlov era de baixa estatura e seu estado geral fora debilitado pela longa detenção. Como todos os condenados ao açoite, tinha a cara lívida, exausta, esgotada, e o olhar febril. Contudo, rapidamente melhorou; evidentemente a sua alma enérgica ajudava a natureza. Não, aquele homem não era uma criatura ordinária. A curiosidade me impeliu a conhecê-lo melhor, e o estudei durante uma semana inteira. Posso afirmar que nunca, em minha vida, encontrei caráter de melhor têmpera, mais inflexível. Avistei-me em Tobolsk com uma celebridade da mesma espécie, Koreniev, verdadeiro animal feroz; bastava olhá-lo e, mesmo sem o conhecer, a gente adivinhava naquele homem uma criatura monstruosa. Mas na sua estúpida ausência de alma, sentia-se logo ao primeiro olhar que a matéria dominava ali. Aquele homem não sentia nada além da sede dos apetites físicos, a sensualidade, a luxúria. Tenho a certeza de que aquele Koreniev, capaz de degolar um homem sem pestanejar, desmaiaria e tremeria de medo diante do cnute. Orlov, ao contrário, encarnava a vitória do espírito sobre a carne: podia dominar-se até o fim, desprezava todos os tormentos e todas as punições, não temia absolutamente nada. Emanava de si uma energia sem limites. Sentia-se nele uma sede de vingança e uma atividade inabalável para atingir os seus fins. Seus modos estranhamente altivos, que nada tinham de proposital, que lhe eram naturais, me deixaram atônitos. Certo que ninguém no mundo o poderia influenciar. Considerava as coisas com a placidez das criaturas as quais nada espanta. Admitindo claramente que todos os detentos o respeitassem, nunca entretanto se jactou ante eles. Todavia, a fatuidade, a gloríola, são naturais em quase todos os forçados. Era inteligente e de uma estranha franqueza, embora pouco loquaz. Às minhas perguntas respondia sem rodeios que esperava curar-se para sofrer o resto da pena, e que de início receara não a poder suportar. “Agora, acrescentou com um piscar de olhos, a coisa está liquidada. Aguento o resto dos açoites e logo depois mandam-me para Nertchinsk, e em caminho fujo — fujo

com toda certeza! Contanto que minhas costas cicatrizem depressa!” E durante cinco dias ele esperou com avidez o momento de partir. Mostrava-se em geral muito alegre e de muito bom humor. Tentei levar a conversa para as suas aventuras: e, embora franzisse um pouco o cenho às minhas perguntas, ele sempre respondia abertamente. Entretanto, quando descobriu que eu lhe sondava a consciência para descobrir nela algum sinal de arrependimento, olhou-me com um ar tão altivo, de tanto desprezo, que me senti diante dele como um garoto estúpido com o qual a gente não se dá ao trabalho de discutir. Lia-se no rosto do homem uma espécie de compaixão por mim. Um minuto mais tarde ele dava gargalhadas, de todo o coração, sem a menor ironia, e tenho a certeza de que mais de uma vez, recordando minhas palavras, há de ter rido sozinho. Enfim, sem esperar que suas costas estivessem completamente cicatrizadas, reclamou o resto da pena. Eu também tivera alta, nessa data. Saímos juntos da enfermaria, eu para a caserna, ele para o corpo da guarda, onde já o tinham prendido antes. Deixando-me, apertou-me a mão, o que, de sua parte, era um sinal de alta confiança. Creio que agiu assim porque estava naquele momento muitíssimo satisfeito consigo próprio. Na realidade, deveria necessariamente me desprezar, encarar-me como a uma criatura vencida, fraca, lamentável, inferior a ele em todos os respeitos. E logo no dia seguinte recebeu a outra metade da punição...

Depois de fechada, a nossa caserna tomava imediatamente outro aspecto: a de uma verdadeira moradia. Só então eu podia ver os detentos à vontade, como se estivessem em casa. De dia os suboficiais, os vigilantes, ou qualquer outro chefe poderiam aparecer de repente; e por essa razão todo o mundo ficava mais ou menos alerta, todo o mundo vivia num estado de expectativa perpétua, numa espécie de inquietação latente. Mas, assim que fechavam a porta, quase todos procuravam o seu lugar e se entregavam ao trabalho. O alojamento se iluminava de súbito: cada um tinha a sua vela, presa num castiçal de madeira. Um fazia botinas, outro costurava roupas. O ar confinado ia ficando sempre mais irrespirável. Um grupo de jogadores se instalava num canto, em redor dum tapete desenrolado. Em cada caserna um detento possuía um tapete ralo, uma candeia e um baralho pavorosamente sebento; esses utensílios tinham o nome de maidane 1. O proprietário recebia dos jogadores quinze copeques por noite e isso constituía a sua profissão. Tinham curso apenas jogos de azar. Cada jogador punha diante de si uma pilha de moedas de cobre — o conteúdo total dos seus bolsos — e só se levantava depois de perder tudo ou tudo ganhar. O jogo se prolongava, às vezes, até a madrugada, até o próprio instante em que vinham abrir a caserna. Na nossa, como em todas as outras, havia sempre pobretões que tinham bebido ou perdido todas as suas economias — no caso de jamais haverem possuído economias. Eram pobretões “natos”. Chamo-os “natos”, e acentuo particularmente a expressão. Com efeito, no nosso povo, qualquer que seja a condição ou a situação social, sempre houve e haverá esses estranhos

indivíduos que um temperamento pacífico e indolente destina a uma eterna mendicidade. São eternamente uns pobres diabos, uns perpétuos esmoleres. Sempre esmagados, numa espécie de apatia, servem de bode expiatório ou de factótum a todos: às vezes a um libertino, às vezes a um novo-rico, às vezes a um ambicioso. Qualquer esforço lhes pesa, incomoda, oprime! Parece que vieram ao mundo sob a condição de nada começarem por si próprios, de não terem vontade pessoal, mas viverem para ser o polichinelo, o títere de alguém. Sua missão no mundo consiste apenas em executar as ordens de alguém. Circunstância nenhuma, fortuita que fosse, conseguiria enriquecê-los; míseros são, míseros devem morrer. Encontrei desses indivíduos não só na plebe, mas em todas as esferas sociais, nos partidos, nas associações, nos grupos literários. Tínhamos deles em cada um dos alojamentos, e assim que começava o maidane, logo um se vinha pôr a serviço dos jogadores. Nenhum maidane poderia dispensar esses ajudantes. De ordinário eram contratados para a noite inteira, mediante o ordenado de cinco copeques. Sua função consistia em ficar de sentinela durante seis ou sete horas, lá no escuro da entrada, numa temperatura de trinta graus abaixo de zero, e escutar qualquer voz, qualquer passo que soasse no pátio. O major ou o oficial da guarda faziam às vezes uma ronda, noite alta: chegavam na ponta dos pés e surpreendiam os jogadores, os trabalhadores, as candeias particulares, que aliás se avistavam do próprio pátio. Quando se escutava ranger a chave na fechadura da porta que dava entrada para o pátio, não se tinha tempo sequer de apagar as luzes e estirar-se na tarimba. Como, porém, o maidane cobrava caro a negligência do seu vigia, tais surpresas eram muitíssimo raras. Mesmo no presídio, cinco copeques constituem um salário ínfimo e irrisório; portanto, nesse caso como em outros, a implacável dureza dos “patrões” que o pagavam sempre me impressionou. “Recebeste dinheiro, faze o teu serviço!” Esse argumento não tolerava nenhuma contradição. Em virtude daqueles sórdidos cobres, o alugador tirava do seu “empregado” tudo o que podia — e ainda por cima se considerava como seu benfeitor. Qualquer pródigo, qualquer bêbado que em outras ocasiões atirava o dinheiro pelas janelas, sempre achava, entretanto, que pagava demais àquele escravo. Isso eu observei em mais de uma caserna e em mais de um maidane.

Todos, portanto, se entregavam mais ou menos ao trabalho. Fora os jogadores, apenas uns quatro ou cinco ficavam sem fazer nada: deitavam-se imediatamente. Eu ocupava uma ponta da tarimba, pertinho da porta. Do lado oposto, com a cabeça ao nível da minha, ficava Akim Akimitch. Entretinha-se das dez às onze em pintar uma lanterna chinesa, multicor — encomenda que lhe seria bem paga. Fabricava lanternas como um mestre do ofício, trabalhando metodicamente, sem detenças. Ao acabar, guardava os seus utensílios com cuidado, desenrolava o colchão, rezava e deitava-se na cama como um justo. Levava a ordem e a minúcia até o pedantismo; como todos os homens estúpidos e limitados, dever-se-ia supor muito inteligente. Desagradou-me desde o

primeiro dia, embora me fornecesse depois material para meditação: espantava-me ver no presídio um homem que parecia fadado a vencer na vida. Aliás, ainda terei oportunidade de faltar em Akim Akimitch.

Digamos agora algumas palavras a respeito dos ocupantes de nossa caserna. Como eu deveria passar vários anos em sua companhia, a curiosidade intensa com que encarava os meus camaradas é muitíssimo compreensível. Um grupo de montanheses caucasianos — dois lezghianos, um tchetchenge, e três tártaros do Daguestão — condenados quase todos por bandoleirismo, ocupava a tarimba da esquerda. O tchetchenge, indivíduo taciturno e sombrio, quase não falava com ninguém; atirava sempre olhares de viés, em torno de si, e fitava os outros com um sorriso mau, venenoso, zombeteiro. Um dos lezghianos, homem velho, de comprido nariz aquilino, tinha uma autêntica fisionomia de bandido. Porém o outro, Nurra, deu-me logo de início a mais favorável, a mais agradável das impressões. Era ainda moço, de estatura mediana, mas senhor de força hercúlea, muito louro, com olhos dum azul claríssimo, nariz arrebitado, cara de finlandês, e pernas arqueadas de cavaleiro. Tinha o corpo riscado de cicatrizes, marcado de golpes de baioneta. No Cáucaso, embora pertencesse a uma tribo submissa, reunia-se sorrateiramente aos rebeldes, para junto com eles realizar razias contra os russos. Todos entre nós lhe queríamos bem. Dum gênio sempre igual, era delicado para com todos e trabalhava sem se queixar. Apesar do seu temperamento sossegado e alegre, muitas vezes a gente lhe via o nojo pela vida abjeta dos forçados: as ladroeiras, a bebedice o indignavam até o furor; a desonestidade o punha fora de si; mas afastava-se sem procurar briga com ninguém. Durante todo o período em que esteve recluso, nunca furtou nada, nem cometeu a mínima indignidade. Religioso até o fanatismo, rezava com fervor, observava todos os jejuns que precedem às festas maometanas e passava noites inteiras em oração. Todo o mundo o estimava, todos lhe prezavam a honestidade: “Nurra é um leão”, diziam os forçados — e o apelido lhe ficou. Convencido de que, depois de liberto, voltaria à sua terra, no Cáucaso, ele vivia apenas nessa esperança, e se lha roubassem, creio que morreria. Atraiu-me as simpatias desde o primeiro dia: entre as caras malignas, sombrias, sardônicas dos outros detentos, aquele rosto bondoso e simpático não me poderia passar despercebido. Eu estava lá havia uma meia hora, quando Nurra me veio bater no ombro, rindo com bondade e olhando-me no fundo dos olhos. Não o compreendi bem, a princípio, porque ele se exprimia muito mal em russo. Mas logo depois Nurra tornou, sorrindo, e de novo me deu uma palmada amigável no ombro. Essa mímica se renovou com frequência nos três primeiros dias, e significava, segundo o adivinhei então e compreendi mais tarde, que Nurra tinha dó de mim, que sentia a dificuldade que eu teria em me acostumar ao presídio, que me queria testemunhar sua simpatia, estimular-me, prometer-me sua proteção. Bom e ingênuo Nurra!

Os três tártaros do Daguestão eram irmãos. Dois já haviam atingido a idade madura, mas o terceiro, Ali, tinha apenas vinte e dois anos e parecia mais moço ainda. Seu lugar na tarimba era vizinho ao meu. Encantou-me ao primeiro olhar o seu belo rosto franco, inteligente, ingênuo e agradeci a sorte que mo dera como vizinho imediato. Mostrava a alma a nu naquele belo — pode-se dizer naquele magnífico rosto. O sorriso traduzia a confiança e a simplicidade da juventude, e uma tão grande meiguice lhe impregnava os olhos pretos que só o fato de olhá-los me aliviava a tristeza — conto-o sem o menor exagero. Na aldeia natal, o seu irmão mais velho (tinha cinco irmãos: os outros dois foram condenados às minas) ordenou-lhe um dia que apanhasse o iatagã, montasse a cavalo e o seguisse. O respeito pelos mais velhos é tão grande nessas famílias montanhesas, que o rapaz jamais se atreveria a perguntar aonde iriam. Os mais velhos não julgaram necessário informá-lo. Iam assaltar na estrada um rico negociante armênio. Com efeito, assassinaram-no, bem como aos homens da escolta e deitaram mãos às mercadorias. Todavia descobriu-se a coisa: os seis foram apanhados, açoitados, e deportados para a Sibéria. O tribunal não mostrou indulgência senão para Ali, que foi condenado à pena mínima, isto é, a quatro anos de presídio. A afeição que lhe tinham os irmãos era como um amor de pai. Era o consolo que eles tinham no exílio... e, sempre tão sombrios, tão tristes como eram, sorriam ao olhá-lo, e quando conversavam com Ali (raramente, aliás, porque decerto o consideravam muito moço para lhe poderem confiar qualquer coisa séria) as caras melancólicas se iluminavam, abrandavam; e pelo piscar dos olhos, pelos sorrisos bem humorados que trocavam ao ouvi-lo, eu adivinhava que se dirigiam a ele como a um garoto com quem se brinca. Quanto a Ali, mal ousava dirigir a palavra aos outros, tal o respeito que lhes votava. É difícil de conceber como, em vez de se corromper, aquele moço pudera conservar no presídio um coração tão manso, uma honestidade tão simpática. Era aliás uma natureza forte, apesar da visível mansidão do seu gênio, como mais tarde o verifiquei. Pudico como uma rapariga, qualquer ação vil, cínica, repugnante ou injusta fazia com que luzissem de indignação os seus olhos magníficos. Mas ele também evitava disputas e injúrias, embora não fosse homem capaz de consentir que o rebaixassem. Aliás, não poderia ter questões com ninguém: todo o mundo o adulava, todo o mundo o adorava. De início, foi apenas delicado comigo, porém, pouco a pouco, chegamos a conversar; alguns meses lhe haviam bastado para aprender a se exprimir corretamente em russo, o que os irmãos jamais conseguiram fazer. Pareceu-me inteligentíssimo, muito modesto e delicado, e ao mesmo tempo forte e sensato. Em resumo, considero-o como criatura acima do comum, e sempre evoco o seu encontro como um dos melhores da minha vida. Há dessas naturezas belas de nascença, tão ricamente dotadas por Deus, que a ideia de as ver corrompidas parece absurda. A gente sempre fica tranquila a seu respeito. Sinto-me tranquilo quanto à sorte de Ali. Onde entretanto estará ele agora?

Uma vez, bastante tempo após minha chegada ao presídio, eu estava estirado na tarimba, presa de dolorosos pensamentos. Embora ainda fosse cedo para dormir, Ali, sempre ativo, nada fazia naquela noite, porque os irmãos observavam então uma festa muçulmana. Eu estava deitado, com um braço sob a cabeça, e meditava.

— Por que te sentes tão triste?

Olhei-o surpreso, considerando estranha aquela pergunta partida de Ali, sempre tão delicado, tão cheio de tato, de coração tão inteligente. Mas, olhando-o com mais atenção, vi-lhe no rosto o reflexo de toda a dor, toda a angústia da saudade, e compreendi imediatamente quanto o moço também se sentia infeliz naquele momento. Deu um suspiro profundo e sorriu amargamente. Eu gostava do sorriso dele, sempre tão afável, que descobria duas fileiras de dentes alvíssimos, capazes de fazer inveja à mais bela rapariga do mundo.

— Dize, Ali, estás pensando na festa que se celebra hoje na tua terra, no Daguestão? Lá é muito lindo?

— Oh, sim! — respondeu ele exaltado, enquanto os seus olhos se iluminavam. — Por que viste que eu estava pensando na festa?

— Ora, grande dificuldade! Como se a gente não fosse mais feliz em casa do que aqui!

— Oh! Por que me dizes isso?

— Agora, quanta flor não deve haver na tua terra, que paraíso há de ser lá!— Oh, cala-te, cala-te!

Sua agitação estava no auge.

— Escuta, Ali, tinhas irmã?

— Sim, por quê?

— Deve ser bonita, se se parece contigo!

— Não se compara comigo! É tão bonita que não tem nenhuma igual em todo o Daguestão! Ah, como é bonita! Nunca viste mulher tão linda! Aliás, minha mãe também era bonita.

— E tu gostas muito de tua mãe?

— Ai, que estás perguntando! Decerto morreu de desgosto, por minha causa! Eu era o seu preferido; gostava mais de mim do que de minha irmã e irmãos... Esta noite, sonhei com ela: estava chorando.

Calou-se, e não disse mais nada durante todo o resto da noite. Mas, depois dessa ocasião, procurava todas as oportunidades para falar comigo, apesar do respeito que eu lhe inspirara, nem sei bem por que, e que o impedia de me dirigir a palavra em primeiro lugar. E eu também, que alegria sentia quando o interrogava sobre o Cáucaso, sobre a sua vida passada! Os irmãos não o impediam de conversar comigo, e parecia até que ficavam contentes quando o viam responder ao que lhe perguntava. E quando constataram que eu

dia a dia mais me afeiçoava a Ali, tornaram-se cada vez mais delicados para comigo.

Ali me ajudava no trabalho, prestava-me todos os serviços que podia, na caserna. Sentia-se que lhe dava prazer ser-me agradável, auxiliar-me um pouquinho que fosse. E não havia nisso, da sua parte, nem servilismo, nem procura de uma vantagem qualquer, mas apenas um sentimento de ardorosa amizade, que já não dissimulava. Como tinha muita capacidade para os trabalhos manuais, aprendeu a costurar muito bem roupa branca e botinas, e depois, tanto quanto era possível, marcenaria. Os irmãos, muito orgulhosos pelo êxito do rapaz, o felicitavam por isso.

— Escuta, Ali — disse-lhe eu certa noite. — Por que não aprendes a ler e a escrever em russo?Há de ser-te muito útil mais tarde, na Sibéria.

— Eu bem queria, mas com quem?

— Aqui não falta quem saiba. Se queres, eu te ensino.

— Oh, por favor, ensina-me!

Ergueu-se da tarimba, juntou as mãos e me olhou, com ar súplice.

Começamos no dia seguinte à tarde. Eu possuía uma tradução russa do Novo Testamento, livro autorizado no presídio. Sem abecedário, com o auxílio único desse livro, Ali, em algumas semanas, aprendeu a ler correntemente. Três meses depois, compreendia muitíssimo bem a linguagem escrita. Estudava com ardor, com exaltação.

Certa vez, lemos juntos o Sermão da Montanha. Observei que lhe interessavam particularmente algumas passagens. E perguntei se lhe agradara o que acabara de ler. Ele me lançou um olhar vivo, e a cor lhe subiu ao rosto:

— Oh, sim! Issa [2] é um santo profeta. Issa fala as palavras de Deus. É muito bonito.

— O que é que te agrada mais?

— O trecho onde ele diz: perdoa, ama, não ofendas, estima o teu inimigo. Ah, como ele diz isso bem!

Virou-se para os irmãos que nos escutavam e falavam com animação. Ficaram a conversar os três muito tempo, seriamente, com gestos afirmativos da cabeça. Depois, sorrindo com um sorriso ao mesmo tempo grave e benévolo — o puro sorriso muçulmano, cuja gravidade me encanta especialmente — volveram-se para mim e confirmaram que Issa era um profeta de Deus e obrara grandes milagres; depois de esculpir um pássaro de argila, soprara nele, e o pássaro voara; isso estava escrito num dos livros [3]. Diziam essas coisas certos de que, louvando Issa, me davam grande prazer. Quanto a Ali, estava radiante: os irmãos tinham conversado com ele, e tinham se dignado aprovar-me!

Tive igualmente grande êxito no ensino da escrita a Ali. Arranjou papel (não permitiu que eu lho comprasse com meu dinheiro), penas, tinta, e dentro de dois meses escrevia perfeitamente bem. Os irmãos ficaram embasbacados. Sua alegria, seu orgulho,

ultrapassaram todos os limites; não sabiam como me agradecer. Durante as tarefas, se nos acontecia estar juntos, eles faziam tudo para me auxiliar, e consideravam aquilo uma felicidade. Já não falo de Ali, que se afeiçoou a mim quase tanto quanto aos irmãos. Não esquecerei jamais a sua partida. Arrastou-me para fora da caserna, e agarrou-se ao meu pescoço, chorando. Nunca antes me abraçara, e nunca eu o vira derramar uma lágrima!

— Fizeste tanto por mim, fizeste tanto por mim! — dizia. — Mais que meu pai, mais que minha mãe! Fizeste de mim um homem. Deus te recompensará e eu não te esquecerei nunca!...

Onde estarás agora, querido, angelical e meigo Ali?

Além dos circassianos, nossa caserna abrigava ainda alguns polacos. Formavam um grupo inteiramente à parte, e não se davam com os outros forçados. Já lhes descrevi o exclusivismo, já expliquei que o desprezo deles pelos detentos russos lhes havia granjeado o ódio geral. Tinham o temperamento atormentado e doentio. Eram em número de seis — e alguns deles homens de instrução; falarei mais detidamente destes últimos. Algumas vezes, durante os derradeiros anos da minha reclusão, me emprestaram livros; o primeiro que li me provocou uma impressão forte, estranha, especialíssima, da qual falarei mais tarde. Considero essas sensações muito curiosas e tenho a certeza de que muitas pessoas nada poderiam compreender delas. Sem as experimentar, a gente não pode julgar certas coisas. Basta dizer que os sofrimentos morais são muitíssimo mais pesados que os sofrimentos físicos. No presídio o homem simples está no seu meio — talvez até num meio mais adiantado que o seu. Evidentemente ele perdeu muito — a sua aldeia, a sua família, tudo, se o quisermos, mas não mudou de ambiente! O homem instruído, punido pela lei do mesmo modo que o rústico, perde incontestavelmente muito mais; deve reprimir todas as suas necessidades, todos os seus hábitos, deve aprender a respirar um ar inteiramente estranho! É como um peixe tirado da água e jogado à areia... Muitas vezes o castigo, que a lei dita igual para todos, torna-se para ele um tormento multiplicado por dez. E isso é verdade, mesmo sem se levar em conta o sacrifício dos hábitos materiais.

Assim, pois, os polacos tinham um grupo à parte. Entre todos os detentos estimavam apenas o nosso judeu, simplesmente porque ele os divertia. Esse judeu, aliás, gozava da afeição geral, embora os forçados, sem exceção, o levassem na troça. Era o único da sua raça, e não o posso recordar sem rir. Sempre que o olhava me lembrava aquele Yankel do Tarass Bulba de Gogol, que uma vez despido e pronto para entrar, com sua judia, num objeto que parecia um armário, fica de repente igual a um frango depenado 4. Já idoso — andava perto dos cinquenta — era de pequena estatura, de constituição fraca, astuto e estúpido, impertinente e covarde ao mesmo tempo. O rosto, vincado de rugas, mostrava na fronte e nas faces as marcas do pelourinho. Jamais consegui compreender como é que ele pudera suportar sessenta açoites de cnute. Porque

estava preso por crime de morte. Guardava consigo, muito bem escondida, uma receita, que outros judeus lhe haviam obtido, logo depois da execução do castigo. Tratava-se dum bálsamo que depois de uns quinze dias de uso apagava as marcas do pelourinho. Ele não ousava utilizá-lo na prisão, e para experimentar as virtudes da tal receita, esperava acabar os vinte anos de trabalhos forçados, depois dos quais seria desterrado para uma aldeia. “Sem isso não me poderei casar”, dizia, no seu sotaque, “e faço questão absoluta de ter mulher.” Éramos nós dois muito amigos. Ele estava sempre nas melhores disposições de espírito. A vida no presídio não lhe era absolutamente penosa: ourives de profissão, os habitantes da cidade — que não dispunham de nenhum joalheiro — o enchiam de trabalho; e ele assim escapava aos labores mais pesados. Como seria de esperar, também praticava a usura e emprestava a juros à caserna inteira. Entrara no presídio antes de mim, e um dos polacos me descreveu um dia a sua chegada. É uma história divertida que mais tarde contarei, porque mais de uma vez terei que falar em Isai Fomitch.

Havia ainda no nosso alojamento quatro raskolniki, ou “velhos crentes”, anciães versados nas Santas Escrituras, entre os quais se encontrava o velho de Starodubov. Dois ou três pequenos russos, gente de temperamento sombrio; um forçado muito jovem, de nariz pontudo, que a despeito dos seus vinte e três anos já assassinara oito pessoas. Um bando de moedeiros falsos, dos quais um nos servia de bobo. E, enfim, mais alguns indivíduos taciturnos e mal-encarados, raspados ou desfigurados, infelizes e invejosos, resolvidos a se mostrarem como tal, cenho franzido, boca costurada, alma odienta, durante ainda longos anos, durante todo o tempo da sua reclusão.

Eis o quadro que me desfilou ante os olhos durante essa primeira tarde sem alegria da minha nova existência. Vi-o através da fumaça e do ar sufocante, das pragas, do cinismo indescritível, do cheiro fétido e do tilintar das grilhetas, das risadas estridentes e das maldições. Estirei-me sobre a tábua nua da tarimba, pus a roupa debaixo da cabeça (não tinha ainda travesseiro), enrolei-me na pele de carneiro e, por mais exausto, por mais extenuado que estivesse graças às impressões monstruosas e inesperadas desse primeiro dia, não consegui adormecer. Aquilo no entanto era apenas o começo. Muitas outras coisas me esperavam, coisas que eu não poderia nunca prever, nem adivinhar...

---

1) Inferno. (N. T.)

2) Deformação russa de Iisus (Jesus). (N. T.)

3) Essa lenda cristã está registrada no Corão, III, 43. Chegou aos árabes na versão árabe do pseudo evangelho de S. Tomé. (N. T.)

4) A memória de Dostoievski o traiu. Na realidade o episódio citado não se refere a

Yankel, mas ao judeu ruivo que guia Bulba na noite de sua chegada a Varsóvia. Eis o texto real: “Já anoitecera. O dono da casa, o judeu da cara sardenta, trouxe um colchão sórdido, coberto de uma esteira ainda pior, destinados a Bulba. Yankel se deitou no chão num colchão idêntico. O judeu ruivo engoliu um cálice de aguardente e despiu o caftã: de ceroulas e sapatos assemelhava-se vagamente a um frango; depois, junto com sua judia, penetrou num objeto que se assemelhava vagamente a um armário.” Gogol, Tarass Bulba , cap. XI. (N. T.)

5

O PRIMEIRO MÊS

Três dias depois da minha chegada, recebi ordem de ir trabalhar. Esse dia me ficou gravado na lembrança, embora nada tenha acontecido de especial — pelo menos se levarmos em conta o que minha própria situação tinha de extraordinário.

Mas eram impressões novas e eu ainda encarava as coisas com avidez. Acabava de passar três dias presa das emoções mais penosas. “Cheguei ao fim da viagem: estou no presídio!” repetia eu de minuto em minuto. “Eis-me no porto, onde passarei longos, longos anos. Está aqui o meu canto! Chego com o coração ferido cheio de apreensão e desconfiança... E quem sabe se, daqui há muito tempo, no momento de partir, não terei saudades!” acrescentava, estimulado por essa pérfida necessidade que, às vezes, nos faz magoar uma ferida até o seu ponto mais profundo, para saborear a dor intensa, para gozá-la em toda a sua imensidade. O pensamento de que um dia eu teria saudades daquele lugar, enchia-me de angustiado horror. Desde então pressentia quanto o homem é feito de hábitos. Isso, todavia, representava ainda o futuro, enquanto que no presente tudo que me cercava me parecia hostil, abominável; pelo menos, se não o era completamente, assim eu o enxergava. Aquela selvagem curiosidade com que contemplava os forçados, meus novos companheiros, a dureza deles para com o barine feito agora seu igual — dureza que chegava quase a ser ódio — atormentava-me tanto que eu ardia por ir mais depressa para o trabalho, a fim de penetrar de uma vez até o fundo da minha desgraça, de me pôr a viver como eles, de puxar com eles pela mesma trela. Não posso dizer quantos fatos me escaparam então, e quão pouco me apercebia eu do que se passava sob o meu próprio nariz; ao lado da hostilidade por demais visível, não me apercebia de nada consolador; contudo, foi nesse momento que encontrei algumas criaturas amáveis, cuja acolhida me deu coragem. O mais amável, o mais acolhedor, foi Akim Akimitch. Na multidão de rostos tristonhos e pouco amigos dos outros forçados, fui obrigado a notar algumas boas caras. Por toda parte há gente ruim, mas nem todas as ovelhas dum rebanho são pesteadas, depressa disse eu a mim mesmo, para me consolar. “Quem sabe? Talvez estes indivíduos não sejam muito piores que os demais, que esses que vivem lá fora, do outro lado dos muros da fortaleza.” E pensando nisso, eu meneava a cabeça — entretanto, meu Deus, nem de longe desconfiava de que aquilo era a verdade pura!

Eis um exemplo: o condenado Suchilov; levei vários anos para o conhecer

realmente, embora estivesse a todo tempo ao meu lado. Exatamente no momento em que eu dizia que alguns não são piores do que os outros, ergue-se a sua lembrança na minha memória. Servia-me de aio, juntamente com Ossip, um outro detento que desde o início Akim Akimitch me inculcara, afirmando que por trinta copeques mensais me prepararia uma refeição, se o rancho do presídio me inspirasse excessiva repugnância, e se eu tivesse meios de comer por conta própria. Ossip era um dos quatro cozinheiros eleitos pelos presos para tomarem conta das nossas duas cozinhas. Esses eleitos, aliás, poderiam aceitar ou recusar o ofício, e mesmo aceitando-o, abandonar o lugar no dia seguinte, se lhes desse na veneta. Os cozinheiros ficavam dispensados do trabalho forçado; só se ocupavam em cozer o pão e preparar a sopa. Não eram chamados cozinheiros mas "cozinheiras", não por desprezo (pois eram escolhidos para a cozinha os homens mais honestos e inteligentes que era possível encontrar) mas por uma familiaridade que absolutamente não os ofendia. Durante vários anos Ossip foi "cozinheira" quase sem interrupções; só abandonava o emprego quando o atormentava o tédio, ou lhe davam desejos de contrabandear vodca, pois esse contrabandista de profissão era homem de uma honestidade e uma bondade raras. Já falei um pouco a seu respeito — era o tal rapagão a quem os açoites inspiravam pavor tão grande. Sossegado, amável, paciente, incapaz de promover uma briga, não podia, apesar das suas apreensões, deixar de introduzir aguardente, quando o assaltava a paixão do contrabando. Entregava-se pois ao tráfico de vodca, igual aos seus colegas, mas em proporções mais modestas que Gazine, cuja audácia, amor do risco, não partilhava. Sempre mantive muito boas relações com Ossip. As refeições em separado não saíam muito caras; creio não me enganar, afirmando que eu não gastava mais de um rublo por mês com minha alimentação, sem contar com o pão, é claro, fornecido pela casa, e algumas vezes a sopa, que tomava quando estava com muita fome — pois acabara por desaparecer a repugnância que ela de início me inspirara. Em geral eu comprava um pedaço de carne de uma libra — que no inverno custava dois copeques. Um dos inválidos, vigilante na caserna, encarregava-se dessa compra. Todos os inválidos espontaneamente se ofereciam para as compras; não recebiam por isso nenhuma remuneração, salvo uma ninharia aqui ou além. Agiam assim por amor do seu próprio sossego, porque de outra maneira não se poderiam aguentar. Traziam fumo, tablettes de chá 1, carne, kalatchi e mais outros gêneros, salvo a vodca, que ninguém lhes pedia para trazer, embora de vez em quando eles aceitassem tomar um trago. Durante vários anos seguidos Ossip me preparou o mesmo pedaço de carne: pouco importa o modo como o fazia! Coisa curiosa: por todo esse tempo não consegui nunca arrancar-lhe duas palavras. Tentava, às vezes, iniciar uma conversa mas ele parecia incapaz de sustentar qualquer diálogo seguido. Sorria, respondia por sim ou por não, e era tudo. Aquele Hércules, com o espírito de um garoto de oito anos, me produzia uma impressão estranha.

Suchilov tornou-se pois a minha ordenança. Eu não o procurara nem escolhera. Foi ele espontaneamente que se ligou a mim, nem me lembro mais quando nem como. Pôs-se a lavar minha roupa branca: havia por trás das barracas um grande tanque, onde os detentos faziam a sua barrela, em tinas dispostas especialmente para esse fim. E afora a lavagem, Suchilov arranjava meios de me prestar mil outros serviços pequenos: preparava-me a chaleira, corria a dar meus recados, arranjava as coisas de que eu precisava, levava o meu casaco para o remendão, engraxava-me as botas quatro vezes por mês. E fazia isso tudo com zelo, com afã, como se se tratasse sabe Deus de que obrigações! Em resumo, ligara inteiramente a sua sorte à minha e tomara às suas costas tudo que me concernia. Por exemplo, não diria nunca: “Você tem tantas camisas; seu casaco está rasgado...” e sim “Nós temos agora tantas camisas; nosso casaco está rasgado...” Eu vivia pois sob os seus cuidados e evidentemente ele considerava aquilo a finalidade da sua vida. Como não exercia nenhuma profissão, só de mim poderia esperar alguns copeques. Pagava-lhe tanto quanto podia — isto é, umas tristes moedas de cobre, uma miséria: entretanto, jamais o vi mal satisfeito. Ele não poderia viver sem servir alguém, e me escolhera, suponho, porque eu era mais indulgente que os outros e mais justo ao lhe avaliar os ganhos. Era um desses homens que não conseguem nunca libertar-se da miséria, daqueles que por uma moeda de cinco copeques se fazem guardas de maidane — que podiam ficar durante horas inteiras, imóveis, na antecâmara gelada, escutando qualquer ruído vindo do pátio, ou a chegada do major, e que, em caso de distração, perdem tudo e respondem com as próprias costas. Já falei dessas criaturas. Sua característica é a atitude humilde, a falta completa de personalidade; desempenham sempre e em qualquer lugar um papel de segunda e mesmo terceira categoria. A natureza os criou assim. Suchilov era um pobre diabo, inteiramente irresponsável, humilde como um cão açoitado, embora ninguém lhe batesse: devia ter de nascença aquele ar. Sempre senti dó por ele. Não o conseguia olhar sem sentir uma inexplicável impressão — inexplicável até mesmo para mim. Nunca pude também fazê-lo conversar. Ele não sabia exprimir-se, era-lhe um esforço penoso escutar e dar resposta, e animava-se quando, para acabar, a gente lhe pedia para correr a algum lugar ou fazer qualquer coisa. Acabei por me convencer de que só um mandado lhe poderia dar algum prazer. Não era nem alto nem baixo, nem feio nem bonito, alourado, levemente picado de bexigas. Nada se poderia dizer de definido a seu respeito senão (tanto quanto era possível julgar) que ele pertencia à mesma raça de espíritos de Sirotkine; e essa convicção nos fora inculcada pelo seu ar de toleima irresponsável. Algumas vezes os outros presos o debicavam contando que, durante a marcha para a Sibéria, ele se “trocara” por uma blusa vermelha e uma moeda de um rublo. O que provocava as risadas era o ínfimo preço da venda. “Trocar” é tomar o nome de algum outro condenado, e por consequência a sua sorte. Por mais monstruoso que o fato pareça, nem por isso deixa de ser real; no meu tempo, esse

costume vigorava ainda com toda a força, entre as colunas de deportados, consagrado pela tradição. A princípio recusei-me a crer, mas depois rendi-me à evidência.

Eis como se passavam as coisas: um trem se põe a caminho; há nele uma grande variedade — presidiários, condenados às minas, simples deportados. Em qualquer lugar, perto de Perm, por exemplo, um forçado procura se "trocar" com outro. Vamos que seja um Mikhailov qualquer, condenado por assassinato ou outro crime capital, a um grande número de anos no presídio, coisa que evidentemente lhe desagrada. Suponhamos que seja um homem astuto, inescrupuloso; imediatamente procura encontrar no comboio algum indivíduo simplório, abordável, sem defesa, cuja condenação seja branda — por exemplo, as minas durante alguns anos, ou a deportação para alguma aldeia, ou mesmo o presídio por pouco tempo. Enfim, acaba por descobrir um Suchilov. Suchilov, servo de nascimento, foi condenado apenas à deportação. Já tem mil e quinhentas verstas nas pernas e nem um copeque no bolso, porque é claro que os Suchilov jamais têm um vintém. Caminha, embrutecido, exausto, em geral mal alimentado, sem nem ao menos alguma coisa para mastigar, trazendo no corpo apenas os farrapos do uniforme — pronto a servir seja para o que for em troca de alguns cobres. Mikhailov insinua-se a seu lado, trava conversa, conquista sua amizade, e, afinal, na parada, paga-lhe um trago. Chegou o momento de lhe propor a troca: "Eu me chamo Mikhailov; vou para o presídio; isto é, não é propriamente o presídio, é a seção especial; lá não há trabalhos forçados, mas coisa diferente, muito melhor." A propósito da seção especial, hoje suprimida, devo dizer que muitos altos funcionários, até mesmo em Petersburgo, ignoravam ao certo o que ela significava.

Localizava-se nalgum recanto longínquo da Sibéria, compunha-se de poucas pessoas (no meu tempo cerca de sessenta detentos), de forma que era difícil acompanhar-lhe o rastro. Depois de minha libertação, encontrei pessoas que conheciam muito bem a Sibéria, porque haviam servido lá, e que souberam por meu intermédio da existência da secção especial. O código contém apenas seis linhas a seu respeito: "Esperando que se organizem na Sibéria trabalhos forçados especiais, fica anexada a essa casa de detenção uma seção igualmente especial, destinada a delinquentes mais perigosos." Mesmo os detentos dessa seção não sabiam se ela era temporária ou perpétua. Diziam: "Não temos termo indicado; esperamos apenas a organização dos trabalhos forçados especiais; isso quer dizer: será por pouco tempo." Nem Suchilov nem ninguém do comboio sabia qualquer coisa a respeito dessa secção, salvo talvez Mikhailov, que fora enviado para lá, e cujo horrendo crime já lhe proporcionara três ou quatro mil açoites: dizia-lhe o faro que o lugar não podeira ser grande coisa. Suchilov, ao contrário, ia apenas para uma aldeia, só isso. "Queres trocar comigo?" Suchilov, coração singelo, meio tonto e cheio de reconhecimento para com Mikhailov que o obsequiara, não se atrevia a recusar. Aliás, já ouviu dizer que aquilo se faz com frequência, que nada tem

de extraordinário. E aceita: aproveitando-se da simplicidade do camarada, Mikhailov lhe compra o lugar por uma blusa vermelha e uma moeda de um rublo, que tem o cuidado de lhe entregar diante de testemunhas. No dia seguinte, Suchilov já não está bêbado, mas novamente o embriagam: aliás, torna-se difícil voltar atrás do trato: o rublo já foi bebido, e a blusa vermelha não tardou nada em acompanhá-lo. “Não queres mais?” Então devolve o dinheiro!” De onde tirará dinheiro o pobre Suchilov? Se não quiser devolver o rublo, terá o artel 2 que o obrigará a isso, porque reina severidade, em tais casos. Ademais, toda palavra dada deve ser mantida — é a regra do artel, que vela por isso: um delinquente não terá repouso, ficará com a vida intolerável, será atormentado, talvez até morto. Com efeito, se uma única vez o artel desse mostras de indulgência, tais trocas não se poderiam realizar. Se fosse possível renegar uma promessa e desmanchar um negócio depois de recebido o dinheiro, quem então cumpriria os acordos? Em suma, a coluna inteira toma o negócio à sua conta, e, por essa razão, se mostra impiedosa. Enfim, Suchilov se apercebe de que já não pode voltar atrás, que suas súplicas são inúteis; resolve concordar sem restrições. Anuncia-se o caso ao comboio inteiro, e se houver necessidade, dá-se uma gorjeta àqueles que poderiam falar demais. Que importa aliás àqueles miseráveis que o presidiário seja Suchilov ou Mikhailov? Podem muito bem ir para o diabo todos os dois, se assim o querem! E depois de receberem a gorjeta, o jeito que têm é calar a boca. Na parada seguinte, à hora da chamada, quando chamam Mikhailov, Suchilov responde: “Presente!”; quando chamam Suchilov, responde Mikhailov: “Presente!” Continua-se o caminho e a troca está feita. Em Tobolsk, os deportados são escolhidos: “Mikhailov” vai para a colônia, e “Suchilov”, com forte escolta, toma o caminho da seção especial. Já nenhum protesto é mais possível. Aliás, que provas se poderiam apresentar? Quantos anos se arrastaria o processo? Que novo castigo sofreria o desgraçado? Onde arranjaria testemunhas? Se as encontrasse, elas se recusariam a depor. E por fim de contas, eis como, a troco de uma blusa vermelha e de uma moeda de um rublo, o pobre Suchilov está instalado na seção especial.

Os detentos o levaram na troça não porque trocara de personalidade com o outro; mas porque eram geralmente desprezadas todas as pessoas que se deixavam embrulhar. Zombavam dele porque recebera pela troca apenas uma blusa vermelha e um rublo — indenização irrisória. Em geral a troca se opera mediante quantias relativamente elevadas — algumas dezenas de rublos, às vezes. Contudo o pobre Suchilov, tão nulo, tão apagado, tão insignificante, não poderia senão ser levado a ridículo.

Vivemos muito tempo juntos, Suchilov e eu. Pouco a pouco ele se ligou a mim, e eu tomei o hábito de o ver ao meu lado. Um dia — nunca o perdoarei a mim próprio — apesar de ter recebido dinheiro de minha mão, ele não fez o que lhe pedira, e tive a perversidade de lhe dizer:

— Suchilov, você só presta para receber dinheiro!

Ele não respondeu, correu a fazer o que eu queria, mas ficou subitamente triste. Passaram-se dois dias. Eu não poderia supor que ele houvesse tomado tão a peito as minhas palavras. Sabia que um detento, Antone Vassiliev, o atormentava continuamente, cobrando-lhe uma dívida ínfima. “Decerto, pensei, Suchilov precisa de dinheiro e não se atreve a vir pedir-me.” No fim de três dias, perguntei:

— Suchilov, você queria me pedir uns cobres a fim de pagar a Antone Vassiliev, não? Tome!

Eu estava na tarimba, e Suchilov de pé, à minha frente. Parecia muito comovido com a oferta que lhe fazia e surpreso por me haver lembrado do seu aperto, principalmente porque, na sua opinião, nestes últimos tempos, ele já me tomara excessivo dinheiro emprestado, e não ousava receber mais nada. Olhou as moedas, fitou-me, e de repente deu meia volta e saiu. Tudo aquilo me surpreendeu muitíssimo. Fui procurá-lo e o encontrei lá, atrás das casernas. Estava encostado à paliçada, a cabeça e os braços apoiados a uma estaca.

— Suchilov, que houve? — perguntei-lhe. Ele não me olhou, e grandemente surpreso, vi que estava prestes a chorar.

— Alexandre Petrovitch, você pensa... — começou com voz trêmula, tentando evitar o meu olhar — pensa que eu... que é por dinheiro... e eu... eu... eu... ah!

Dizendo isso, voltou-se para a estaca, e com tanto estouvamento que bateu a cabeça, e se pôs a soluçar. Era a primeira vez que eu via um forçado chorando. Tive muito trabalho para o consolar. Depois disso, Suchilov mostrou-se ainda mais zeloso que antes do meu “serviço” — caso isso ainda fosse possível; cuidava-me, mas por sinais quase imperceptíveis verificava que ele ainda não me pudera perdoar aquela censura. Entretanto os outros o cobriam de escárnios, faziam-lhe picuinhas a respeito de tudo, injuriavam-no às vezes rudemente, e ele vivia com todos em bons termos, sem se ofender nunca. Como é difícil conhecer um homem, mesmo depois de longos anos de vida em comum!

Eis por que o presídio não me apareceu, de entrada, no seu verdadeiro aspecto. Eis por que, já o disse, embora encarando tudo com tão ávida e intensa atenção, não me apercebi de inúmeros fatos que se passavam sob o meu nariz. Só os mais aparentes me impressionaram; mas como eu os considerava sob um ângulo diferente, eles também não me podiam deixar na alma senão uma sensação de peso, de tristeza, de desespero. O que contribuiu muito para esse estado de espírito, foi o meu encontro com A–v, detento chegado pouco tempo antes de mim, que me produziu uma impressão particularmente atroz, logo após meu ingresso na prisão. Tinham-me, no entanto, prevenido de que o encontraria lá. Ele me envenenou aqueles primeiros dias já de si tão penosos, e por tal modo agravou meus sofrimentos morais, que não poderei ficar calado a seu respeito.

Era o exemplo mais repugnante de baixeza, de aviltamento em que pode cair um

homem; mostrava até que ponto a gente pode matar dentro de si, sem luta e sem remorsos, qualquer sentimento de honra. Esse A. era o jovem fidalgo ao qual já aludi, e que, por amizade a Fedka, a ordenança do major, servia de espião na caserna. Posso resumir-lhe a história em poucas palavras. Antes de acabar os estudos, ele rompeu com os pais — assustados por seus desregramentos — e deixou Moscou por São Petersburgo. Lá, a fim de obter dinheiro, não recuou nem diante de uma sórdida delação. Explico-me: possuído pela sede desenfreada, insaciável, de prazeres bestiais, obteve dinheiro vendendo a vida de dez homens. A capital, seus cafés, seus botequins, suas casas suspeitas, o seduziram de tal maneira que, a despeito da inteligência que inegavelmente possuía, ele se arriscou a essa insensata empresa. Foi rapidamente desmascarado: e como sua denúncia falsa comprometia pessoas inocentes e era um escárnio às autoridades, condenaram-no a dez anos de presídio. Ele ainda era muito jovem — estava apenas no início da vida. Era de crer que tão pavoroso castigo o comovesse, lhe despertasse no íntimo uma resistência qualquer, lhe provocasse uma crise. Mas ele aceitou sua nova condição sem o menor pejo, sem mesmo a menor repugnância; não se revoltou moralmente, não se mostrou sensível senão ao pavor do trabalho, à obrigação de dar adeus aos seus hábitos de libertino. Não via no título de forçado senão a possibilidade de ampliar o campo das suas vilanias e baixezas. “Se temos que ser galé, sejamos de todo. E quando a gente é um forçado, tem direito de rastejar pelo chão, sem pudor.” Era essa, literalmente, a sua concepção de vida. Evoco como um fenômeno aquela repugnante criatura! Vivi vários anos entre assassinos, celerados confessos, libertinos, mas garanto que nunca testemunhei queda moral mais completa, corrupção mais total, baixeza mais cínica. Tínhamos entre nós um parricida de origem nobre — já falei nele, também — todavia pude me convencer por meio de muitos fatos e palavras de que até mesmo esse indivíduo era incomparavelmente mais elevado e mais humano do que A. Durante todo o período de minha reclusão, esse desgraçado jamais foi senão um pedaço de carne com dentes e ventre, e com uma sede insaciável pelos prazeres mais sórdidos; era capaz de tudo, desde que não corresse nenhum risco. Não exagero de modo algum. Estudei A. profundamente, e reconheci nele um espécime completo da animalidade que não obedece a nenhuma norma, a nenhuma lei. E que repulsa me causava o sorriso eternamente escarninho daquele monstro, daquele Quasímodo moral! Aliás, além da sua astúcia e da sua inteligência, aquela fera possuía certa beleza, um pouco de instrução e algumas capacidades! Não — antes o incêndio, antes a fome e a peste do que a presença na sociedade dum indivíduo de tal espécie! Já contei que no presídio todos se depravavam tanto que a espionagem e a denúncia floresciam à solta e a ninguém infamavam. Pelo contrário, os detentos se mostravam muito mais amáveis com A. do que conosco. Os favores que lhe dispensava o nosso major bêbado, davam-lhe valor e importância aos olhos dos demais. Ele afirmara ao major, entre outras coisas, que sabia

pintar, fazer retratos (aos detentos contava que era tenente da guarda); o major libertou-o do trabalho e o mandou escoltar à sua casa, a fim de lhe aproveitar os talentos. Vendo-se lá, A. se acamaradou com Fedka, a ordenança, que tinha uma extraordinária influência sobre o seu chefe e consequentemente sobre o presídio inteiro. E A. passou então a fazer até relatórios a nosso respeito, a pedido do próprio major, que nas suas horas de bebedeira o esbofetava, o injuriava, o chamava de espião, de sabujo. Muitas vezes, depois de o espancar, o major se instalava numa cadeira e ordenava a A. que continuasse o retrato. Nosso major, a despeito de o considerar um pintor notável, quase um

Brullov 3 (pois ouvira falar nesse mestre) achava-se todavia no direito de lhe bater no rosto — porque "por melhor pintor que sejas, estás no presídio, e mesmo que fosses Brullov em pessoa, nem por isso eu deixaria de ser o teu chefe, e de ter o direito de fazer de ti o que entendesse". Utilizava-o até para lhe tirar as botas e carregar o seu vaso noturno. Entretanto, demorou muito tempo a convencer-se de que o miserável não possuía nenhum talento artístico. O retrato arrastou-se quase um ano inteiro. O major acabou por adivinhar que o ludibriavam e compreendeu que, longe de ficar pronto, em cada sessão ficava o retrato mais diferente. Zangou-se, sovou o pintor, e o devolveu ao serviço pesado. A. tinha bastantes motivos de queixa; sentia saudades dos dias de vagabundagem, dos presentinhos, das sobremesas furtadas à mesa do major, do seu Fedka querido e da boa vida que levavam os dois na cozinha.

Depois da queda de A., o major deixou de perseguir o detento M., contra quem o canalha o irritava incessantemente pela razão seguinte: no momento que A. chegara ao presídio, M. vivia só, e presa de desespero. Nada tinha em comum com os outros galés, e os olhava com horror, com repugnância. Não reparava nem observava neles nada que o pudesse atrair, odiava-os em vez de se aproximar deles — e era pago na mesma moeda. É espantosa a situação desses homens. M. ignorava a causa que trouxera A. ali, enquanto A. adivinhando com quem tratava, lhe garantiu logo que estava no presídio não inculpado de delação falsa, mas em virtude do mesmo delito que acarretara a pena de M. O pobre M. alvoroçou-se por encontrar enfim um companheiro, um irmão. Durante os primeiros dias, suponho que o outro deveria sofrer muito, tratou-o, consolou-o, deu-lhe os seus últimos vinténs, fê-lo comer separado, partilhou com ele os seus objetos mais indispensáveis. Mas A. lhe tomou aversão, desde logo, justamente por causa dessa generosidade do outro, do seu horror a qualquer baixeza, da sua falta de identidade consigo próprio. E tudo aquilo que, nas suas primeiras confidências, M. lhe revelara sobre o presídio e o chefe, assim que teve um momento propício, A. se apressou em o transmitir ao major. O major tomou ódio a M., e se não fosse a autoridade do governador, teria decerto dado cabo dele. E A. não só não mostrou nenhuma confusão quando mais tarde M. lhe descobriu a felonia, como até procurava encontrá-lo para o escarmentar com o seu sorriso irônico. Esse feito lhe causava uma alegria visível. Muitas vezes M. me fez

reparar nisso. Aquele infame canalha fugiu tempos depois, em companhia de um outro forçado e um vigilante; mais além falarei dessa aventura. Quando cheguei ao presídio, ele se pôs logo a me rodear, pensando que lhe ignorava a história. E, repito, envenenou os primeiros dias da minha estada na prisão, e me aumentou o desespero. Horrorizava-me ante a ignomínia na qual me via mergulhado. Supunha que ali não havia senão sordidez, abjeção; mas estava enganado: é que eu julgava todos os outros presos pelo exemplo de A.

Durante os três primeiros dias não fiz outra coisa senão me arrastar pela fortaleza, ou me estirar na tarimba. Entreguei ao detento que me fora indicado por Akim Akimitch a fazenda destinada a me costurarem camisas (pagava algumas moedas por camisa feita); depois, guiado sempre por Akim Akimitch, arranjei um colchão dobradiço de feltro, forrado de pano, delgadíssimo, e um travesseiro recheado de lã, duro demais para quem não estava acostumado a ele. Akim Akimitch despendeu bastante esforço para me arranjar isso tudo, e com suas próprias mãos costurou-me um cobertor, feito de farrapos da estamenha dos uniformes, restos de casacos e calças gastas até o fio que comprei de vários detentos. Quando completam certo tempo, os uniformes se tornam propriedade dos forçados, que imediatamente os revendem no próprio presídio; por mais rota que pareça, uma roupa velha não deixa de render qualquer coisa, mudando de dono. Aquilo tudo me espantou muitíssimo. Era o meu primeiro contato real com o povo. Eu me tornara de repente tão da “plebe”, tão “presidiário” quanto eles todos. Seus hábitos, suas opiniões, seus costumes, tornavam-se por assim dizer os meus, pelo menos pela forma e pela lei, mesmo que não os partilhasse na realidade. Tinham-me prevenido, e eu sabia o que esperar; mas não ficaria mais surpreso nem mais envergonhado se nada houvesse esperado daquilo, antes. A realidade produz uma impressão muito diferente daquilo que só conhecemos por ouvir dizer. Suporia eu jamais, por exemplo, que farrapos sujos, que trapos velhos pudessem ter algum valor? Entretanto, utilizava-os para fazer uma coberta! É difícil explicar como é o pano com o qual vestem os forçados. Aparentemente, parece lã, burel, estamenha de soldado espessa e grosseira; mal a gente o veste, se desfia e se fura, lamentavelmente. Davam-nos uniformes novos todos os anos, e durante esse lapso de tempo era com esforço que os conservávamos. O detento trabalha, carrega pesos, a roupa se gasta e se rasga muito depressa. Só renovavam as nossas peles de carneiro de três em três anos; contudo, tinham que nos servir de capa, de cobertor e colchão. Embora uma pele de carneiro seja sólida, algumas delas, especialmente no fim, constituíam apenas um único remendo. Quando atingiam os três anos, usadas que fossem ao máximo possível, valiam ainda uns quarenta copeques. Algumas, mais bem conservadas, chegavam a sessenta e setenta copeques, quantia elevada para o presídio.

O dinheiro também — já fiz a isso uma rápida referência — tinha um valor

extraordinário, um poder assustador. Pode-se afirmar que um preso possuidor de alguns recursos sofre dez vezes menos que aquele que nada tem. Quando o governo fornece tudo, para que se quer dinheiro? É assim que a nossa administração raciocina. Entretanto, repito-o, se os detentos fossem privados da faculdade de possuir algum dinheiro, enlouqueceriam; ou morreriam como moscas (embora “providos de tudo”) ou, então, entregar-se-iam aos piores desmandos, uns por desespero, outros para mais depressa serem punidos e aniquilados, e desse modo mudarem, de qualquer forma, o curso do próprio destino (“mudar de sorte” é a expressão técnica). Se depois de ganhar alguns copeques, suando sangue e água, ou depois de obter o dinheiro por alguma astúcia, ajudada muitas vezes pela fraude ou pelo roubo, o detento se põe a gastar à toa, com o descuido de uma criança, isso não quer dizer — embora o pareça, à primeira vista — que ele não sabe o preço do que ganhou. O galé tem pelo dinheiro uma avidez que vai até o espasmo, até a obnubilação do juízo; se quando se diverte o atira à direita e à esquerda, como cavacos sob o cepilho, é para se apropriar de algo ainda mais precioso. E que coisa é essa, mais preciosa para ele do que o dinheiro? A liberdade, ou pelo menos a ilusão da liberdade perdida. Os forçados são grandes sonhadores. Falarei disso mais tarde; já, porém, que a palavra “sonho” me caiu da pena, posso afirmar que ouvi condenados a vinte anos me dizerem em tom perfeitamente calmo, frases desta natureza: “Espera um pouco, quando eu acabar meu tempo, se Deus quiser, então vais ver...” A ideia traduzida pela palavra “detento” é o homem privado do seu livre arbítrio. Mas quando esse homem gasta o seu dinheiro, faz o que quer. Apesar das testas marcadas a fogo, das grilhetas, do muro odiado que lhe tira a vista do universo e o fecha como um animal feroz na jaula — ele pode obter aguardente, isto é, um prazer pelo qual incorre em castigo severo. Pode arranjar uma mulher, e, às vezes (embora nem sempre), subornar os vigilantes, o inválido, ou mesmo o suboficial, que farão vista grossa ante sua infração à disciplina. Pode até — e adora isso — pavonear-se diante dos colegas, isto é, persuadi-los, como se persuade a si próprio, de que é livre — embora por tempo limitado. Tem necessidade de supor e de fazer supor que sua liberdade e sua importância têm um alcance infinitamente mais extenso do que parece, que ele tem liberdade para se divertir, para fazer barulho, ofender os outros até obrigá-los a se meterem debaixo do chão, se lhe der na veneta. Enfim o desgraçado procura convencer-se e convencer os outros daquilo que sabe impossível. Daí vem provavelmente, mesmo entre os detentos sóbrios, essa tendência para a gabolice, para a temeridade, para um cômodo, um ingênuo exagero da própria personalidade, ainda que aquilo, para eles próprios, não passe de uma miragem. Todos esses prazeres, afinal, comportam um risco — mas proporcionam uma ilusão de liberdade. E que é que não se dá pela liberdade? Qual o milionário, que vendo-se estrangulado por um nó corredio, não trocaria todos os seus milhões por uma golfada de ar?

O pessoal da administração se espanta às vezes quando, depois de vários anos de vida sossegada, um detento — nomeado até “monitor” graças à sua boa conduta — sem nenhum pretexto plausível, como levado pelo demônio, se põe a fazer asneiras, a beber, a altercar, a cometer até mesmo crimes capitais, como falta de respeito aos superiores, estupro, assassinato, etc... Espanta-se, e no entanto a causa daquela explosão súbita, que ninguém esperaria de tal indivíduo, provém talvez de uma insidiosa mágoa, da saudade, de uma angústia instintiva, de uma necessidade de afirmar o seu eu humilhado, deixando transbordar cegamente todo o seu ódio, até o paroxismo, até o furor, até o espasmo da epilepsia. Assim, talvez, procede o homem que desperta fechado vivo num caixão, esmurra a tampa do catafalco e reúne todas as suas forças para o despedaçar. Não reflete, não procura convencer-se de que todos os seus esforços serão inúteis, pois a razão absolutamente não intervém nesses casos. É preciso ainda considerar que qualquer manifestação de personalidade, partindo de um forçado, é qualificada como crime: pouco lhe importa, pois, a extensão do desastre causado por aquela repentina revelação que faz de si próprio. Se a dissipação, a orgia, já representam um risco, pode-se muito bem arriscar tudo de uma vez, ir até o fim, até o crime. Basta apenas começar, basta o homem embriagar-se. Depois disso, nada mais lhe serve de barreira, nada mais o retém. Eis por que seria melhor não levar ao desespero esse homem. Representaria tranquilidade para todos.

Sim — como, porém, consegui-lo?

---

1) Na Sibéria consome-se o chá fortemente comprimido, sendo vendido em forma de tabletes. (N. T.)

2) Espécie de comitê de vigilância e direção formado entre os deportados. (N. T.)

3) Pintor russo (1799-1852) descendente de uma família de huguenotes franceses (Bruleleau). Representante do academismo romântico, gozava na época um renome que parece hoje injusto. Seus retratos, aliás, são bem superiores a seus quadros históricos. (N. T.)

6

O PRIMEIRO MÊS
(continuação)

Por ocasião de minha chegada ao presídio, possuía eu algum dinheiro; mas trazia comigo, apenas, uma pequena quantia, com receio de que a confiscassem. Por segurança, colara algumas notas na encadernação do meu Evangelho, único livro lá admitido. Esse livro com o dinheiro escondido dentro, me fora dado em Tobolsk por alguns deportados que, exilados já há dezenas de anos, se tinham habituado a ver em cada “desgraçado” um irmão 1. Há na Sibéria pessoas cuja única preocupação é ajudar fraternalmente os “desgraçados”. Inquietam-se, sofrem por sua causa como se se tratasse dos seus próprios filhos; sentem por eles uma compaixão desinteressada. Devo dizer, aqui, algumas palavras a respeito de um encontro com uma dessas pessoas. Na cidade onde ficava o nosso presídio, morava uma viúva, Natália Ivanovna, com quem, é claro, nenhum de nós poderia estabelecer relações. Essa mulher parecia haver consagrado a vida a socorrer os exilados, e principalmente os forçados. Teria, por acaso, sofrido na sua família uma desgraça igual à nossa, algum ente querido seu teria recebido castigo idêntico? Ignoro-o, mas a sua felicidade consistia em fazer por nós tudo que lhe estava ao alcance. Pouco, aliás, porque era paupérrima. E, entretanto, nós, os encarcerados, sentíamos que do outro lado dos muros da fortaleza vivia uma amiga fiel. Ela nos fazia chegar notícias para nós muito importantes. Quando deixei o presídio, com destino a outra cidade, tive oportunidade de a visitar. Vivia num fim de rua, em casa dum parente próximo. Não era nem moça nem velha, nem bonita nem feia; não se poderia sequer adivinhar se era inteligente ou educada. Notava-se apenas, em cada um dos seus atos, uma bondade infinita, um desejo irresistível de servir, de aliviar, de ser agradável. Tudo isso se lia nos seus olhos bondosos e meigos. Passei em sua casa quase um serão todo, junto com alguns companheiros. Ela nos fitava nos olhos, ria quando ríamos, partilhava das nossas opiniões, e esforçava-se ao máximo para nos obsequiar da melhor maneira possível. O chá foi servido com uma merenda e alguns doces. Via-se bem que, se possuísse ela alguns milhares de rublos, a sua maior felicidade seria reconfortar os nossos camaradas que ficaram no presídio, aliviá-los. Na hora da despedida, deu-nos como recordação umas cigarreiras. Ela própria as recortara em papelão, e colara por cima — sabe Deus como! — papel colorido, desses que cobrem os compêndios de aritmética usados nas escolas (talvez houvesse realmente utilizado uma aritmética). Em torno, por elegância,

pusera um estreito friso de papel dourado, comprado decerto na loja para esse fim. “Os senhores fumam, não é mesmo? Então isto aqui talvez lhes sirva”, disse-nos ela timidamente, como se pedisse desculpas pela modicidade do presente. Alguns pretendem (já o li e ouvi dizer) que o mais elevado amor que possamos ter pelo nosso próximo não passa dum imenso egoísmo. Pois não compreendo absolutamente que qualidade de egoísmo poderia ditar a conduta daquele mulher!

Embora não fosse nada rico à minha chegada ao presídio, não me podia zangar deveras contra alguns forçados que me lograram quase no primeiro instante, e voltavam cinicamente a pedir dinheiro emprestado segunda, terceira e até quinta vez. Mas, devo reconhecê-lo francamente, o que me vexava é que todas aquelas criaturas, com suas ingênuas astúcias, me tomavam sem dúvida por um tolo e zombavam de mim precisamente porque eu lhes dera o dinheiro pela quinta vez. Supunham que me enganavam com suas mentiras, e pensavam que não era mister se constrangerem comigo; e se, ao contrário, eu os houvesse repelido com dureza, teria certamente conquistado a estima geral. Contudo, por mais que me irritasse, não conseguia recusar; minha irritação provinha justamente da inquietação que me assaltava, em relação à atitude que deveria manter para com eles. Eu sentia, compreendia, naquele meio inteiramente novo para mim, que me encontrava em plena noite, e que a vida é impossível nas trevas. Era, portanto, imperioso que me preparasse. E, para isso, eu resolvera agir francamente, deixando-me guiar por meus sentimentos íntimos e minha consciência. Entretanto, sabia também que tudo isso não passava dum aforismo, e que diante de mim se apresentava a mais desconhecida das experiências práticas.

Assim, do lado das pequenas preocupações referentes à minha instalação na caserna (preocupações a que já me referi e nas quais era guiado por Akim Akimitch), ia possuindo-me uma angústia cada dia mais atroz. “A casa dos mortos”, repetia eu, olhando, através do crepúsculo, pela porta da caserna, os forçados que voltavam do trabalho e que vagueavam pelo pátio, indo e vindo dos alojamentos para as cozinhas. Pelas atitudes e pelas caras, esforçava-me por lhes adivinhar os caracteres. Passavam e repassavam diante de mim, com a testa franzida ou simulando uma ruidosa alegria. (Esses dois aspectos são os mais frequentes, e podem mesmo caracterizar o presídio.) Praguejavam ou falavam simplesmente entre si, ou então se afastavam, como para mergulhar em meditações solitárias, uns com ar tranquilo, calmo, outros com jeito abatido e displicente, e alguns (até mesmo lá) com ar fátuo, o boné dum lado, a pele de carneiro atirada a um ombro, o olhar insolente e escarninho, o sorriso cinicamente zombeteiro. “Agora, é este o meu ambiente, é esta a minha sociedade, meditava; quer eu o queira quer não, é aqui que devo viver.” Tinha vontade de interrogar Akim Akimitch a respeito deles. Gostava muito de tomar chá em sua companhia, a fim de me sentir menos só. Diga-se de passagem, durante esses primeiros dias o chá foi praticamente a minha

única alimentação. Akim Akimitch não recusava nunca os convites, e preparava, ele próprio, o mísero samovar de lata, utensílio improvisado que M. me emprestara. Adoçava em geral um copo de chá (pois Akim até copos possuía!) em silêncio, cerimoniosamente, depois bebia-o dum trago, agradecia, e imediatamente voltava à confecção do meu cobertor. Mas o que eu tinha necessidade de saber, ele não me podia comunicar; não compreendia por que me interessava tanto pelo caráter dos forçados que nos cercavam; escutava-me com um sorriso finório, de que ainda hoje me recordo... “Não, não devo perguntar nada; cada um tem que fazer sozinho as suas experiências”, refletia eu.

No quarto dia, do mesmo modo como na manhã em que me trocaram a grilheta, os forçados, bem cedinho, se reuniram em duas fileiras no pátio, em frente ao corpo da guarda, perto da porta de entrada. Diante e por trás deles estendiam-se duas ordens de soldados, de armas embaladas, baionetas caladas. Qualquer soldado tem direito de atirar num detento, se este faz menção de se evadir. Em compensação, fica responsável pelo tiro, se não o deflagrou em caso de absoluta necessidade. Acontece o mesmo nos motins dos forçados; mas quem ousaria fugir na frente de todo o mundo?

Um oficial de engenharia, diretor dos trabalhos, apareceu em companhia de alguns suboficiais e sapadores da mesma arma, designados como monitores. Fez-se a chamada. Os detentos que trabalhavam na oficina de costura partiram antes dos outros: esses alfaiates do presídio não dependiam da engenharia. Depois deles, foram-se os que tinham ofício, e afinal chegou a vez dos simples tarefeiros, uns vinte homens mais ou menos, entre os quais me encontrava. Atrás da fortaleza, sobre o rio gelado, havia dois velhos barcos (propriedade do governo), que era preciso desmontar para lhes aproveitar pelo menos a madeira. Aliás, esse material não valia nada, pois a madeira era baratíssima na nossa cidade, rodeada de imensas florestas. Mandavam para lá os forçados unicamente para os impedir de cruzar os braços; e, como eles o compreendiam muito bem, empreendiam sempre essa tarefa com moleza e apatia. Sucedia coisa muito diversa quando o trabalho tinha uma razão, uma finalidade, sobretudo quando os nossos homens conseguiam obter uma tarefa determinada! Imediatamente se animavam, e, embora não devessem receber nenhum provento pelo labor feito, pude constatar quanto se esforçavam para o concluir depressa e bem: é que entrava em jogo o seu amor-próprio. Mas nessa labuta a que me refiro, feita mais por formalidade que por necessidade, seria difícil pedir uma tarefa; era preciso portanto lidar até o rufar do tambor, que, às onze horas da manhã, anunciava a volta.

O nosso grupo inteiro se dirigiu para a margem, num tilintar de grilhetas, porque elas, embora escondidas sob a roupa, produziam a cada passo um som claro e breve. Dois ou três homens foram apanhar no depósito os utensílios indispensáveis. Eu caminhava com eles e me sentia mais animado: enfim, ia ver com meus olhos em que consistiam os trabalhos forçados; e como seria que eu, que jamais utilizara as minhas

mãos no trabalho, iria me sair da empreitada?

Recordo os mais ínfimos detalhes dessa manhã. Em caminho encontramos um sujeito de barbicha, que se deteve e mergulhou a mão no bolso. Imediatamente um detento se destacou do grupo, tirou o gorro, recebeu a esmola — cinco copeques — e voltou lestamente ao seu lugar. O homem se persignou e continuou o caminho. Naquela mesma manhã os cinco copeques foram gastos na compra de kalatchi, partilhados igualmente entre todos.

No nosso grupo, uns se mostravam sombrios, taciturnos, outros indiferentes, inertes, outros conversavam apaticamente. Um de nós, até, francamente alegre, cantava e dançava em caminho, fazendo a cada salto ressoarem os ferros. Era aquele mesmo preso atarracado que na manhã de minha chegada ao presídio brigara com o outro forçado que pretendia ser um kagan. Chamava-se Skuratov, e entoava uma cantiga agradável, da qual recordo o estribilho:

“Eu estava no moinho

“quando me casaram

“sem me consultar.”

Só lhe faltava uma balalaica.

Seu extraordinário bom humor teve o condão de irritar alguns dos companheiros, que deram largas à sua indignação.

— Para com esses latidos! — rosnou um forçado que não tinha nada com a história.

— O lobo só sabe uma cantiga e, assim mesmo, ele a imita! Não é à toa que vem de Tula! — disse um dos mal-humorados com sotaque da Ucrânia.

— Tenho muita honra em ser de Tula — respondeu imediatamente Skuratov. — Mas vocês de Poltava cheiram a galuchki — ainda têm a goela cheia de galuchki! 2

— Mentiroso! E sabes a que cheira o teu focinho? Decerto cheiravas os teus tamancos!

— E agora o diabo o ceva com balas de rifle! — acrescentou um terceiro.

— Vou contar a verdade a vocês, rapazes — respondeu Skuratov. — Fui um menino mimado...

E deu um leve suspiro, para significar que a sua educação efeminada o fazia sofrer. Depois, dirigindo-se a todos, continuou:

— Se bem me lembro, fui educado muito bem; criei-me com “mãe melada” e “descomposta”. (Skuratov estropiava deliberadamente as palavras “marmelada” e “compota”.) Hoje, meus irmãos têm estabelecimento em Moscou, vendem pastéis de brisa e estão riquíssimos.

— E tu, que é que vendias?

— Vendia de tudo. Quando recebi os primeiros duzentos...

— Rublos? Será possível? — interrompeu um curioso, saltando quase, ao ouvir falar em quantia tão grande.

— Não, mano velho, não foram duzentos rublos, foram duzentos açoites. Ah, Luka, Luka!

— Dobra a língua; vê lá se me podes chamar de Luka; chamo-me Luka Kusmitch — replicou ofendido um preso pequeno e magro, de nariz pontudo.

— Sim, Luka Kusmitch, e que te leve o diabo!...

— Sim, Luka Kusmitch, mas tu me deves chamar “tio Kusmitch”.

— Diabos te carreguem a ti e ao teu tio! Não adianta nada te contar coisa nenhuma. E eu que estava sendo delicado contigo! E então, pessoal, não pude demorar muito tempo em Moscou; eles me obsequiaram gentilmente com quinze açoites de cnute e me mandaram para cá. Então...

— Que é que tinhas feito? — observou um detento que ouvia com atenção.

— Não faças quarentena, não bebas no gargalo, não te metas a engraçado... E, por isso, amigos, não me era possível fazer fortuna em Moscou. E eu que queria tanto enriquecer! Nem posso dizer quanta vontade tinha!

Muitos se puseram a rir. Skuratov era uma dessas criaturas bem-humoradas, desses gaiatos que acabam obrigando a rir todo o mundo, até os mais tristes, e em troca não recebem senão desaforos. Pertencia a um tipo de forçado notável e muito singular, do qual talvez ainda me ocupe.

— Sim, e agora podes ser esfolado como uma zibelina — retrucou Luka Kusmitch. — Só tua roupa dava bem uns cem rublos!

Skuratov usava com efeito a mais gasta, a mais remendada, a mais rapada das peles de carneiro; de todos os lados lhe pendiam farrapos. Ele olhou-a de alto a baixo, com ar indiferente porém atento:

— É verdade — concordou; — mas em compensação minha cabeça vale em ouro o que pesa!Quando me despedi de Moscou, o que ainda me consolou foi ter minha preciosa cabeça em cima dos ombros. Adeus, Moscou, vivam teus banhos turcos e teus bons ares, viva até a surra que levei! Quanto à minha pele de carneiro, paizinho, se não a olhares ela não te doerá nos olhos!

— Então a gente só pode olhar para tua linda cabeça?

— E se ao menos a cabeça fosse dele! — debicou Luka Kusmitch. — Foi-lhe dada de esmola quando o comboio passou por Tiumene.

— Escuta, Skuratov, tinhas ao menos um ofício?

— Ofício, ele? Era guia de cego — disse um dos irritados. — E enquanto o cego cantava os benditos, ele unhava as côdeas que lhe punham no prato!

— Com efeito — respondeu Skuratov que não ligara importância à maledicência do outro — ainda tentei costurar botas, entretanto não passei do primeiro par!

— O quê? E te compraram esse par?

— Decerto! Passei-o a um sujeito que não respeitava pai nem mãe, nem tinha temor de Deus... mas foi castigado: comprou-me o par de botas!

Romperam risadas em redor de Skuratov.

— Aqui, uma vez, experimentei de novo ser sapateiro — continuou Skuratov com imperturbável calma. — Remendei as botas do tenente Stepam Fiodorovitch Pomortsev.

— E ele ficou satisfeito?

— Infelizmente não! Disse-me os piores desaforos e ainda me deu uma joelhada no lombo...Ficou uma fera! Ai, meus cordeirinhos, que desgostos tem sido esta droga da minha vida!

“Depois de um bom momento

“O marido de Akulina

“Apareceu no pátio...”

Cantarolava de novo, batendo o tacão na terra e saltitando.

— Oh, que idiota! — rosnou o ucraniano, que caminhava a meu lado, lançando para Skuratovum olhar de odiento desprezo.

— Não vale nada — disse outro em tom definitivo.

Não compreendi por que eles tinham raiva de Skuratov, porém já tivera tempo de observar que, ali, os homens alegres gozavam de um desprezo geral. O ódio do ucraniano e dos outros parecia-me provir de algum ressentimento. Mas estava enganado. Tinham-lhe raiva porque se portava mal, porque carecia daquele ar de falsa dignidade do qual se contagiam todos os forçados, e que os impregnava até a afetação. Em suma, segundo a expressão deles, Skuratov “não valia nada”. Entretanto, nem todos os engraçados eram tratados como Skuratov e mais alguns. Mais de um, com efeito, se fazia respeitar; enquanto o bom rapaz, sem malícia, só colhia desdéns, o gaiato que mostrava os dentes e não consentia que ninguém lhe pisasse o pé impunha respeito. Havia precisamente um engraçado desse último feitio no nosso grupo, todavia só o conheci sob seu verdadeiro aspecto um pouco mais tarde. Era um camarada de exterior bem agradável, com uma grande verruga na face, e um rosto delicado e bonito, mas de expressão muito cômica. Chamavam-no “Explorador” por ter outrora servido nos batalhões de engenharia. Pertencia à seção especial. Ainda falarei a seu respeito.

Contudo, nem todos os forçados “sérios” eram tão expansivos nem tão irritadiços quanto o homem da Ucrânia. Alguns procuravam conquistar a preeminência por sua habilidade no trabalho, pelo caráter, pela inteligência, pelo espírito. A muitos deles, com efeito, não faltava nem inteligência nem energia, para atingirem o fim visado — isto é, renome e uma grande influência moral entre os colegas. Essas espécies de virtuoses eram muitas vezes inimigos figadais uns dos outros, e cada um sozinho criava ao seu redor muitos invejosos. Olhavam para os simples forçados do alto da sua importância, e não

sem desprezo, evitavam brigas inúteis, eram muito bem cotados, e de certo modo dirigiam os trabalhos. Nenhum deles discutiria com os outros por causa de uma cantiga; não se rebaixavam a isso. Comigo, esses príncipes se mostravam de uma amabilidade absoluta, durante todo o período da minha detenção; mas também lacônicos — questão de dignidade, certamente. Terei que falar de novo sobre esses, ainda.

Chegamos à margem. Embaixo, no rio, o velho barco a demolir estava preso no gelo. Do outro lado do rio, a estepe azulada se estirava, vazia e triste. Pensei que todo o mundo se iria atirar ao trabalho, todavia ninguém cuidava nisso. Alguns se sentaram numas vigas que por lá rolavam; quase todos tiravam da bota uma tabaqueira — cheia daquele espesso fumo siberiano que era comprado em folhas, a trinta copeques a libra — e um cachimbo curto de madeira de salgueiro, feito no próprio presídio. Puseram-se a fumar, os soldados da escolta nos rodearam, em círculo, e começaram a sua vigilância com ar entediado.

— Que ideia, desmanchar esse barco! — resmungou um dos galés, sem se dirigir a ninguém. — Será que precisam de madeira?

— Decerto quem se lembrou disso foi alguém que não tem medo de nós — retrucou um outro.

— Para onde diabo irão aqueles mujiques? — indagou o que falara em primeiro lugar, sem mais pensar na sua pergunta e sem escutar a resposta, apontando com o dedo, ao longe, um grupo de indivíduos que caminhavam em fila por sobre a neve imaculada. Todos, sem pressa, se volveram para o lado indicado, e, por desfastio, cobriram de apodos os mujiques. Um dos passantes caminhava de modo muito engraçado, afastando os braços e inclinando a cabeça coberta com um alto gorro de pele, redondo como uma broa.

— Olha, compadre, como é que o mano Petrovitch caminha! — pilheriou um outro, arremedando a fala dos mujiques.

Coisa curiosa, embora metade deles fosse proveniente de aldeias, todos os forçados olhavam por cima do ombro os camponeses.

— Olha o de trás, não parece que está plantando nabos?

— Aquele gordo? Está com a moleira pesada; decerto tem dinheiro demais!

Todos desataram a rir, mas com um riso arrastado, sem alegria. Nesse momento apareceu uma vendedora de kalatchi, alegre e esperta.

Compraram-lhe os cinco copeques que o homem dera de esmola e dividiram a compra com toda a equidade.

O rapaz que revendia os kalatchi na caserna adquiriu duas dúzias e exigiu três kalatchi de comissão, em vez dos dois que habitualmente recebia. A mulher, porém, não lhe deu ouvidos. — Então, tu também vendes aquilo?

— Aquilo o quê?

— Aquilo que o rato não rói?...

— Espera, sem-vergonha! — respondeu a vendedora com uma gargalhada.

Enfim apareceu, com uma bengala na mão, o nosso suboficial encarregado dos trabalhos.

— Que é que estão esperando? Comecem!

— Bem, Ivan Matveitch, dê à gente uma tarefa! — disse um dos monitores, erguendo-se lentamente do seu lugar.

— Não podiam pedir tarefa mais cedo? A tarefa agora é desmontar o barco.

Ergueram-se afinal os forçados e caminharam sem pressa para o leito do rio. Apareceram no grupo os monitores — que o eram pelo menos no nome. Demonstraram que não se devia desmanchar o barco a torto e a direito, mas tanto quanto fosse possível conservar as tábuas, e sobretudo, as costelas verticais, fixas por meio de cavilhas em todo o comprimento do barco — trabalho longo e fastidioso.

— Em primeiro lugar, arranquem-me essa viga pequena! Vamos, rapazes! — propôs um dos forçados, quieto, pouco conversador, e que até então não dera um pio. E inclinando-se, segurou com ambas as mãos uma viga grossa, esperando auxílio. Ninguém entretanto o ajudou.

— Experimenta! Não a levantas sozinho, e mesmo que o urso do teu avô estivesse aqui, não creio que a levantasse! — rosnou alguém.

— Mas então, minha gente, por onde se começa?... — continuou em tom lastimoso aquele que iniciara o trabalho. Largou a viga e se endireitou.

— De qualquer jeito, tu, sozinho, não vais dar conta do trabalho. Não adianta te fazeres de esperto.

— Não sabe dar milho a três galinhas e está aqui se fazendo de sabido! Olhem esse anão!

— Ora, ouçam, eu ia dizendo... — tentou explicar o homem.

— Então como é? Vou pôr vocês debaixo de uma redoma, ou mando salgar a todos, durante o inverno? — gritou o suboficial, olhando com certo mal-estar para aqueles vinte homens reunidos, que não sabiam o que fazer de si. Vamos, andem! Toquem com isso!

— A gente com pressa não faz nada direito, Ivan Matveitch!

— E é por isso que esperas? Anda, Saveliev, é contigo que estou falando, língua de trapo! Estás esperando o quê? Por que arregalas os olhos? Anda com isso!

— Que é que eu posso fazer sozinho?

— Marque uma tarefa, Ivan Matveitch!

— Já disse que não há tarefa! Desmanchem o barco, depois voltem! Andem!

Puseram-se afinal a trabalhar, mas sem gosto, sem jeito. Era triste ver homens tão vigorosos aparentemente incapazes de dar conta daquele trabalho. Mal tinham começado

a destacar a primeira e a menor das costelas e ela se quebrou. “Quebrou-se sozinha”, disseram como justificativa ao vigilante. Não se podia pois continuar daquele modo. E seguiu-se uma longa discussão entre os detentos, acerca da maneira de trabalhar. Pouco a pouco, foram-se ouvindo insultos, e a coisa ameaçava ir mais longe...

O vigilante tornou a gritar, agitando o bastão, enquanto outra trinca de novo se quebrava.

Verificaram então que faltavam machados, e que era preciso ainda trazer mais não sei que utensílio indispensável. Imediatamente foram dois forçados escoltados até a fortaleza; enquanto esperavam, os outros sentaram-se sossegadamente no barco, tiraram as tabaqueiras e os cachimbos e recomeçaram a fumar.

O suboficial cuspiu de raiva.

— Sim, está se vendo que nenhum de vocês há de morrer de trabalhar! Que gente, que gente!

— bufou o homem. Depois, com gesto impotente, retomou o caminho da fortaleza, agitando o bastão.

O dirigente dos trabalhos chegou uma hora depois. Escutou calmamente as queixas dos presos, anunciou que dava quatro trincas para desencavilhar sem quebrar, como tarefa, e, mais ainda, um bom pedaço do barco a desfazer; depois disso, poderíamos voltar. A tarefa era pesada, mas oh, meu Deus, como se atiraram a ela! Já não havia inércia, já não havia hesitação; os machados entraram a dançar, arrancaram-se as cavilhas. Os que não tinham machados, punham escoras sob as trincas, e vinte mãos pesando sobre elas simultaneamente, as trincas saltavam do lugar direitinho, artisticamente, e para surpresa minha, absolutamente intactas. O trabalho se adiantava rapidamente. Todos, de chofre, pareciam aptos para a labuta. Já não se ouviam pragas, já não se ouviam discussões inúteis; cada um sabia que gesto fazer, que conselho dar. Meia hora antes do rufar do tambor estava feita a tarefa e os forçados voltaram ao presídio cansados, mas satisfeitos. Aquela meia hora ganha sobre o tempo de serviço os pusera, a todos, de bom humor.

Quanto a mim, fiz uma observação curiosa. Por toda parte onde eu me queria meter, para os ajudar, era afastado: não servia em parte nenhuma, incomodava em toda parte, mandavam-me embora de todo lugar, quase com insultos. O pior esfarrapado, o mais rústico labrego que não se atrevia a dizer uma palavra diante dos companheiros mais desenvoltos, achava-se no direito de me atirar desaforos se eu parava perto dele, e pretendia que o incomodava. Enfim um dos “despachados” me falou brutalmente:

— Não fiques parado aí! Para que vens te meter onde não és chamado?

— Engole essa — aprovou logo um outro.

— Arranja um mealheiro e vai pedir esmola para a construção da igreja e a derrubada da taberna! Aqui não tens nada que fazer! — bradou um terceiro.

É desagradável ficar de pé, com os braços balançando, quando todos trabalham. E, entretanto, quando quis realmente me afastar para o outro extremo do barco, recomeçaram os gritos.

— Na verdade, bons ajudantes nos dão! Mal a gente lhes entrega um serviço, caem fora!

Tudo aquilo era feito de propósito. Sentiam prazer em humilhar o barine que eu era, e aproveitavam a ocasião.

Concebe-se agora por que a primeira pergunta que eu fiz a mim próprio foi para saber como me comportaria com aquela espécie. Apesar disso resolvi não alterar nada no plano de conduta que me traçara, e que sabia correto. Eis no que consistia esse plano: portar-me o mais simplesmente possível, manter-me independente, não fazer o menor esforço para me aproximar deles, mas também não os repelir se me procurassem; não lhes recear nem as ameaças nem o ódio, agir como se deles não me apercebesse; não lhes chegar perto em certos momentos, nem me cumpliciar de certos costumes e hábitos seus; em suma, não procurar espontaneamente a sua camaradagem. Eu adivinhara ao primeiro olhar que eles ficariam me desprezando de início se eu agisse de modo diverso. Porque, na opinião geral (soube-o mais tarde com certeza), minha origem nobre me autorizava a arrotar importância à frente dos outros — isto é, procurar considerações, mostrar-me suscetível e exigente, e não fazer nada com os meus dez dedos. Esse procedimento me teria granjeado insultos abertos, e o íntimo respeito de todos. Porém era papel que não me convinha: nunca assumi para com eles as maneiras que eram consideradas adequadas a um barine, mas em compensação jurei a mim próprio nunca rebaixar, por uma concessão, minha educação e meus pensamentos íntimos. Se me houvesse misturado com eles, se me houvesse proposto a granjear as suas boas graças por meio de familiaridades e condescendências, concluiriam imediatamente que eu agia assim por covardia, e me tratariam de acordo com essa conclusão. A–v não era exemplo que se pudesse seguir: denunciava-os ao major, e era temido por todos. Por outro lado, eu não desejava, como os polacos, isolar-me numa frieza e numa polidez altivas. Via muito bem naquele momento que eles estavam com raiva porque eu procurava me tornar útil, em vez de fazer caretas e me queixar. Certo embora de que mais tarde seriam obrigados a mudar de ideia a meu respeito, não deixava entretanto de me sentir mortificado: pelo simples fato de desejar trabalhar e não saber como o fazer, já lhes dava o direito de me desprezarem.

Quando voltei à tarde, roído de fadiga, vi-me tomado por uma pungente tristeza. “Quantos milhares de dias idênticos tenho diante de mim, sempre os mesmos, todos imutavelmente uniformes?” cismava. Em silêncio, sob a noite que caía, eu vagueava sozinho, pelas casernas, ao longo da paliçada, quando o nosso Charik correu ao meu encontro. Charik era o cão do presídio, pois há cães de presídio, como os há de

companhia, de bateria ou de esquadrão. Vivia ali já há tempo indeterminado, considerando a todos como seus donos e alimentando-se dos restos da cozinha. Era um mastim bem grande, ainda não muito velho, com o pelo preto mosqueado de branco, cauda peluda, olhos inteligentes. Ninguém lhe fazia uma festa, ninguém sequer lhe prestava atenção. Logo ao primeiro dia eu o conquistara, dando-lhe uma côdea de pão: e enquanto eu o acariciava, ele não se mexia, olhava-me com carinho e sacudia a cauda para me mostrar o prazer que lhe dava. Como se haviam passado alguns dias sem que ele me visse, a mim que, depois de anos, fora a primeira pessoa que lhe fizera uma festa, Charik correu em busca de mim, no meio dos outros, e descobrindo-me por trás das casernas, saltou ladrando alegremente ao meu encontro. Não sei o que se passou comigo, mas abri os braços para o cão, segurei-lhe a cabeça, enquanto ele punha as duas patas sobre meus ombros e me procurava lamber o rosto.

"Está aqui o amigo que me manda o destino!" pensava eu. E todas as tardes, durante essas primeiras semanas de sofrimento, assim que chegava do trabalho, corria para trás das casernas; vinha aos saltos, ladrava, cumprimentando-me, eu lhe segurava a cabeça, cobri-a de beijos, enquanto um sentimento suavíssimo e ao mesmo tempo um pungente amargor me apertavam o coração. Lembro-me bem que me comprazia naquele tormento, sentia um estranho prazer em pensar que não me restava senão um amigo no mundo: o bom, o fiel Charik.

---

1) O romancista se refere aos insurretos de dezembro de 1825, conhecidos como "decembristas". (N. T.)

2) Os habitantes de Tula são apelidados de ladrões; devem essa reputação aos operários (recrutados à força em toda parte) das célebres forjas fundadas por Pedro, o Grande, na capital da província. Os de Poltava são extremamente gulosos de um bolo de carne a que chamam galuchki, muito semelhante a nossas almôndegas. São muito comuns essas zombarias entre os naturais das diversas províncias. (N. T.)

7

NOVOS CONHECIDOS

Petrov

Contudo, os dias iam se passando, e, pouco a pouco, eu me habituava àquela nova vida, cujas cenas cotidianas a princípio me mortificavam tanto. Os acontecimentos, o ambiente, os indivíduos, tudo me deixava indiferente. Parecia-me impossível habituar-me àquela existência, e, entretanto, era mais que chegado o tempo de me habituar, uma vez que estava diante do inevitável... Dissimulava minhas inquietações no recesso mais profundo da minha alma, já não vagueava mais como um tonto, não deixava mais que vissem a minha dor. Os olhares ferozmente curiosos dos forçados já não se detinham com a mesma frequência sobre a minha pessoa, e diminuía a exagerada insolência com que me tratavam: eu também lhes ficara indiferente, coisa que muitíssimo me alegrava.

Eu ia e vinha como dentro de minha casa, no presídio. Conhecia o meu lugar na tarimba, acostumara-me com coisas que supunha não poder aceitar nunca. De oito em oito dias ia ao barbeiro para que me raspasse metade da cabeça; nos sábados, durante o nosso período de repouso, faziam-nos passar um a um no corpo de guarda (deixar de comparecer era motivo para punição), onde os barbeiros do batalhão, depois de nos ensaboar a cabeça com água fria, raspavam-na sem dó com navalhas cheias de mossas: só a lembrança dessa tortura ainda hoje me arrepia. Todavia, depressa descobri um remédio para isso: Akim Akimitch me indicou um detento da seção militar que, mediante um copeque de pagamento, raspava a gente de acordo com o regulamento, usando uma navalha de sua propriedade, que constituía o seu ganha-pão. Tinha vários clientes entre os forçados, gente dura, que, porém, fazia tudo para escapar aos barbeiros oficiais. Chamávamos ao nosso colega barbeiro “major” — mas não sei em que poderia ele recordar o major autêntico. Enquanto escrevo estas linhas, revejo-o mentalmente, ao “major”: rapagão magro e silencioso, talvez estúpido, sempre entregue à sua obrigação, tendo na mão uma correia na qual, noite e dia, afiava continuamente uma navalha admiravelmente amolada; decerto encontrara naquela profissão a meta definitiva da sua existência. Mostrava-se francamente radiante quando alguém se vinha entregar aos seus cuidados; tinha sempre a navalha afiadíssima, a água de sabão quente, a mão macia como veludo. A gente via que ele tinha orgulho da própria perícia. Recebia com ar distraído a moeda ganha e parecia trabalhar mais por amor da arte que pelo dinheiro. A. passou mal um dia em que, ao fazer o seu relatório a quem de direito, chamou imprudentemente o

nosso barbeiro pelo apelido. O verdadeiro major enfureceu-se como um louco:

— Então não sabes, crápula, o que é um major? — berrou, deitando escuma pela boca, e aplicando em A. um castigo à sua moda. — Compreendes o que é um major? É inconcebível!

Chamar de major a qualquer presidiário imundo, e na minha presença!

Só A. seria capaz de entender aquele homem.

Logo no primeiro dia comecei a sonhar com a libertação. Minha ocupação favorita ficou sendo contar o tempo que me restava a cumprir, de mil diferentes maneiras. Não conseguia pensar noutra coisa, e creio que todas as pessoas privadas de liberdade agem da mesma maneira. Ignorava se os outros forçados pensavam ou contavam como eu, mas, logo ao primeiro dia, a inconcebível leviandade das suas esperanças me impressionou muito. As esperanças de um prisioneiro nada têm que ver com as esperanças de um homem livre. O homem livre pode esperar por uma mudança de sorte, ou pela realização de uma ambição qualquer, porém vive, age, e a vida real o arrasta sem cessar. Já não acontece o mesmo com o prisioneiro. Admitamos que a vida da prisão, o presídio, também é vida: mas seja qual for o forçado, e sejam quais forem os anos de sua detenção, ele se recusa instintivamente a considerar sua sorte como positiva, definitiva, como fazendo parte da sua existência. No presídio, qualquer forçado sente que não "está em sua casa", supõe-se por assim dizer em visita. Encara os vinte anos da sua pena como se fosse unicamente dois; está convencido de que aos cinquenta anos, quando soar a hora da sua libertação, será tão jovem quanto agora, aos trinta e cinco apenas. "Ainda terei muito tempo bom a viver!" cisma ele; expulsa obstinadamente todas as dúvidas, todos os tristes pensamentos que o assaltam a esse respeito. E até mesmo os condenados a galé perpétua, até mesmo os da seção especial, têm como certo que um belo dia virá de Piter 1 uma ordem que o mandará para as minas de Nertchinsk, e a vida no comboio é bem melhor que no presídio, e depois, findo o seu tempo em Nertchinsk, então!... Escutei velhos de cabelos brancos raciocinarem assim.

Vi em Tobolsk homens chumbados à parede, ao lado do catre, por uma corrente de uma sagena 2 de comprimento. São punidos assim por algum crime horrendo, cometido já na Sibéria após a deportação; e ficam ali cinco, dez anos. Eram na maioria bandoleiros de estradas. Um único, que fora empregado não sei em quê, aparentava um melhor aspecto; falava com um sorriso adocicado, um tom resignado e sibilante; mostrou-nos a corrente, disse qual a maneira mais cômoda de dormir com ela. Era mesmo uma ave estranha! Todos se portam muito bem, e parecem de bom humor, embora estejam roídos pelo desejo de verem terminado o seu tempo na corrente. Para quê? dá-nos vontade de perguntar. Mas então ele sairá daquela masmorra sufocante, de teto baixo, em arcadas de tijolo, poderá passear no pátio... Isso, apenas isso, porque jamais poderá transpor as portas do presídio. O preso sabe muito bem que os que estão

acorrentados ficarão lá, que morrerão presos às grilhetas.

Sabe-o, e, entretanto, deseja ardentemente terminar o seu tempo nos ferros. E, com efeito, sem essa esperança, poderia um homem ficar acorrentado cinco, seis anos, e não morrer, não enlouquecer? Poderia ele resistir, realmente?

Quanto a mim, eu compreendia que só o trabalho me poderia preservar a saúde e o corpo. A inquietação moral perpétua, a irritação dos nervos, o ar mefítico das casernas me teriam abatido completamente. “O ar livre, a fadiga, o hábito de carregar fardos pesados — isto é que me salvará, pensei. Há de me manter o vigor e a juventude até o instante da libertação.” Não me enganava: o trabalho e o movimento me foram muito úteis. Vi com terror um dos meus companheiros, ex-fidalgo 3, consumir-se no presídio como uma vela; entrara ao mesmo tempo que eu, ainda jovem, belo e forte; quando saiu, era apenas um farrapo de homem, asmático, encanecido, pernas trêmulas. “Não, dizia-me eu, olhando-o: quero viver e viverei!”. De início, durante longos meses, meu ardor no trabalho me granjeou, da parte dos forçados, um grande desprezo, infinitas indiretas, mas eu não me importava e ia alegremente para onde me mandavam, queimar e moer alabastro, por exemplo. Esse ofício, um dos primeiros que aprendi, é muito fácil. Aliás, os oficiais de engenharia aliviavam o mais que podiam as tarefas designadas para os barines, e isso menos por indulgência que por espírito de justiça. Seria estranho exigir de um homem muitíssimo menos vigoroso e desabituado à labuta manual, o mesmo esforço que se exige de um trabalhador. Essa “poupança”, porém, era feita quase às escondidas, porque éramos vigiadíssimos. Com frequência era a tarefa excessivamente penosa; e, então, os nobres sofriam duas vezes mais que os outros forçados. Eram em geral mandados para o alabastro três ou quatro homens idosos ou pouco vigorosos; a eles nos reuniam, mas tínhamos como monitor um operário de verdade, que conhecia o ofício. Durante vários anos seguidos, o nosso monitor foi sempre o mesmo, certo Almazov, indivíduo severo, trigueiro, magro, já velho, calado e exigente no trabalho. Desprezava-nos profundamente; como, porém, não gostava de falar, não se dava ao trabalho de nos passar descomposturas. O galpão no qual moíamos o alabastro erguia-se na margem escarpada e deserta do Irtych. No inverno, principalmente durante os dias escuros, a vista do rio e da outra margem longínqua provocava uma grande nostalgia. Uma impressão despedaçadora de tristeza emanava daquela estepe árida e vazia. Mas era ainda pior quando um sol claro dardejava seus raios sobre o imenso campo de neve; a gente sentia o louco desejo de se evadir para aquela planura distante que começava na outra margem e se alongava em direção ao sul, como uma toalha infinita, num espaço de mil e quinhentas verstas 4. O silencioso, o severo Almazov punha-se a trabalhar; nós nos envergonhávamos porque não o podíamos ajudar segundo as suas regras, e ele, contudo, nos dispensava muito de propósito como se nos quisesse fazer sentir a nossa completa inutilidade. O trabalho consistia de início simplesmente em aquecer o forno; depois

trazíamos alabastro suficiente para enchê-lo. No dia seguinte o alabastro estava inteiramente calcinado e era retirado do calor. Cada um de nós tomava então uma pesada mão de pilão, enchia de alabastro um depósito já destinado a esse fim, e punha-se a pilar. Não era trabalho que oferecesse dificuldade. O alabastro, friável, facilmente se esfarelava, e depressa se transformava num pó branco e brilhante... Fazíamos um barulho tão grande, a pilar, que nós próprios nos admirávamos. Quanto mais aumentava a fadiga, mais leve nos sentíamos, o sangue nos subia ao rosto, a circulação se acelerava. Almazov então nos olhava com a condescendência que a gente tem com criancinhas, punha-se a fumar o cachimbo com ar indulgente, mas não podia deixar de rosnar assim que abria a boca. Aliás, procedia desse modo com todo o mundo: no fundo, talvez fosse um homem bom.

Utilizaram-me depois para movimentar a roda do torno; era uma roda pesada e grande, que exigia muito esforço para ser girada, sobretudo quando o torneiro (um sapador de engenharia) fabricava um balaústre de escada para algum funcionário, ou uns pés de mesa, o que exigia um tronco de árvore quase inteiro. Nesses casos, um único homem não teria força suficiente para girar a roda; davam-me então como auxiliar o meu colega B. Fizemos esse trabalho vários anos seguidos, toda vez que havia qualquer coisa para tornear. B. era um rapaz doentio e magricela, moço ainda, porém doente do peito. Chegara ao presídio um ano antes de mim, com dois outros companheiros de infortúnio: um — um velhinho que vivia a rezar (o que lhe conquistara a estima dos forçados), morreu durante minha reclusão; o outro, robusto e corajoso adolescente de cara vermelha, durante a caminhada (quer dizer, durante setecentas verstas), carregara às costas o seu companheiro B. que caíra de fadiga, depois de meia jornada: valia a pena ver a afeição que tinham um ao outro. B. era homem de fina educação, caráter nobre e generoso, mas a doença o tornava irritadiço. Nós juntos conseguíamos fazer girar a roda, e o exercício nos interessava: eu o considerava excelente para a saúde.

Do que mais gostava era de limpar a neve depois das borrascas — coisa frequente, no inverno. Bastava um dia para que os turbilhões de neve cobrissem as casernas, às vezes até metade das janelas, ou então inteiramente. Assim, quando o furacão passava e reaparecia o sol, enviavam-nos em bando (acontecia até de irmos todos) desimpedir os edifícios escondidos sob a nevasca. Davam a cada um de nós uma pá e nos marcavam uma tarefa, tão grande que parecia impossível dar conta dela. Todos se entregavam alegremente à labuta. A neve quase em pó, ainda não unida, mal gelada na superfície, elevava-se em montes enormes que íamos atirando por perto, transformada em nuvens de poeira reluzente. As pás se enterravam facilmente na espessura brilhante que luzia ao sol, e os detentos gostavam daquele trabalho. O ar fresco, os movimentos lhes estimulavam as risadas, os ditos, as pilhérias; atiravam bolas de neve uns nos outros; mas ao cabo dum instante os mais ajuizados, que detestavam o riso e a alegria, punham-se a

gritar e a animação terminava geralmente em desaforos.

Pouco a pouco se foi ampliando o círculo das minhas relações. Por mim próprio eu não as procurava: deixava-me estar, inquieto, triste, desconfiado. A coisa se fazia sozinha. O primeiro que me veio visitar foi Petrov. Falei “visitar” e chamo a atenção para o vocábulo. Petrov pertencia à seção especial, que ocupava a caserna mais afastada da minha. Nenhum laço, evidentemente, poderia existir entre nós, nada tínhamos nem poderíamos absolutamente ter em comum. Entretanto, nos primeiros tempos, Petrov assumiu a obrigação de ir diariamente me procurar no meu alojamento, ou então me deter durante os passeios quando eu andava por trás dos edifícios, o mais longe possível de todos os olhares. Suas visitas a princípio me eram desagradáveis, mas de tal modo se portou ele, que em breve já as considerava um distração, embora ele não fosse nada comunicativo. De estatura média, constituição robusta, movimentos fáceis, com um rosto pálido bastante agradável, pômulos salientes, olhar atrevido, dentes pequenos, brancos e muito unidos, ele mascava incessantemente um pouco de tabaco, rolando-o entre a gengiva e o lábio inferior — hábito cultivado por muitos dos presos. Parecia mais jovem do que o era: tinha quarenta anos e a gente lhe dava trinta. Falava comigo, sem o menor constrangimento, e se portava como meu igual, mostrando todavia compostura e delicadeza. Se, por exemplo, notava que eu desejava estar só, deixava-me dentro de dois minutos, agradecendo-me a simpatia que lhe testemunhava — coisas que decerto jamais dissera a alguém, desde que estava no presídio. E, curioso, essas nossas relações se mantiveram assim, durante vários anos, sem nunca se tornarem íntimas, embora Petrov me tivesse sincera afeição. Ainda hoje, eu não seria capaz de definir exatamente o que vinha ele procurar ao meu lado, e qual a razão que me proporcionava a honra cotidiana da sua visita. Acontecia-lhe roubar-me, “sem querer”, no entanto, e quase nunca me pedia dinheiro emprestado: não era portanto o interesse que o impelia.

Nem sei bem por que, mas ele não me dava a impressão de viver no nosso presídio, e sim longe, na cidade — tal era o seu jeito de aparecer como que por acaso, para saber notícias, indagar do que era feito de mim, pedir informações sobre a nossa maneira de viver. Chegava sempre com o ar de alguém que deixou suspenso um negócio importante. E contudo, não se apressava absolutamente a sair. Seu olhar, um pouco atrevido e zombeteiro, tinha uma estranha fixidez. Olhava de longe, por sobre os objetos, como para distinguir o que ficava para além das coisas. Parecia sempre distraído. Algumas vezes eu perguntava a mim próprio: “Para onde irá Petrov quando sair daqui? Onde o esperam com tanta impaciência?” E ele ia apenas para um dos alojamentos ou uma das cozinhas, e lá, aproximando-se dum grupo que conversava, escutava com atenção, exaltava-se, dava um aparte, depois calava-se de súbito. Mas quer me falasse, quer ficasse em silêncio, via-se claramente que se detivera de passagem, que tinha outros interesses à sua espera. O mais estranho é que ele não tinha nunca a menor ocupação:

não fazia absolutamente nada (afora o trabalho obrigatório, é claro), não entendia de nenhum ofício, não possuía quase nunca dinheiro, o que aliás não o entristecia. E sobre que me falava? Sua palestra era quase tão estranha quanto a sua pessoa. Se me via a andar no pátio, por trás das casernas, dava uma súbita meia volta para chegar ao meu lado. Caminhava sempre em grandes passadas, e aquelas meias voltas eram tão rápidas que davam a impressão dum início de corrida: — Bom dia!

— Bom dia!

— Não estou atrapalhando?

— De modo algum.

— Escute, quero lhe fazer uma pergunta a respeito de Napoleão III. É parente daquele que esteve na Rússia em 1812? (Petrov, antigo soldado, sabia ler e escrever.) — Sim, é sobrinho.

— E por que então o chamam de presidente? Como pode ser isso?

Fazia sempre indagações repentinas, como se realmente tivesse urgência em se informar o mais rapidamente possível sobre aquele assunto, tão importante que não poderia tolerar um atraso.

Expliquei-lhe que espécie de presidente era Napoleão, e acrescentei que decerto em breve seria imperador.

— Como?

Expus a coisa na medida do possível. Petrov escutava com atenção intensa, o ouvido inclinado para mim, e compreendendo tudo com grande rapidez.

— Hum! Também queria lhe perguntar, Alexandre Petrovitch, se é verdade o que contam,que há macacos do tamanho de homens, com braços que tocam na ponta dos pés? — Sim, é verdade.

— E como é que eles são?

Dizia-lhe o que sabia a respeito.

— E onde é que vivem?

— Nos países de clima quente, na ilha de Sumatra.

— Fica na América, não é? Lá onde dizem que as pessoas caminham de cabeça para baixo?

— Não é de cabeça para baixo... são os antípodas...

E eu lhe explicava o que são a América e os antípodas. Ele me ouvia com a mesma atenção, como se só me houvesse procurado para saber daquilo.

— A propósito, diga-me uma coisa: li no ano passado a história da Condessa de la Vallière. Foi o ajudante Arefiev que me emprestou o livro. É história de verdade ou invenção? O autor se chama Dumas 5.

— É claro que é invenção.

— Então até à vista, e muito obrigado.

E Petrov desaparecia. A falar verdade, quase nunca conversamos de outra maneira.

Tomei informações a seu respeito. Quando soube das nossas relações, M. me advertiu; afirmou-me que se muitos forçados lhe haviam provocado horror, sobretudo de início, nenhum (nem mesmo Gazine) o impressionara tanto quanto Petrov.

— É o mais ousado, o mais temível dos bandidos — avisou-me ele. — É capaz de tudo, nada o detém quando quer satisfazer o mínimo capricho. Não hesitaria em o degolar, se lhe desse na veneta: sim, é homem para o assassinar, sem um estremecimento, sem remorso algum. Suponho até que é meio louco.

Essa declaração me interessou muito. Mas M. não foi capaz de me explicar as razões de tão implacável conceito. E, coisa curiosa, depois disso avistei-me com Petrov e conversamos quase diariamente, porque ele na verdade se afeiçoara a mim, eu nunca soube o porquê. Levava vida sossegada, não cometia nenhum ato repreensível, e entretanto, cada vez que ele se aproximava, eu não o podia olhar nem lhe falar sem pensar que M. dissera a verdade, que Petrov era o homem mais temível, o mais intrépido, o mais difícil de dominar do presídio inteiro. E por que pensava eu isso? Não o sei absolutamente.

Esse Petrov era precisamente o forçado que quisera matar o major, quando o chamaram para sofrer os açoites. Já contei que o major — salvo por milagre, segundo a expressão dos detentos — retirou-se exatamente no momento que precedeu a execução do castigo. Quando ainda era homem livre, e soldado, Petrov foi espancado pelo coronel durante uma manobra. Decerto já lhe haviam batido muitas vezes, antes, mas daquela vez Petrov não estava disposto a aturar pancadas, e se atracou com o coronel abertamente, à luz do sol, diante de toda a tropa em formatura. Ignoro os detalhes da história, porque ele nunca a contou a mim. Todavia, essas explosões onde a sua natureza real aparecia a nu eram raras; mostrava-se em geral razoável e pacífico. Suas paixões ardiam fortes, indomáveis, contudo um pouco de cinza cobria aqueles carvões em brasa. Jamais observei em Petrov, como em inúmeros outros forçados, uma sombra de vaidade, de fanfarronada. Brigava raramente, não tinha amizades com ninguém, salvo com Sirotkine, e, apenas, quando dele precisava. Entretanto, vi-o desatinado um dia em que lhe recusaram algo que reclamava. Seu antagonista era um condenado civil, Vassili Antonov, espécie de hércules, mau, rixento, atrevido e nada covarde. Gritaram durante muito tempo, e pensei que a briga acabaria como todas as outras do mesmo gênero, com simples bofetões, porque Petrov às vezes também brigava a murros, como o derradeiro dos galés. Mas a coisa de súbito tomou um aspecto diferente: Petrov ficou lívido, seus lábios tremeram, azularam, a respiração tornou-se ofegante. Endireitou-se devagar, muito devagar, e sem ruído (no verão gostava de andar descalço) aproximou-se de Antonov. Instantaneamente o ruído da caserna deu lugar ao silêncio; ouvir-se-ia o voo de

uma mosca. Todos esperavam. Antonov saltou contra Petrov, que já não tinha mais cara humana... Não pude suportar a cena e saí. Tinha certeza de que quando chegasse à porta, ouviria o estertor dum homem sangrando. Não houve nada, porém. Antes que Petrov o agarrasse, Antonov lhe atirou sem dizer palavra o objeto em litígio — um mísero farrapo. Depois de dez minutos Antonov se pôs a praguejar, mas não muito, simplesmente por descargo de consciência, para não derrogar hábitos, para mostrar que não tivera medo. Quanto a Petrov, não concedeu a mínima importância às pragas do outro, nem mesmo as ouviu. Palavreado não o interessava; recuperara o farrapo de que carecia, guardara-o consigo, o resto pouco importava. Um quarto de hora depois ele vagueava como de hábito, com ar sossegado, à procura de um grupo onde dissessem coisas interessantes, e onde pudesse dar um palpite. Tudo parecia interessá-lo; e, entretanto, mantinha-se indiferente a tudo, e arrastava incessantemente a sua indolência dum lado a outro do presídio. Poderia ser comparado a um desses operários vigorosos, devoradores de trabalho, mas que se senta e se põe a brincar com crianças, enquanto espera a tarefa. Jamais compreendi por que ele se deixava estar ali, por que não fugia. Petrov não hesitaria em se evadir — bastava apenas lembrar-se disso. A razão só governa entes como Petrov enquanto a vontade dorme dentro deles, porque quando desejam qualquer coisa, nada lhes serve de obstáculo. Tenho convicção de que ele saberia fugir e enganar todo o mundo, e passar depois uma semana sem comer no meio da mata, ou nos juncais da margem do rio; mas, evidentemente, ainda não tivera nem o desejo nem a ideia disso. Nunca observei nele nem um raciocínio sólido, nem muito bom senso. Gente dessa espécie nasce com uma ideia qualquer que os atira dum lado para outro, sem que eles o entendam bem. Vagueiam assim, enquanto não encontram algo que lhes desperte uma violenta cobiça; porém, chegado o momento, não regateiam riscos. Eu me espantava às vezes por ver aquele homem — que, para vingar-se duns açoites, assassinara o coronel — suportar tão docilmente as varas. Porque ele era açoitado toda vez em que o apanhavam a introduzir aguardente, empresa a qual se aventurava de tempos em tempos, como todos os desocupados. Dobrava-se sem protestos para receber o vergalho, com se se reconhecesse culpado. De outra maneira, preferiria deixar-se matar a deixar-se açoitar. Espantava-me também que, a despeito da sua visível afeição por mim, não se abstivesse de me roubar. Aquilo o assaltava como um acesso de tosse. Foi assim que roubou minha Bíblia, que eu lhe pedira para guardar no meu lugar. Embora ele precisasse dar apenas alguns passos para me fazer esse favor, achou meios de descobrir um comprador, vender a Bíblia e beber o dinheiro. Decerto tinha naquele instante um violento desejo por bebida, desejo que era mister satisfazer de qualquer maneira. Nesses momentos, uma criatura como ele é capaz de assassinar um homem por uma moeda de vinte e cinco copeques, unicamente para obter vodca. Em qualquer outra ocasião, desdenharia cem mil rublos. Na mesma noite confessou-me o roubo, mas sem a mínima confusão ou remorso,

com absoluta indiferença, como se se tratasse dum acidente ordinário. Tentei ralhar com ele um pouco, porque a Bíblia me fazia falta. Ouviu-me sem se zangar, calmamente, reconheceu que a Bíblia é um livro utilíssimo; e lamentou, sinceramente, a perda que eu sofrera, sem, contudo, se arrepender do seu roubo. Olhava-me com tanta segurança, que parei com minhas censuras. Ele as tolerara, considerando certamente que por seu ato as merecera, que os desaforos aliviam a alma, que no fundo, porém, um homem de juízo não pode se prender a tais ninharias. Creio aliás que ele me considerava como um garotinho, que nada entende das coisas mais simples deste mundo. Se, por exemplo, lhe começava a falar de outra coisa que não fosse ciência ou livros, ele me respondia, apenas por simples delicadeza, com algumas palavras rápidas. Muitas vezes perguntei a mim próprio o que o interessava nesses livros sobre os quais me interrogava. Acontecia-me, durante as nossas conversas, olhá-lo de viés para verificar se o homem não estava zombando de mim. Mas não, escutava muito a sério, embora com uma atenção pouco constante, o que às vezes me aborrecia.

Fazia suas perguntas com clareza, com precisão, e não se mostrava nunca nem surpreso nem embaraçado com as explicações que lhe dava. Sem dúvida se convencera de uma vez por todas de que não deveria falar comigo como aos outros, e que, fora dos livros, eu de nada entendia.

Tenho, contudo, certeza de que me queria bem, e isso sempre me admirou. Tomava-me por um menino, por um homem incompleto, sentia em relação a mim essa espécie de compaixão que os fortes sentem pelos fracos?... Não sei. Mas seus sentimentos, quaisquer que fossem, não o impediam de me roubar, e estou certo de que ele tinha pena de mim no momento em que perpetrava o furto. “Ora, afinal de contas isso o ensinará a tomar conta das suas coisas!” diria talvez, na ocasião. Mas é possível também que gostasse de mim justamente porque eu não sabia cuidar das minhas coisas. Declarou-me até uma vez, como involuntariamente, que eu tinha “a alma boa demais”. “Você é tão simples, tão simples, que até causa dó! Porém não se ofenda,

Alexandre Petrovitch, acrescentou logo depois; disse isso sem má intenção.”

Indivíduos da espécie de Petrov têm às vezes oportunidade para aparecer bruscamente, totalmente, nos momentos de perturbações, de revolução. Como não têm o dom da palavra, não são nunca inspiradores; são os executantes, fazem as coisas andar. Agem com toda a simplicidade e sem ruído; são os primeiros que se atiram aos obstáculos, sem reflexão, sem receio; jogam-se contra as baionetas, e, um a um, precipitam-se cegamente até junto às muralhas, onde em geral perdem a vida. Não creio que Petrov acabe bem; morrerá um dia ou outro de morte violenta; isso ainda não lhe aconteceu porque não houve ocasião. E quem sabe, afinal, se não lhe chegarão os cabelos brancos, e ele morrerá pacificamente de velhice, depois de vaguear pelo mundo sem destino? Entretanto, na minha opinião, M. não errava ao considerar Petrov o mais temível

habitante do presídio.

_____

1) Petersburgo. (N. T.)

2) A toesa russa: 2,13m. (N. T.)

3) Durov. Ver nota nº 9, Cap 2. (N. T.)

4) Medida itinerária equivalente a 1.067 metros. (N. T.)

5) Engano talvez do autor, porque Dumas não escreveu romance nenhum com esse título. Decerto se trata de um péssimo livro de Mm. de Genlis, La Duchesse de La Vallière (1804), que foi traduzido com grande sucesso para o russo. Gogol refere-se também a ele. V. Almas Mortas , 1ª parte, cap. X. (N. T.)

8

O “FACÍNORA” LUKA

Não é fácil falar dos “facínoras”, que aliás eram tão poucos no presídio quanto em qualquer outra parte. Têm aspecto de homens ferozes: e pensando nos horrores que lhes são atribuídos, a gente os evita. De início um sentimento irresistível me obrigava a fugir deles. Com o tempo, meu modo de julgar modificou-se muito, mesmo a respeito dos piores bandidos. Há certo indivíduo que nunca matou ninguém, contudo é mais de temer do que um outro cuja consciência está sobrecarregada por seis crimes. Há delitos que a gente dificilmente concebe, tal a estranheza da sua realização, e é por isso que afirmo que, no nosso povo, certos crimes têm as causas mais surpreendentes. É muito comum, por exemplo, este tipo de assassino: um mujique, um criado, um artesão, um soldado, até então vivendo sossegadamente e suportando com resignação a sua sorte; de repente, como se qualquer coisa se abrisse dentro de si, sente que a sua reserva de paciência acabou e enfia uma faca no peito do seu opressor ou do seu inimigo. E é esse o ponto de partida de uma nova existência. Daquele momento em diante, o nosso homem perderá toda noção de medida. Da primeira vez matou o seu tirano, o seu inimigo; é um crime, porém, compreensível, cuja causa é evidente; depois, já não mata inimigo nenhum mas o primeiro transeunte que encontra, e, o que é pior, pratica aquela façanha por prazer, por causa de uma palavra áspera, um olhar desagradável, para completar a sua conta, ou simplesmente para confirmar o seu grito de guerra: “Toma cuidado, olha que vou passando!” Dir-se-ia um bêbado ou um louco furioso. Uma vez que transpôs a linha fatal, parece comprazer-se com a ideia de que nada mais lhe é sagrado. Parece que está impaciente por saltar sobre qualquer lei, qualquer barreira, e gozar de uma liberdade sem limites, duma liberdade tão desenfreada que a ele próprio apavora, deixando-lhe o coração trêmulo e parado. E sente aliás que um castigo implacável o aguarda. Suas sensações lembram talvez a dum homem que, debruçado no alto duma torre, sofre a vertigem da altura até querer se atirar dali, de cabeça para baixo. As criaturas mais pacíficas, mais insignificantes, são às vezes presas desse delírio. Depois do primeiro impulso, compõem então uma atitude. Quanto mais o homem se sente aviltado, mais se ergue, mais procura causar pavor. Goza aquele pavor, goza a repugnância que provoca nos outros. É uma espécie de desespero que o impele; arde por acabar com tudo, por ver resolvida a sua sina, por ser castigado, para não ter que carregar sozinho o fardo da sua iniquidade, o fardo esmagador do seu desespero. Coisa espantosa: essa exaltação o

mantém em geral até o pelourinho; mas, então, desaparece, como se houvesse antecipadamente marcado um prazo para findar. No pelourinho, o homem se acalma repentinamente, anula-se, torna-se um farrapo; choraminga, pede perdão à turba. E quando afinal está no presídio, ninguém diria que aquele chorão, aquele baboso, aquela criatura apavorada foi capaz de matar cinco ou seis pessoas.

É claro que alguns dentre eles não se acalmam tão depressa. Conservam ainda certo ar de bravata, certa fatuidade: “Olhem que não sou bem o que imaginam! Tenho seis mortes nas costas.” Todavia acabam submetendo-se, de qualquer maneira. De tempos em tempos, consola-se, lembrando-se das suas façanhas e dos desregramentos de outrora, dos tempos em que era um “facínora”; e se encontra um basbaque, diverte-se em se pavonear contando-lhe os feitos passados. Procura, entretanto, disfarçar essa necessidade de jactar-se. E como se vigia, quanta prudência usa, que requintes de amor próprio, que displicência nas narrativas, que sábia presunção no tom, na mínima palavra! Onde terá ele aprendido aquilo tudo?

Durante um dos compridos serões dos primeiros tempos de minha reclusão, deitado na tarimba, desocupado e triste, escutei certa vez uma conversa entre eles; carecido de experiência, tomava o narrador por um celerado de alta envergadura, por uma alma de bronze, e chegava quase a zombar de Petrov. Luka Kusmitch, o protagonista, sem outro motivo senão o capricho, fizera o “serviço” com um major. Luka Kusmitch era aquele homenzinho de nariz afilado a quem já me referi. Embora fosse russo, nascera na Ucrânia, creio que na condição de servo doméstico. Emanava dele algo de dominador, altivo; lembrava um pássaro de pequeno porte, mas bem provido de bico e garras, visto ser extraordinariamente suscetível.

Aliás os detentos, que tinham faro para os homens, dedicavam-lhe precária estima. Nessa noite, sentado à beira do catre, ele cosia uma camisa, pois seu ofício era costurar roupa branca. Tinha ao lado o seu vizinho de tarimba, Kobyline, rapagão forte, estúpido, porém afetuoso e bom. Por causa da vizinhança, Luka frequentemente rixava com ele, e o tratava altivamente, com uma ironia e um despotismo dos quais o pobre Kobyline não se apercebia. Nesse momento Kobyline tecia uma meia de lã, escutando distraidamente Luka. Luka falava em voz alta e clara; queria ser ouvido por todos, mas fingia falar apenas a Kobyline.

— Pois eu, mano, fui mandado de Tch..., minha terra, por vagabundagem — começou, enquanto puxava a agulha.

— Faz muito tempo? — indagou Kobyline.

— Quando amadurecerem as ervilhas, fará outro ano. Depois, chegando a K–v, puseram-me na cadeia por uns tempos. Ao chegar, verifiquei o pessoal. Estava lá comigo uma dúzia de rapazes — todos da Ucrânia — altos, fortes como uns touros. E tão quietinhos! E, além disso, a comida não valia nada. O major manejava a rapaziada como

queria. Fiquei com eles um dia, dois dias, e vi logo que tinham um medo danado do homem. Perguntei por que razão eles punham o rabo entre as pernas assim que viam aquele cretino. “Vai falar com ele!” foi o que me disseram, rindo na minha cara. Fiquei calado. Pois fiquem sabendo, pessoal, tinha lá um sujeito engraçado — continuou Luka abandonando subitamente Kobyline, para se dirigira a todos. — Esse sujeito contava como é que tinha sido julgado, que é que tinha respondido ao júri, e como é que choramingara, falando na mulher e nos filhos. Era um homenzarrão, já todo grisalho. “E eu dizia (ele que contava): Não, senhor, estou inocente! Mas o diabo do filho de uma cadela continuava escreve que escreve... E então (ele que dizia), tão certo como eu estou inocente, tu vais te estrepar, miserável! E o bandido sempre na porcaria da escrita! Então fiquei louco (ele que dizia).” Vassia, me dá linha. Esta está podre.

— Pois vem da cidade — respondeu Vassia, estendendo-lhe o novelo de linha.

— A linha que temos na oficina é melhor. Esta daqui é o “Neválido” que traz; vá lá alguém saber de que marafona ele compra linha! — continuou Luka erguendo a agulha para a luz, a fim de a enfiar.

— Decerto em casa da comadre dele!

— Decerto.

— E então, que foi que aconteceu com o major? — perguntou Kobyline, que já estava completamente esquecido.

Luka só esperava por isso. Entretanto, não voltou imediatamente à história, nem parecia mesmo prestar atenção a Kobyline. Primeiro enfiou vagarosamente a agulha, cruzou displicentemente as pernas e tornou afinal:

— Tanto aperrei a rapaziada da Ucrânia que eles acabaram fazendo com que o major aparecesse. De manhã, eu tinha abafado uma faquinha dum companheiro e a escondera, para o que desse e viesse. E o major chegou feito uma fera. Eu então falei: “Escutem, vocês que são da Ucrânia, nada de rabo entre as pernas!” Mas já estavam todos morrendo de medo. O major veio aos gritos, bêbado como uma vaca: “Quem foi que me chamou? Que está se passando aqui? É a mim que procuram? Sabem que aqui eu sou o czar, sou Deus.” — Então, enquanto ele dizia que era o czar, que era Deus — prosseguiu Luka — eu me adiantei, com o punhal na manga da blusa. “Não, Excelência, sou eu que lhe digo...” e enquanto isso, ia me chegando de manso, pertinho, cada vez mais pertinho... “Não, não é possível. Excelência, como é que o senhor poderia ser nosso czar e nosso Deus?” — “Ah, berrou o major, então és tu o cabeça?” — “Não, disse eu, e me aproximei ainda mais — não, Excelência, existe apenas um Deus Onipotente, que está em toda parte. E quanto ao nosso czar, Excelência, temos apenas um, e foi Nosso Senhor em pessoa que o colocou por cima de todos nós. Esse é que é o nosso senhor, sou eu que lhe digo. E quanto ao senhor, Excelência, é apenas nosso major, nada mais, e isso pela graça do czar e dos seus méritos.” — “O quê? O quê?” gaguejava o homem; não podia mais

nem falar, nem voltar a si. “Isso mesmo!” repeti. E pluf! Enterrei-lhe o punhal até o cabo, bem no meio da barriga! Foi uma furada e tanto! O desgraçado caiu ali mesmo, só fez ciscar um pouco com os pés. E eu atirei fora a arma e gritei para os rapazes: — “Agora, meus patrícios, me apanhem aquele punhal...”

Devo fazer aqui uma ligeira digressão. Infelizmente as palavras “Sou o Deus aqui, sou o czar”, eram empregadas com muita frequência, antigamente, por certos chefes militares. Devemos reconhecer que hoje restam poucos dessa espécie, ou talvez nenhum. É preciso confessar também que esses que se jactavam assim provinham em geral da tropa. Os galões de oficial os enchiam de vento, tiravam-lhes a cabeça do lugar. Depois de muito tempo de praça, viam-se de repente promovidos a oficiais, a fidalgos. E é lógico que, por falta de hábito, na primeira embriaguez do êxito, exageravam a importância do próprio poder — claro que apenas em relação aos subordinados. Porque em presença dos superiores conservavam o mesmo servilismo — já agora inútil e até mesmo desagradável. Alguns levavam a obsequiosidade ao ponto de dizer ao chefe, num tom singularmente meloso, que, como haviam passado por todos os postos subalternos, sabiam conhecer o seu lugar. Mas, com os pequenos, tiravam a sua forra, e se portavam com um despotismo inaudito. Não, decerto já não há mais sujeitos capazes de gritar: “Sou o czar, sou Deus.” E, contudo, devo observar que nada irrita tanto o detento ou qualquer outro subalterno como semelhantes expressões, partindo dum chefe. Essa fatuidade, essa falsa convicção de impunidade, desperta o ódio no mais submisso dos homens e o leva ao desespero. É uma sorte que abusos dessa espécie estejam quase desaparecidos; aliás, mesmo nos tempos antigos, havia medidas severas contra os culposos de tais faltas. Conheço mais de um exemplo.

Em geral, nada irrita mais os subordinados que se verem tratados com desprezo. Certas pessoas supõem que alimentando e tratando os presos de acordo com a lei, já fizeram o bastante. É também um erro. Por mais aviltado que esteja, todo indivíduo exige instintivamente o respeito pela sua dignidade de homem. Sabe que é um galé, um réprobo, conhece a distância que o separa dos seus superiores, mas nem as grilhetas, nem as cicatrizes do cnute lhe fazem esquecer que é um homem. E já que é um homem, deve ser tratado como tal. E ai, meu Deus! Um tratamento “humano” pode soerguer até mesmo aqueles aos quais o imagem da divindade aparece empanada! É precisamente com esses desgraçados que nos devemos portar o mais humanamente possível, por amor de sua salvação e de sua alegria. Encontrei chefes dotados de grande coração e vi o efeito que eles produziam sobre os humilhados. Com algumas palavras afáveis, ressuscitavam moralmente os seus homens. Ouvindo-os, os detentos se alegravam como crianças, e como crianças se punham a adorá-los. Faço notar aqui que o forçado não aprecia, da parte do chefe, nem a condescendência, nem a familiaridade exagerada. Aquilo o leva à irreverência — a ele, que tem tanta necessidade de respeitar. O preso sente-se orgulhoso,

por exemplo, se tem um chefe condecorado, bonito, bem reputado; gosta dele severo, importante, justo, digno. Gosta de um chefe que sabe o que vale, porque um homem desses não ofenderá nunca a ninguém, e tudo correrá da melhor maneira.

— E então por causa disso te cozinharam a fogo brando, hein? — perguntou calmamente Kobyline.

— Sim, realmente me cozinharam, mano velho, me cozinharam de verdade. Ali, passa-me atesoura! Escuta, pessoal, não há maidane hoje?

— Já foi tudo bebido — explicou Vassia; — se a sede não fosse tão grande, decerto havia maidane!

— Se, se!... Em Moscou pagam os “se” a cem rublos o alqueire — zombou Luka.

— Mas quantos te deram pelo “serviço” no major? — insistiu Kobyline, obstinado na sua ideia.

— Quinhentos açoites, maninho. Porém declaro ao pessoal que se eles não me mataram andaram bem perto — exclamou Luka abandonando novamente Kobyline. — Levaram-me em procissão, para receber as minhas quinhentas varadas. E eu até então não sabia o que era um açoite. Juntou gente de toda a parte, só se via o povaréu correndo: “Vão açoitar o bandido, o assassino!” Nem se pode mesmo dizer como o povo é burro! O carrasco me despiu, me estirou, e gritou: “Prepara o lombo, que vais ser assado!” Fiquei esperando, e sabem o que aconteceu? Quando bateu a primeira lambada, eu quis gritar, abrir a boca, mas não tinha voz. Perdi a fala. Quando me deu a segunda, acredite quem quiser, mas ouvi dizer: “Dois!” Daí, quando voltei a mim, ouvi contar: “Dezessete!” Depois disso, meninos, me levantaram quatro vezes do cavalete para eu tomar um pouco de fôlego e me atiraram água fria por cima. Eu olhava para todos, com os olhos esbugalhados e pensava: “Hoje deixo o couro aqui!” — E não morreste? — perguntou ingenuamente Kobyline.

Luka o envolveu com um olhar de desdém absoluto; estrondaram as gargalhadas.

— Não se pode ser mais burro!

— Esse tem uma aranha no miolo — escarneceu Luka, que parecia lamentar haver travado conversa com um indivíduo daquela espécie.

— É, tem o miolo mole — concordou Vassia.

Luka, que tinha seis crimes na consciência, não fazia medo a ninguém; no entanto, gostaria de ser um “terror”.

9

ISAI FOMITCH — O BANHO
A história de Bakluchine

Aproximava-se o Natal. Os detentos aguardavam as festas com uma espécie de solenidade, e, vendo-os, eu não podia deixar de esperar como eles alguma coisa extraordinária. Quatro dias antes, foram levados os presos para o banho de vapor. No meu tempo, sobretudo durante o primeiro ano, os detentos raramente se banhavam. Todos, portanto, se alegraram e iniciaram os preparativos. Devíamos ir para o banho depois do rancho e naquela tarde não haveria trabalho. Na nossa caserna nenhum se afanava tanto, nenhum se alegrava tanto quanto Isai Fomitch Bumchtein, o preso judeu de quem já falei no capítulo IV. Ele gostava de transpirar até o espasmo, até o desfalecimento. Cada vez que hoje em dia volto às velhas recordações, quando evoco as estufas (e elas merecem esse trabalho!), no primeiro plano do quadro aparece imediatamente o rosto do digno, do inesquecível Isai, meu camarada de presídio e meu vizinho de alojamento. Senhor, que grotesco inexprimível que era! Já disse algumas palavras sobre o seu aspecto: cinquenta anos, débil, enrugado, com horrendos estigmas na fronte e nas faces, magro, doentio, um corpo lívido de frango. Seu rosto exprimia uma perpétua satisfação consigo mesmo, uma autossuficiência quase beatífica. Não parecia lamentar seu destino. Como era ourives de profissão e na cidade não havia nenhum outro, trabalhava incessantemente para os funcionários e até mesmo para particulares, o que lhe rendia algumas moedas. Não lhe faltava nada, vivia “como rico”, sem todavia gastar demais do seu dinheiro, que era emprestado com usura ao presídio todo. Possuía um samovar, um colchão, xícaras e talheres. Em vez de o renegarem, os judeus da cidade o protegiam. Aos sábados, ia com escolta ao serviço da sinagoga (como o autoriza a lei). Vivia inteiramente feliz, embora esperasse com impaciência o fim dos seus doze anos de pena, para “se casar”. Era uma cômica mescla de ingenuidade, tolice, astúcia, impertinência, simplicidade, timidez, fatuidade e imprudência. Surpreendia-me muito ver que os forçados não o ridicularizavam; apenas implicavam com ele de tempos em tempos, de brincadeira. Isai Fomitch lhes servia de perpétua distração: “Só temos este aqui, deixem-no em paz!” diziam. E Isai Fomitch, embora compreendesse por que diziam aquilo, ficava ufano com a sua notoriedade, e nada divertia mais os presos. Fizera sua entrada no presídio de maneira extraordinariamente engraçada (isso sucedera antes da minha chegada, mas alguém me contou).

Certa noite, na hora do descanso, espalhou-se o boato de que haviam trazido um iupim 1 para o corpo da guarda, que lhe estavam raspando a cabeça e em breve apareceria. O presídio não contava dentro das suas paredes, então, com nenhum judeu: e os detentos, que o esperavam com impaciência, cercaram-no logo que ele surgiu na entrada. O suboficial conduziu-o à prisão civil e lhe mostrou o seu lugar na tarimba. Isai Fomitch carregava um saco com peças de uniforme e os seus próprios objetos. Depôs o saco, subiu à tarimba, sentou-se, com as pernas dobradas sob o corpo, sem ousar levantar os olhos para ninguém. Ao seu redor, os forçados estrugiam em gargalhadas, dizendo pilhérias sobre a raça do novato. De repente um jovem detento, que tinha nas mãos uma velha calça suja, rasgada, remendada com farrapos, atravessou o grupo, tomou lugar ao lado de Isai Fomitch e lhe bateu no ombro:

— Ah, meu velho, há seis anos que te espero! Quanto me dás por isto? — E mostrava a calça velha ao recém-chegado.

Assim que viu o penhor que lhe apresentavam, Isai Fomitch — tão intimidado antes que nem ousava dizer palavra, ou erguer os olhos para a turba de rostos zombeteiros, ferreteados, assustadores, reunidos ao seu redor — Isai Fomitch estremeceu de chofre, e pôs-se a apalpar o farrapo com os dedos ágeis. Olhou-o à luz da candeia. Todos esperavam o que ele ia dizer.

— Decerto não vais querer emprestar um rublo por isto; entretanto a calça bem que vale! — continuou o que pedia o empréstimo, piscando o olho.

— Um rublo-prata não posso; porém sete copeques ainda vai!

Foram essas as primeiras palavras de Isai Fomitch; todo o mundo estalou em gargalhadas.

— Sete copeques! Bolas! Dá de uma vez! Mas cuida bem do meu penhor! Respondes por ele com tua cabeça!

— Com três copeques de juros serão dez que me ficas devendo — prosseguiu o judeu em voz arquejante e trêmula, mergulhando a mão no bolso e olhando timidamente os outros. Tinha um medo horrível, contudo queria fechar o negócio!

— São por ano os três copeques!

— Não, por ano, não; por mês!

— És um ladrão, judeu! Como te chamas?

— Isai Fomitch.

— Pois bem, Isai Fomitch, hás de vencer aqui! Até à vista.

Isai Fomitch examinou mais uma vez o penhor, dobrou-o, e enfiou-o cuidadosamente no saco, sob a risada incessante dos forçados.

E, com efeito, embora fossem quase todos seus devedores, os detentos pareciam gostar dele; ninguém o ofendia. Aliás, ele era menos capaz de enraivecer que um pinto. Quando constatou os sentimentos que despertava; fez-se fanfarrão, mas com bom

humor, suficientemente cômico para não agastar ninguém. Luka, que em outros tempos conhecera muitos judeus, o espicaçava frequentemente, mas sem animosidade, apenas por distração, como a gente brinca com um cãozinho, um papagaio, um animal ensinado. Isai Fomitch, que o compreendia bem, não se formalizava com aquilo e respondia na altura.

— Toma jeito, iupim, olha que te dou uma surra!

— Por cada pancada que me deres receberás dez de troco — replicava bravamente Isai Fomitch.

— Sarnento dos diabos!

— Que mal te faz que eu seja sarnento?

— Judeu piolhento!

— Posso ser piolhento mas tenho dinheiro. Tenho os meus cobres! — cantarolava Isai na sua fala ceceada.

— Vendilhão de Cristo!

— Isso mesmo!

— Bravo, Isai Fomitch! Não o estragues, Luka, que só temos este! — gritavam os detentos.

— O que tu estás precisando é de cnute, judeu! Cnute e Sibéria!

— Já estou na Sibéria!

— Irás ainda mais longe!

— Deus também não está lá?

— Bem, lá isso está...

— Então não faz mal: tendo Deus e dinheiro, nada mais é preciso.

— Bravo, Isai Fomitch! Bem se vê que és um valente! — bradavam de novo.

E, a despeito das zombarias, Isai Fomitch continuava a bravatear. Os cumprimentos lhe causavam tanta satisfação que ele se punha a cantar, através da caserna, numa voz débil de soprano: “Lá-lá-lá”, numa melodia cômica e estúpida. Enquanto durou sua detenção, não cantou nunca outra coisa, afora essa música sem letra. Mais tarde, quando travou conhecimento mais íntimo comigo, garantiu-me sob juramento que aquele era o hino entoado pelos seiscentos mil hebreus — do mais moço ao mais velho — durante a travessia do Mar Vermelho e que todo israelita tem ordem de o cantar nos momentos solenes de triunfo sobre o inimigo.

Toda sexta-feira à noite os presos das outras casernas vinham para a nossa apreciar Isai Fomitch a celebrar o sabá. E ele era de uma vaidade tão ingênua que essa curiosidade geral o lisonjeava muito. Com extraordinária afetação e uma majestade estudadas, cobria a sua mesinha, ao canto, abria o livro, acendia duas velas e, resmungando palavras misteriosas, envergava uma espécie de estola (cujo nome não sabia pronunciar) 2. Era uma espécie de manto de lã colorida que ele conservava

cuidadosamente no baú. Punha nos pulsos uns braceletes de couro, e na cabeça, segurando-a com um cordão, uma espécie de caixinha que parecia lhe nascer da testa como um corno grotesco 3. E começava, então, suas devoções; recitava lentamente, soltava gritos, escarrava dum lado, piruetava, gesticulava de modo estranho e cômico. Na realidade, o ritual que ele observava só se tornava ridículo devido à exibição, aos ares que assumia. Cobria a cabeça com as mãos e se punha a ler em voz entrecortada de soluços, que iam aumentando até o paroxismo; enfim, exausto, quase uivando, inclinava sobre o livro a cabeça adornada com o tal corno; depois, parando de chofre os soluços arquejados, desatava a rir, e voltava a salmodiar em voz agora triunfante e trêmula de alegria. “Ele acaba se desconjuntando!” diziam os detentos.

Indaguei um dia de Isai Fomitch o que significavam os seus soluços repentinamente interrompidos pela felicidade triunfal. O judeu deliciava-se por lhe fazer essas perguntas. Explicou-me, imediatamente, que o medo e os soluços eram provocados pela ruína de Jerusalém e por esse motivo a Lei ordenava que os fiéis gemessem e batessem no peito com quanta força pudessem; mas, no instante do mais violento desespero, ele, Isai Fomitch, deveria de súbito e como inconscientemente (aquele de súbito era também prescrito pela Lei) recordar que uma profecia promete aos filhos de Israel a sua volta para Jerusalém. Tinha então que manifestar alegria com cânticos e riso, dar à sua voz uma entonação de vivo prazer, e ao rosto uma expressão solene. Essa mudança repentina, essa obrigação indispensável, encantava Isai Fomitch; via naquilo uma obra-prima de engenho, e me explicava com imenso orgulho essa prescrição sutil da Lei. Um dia, no momento mais patético da sua oração, o major entrou no alojamento, em companhia do oficial de guarda e dos soldados da escolta. Enquanto os demais forçados ficavam em continência defronte às tarimbas, Isai Fomitch redobrou a gritaria. Como o regulamento autorizava a prática dos cultos, ele sabia que não se arriscava absolutamente a nada; continuou a berrar como um possesso. Mas, o que mais o encantava, era ter o direito de esganiçar e gesticular assim diante do major. Este se aproximou, chegou até a um passo de distância do judeu. Isai Fomitch deu as costas à mesa e de pé, diante do oficial, entoou, gesticulando, o seu hino triunfal. Como a religião lhe ordenava que nesse momento mostrasse uma expressão de nobreza e felicidade perfeitas, ele tratou de obedecer, piscando o olho, rindo, e balançando a cabeça para o visitante. E o major, a princípio espantado, acabou rindo, e passou adiante, chamando o judeu de idiota, enquanto Isai Fomitch prosseguia nos seu gritos de triunfo.

Uma hora mais tarde, enquanto ele ceava, perguntei:

— E se o major, estúpido como é, se zangasse com você?

— Que major?

— O quê! Que major? Então não o viu?

— Não!

— Ora, ele estava dois dedos à frente do seu nariz!

Mas Isai Fomitch me garantiu formalmente que em absoluto não se apercebera da presença do major; suas orações o mergulhavam numa espécie de êxtase, e ele nada via nem ouvia do que se passava ao seu redor.

Ainda hoje, parece que estou a ver Isai Fomitch passar o sábado inteiro vagueando pela fortaleza, cuidando em não fazer nada, segundo as prescrições da Lei para o dia de sabá. Que anedotas impossíveis que ele me repetia quando vinha da sinagoga, que notícias, que boatos extravagantes, vindos de Petersburgo — certo de que os seus correligionários recebiam de primeira mão tudo que lhe contavam!

Mas já falamos demais em Isai Fomitch.

A cidade possuía apenas dois estabelecimentos de banhos. Um, mantido por um judeu, era reservado aos notáveis, tinha cabinas de cinquenta copeques. O outro, destinado à plebe, era sujo, deteriorado, escuro. Era para lá que nos levaram, num dia frio muito frio, mas de sol. Os detentos se alegravam com a ideia de saírem do presídio e olharem a cidade, de forma que as brincadeiras e as risadas não pararam, durante todo o caminho. Um grande pelotão de soldados nos escoltava, de armas embaladas, espantando a gente da rua. Quando chegamos aos banhos, fomos separados em dois grupos. Dada a estreiteza de espaço, um dos grupos esperaria no vestíbulo glacial, enquanto o outro se lavaria. Apesar disso, a sala era tão minúscula que indagávamos como caberia ali a metade de nós. Mas Petrov não me largava; sem esperar por consentimento de minha parte, acorreu em meu auxílio, e se ofereceu até para me esfregar. Seu exemplo foi seguido por outro forçado da seção especial, Bakluchine, que era chamado o “Explorador” e que me ficou gravado na lembrança como o mais alegre e o mais agradável dos companheiros. Já éramos conhecidos. Petrov ajudou-me até a me despir, porque, por falta de hábito, eu andava devagar demais, e na antecâmara fazia quase tanto frio quanto no pátio. Um detento noviço sente geralmente enorme dificuldade em se despir sozinho. Em primeiro lugar, é preciso desatar depressa as correias que prendem as grilhetas; são correias duns quatro verchok 4 de comprimento que se usam embaixo da roupa branca, por sob o anel de ferro que rodeia a perna. Embora um par dessas correias custe sessenta copeques, cada forçado as adquire por sua conta, pois de outra maneira ser-lhe-ia impossível caminhar: o anel da grilheta não aperta muito, pode-se até introduzir um dedo entre ele e a pele; mas o ferro, batendo de encontro à perna, acaba ferindo-a de tal sorte que ao fim dum dia o forçado que não usa correias tem uma chaga aberta no lugar da grilheta. Aliás, a dificuldade não começa com as correias: começa com a ceroula, presa sob o anel de ferro. Para despi-la, é mister ser prestidigitador.

Quando se tira a ceroula do pé esquerdo, por exemplo, é preciso a princípio ir puxando entre o pé e o aro da grilheta; depois, deixando livre o pé, vai-se erguendo a

perna da ceroula até o aro; quando o pé esquerdo está livre, a ceroula é passada por baixo, para o pé direito; e afinal, pelo mesmo aro, tira-se tudo para cima. E o trabalho para vestir é o mesmo que para despir. Um novato não sabe como há de fazer. O primeiro professor que tive foi, em Tobolsk, o forçado Koreniev, que passara cinco anos na corrente. Uma vez adquirido o hábito, a gente se arranja sem dificuldade. Dei alguns copeques a Petrov para que me comprasse sabão, e um dos pedacinhos de estopa com que os presos se esfregam. É verdade que nos distribuíram um pedaço de sabão a cada um, mas do tamanho de uma moeda de dois copeques e fino como as fatias de queijo que servem nas mesas de gente pobre. Vendia-se sabão na própria sala de entrada, bem com sbiten 5, kalatchi e água fervendo. Segundo as convenções estabelecidas com o proprietário, cada forçado tinha o direito a um jarro de água quente. Quem fazia questão de se assear melhor podia, mediante o pagamento de dois copeques, adquirir um segundo jarro, que era passado da entrada para a sala de banhos por um postigo já aberto para esse fim. Depois de me despir, Petrov me tomou nos braços, observando que seria para mim difícil caminhar com as grilhetas.

— Puxe o ferro para cima, para a barriga das pernas — disse ele, segurando-me como uma ama segura uma criancinha... — E aqui, cuidado com o degrau!

Eu estava envergonhadíssimo com tantos cuidados, e gostaria muito de mostrar a Petrov que poderia andar só, mas ele não me acreditaria. Tinha para comigo os cuidados que a gente acha devidos a um menino pequeno e desajeitado. Petrov não tinha nada dum lacaio, nem o procurava ser; se o ofendesse, ele saberia muito bem como se portar. Eu nada lhe prometera pelos seus serviços, e ele nada me pediu. Que lhe inspiraria tanta solicitude?

Quando abrimos a porta da estufa, parecia-me que entrava no inferno. Imagine-se uma sala de doze passos de comprimento e outros tantos de largo, onde estavam juntos se não uns cem homens, pelo menos oitenta, pois éramos duzentos, divididos em dois grupos. O vapor nos cegava; o sujo, a lama, a falta de espaço eram tais que não se sabia onde pôr os pés. Assustado, eu quis recuar, mas Petrov logo me sossegou. Com dificuldade inaudita abrimos caminho até um banco, passando por cima da cabeça dos presos sentados embaixo, aos quais pedíamos que se curvassem para nos dar passagem. Porém todos os lugares estavam ocupados; Petrov me explicou depois que eu deveria comprar um, e entrou logo em negociações com um detento sentado perto do postigo. Mediante um copeque o homem me cedeu o lugar, agarrou depressa a moeda que Petrov já tinha na mão, e escorregou, bem por baixo de mim, para o escuro e a sujeira de sob os bancos; e embora já se patinhasse ali na lama com bem um dedo de altura, formigava de gente. Não havia no piso espaço para a palma de uma só mão. Alguns forçados, de cócoras, despejavam sobre si a água do jarro. Outros, de pé entre os acocorados, seguravam o jarro com uma das mãos e com a outra se esfregavam. A água suja que lhes

escorria do corpo, caía diretamente sobre as cabeças raspadas que ficavam por baixo. Os degraus que levavam aos bancos estavam também fervilhando de homens que, enrolados sobre si próprios, se banhavam o melhor que podiam. Mas a lavagem era pouca; o homem do povo não abusa nem da água quente nem do sabão; procura suar tremendamente, e, depois disso, se encharca de água fria — o que constitui o seu método de banhar-se. No banco, as vassouras de bétula baixavam-se e se erguiam em cadência. Uns cinquenta forçados se fustigavam uns aos outros até o esgotamento. O vapor aumentava de minuto em minuto. Já não se estava num banho de vapor, mas numa fornalha. Todos berravam, todos urravam entre o ranger da ferragem que batia no soalho...

Ao passar, alguns agarravam a sua grilheta na grilheta do outro, batiam nas cabeças dos que estavam agachados embaixo, caíam, praguejavam, arrastando na queda aqueles aos quais se agarravam. A água imunda corria por toda parte. Os homens ficavam numa espécie de estranha bebedeira; os uivos, os gritos, se cruzavam. No postigo da entrada, por onde passava a água quente, a turba era ainda mais densa. Ali, as pragas e os empurrões eram mais terríveis. Antes de chegar ao seu destino, a água quente se entornava na cabeça dos que estavam embaixo, de cócoras. De tempos em tempos, na janela ou na porta entreaberta, um soldado barbudo, com o fuzil na mão, verificava se não estava acontecendo alguma coisa de anormal. As cabeças raspadas e os corpos vermelhos de suor pareciam ainda mais monstruosos. Nas costas, amolecidas pelo vapor, as cicatrizes do cnute ou das varas sobressaíam com tanta nitidez que pareciam recentíssimas. Horrendas cicatrizes! Dava-me arrepios simplesmente olhá-las. Tornavam a atirar água sobre a pedra ardente do forno, e um vapor espesso enchia a estufa com uma nuvem chamejante. Todos ganiam, gritavam. Entre o nevoeiro, apareciam dorsos remendados, cabeças raspadas, dedos crispados de mãos em garra, pernas tortas. Para completar o quadro, Isai Fomitch berrava o mais alto que podia, trepado no banco mais elevado. Transpirava até desfalecer, porém calor nenhum lhe parecia bastante. Pagou um copeque a um esfregador, mas o homem sem poder mais atirou fora a vassoura e correu a se inundar de água fria. Isai Fomitch não desanimou: contratou um segundo, um terceiro, sem encarar despesas — chegou a cinco esfregadores. “Faz bem suar, remoça, hein, Isai Fomitch?” bradavam-lhe os forçados debaixo. Naquele momento Isai Fomitch sentia-se acima do presídio inteiro: mais alto que todos os forçados, pavoneava-se, e, com voz rachada, esganiçava um lá-lá-lá que tinha força suficiente para cobrir todas as vozes. Ocorre-me que se um dia tivermos que nos reunir todos no Inferno — lá há de ser muito parecido com o lugar onde nos encontramos agora. Não posso deixar de comunicar esse pensamento a Petrov — ele, entretanto, olha apenas em torno de si, e não responde.

Quis pagar para ele um lugar contíguo àquele em que estou, mas Petrov se

instalou aos meus pés e declarou que estava muito bem. Enquanto isso, Bakluchine já nos comprava água, e ia trazendo-a à medida que a gastávamos. Petrov anunciou-me que ia me lavar dos pés à cabeça, para me deixar “limpinho” e me intimou a transpirar bem, coisa que não me atraía absolutamente. Ensaboou-me todo; “e, agora, vou passar sabão nos pezinhos.” Eu quis responder que me poderia lavar só, mas já não estava capaz de o contradizer e me abandonei completamente à sua vontade. No diminutivo “pezinhos” não descobri nenhum tom de servilismo; Petrov simplesmente não podia chamar meus pés de forma diferente. Os outros, os homens de verdade, podiam ter pés, mas eu...

Depois de me enxaguar com o mesmo cerimonial, isto é, segurando-me e vigiando cada um dos meus passos como se eu fosse de porcelana, levou-me de volta à antecâmara e me ajudou a vestir a roupa branca; e, enfim, quando acabou tudo, precipitou-se para a estufa a fim de por sua vez transpirar.

Quando voltamos, ofereci-lhe um copo de chá que ele não recusou. Ocorreu-me oferecer um pouco de vodca. Havia aguardente na nossa caserna. Petrov mostrou-se extraordinariamente feliz: engoliu o conteúdo do copo dum trago, rosnou de prazer, declarou que eu lhe havia dado vida nova, e se precipitou para a cozinha, como se lá ninguém pudesse resolver nada de importante sem sua presença.

Logo depois apresentou-se outra visita. Bakluchine, o “Explorador”, que eu convidara durante o banho. Nunca encontrei criatura de gênio mais delicado que o seu. Para falar a verdade, era muito suscetível, e brigava com frequência. Detestava principalmente ver alguém se meter com a sua vida; em suma, sabia defender-se. Mas nunca se zangava por muito tempo. Todos pareciam lhe querer bem; por onde ia, era recebido com prazer. Aliás, até mesmo na cidade gozava de uma reputação de bom sujeito, sempre jovial. Era um rapagão duns trinta anos, de cara ingênua e cândida, muito bonita, embora estragada por uma verruga. Tinha o dom de fazer caretas de modo tão cômico, imitando qualquer pessoa, que se apinhavam grupos de gente ao seu redor, e ninguém podia deixar de rir. Formava entre os engraçados do presídio, porém não se deixava vencer pelo azedume dos rixentos, inimigos da alegria; assim ninguém lhe pisava o pé, ninguém o chamava de “desmiolado”, de sujeito à-toa”. Transbordava de vitalidade. Logo à nossa primeira entrevista contou-me que de soldado de infantaria passara a sapador de engenharia, e que várias personagens importantes lhe tinham amizade e reparavam nele, coisa pela qual sentia um grande orgulho retrospectivo; depois interrogou-me minuciosamente a respeito de Petersburgo. Lia até alguns livros. Quando veio tomar chá em minha companhia, começou fazendo rir todo o alojamento, contando como, naquela própria manhã, o tenente Ch. maltratara o nosso major. E, depois de instalado ao meu lado, anunciou-me satisfeito que o teatro já era coisa certa. Realmente, os detentos andavam planejando uma representação para as festas. Tinham-se arranjado atores, e um ou dois cenários. Algumas pessoas da cidade prometiam emprestar trajos,

até mesmo para os papéis femininos. Por intermédio de um bagageiro, esperavam obter uma farda de oficial, completa, inclusive as dragonas. Contanto que o major não acabasse com a função, como o fizera no Natal passado! Aquele demônio andara de mau humor, nesse tempo: perdera no jogo, e não houvera barulho no presídio; assim, de raiva, acabara com a festa. Desta vez, esperava-se que estivesse mais manso. Em suma, Bakluchine sentia-se animadíssimo. Via-se que era um dos principais instigadores da representação, a qual dei-lhe minha palavra que assistiria... Sua ingênua alegria me comoveu. E, aos poucos, fomos conversando com mais intimidade. Ele então me confessou que passara todo o seu tempo de serviço militar em Petersburgo; uma falta qualquer fizera com que o mandassem para a guarnição de R., com a patente de suboficial.

— E de lá me deportaram para cá — acrescentou.

— Por quê? — perguntei.

— Por quê? Não é capaz de adivinhar, Alexandre Petrovitch! Porque me apaixonei.

— Mas que é isso? Nunca vi deportar-se um homem porque está apaixonado! — comentei,rindo.

— É verdade; porém, devido a isso dei um tiro de pistola no diabo dum alemão que andava por lá. Será justo me mandarem para o presídio por causa dum alemão? Julgue por si.

— Como foi a história? Conte que deve ser interessante!

— É mesmo uma história engraçada, Alexandre Petrovitch!

— Melhor, então conte!

— Quer mesmo ouvir? Pois lá vai!

E a história do crime que ouvi era, se não engraçada, pelo menos bastante estranha...

— Aconteceu assim — começou Bakluchine. — Quando me mandaram para R., que foi que encontrei lá? Uma cidade grande, bonita, mas com alemães demais. Eu, que ainda era moço nesse tempo, dava na vista; usava o gorro de banda, e me divertia à larga — compreende, não? Arrastava a asa às alemãs, e tinha uma, chamada Luísa, que me agradava muito. Eram engomadeiras, ela e a tia — mas engomadeiras de roupa fina. A tia era uma bruxa velha, porém a pequena enchia os olhos. De começo passei pela janela, fazendo pose, depois ficamos amigos. Luísa falava russo muito bem — só com um pouco de sotaque. E era muito engraçadinha! Não encontrei nunca outra igual. Então — já sabe — fui pedindo... ela porém me disse: “Não, Sacha, isso não; quero guardar minha inocência e casar contigo.” Passava todo o tempo me acarinhando e dando risada. Tinha um riso tão alegre... Enfim — é claro — uma rapariga tão bonitinha, tão limpa — tinha que me agradar mais que qualquer outra. Ela é que queria se casar — e como é que eu poderia dizer não, hein? E me preparei para pedir autorização ao coronel. Mas de

repente, que foi que aconteceu? Luísa faltou a um encontro, a outro depois, e a mais outro... Mandei-lhe uma carta, e nada de resposta; então, pensei: “Que é que há? Se ela estivesse me enganando, daria um jeito para responder à carta ou vir aos encontros; mas não sabe mentir, e rompeu, simplesmente. Deve ser coisa da tia!” Não me atrevi a ir à casa da velha; ela sabia que nós namorávamos, porém a gente se escondia para despistar. Eu estava como louco; escrevi mais uma carta a Luísa, e disse: “Se tu não apareces, vou à casa da tua tia!” Ela teve medo e veio. E, então, me confessou chorando que havia um alemão chamado Schultz, seu parente afastado, relojoeiro rico, que queria casar com ela — para fazê-la feliz. Era só o que queria: fazê-la feliz, e ao mesmo tempo não viver sem mulher, na velhice. E Luísa disse mais: “Já faz muito tempo que Schultz gosta de mim, que está com isso na cabeça, mas não tinha coragem de casar comigo; calou-se, e esperou, tu compreendes, Sacha; mas é rico, e é para minha felicidade. Tu não queres impedir que eu seja feliz, queres?” Olhei para ela: estava chorando, me beijando, e pensei que afinal a pequena tinha razão: que lhe adiantava casar com um soldado, fosse embora suboficial como eu era? — “Bem, falei — adeus, Luísa, e que Deus te abençoe! Não quero impedir tua felicidade! Como é esse alemão? Bonito?” — E ela respondeu: “Não, é um velho narigudo.” E deu uma risada. Deixei-a, e pensei: “É porque não era minha sorte!” No dia seguinte passei diante da loja de Schultz — ela me havia dito em que rua ficava. Olhei pela vitrina, e vi um alemão remexendo num relógio. Tinha uns quarenta e cinco anos, nariz de papagaio, olhos esbugalhados, e um fraque de gola alta — altíssima! Aquilo me deu um nojo! Tive vontade de lhe quebrar a vitrina na cara. Mas pensei: “Para quê? Não adianta fazer barulho, tudo já foi por água abaixo!” Voltei para o quartel, à noitinha, estirei-me na tarimba e, há de crer, Alexandre Petrovitch? de repente me pus a chorar...

“Passou-se um dia, e outro mais, e um terceiro. Não vi mais Luísa. Foi então que soube por uma amiga (uma velha engomadeira que Luísa às vezes visitava) que o alemão tivera ciência do nosso namoro, e estava apressando o casamento, por causa disso. Se não fosse assim, esperaria ainda um ano ou dois. Parece que ele tinha feito com que Luísa jurasse nunca mais me procurar.

Parece também que ele apertava a tia e Luísa por minha causa. Ela decerto ainda não refletira bem, não se resolvera. A velha também me disse que no outro dia, domingo, iam as duas tomar um café em casa do noivo; iria, ainda, um parente velho, antigo comerciante caído na miséria, e que agora vigia numa taverna. Quando compreendi que, no domingo, certamente a coisa toda ficaria resolvida, fiquei numa fúria tão grande que não sabia mais de mim. Durante todo esse dia e no dia seguinte não pensei em outra coisa. Era capaz de engolir vivo o desgraçado daquele alemão.

“No domingo de manhã eu ainda não decidira o que haveria de fazer; mas, assim que acabou a missa, vesti o capote, e toquei para a casa do alemão. Tinha na mente encontrar todos lá, porém juro que não sabia para que os queria, nem adivinhava que ia

dar cabo de alguém. Por via das dúvidas, levei no bolso uma pistola — uma pistola de nada, com um gatilho à moda antiga, que eu tinha comigo desde menino. Já não valia coisa nenhuma. Mas pus-lhe carga, de qualquer modo, porque pensava: 'Vão me tocar para fora, vão ser grosseiros comigo; então eu tiro o brinquedo do bolso e faço um pouco de medo no pessoal!' Entrei na loja: ninguém. Estavam nos fundos, sozinhos, sem criada. O sujeito tinha aliás uma cozinheira alemã. Atravessei a loja, e dei com uma porta fechada — uma porcaria duma porta velha, trancada com uma tramela. Parei, com o coração batendo forte, e escutei: estavam falando alemão. Dei um pontapé na porta com toda a força, e imediatamente ela se abriu. Vi a mesa posta, e em cima uma cafeteira enorme, e o café fervendo numa lâmpada de álcool. Biscoitos num prato, uma garrafa de vodca, arenques, um salsichão e mais outra garrafa de não sei que vinho. Luísa e a tia estavam sentadas no sofá, todas no trinque; defronte delas, numa cadeira, o alemão, o noivo, todo penteado, com o fraque de gola alta; no canto da mesa outro alemão, um velho gordo de cabelo branco, muito quieto. Entrei: Luísa ficou da cor de cera; a tia deu um salto e tornou a sentar; o alemão fechou a cara. Levantou-se, mal satisfeito, e caminhou para mim:

“— Que deseja aqui, soldado? — perguntou.

“Eu devia estar atrapalhado, mas a raiva me deu coragem:

“— Que desejo? Que me recebas e me ofereças bebida. Vim aqui de visita.

“O alemão pensou e disse:

“— Sente-se.

“Sentei-me e falei:

“— Vamos, serve-me bebida.

“E ele resmungou:

“— Está aqui a vodca; beba, por favor.

“— Sim, falei, mas esta vodca presta?

“A mostarda já estava me subindo ao nariz:

“— É muito boa.

“Ele me espiava por cima do ombro, e aquilo me fazia ferver o sangue. E o pior, já se sabe, era ver Luísa me olhar. Engoli a vodca e disse:

“— Por que estás com tanta grosseria, alemão? Tens que ser meu amigo. Para isso vim aqui.

“— Não posso ser seu amigo — respondeu ele. — Você não passa dum soldado.

“Então fiquei uma fera.

“— Cara de espantalho — gritei — salsicheiro de uma figa, não estás vendo que eu agora posso fazer de ti o que quiser? Estás vendo esta pistola? Queres que te rebente a cabeça com ela?

“Tirei a pistola do bolso, e apontei bem para o meio da cara dele. Os outros

olhavam, mais mortos que vivos, não tinham coragem nem de respirar. O velho tremia como uma folha, sem dar um pio, branco de medo.

"O alemão estava antes admirado, mas de qualquer modo se refez depressa.

"— Não tenho medo de você, falou ele. E se é um homem bem-educado peço-lhe que acabe já com essa brincadeira. Não me faz medo nenhum.

"— Mentira! — bradei. — Estás com medo!

"É verdade que ele não se atrevia a mexer com a cabeça debaixo da pistola; não movia um dedo.

"— Não, o senhor não tem absolutamente o direito de fazer isso!

"— E por que é que não tenho direito?

"— Porque é proibido, e depois teria que pagar pelo que fez.

"Diabos levem o burro daquele alemão! Se ele não me fizesse perder as estribeiras, ainda estaria vivo! Foi a discussão que provocou tudo!

"— Ah — repliquei — então estás pensando que eu não me atrevo?

"— N-não!

"— Não me atrevo?

"— Não se atreve absolutamente!

"— Pois então toma, cara de salsicha, toma!

"Dei o tiro, e o sujeito escorregou da cadeira, enquanto os outros se puseram a berrar.

"Enfiei a pistola no bolso e me raspei de lá. Chegando ao quartel, atirei a pistola nas urtigas, perto da entrada.

"Entrei, me estirei na cama e pensei: 'Vão me pegar.' Mas passou-se uma hora, outra, e nada! Já era noite, quando me veio uma mágoa, uma dor tão grande, que quase me rebenta. Tinha que encontrar Luísa naquele mesmo instante. Passei pela relojoaria, vi lá um povaréu enorme e a polícia. Pedi à velha que chamasse Luísa, esperei um pouco e Luísa chegou. Agarrou-se comigo, chorando: 'Sou eu a culpada, porque fui escutar os conselhos de minha tia!' E contou em seguida que, logo depois da história, a tia voltara para casa, doente de medo, incapaz de dizer uma palavra. 'Não quis falar nada a ninguém e fez com que eu jurasse que calava a boca. A velha estava morrendo de medo! Façam eles o que quiserem! Ninguém nos viu lá; ele tinha mandado embora a criada; tinha medo dela; era capaz de lhe arrancar os olhos quando soubesse que o patrão ia casar comigo. Os empregados também não estavam — ele mesmo preparou o café e a merenda. E o parente velho, sempre calado a vida inteira, há de continuar calado agora. Quando a coisa aconteceu, apanhou o chapéu e saiu sem dizer nada.'

"Tudo se passou assim mesmo. Durante uns quinze dias ninguém me prendeu, ninguém suspeitou de mim. E, durante esse tempo, acredite se quiser, Alexandr Petrovitch, nunca fui tão feliz na minha vida! Via Luísa todos os dias, e que carinho que

ela me dispensava! Chorava, e dizia: 'Vou para qualquer lugar onde te mandarem. Deixo tudo por ti.' Eu já pensava até em acabar com a vida, tanta pena que ela me dava; mas, depois dessas duas semanas, me prenderam. O velho e a tia conluiaram-se e me denunciaram.”

— Escute, Bakluchine — interrompi. — Um caso desses podia lhe arranjar uns dez a doze anos, na seção civil. Contudo, você está na seção especial. Por quê?

— Isso já é outra história! Quando fui a conselho de guerra, o capitão me disse uma porção de palavrões diante dos juízes. Eu não pude aturar aquilo, e gritei: “Por que me insultas desse modo?

Onde é que pensas que estás? Não estás vendo o espelho da justiça6 na tua frente, animal?” Juntaram uma história com a outra, peguei quatro mil varadas, e a seção especial. Mas quando me levaram para sofrer o castigo, o capitão também estava lá. Eu sofri os açoites. Ele, porém, foi degradado e mandado para o Cáucaso como simples praça. Até logo, Alexandr Petrovitch, não falte ao nosso teatro.

---

1) Judeu. (N. T.)

2) O talede ritual. (N. T.)

3) Trata-se evidentemente dos tefilins, filactérios que os estritos observadores da Lei judia amarram no pulsos e na testa, segundo as prescrições do Êxodo (XIII, 9 e 16) e do Deuteronômio (VI, 8 — XI, 18). (N. T.)

4) O verchok é uma medida equivalente a 4,445 centímetros. (N. T.)

5) Bebida feita com água, mel e especiarias; hidromel. (N. T.)

6) Na mesa de todos os tribunais russos havia um espelho da justiça (zertsalo) — prisma de vidro triangular encimado por uma águia e em cujas três faces eram colados três ucasses, ou decretos, de Pedro, o Grande, referentes ao processo e aos direitos dos cidadãos. (N. T.)

10

NATAL

Enfim, chegou o Natal. Desde as vésperas os presos quase não trabalhavam: os alfaiates e outros oficiais foram para as oficinas, porém os demais se reuniram para a chamada e voltaram quase imediatamente, de um em um ou aos grupos. Depois da refeição, ninguém se mexeu mais. Aliás, desde pela manhã a maioria dos detentos não se ocupava senão dos seus próprios negócios. Uns conspiravam a propósito da vodca que era preciso fazer entrar, ou encomendar ainda. Outros pediam permissão para visitar amigos ou amigas; alguns recolhiam para as festas as pequenas quantias que haviam ganho com o seu trabalho particular. Bakluchine e a turma encarregada do teatro procuravam convencer alguns indecisos, sobretudo entre as ordenanças dos oficiais, que tinham possibilidade de lhes emprestar trajos. Alguns iam e vinham com ar absorto e apressado; mas apenas porque viam os outros absortos e apressados; não tinham nenhum dinheiro em perspectiva, todavia comportavam-se como se o esperassem das mãos dos devedores. Em resumo, todos aguardavam o dia seguinte como um acontecimento extraordinário. À tarde, os inválidos voltaram da cidade com as encomendas dos presos; traziam vários comestíveis, carne, leitões e até gansos. Alguns dos nossos, entre os mais simples e os mais econômicos, até mesmo aqueles que durante o ano inteiro iam juntando um a um os seus copeques, sentiam-se obrigados a afrouxar os cordões da bolsa, e a comemorar condignamente a festa. O Natal representava para os forçados uma solenidade de que ninguém os poderia privar, que a lei lhes reconhecia formalmente. Era um dos três dias do ano em que ninguém tinha o direito de os fazer trabalhar.

Afinal, pode-se conceber quantas recordações agitavam as almas daqueles réprobos, nas proximidades do Natal! A gente do povo cultiva, desde a infância, o respeito pelas festas solenes, durante as quais se abandona a rude labuta e congregam-se as reuniões de família. No presídio, onde a comemoração das festas não poderia provocar senão saudade, esse culto assumia um aspecto imponente. Só alguns detentos bebiam, a maioria se mantinha grave, como que preocupada, apesar da sua absoluta desocupação. Os próprios beberrões se esforçavam por manter um ar sério. As risadas pareciam proibidas. Reinava em todo o presídio uma atmosfera de suscetibilidade, de intolerância: e quem, mesmo involuntariamente, perturbava a compostura geral, era chamado à ordem por gritos, por injúrias; zangavam-se contra ele como se faltasse ao respeito à

própria festa. Esse estado de espírito era tão comovente quanto curioso. Além da veneração intrínseca que sente nesse grande dia, o forçado se apercebe inconscientemente de que a sua coparticipação na festa o põe em comunhão com o resto do mundo, e que, por consequência, já não é ele um réprobo, um decaído, um farrapo sem dono, mas, embora no fundo do presídio, ainda é um homem. Cada um o sentia, e aquilo era visível, compreensível.

O próprio Akim Akimitch se preparava ativamente. Não tinha recordações de família, pois se criara órfão em casa de estranhos e, aos quinze anos, iniciara os duros trabalhos do serviço militar. Sua vida não contara nunca alegrias especiais, porque ele a passara na regularidade, na rotina, no receio de infringir qualquer ínfimo dever que lhe era imposto. Não era muito religioso, uma vez que o formalismo lhe absorvera todos os dons humanos, todas as paixões, todos os desejos, bons e maus. Preparava-se, portanto, sem nenhum sentimento febril, sem emoção, sem a mínima espécie de saudade. Mas tinha ali excelente oportunidade para aplicar sua metódica pontualidade nos deveres impostos por uma festa de tradição indiscutível. Aliás, Akim Akimitch não gostava de refletir. A importância dos fatos lhe deixava o cérebro em repouso; bastava que uma ordem lhe fosse dada para a cumprir com religiosidade e minúcia. Se no dia seguinte lhe dessem nova ordem, inteiramente antagônica à da véspera, obedeceria com a mesma docilidade, o mesmo cuidado. Certa vez, uma única vez na sua vida, agira por sua própria cabeça, e aquilo o levara ao presídio. A lição não se perdera. Por mais incapaz que fosse ele de compreender em que consistira o seu crime, tirara, daquela aventura, uma regra salutar: não raciocinar nunca, porque raciocinar não era “negócio” seu. Devoto cego das fórmulas, considerava com antecipado respeito o leitão que recheara com centeio, e que, com suas próprias mãos, assara no forno — pois até cozinhar sabia. Não o considerava um simples leitão que se pode em qualquer tempo comprar e assar, mas um animal criado especialmente para festejar o Natal. Decerto, habituado desde a infância a ver figurar um leitão na ceia do Natal, concluíra que esse animal era indispensável à celebração do dia; estou convencido de que se Akim Akimitch não pudesse comer leitão na noite de festas, aquele dever não cumprido lhe daria remorsos para o resto da vida. Trajava até então um casaco velho e umas calças que, apesar de todos os cuidadosos remendos, tinham chegado ao último grau de usura. Descobri que já há quatro meses ele guardava preciosamente dobrado no baú o uniforme novo, com o fim único de o estrear no Natal. Na véspera desse grande dia, Akim o tirou do baú, estendeu-o, olhou-o, escovou-o, assoprou-o, examinou-o costura por costura, e afinal o experimentou, para ver como ficava. Constatou que ficava bem, que estava decente, que os colchetes fechavam até em cima, que o colarinho, duro como cartolina, lhe mantinha o queixo elevado. O trajo tinha uma certa linha militar no corte, e Akim Akimitch, com um meio sorriso de satisfação, virava-se e revirava-se lestamente diante do seu espelhinho, cuja moldura, já

há muito tempo, numa hora de folga, ele próprio dourara. Só um colchete do colarinho não parecia lá muito bem pregado. Akim Akimitch o descobriu e resolveu mudá-lo de lugar. Depois de repregar o colchete, experimentou de novo o casaco e viu que estava irrepreensível! Tranquilizado, então, dobrou a roupa e tornou a guardá-la cuidadosamente no baú. Estava com a cabeça bem raspada; todavia, depois de severo exame ao espelho, observou que o alto do crânio não se mostrava inteiramente liso; avistavam-se alguns cabelos um pouco crescidos; foi imediatamente procurar o “major” para raspar a cabeça direito, de acordo com o regulamento. Ninguém, decerto, o iria revistar no dia seguinte, mas ele procedia assim por alívio de consciência, a fim de cumprir seus deveres para com a festa. Desde criança trazia gravada na alma a veneração pelo botão, os alamares, as dragonas; seu espírito estava preso a essas marcas externas do dever, e as cultuava no íntimo como a imagem da mais perfeita elegância que pode ser cobiçada por um homem de bom-tom. Depois de proceder a todas essas verificações, na sua qualidade de monitor, mandou trazer palha e fiscalizou a sua metódica disposição sobre o chão. Procedia-se à mesma operação em todos os outros alojamentos. Não sei por que, quando chegava o Natal, punham palha no chão. Acabados os trabalhos, Akim Akimitch rezou as suas orações, estirou-se na tarimba e adormeceu imediatamente, no sono suave da infância, para despertar o mais cedo possível no dia seguinte. Foi, aliás, o que também fizeram os demais detentos. Em todos os alojamentos foi-se dormir muito mais cedo que nos outros dias. Os trabalhos comuns de serão foram abandonados; quanto ao maidane, nem se pensava nisso. Cada um vivia na expectativa do dia seguinte.

Enfim, o dia chegou. Muito cedo, antes da madrugada, bateu-se a alvorada, abriram-se as casernas, e o suboficial que veio fazer a chamada nos desejou boas-festas. E em tom amável, lhe retribuímos os votos. Acabadas as rezas, Akim Akimitch e vários outros se precipitaram para a cozinha, a fim de vigiar o preparo do seu ganso ou do seu leitão. Na sombra, através das janelinhas tapadas pela neve e pelo gelo, viam-se luzir os seis fogões das cozinhas, acesos desde a madrugada. No pátio escuro passavam os detentos, com o capote atirado ao ombro, atraídos todos pelos fogões. Alguns — em pequeno número, porém — já tinham tido tempo para visitar os botequineiros. Eram os mais impacientes. A maioria se portava com dignidade, com decência, muito melhor que de hábito. Não se ouvia ninguém a praguejar ou a brigar, como sempre. Todos compreendiam a grandeza, a solenidade da festa. Alguns iam às outras casernas, para dar boas-festas aos amigos e conhecidos; sentia-se nas vozes daqueles homens um sentimento que se parecia muito com amizade. Diga-se de passagem que os forçados não se afeiçoam a ninguém; é muito raro ver algum tornar-se amigo de outro. A amizade quase não existia entre nós; as relações entre os detentos mantinham-se sempre ásperas, secas; era esse o tom adotado e vigorante, praticamente sem exceções.

Quando por minha vez saí da caserna, o dia começava a nascer; as estrelas

empalideciam, e uma leve neblina congelada ia-se erguendo da terra. A fumaça saía em autênticas colunas pelas chaminés das cozinhas. Os poucos companheiros que encontrei, vinham espontânea e amavelmente em dar boas-festas. E eu agradeci e retribuí os bons votos.

Alguns me dirigiam a palavra pela primeira vez.

Na porta das cozinhas encontrei um detento da seção militar, com a pele de carneiro atirada ao ombro. Do meio do pátio, avistando-me, ele gritara: “Alexandr Petrovitch! Alexandr Petrovitch!” E se precipitara para as cozinhas. Detive-me para o esperar. Era um rapaz de cara redonda, olhar calmo, muito pouco conversador; nunca me dirigira a palavra nem me prestara a mínima atenção; e eu não lhe sabia sequer o nome. Chegou, afogueado, resfolegando, e ficou parado diante de mim, sorrindo, e fitando-me com os olhos estúpidos.

— Que deseja? — perguntei-lhe, não sem espanto, vendo que ele não se mexia e me olhava sem encontrar palavras.

— Mas... é... a festa... — gaguejou afinal; e, compreendendo que nada mais tinha a me dizer,deu meia volta e entrou na cozinha.

Farei notar aqui que desde esse dia até o fim da minha detenção não nos encontramos praticamente nunca mais.

Nas cozinhas, junto aos fogões aquecidos até o rubro, um verdadeiro formigueiro se agitava. Cada um tomava conta do que era seu, enquanto os cozinheiros preparavam a comida geral, porque nesse dia a hora das refeições era adiantada. Entretanto, ninguém se sentava à mesa, apesar dos desejos de alguns. Esperava-se o padre, pois o jejum só deveria terminar depois da sua visita. O sol ainda não clareara de todo, quando no portão de entrada soou o grito do cabo de serviço, chamando os cozinheiros. O mesmo grito ecoou a todo instante, durante perto de duas horas; chamava para que se recebessem as esmolas mandadas de todos os cantos da cidade. Enviavam em quantidades enormes kalatchi, pães, pastéis de queijo, frituras, doces de toda espécie. Penso que não havia na cidade uma vendeira, uma burguesa que não mandasse, como festas, uma esmola para os “desgraçados”. Algumas esmolas eram opulentas, como por exemplo pães de flor de farinha; outras mesquinhas, um pãozinho redondo de dois copeques ou uma torta lambuzada de creme azedo: aquilo era o presente do pobre ao pobre; mas o doador gastara nele o seu último copeque. Recebia-se tudo com o mesmo reconhecimento, sem fazer distinções entre os donativos ou entre os doadores. Os detentos que recebiam esmolas tiravam o gorro, inclinavam-se para saudar os doadores desejando-lhes boas-festas, e levavam para as cozinhas o que lhes havia sido entregue. Quando reuniam grandes montes de pão, chamavam-se os monitores, e eles os repartiam em partes iguais, entre todos os alojamentos. A partilha não provocava brigas nem descomposturas; fazia-se honesta, equitativamente. Akim Akimitch, ajudado por outro preso, nos distribuía o

quinhão do nosso alojamento, dividiam-se com suas próprias mãos e entregavam a cada um a sua parte. Não houve a mínima reclamação; cada um se considerava satisfeito, nenhum sentia inveja, nenhum pensava que as esmolas haviam sido escondidas ou divididas sem igualdade.

Quando terminou os seus preparativos de cozinha, Akim Akimitch vestiu-se com cuidado e gravidade, sem deixar desabotoado o menor colchete; depois foi rezar, no que demorou bastante tempo. Eram sobretudo os mais velhos que desempenhavam os seus deveres religiosos. Entre os jovens, muitos se contentavam em fazer o sinal-da-cruz, ao se levantarem, mesmo nos dias de festa. Acabada a reza, Akim Akimitch me procurou, e me deu as boas-festas com certa gravidade. Convidei-o a tomar chá e ele me convidou a comer do seu leitão. Um pouco depois, Petrov correu para mim para me oferecer também seus bons votos. Parecia já ter bebido; um pouco sem fôlego por causa da corrida, não me falou muito, ficou alguns segundos parado defronte de mim, como se esperasse alguma coisa, e me deixou rapidamente para correr até a cozinha. Nesse ínterim, na prisão militar, faziam-se os preparativos para a recepção do pope. Essa caserna não era construída de modo igual às outras; a tarimba era ao comprido da parede, em vez de ficar no meio, como nas demais. Era, pois, a única que não tinha o centro ocupado. Tinham-na arrumado assim para os casos em que houvesse necessidade de reunir os forçados. Puseram no meio da sala uma mesinha, coberta com um pano branco; depois, colocaram em cima um ícone, e acendeu-se uma lamparina. Enfim, entrou o pope, carregando a cruz e a água benta; após rezar e cantar diante da imagem santa, defrontou os detentos, que, com sentida compunção, desfilaram perante ele a fim de beijarem a cruz. O pope atravessou em seguida todas as casernas, e as ia aspergindo de água benta. Na cozinha, felicitou-nos pelo nosso pão, que era gabado até na cidade; imediatamente lhes oferecemos dois pãezinhos que acabavam de sair do forno e encarregamos um dos inválidos de os levar até a casa do pope. E despedimo-nos da cruz com o mesmo respeito com que a havíamos acolhido. Então, quase no mesmo instante, apareceram o major e o governador. Este, que era querido por todo o mundo, visitou os alojamentos em companhia do major, desejou feliz Natal aos forçados, passou pela cozinha e provou a sopa de couves, suculenta naquele dia, porque tinham posto nela cerca de uma libra de carne por detento. Ademais, um cozido de milho, onde a manteiga não fora poupada, fervia no fogo. Depois de levar à porta o governador, o major deu o sinal para a refeição, mas os presos se esforçavam por não lhe ficar sob as vistas; temiam o olhar odiento que, por trás dos óculos, passeava à direita e à esquerda, procurando, até mesmo naquele momento, uma desordem a reprimir ou um culpado a castigar.

Sentamo-nos à mesa. O leitão de Akim Akimitch estava otimamente assado. Não sei como foi que isso se deu, mas cinco minutos não tinham decorrido depois da partida do major, quando descobrimos que grande número de homens já estava bêbado — e,

entretanto, na presença do chefe ninguém parecia ter tomado nada. Muitas caras ficavam vermelhas e lustrosas; apareceu uma balalaica; o polaco do violino fora contratado para todo o dia, e seguia um folião, arranhando alegres músicas de dança. A conversa se fez mais animada, mais ruidosa; contudo a refeição acabou sem grande tumulto. Todos estavam fartos. A maioria dos velhos, dos mais sérios, foi logo se deitar; o mesmo fez Akim Akimitch, considerando decerto que nas grandes festas a sesta é de rigor. O velho raskolniki de Staradubov cochilou um pouco, depois estirou-se na estufa, abriu o livro e pôs-se a rezar; ficou assim, sem se interromper, até a noite fechar de todo. Era-lhe penoso o espetáculo daquela "vergonha" (assim designava a embriaguez coletiva dos presos). Os circassianos foram todos sentar-se na entrada, e contemplavam com curiosa repugnância os despautérios dos bêbados. Encontrei-me com Nurra: "Iaman, iaman! (Mal, mal!)" disse-me ele abanando a cabeça com honesta indignação. "Oh, iaman! Alá vai se zangar!" Isai Fomitch, com ar provocante e obstinado, acendeu uma vela e se pôs a trabalhar, para tornar bem patente que nada tinha com aquela festa. Nos cantos, organizavam-se partidas de jogo; não se temiam os inválidos; entretanto, por causa do suboficial, que aliás fechava os olhos, puseram-se sentinelas à entrada. O oficial de guarda apareceu três vezes fazendo a ronda. À sua chegada escondiam-se os bêbados, desapareciam os maidanes — e ele próprio parecia resolvido a não enxergar as leves infrações ao regulamento. Em dia de festa, a embriaguez não era considerada crime. Pouco a pouco, aumentava a animação e começavam as brigas. Mas como o maior número se conservara sóbrio, não faltava quem tomasse conta dos ébrios. Estes, realmente, se excediam. Gazine triunfava. Passeava como um rei ao redor do seu lugar. Acabava exatamente de transportar para debaixo da tarimba a aguardente até então muito bem dissimulada num esconderijo por trás das casernas, sob a neve. Dava uma risadinha ladina olhando os que vinham comprar bebida, mas não tocava numa gota de vodca, pois sua intenção era divertir-se após ter esvaziado de todo a algibeira dos companheiros. As casernas vibravam com as canções, porém a bebedeira tornava-se infernal e as cantigas pareciam pranto. Muitos passeavam aos bandos, a pele de carneiro atirada displicentemente às costas, dedilhando com ar casquilho as cordas da balalaica. Na seção especial uns oito homens tinham até organizado um coro, cantavam muito bem, acompanhados por balalaicas e guitarras. Mas as cantigas realmente populares faziam exceção; recordo-me apenas de uma, admiravelmente cantada:

"Outrora, quando moço,
"a muitas festas fui..."

e da qual guardei de memória uma variante que ainda não conhecia. No final da toada acrescentava alguns versos:

“Quando eu era moço
“Boa casa tinha
“Tudo limpo, asseado.”
“A lavagem dos pratos
“Engrossava a sopa;
“No sebo do degrau
“Se fritava a broa...”

Cantavam-se principalmente as canções chamadas “do presídio” que todo o mundo conhece. Uma delas, intitulada “Outrora”, era engraçadíssima; conta a história de um homem que dantes se divertia e vivia como barine, e acabou dando com os ossos no presídio. Outrora, bebia champanha e agora,

“Dão-me couves com água,
“que quando as mordo mexo até as orelhas...”

A outra canção, conhecidíssima, estava em grande moda:
“Outrora vivia eu “garoto, feliz no mundo.
“Tinha um capital guardado
“mas, ai! veio a pouca sorte “e o meu capital voou.
“Agora já perdi tudo, “perdi mesmo a liberdade,
“e peno no cativeiro.”

E assim por diante. Apenas, entre nós, pronunciava-se copital e não capital, carregando no o, porque derivavam a palavra de copit (economizar). Cantavam-se também cantigas tristes. Uma delas, característica canção de presídio, parece-me que é conhecida fora dele:

“Acende-se a luz do céu
“e o tambor rufa a alvorada.
“A velha porta se abre,
“faz a chamada o sargento;
“Ninguém vê, por trás dos muros,
“como vivemos aqui...
“Mas Deus sempre está conosco, “embora nos guarde aqui...”

Uma outra canção, mais triste ainda, cuja música é magnífica, embora a letra seja

inculta e sem beleza, foi feita decerto por um preso qualquer. Alguns dos versos ainda me ocorrem à lembrança:

“Meus olhos não mais avistam
“a província onde nasci.
“Ando penando, inocente,
“condenado a este martírio.
“Adeus, amores antigos!
“No telhado chora o mocho,
“e a mata ecoa o seu pranto.
“O meu coração se aperta.
“Nunca mais, ai, nunca mais,
“hei de rever minha terra.”

Cantavam-na frequentemente, mas em solo, jamais em coro. Nas horas de descanso, um forçado vai até a porta da caserna, senta-se, medita, com o rosto entre as mãos, e entoa essa queixa, num tom agudo de falsete; e a tristeza que emana da cantiga dilacera a alma da gente. Não faltavam bonitas vozes entre nós.

Enfim, caiu o crepúsculo. A angústia, a dor, o pesado tédio retornavam através da orgia, da bebedeira. Aquele que uma hora antes estava rindo, soluçava agora num canto, depois de atravessar os limites da simples embriaguez. Alguns já tinham tido tempo de trocar pancadas duas ou três vezes. Outros ainda, lívidos, mal se segurando nas pernas, vagueavam oscilantes através das casernas, provocando brigas. Os que o vinho entristecia procuravam obstinadamente amigos: queriam aliviar a alma e desabafar as mágoas que o álcool erguera à tona. Aqueles desgraçados tinham desejado tanto divertir-se, passar alegremente a grande festa e — meu Deus! — que peso, que esmagamento para quase todos! Cada um quisera, naquele grande dia, embalar-se com uma esperança; mas a esperança não se realizara. Duas vezes ainda Petrov me procurou. Bebera muito pouco, e parecia quase sóbrio de todo, porém esperava o acontecimento que deveria necessariamente ocorrer — até o derradeiro minuto: seria qualquer coisa extraordinária, solene, profundamente alegre. Não dizia isso, mas lia-se a expectativa nos seus olhos. Corria sem descanso duma caserna a outra, e contudo, nada de especial sucedia: não encontrava senão bêbados, criaturas que vociferavam pragas imbecis, caras inflamadas pelo álcool. Como Petrov, Sirotkine, vestido com uma blusa vermelha nova em folha, rondava pelas casernas, elegante e limpo; ele também parecia esperar ingenuamente. Pouco a pouco, a atmosfera do meu alojamento se tornou irrespirável, nauseabunda. Não faltavam espetáculos cômicos, mas eu me sentia tão triste, tinha tanto dó daqueles desgraçados, que sufocava.

Dois, ali, brigavam, para decidir quem obsequiaria o outro: a coisa já dura há muito tempo e estão prontos a trocar murros. Um deles tem uma rixa velha com o outro; e queixa-se remexendo a língua pastosa.

Esforçava-se por demonstrar que acaba de sofrer uma injustiça: durante o último carnaval, o companheiro lhe vendeu um capote e o dinheiro sumiu. Mas não é só isso. O queixoso é um rapagão musculoso, sossegado, inteligente; mas toda vez que bebe, procura um amigo para desabafar. Apesar das pragas, das ofensas que alega, sente-se o seu desejo de fazer as pazes com o outro forçado, a fim de se aproximarem mais. E este, forte, atarracado, tem a cara redonda, um ar astuto de intrigante, talvez tenha bebido mais que o companheiro, porém mal se lhe descobre a embriaguez. É homem sério e passa por rico; não quer irritar mais o colega excessivamente expansivo, e leva-o ao botequineiro. O rapaz sustenta sempre que tem direito de receber sua dívida e que o outro tem obrigação de lhe oferecer bebida, “se é que és um homem honrado”.

Demonstrando alguma consideração pelo homem que paga e um leve desprezo pelo forçado expansivo que recebe do outro em vez de beber por conta própria, o botequineiro apanha um cálice e o enche.

— Não, Stiopka, tu é que pagas — diz o forçado expansivo, vendo-se convidado — é a tua obrigação.

— Não adianta estragar a língua falando contigo! — retruca Stiopka.

— Não, Stiopka, estás mentindo — sustenta o rapaz recebendo o cálice das mãos do botequineiro. — Sabes que me deves, ou então não tens consciência. Não tens consciência. Não tens consciência e te falta um olho — até o olho empenhaste! Empenhas tudo! És um canalha, Stiopka, um canalha, não passas dum canalha!

— Ainda não paraste de choramingar? Olha, estás entornando a vodca! Enchi o teu copo,bebe! — grita o botequineiro àquele bêbado por demais ruidoso. — Tenho que esperar até amanhã? — Sim, estou bebendo, não preciso que me grites! Boas-festas e boa saúde, Stepan Dorofeitch! — fala delicadamente o ébrio, com uma mesura cortês. Depois, olhando para aquele a quem momentos antes chamara “canalha”, continua, com o copo à mão: — Desejo-te mais cem anos de vida, fora os que já tens!

Bebe, rosna de satisfação, limpa a boca.

— Antes, minha gente, eu virava uma boa porção de vodca — declarou com dignidade, sem se dirigir especialmente a ninguém; — mas agora, esse tempo passou... Muito obrigado, Stepan Dorofeitch.

— Não há de quê!

— E agora, Stiopka, deixa-me continuar. Na minha opinião és um grandíssimo malandro, porém ainda te digo...

— E está aqui o que eu vou te dizer, seu bêbado de uma figa — interrompe Stiopka, irritado. — Escuta bem minhas palavras: olha o mundo à nossa frente; vamos

dividi-lo em duas metades. Eu tomo por uma e tu pela outra. Anda, e que eu nunca mais te ponha os olhos em cima! Estou farto!

— E não me pagas meu dinheiro?

— Que dinheiro hei de te pagar, seu bêbado?

— Muito bem, se o vieres devolver no outro mundo, não o recebo. Nosso dinheiro é o nosso trabalho, nosso suor, nossas mãos calejadas. Tu hás de me pagar os meus cinco copeques no outro mundo.

— Cai fora! Diabos te levem!

— Não me açoites! Não sou cavalo de arado!

— Anda, anda, cai fora!

— Sujo!

— Forçado à-toa!

E as injúrias choviam muito mais ásperas que antes da bebida.

Na tarimba, dois amigos estão sentados não longe um do outro. Um é alto, robusto, musculoso, uma legítima cara de açougueiro. Está quase desfeito em pranto, pois sua emoção é enorme. O outro, débil, franzino, tem o nariz comprido, de onde parece gotejar qualquer coisa, e olhinhos azuis fixos no chão. Foi escrivão outrora, é instruído e malvado, e trata o amigo com certa altivez, o que não deixa de o ofender intimamente. Beberam juntos o dia inteiro.

— Ele se portou pessimamente comigo! — berra o grandalhão, sacudindo violentamente a cabeça do escrivão, que segurara com a mão esquerda. — “Portar-se mal” significa “bater”. — O forçado grandalhão, antigo suboficial, invejava secretamente o seu magro amigo; e, por isso, travam um duelo de palavras rebuscadas.

— E eu te garanto que não tens fundamento no que dizes — começa em tom dogmático o escrivão, mantendo fixa e gravemente os olhos presos no solo.

— Ele bateu em mim, estás ouvindo? — insiste o outro, sacudindo mais fortemente a cabeça do amigo do peito. — Agora, tu és o único que me resta neste mundo, estás ouvindo? Sou eu que te digo, ele se portou mal comigo!

— E eu mais uma vez te repito, meu caro, uma história tão triste só te pode cobrir de vergonha– replica polidamente o escrivão, em voz débil. — Olha, meu amigo, seria melhor que reconhecesses que toda essa bebedeira é um simples resultado da tua inconstância...

O grandalhão oscila um pouco para trás, considera com olhos baços de bêbado o escrivão magrelo e contente consigo, e de chofre, no momento em que o outro menos espera, o esmurra na face, com toda a força do seu enorme punho. E assim acaba uma amizade que durou um dia inteiro. O querido amigo rola desacordado pela tarimba.

Mas eis que penetra no alojamento um dos meus conhecidos da seção especial — um sujeito sempre bem-humorado, que não tem nada de tolo, brincalhão sem maldade e

de aspecto muito simples. Fora ele quem, no dia da minha chegada, procurara um ricaço na cozinha, afirmando que tinha o seu amor-próprio e que eu o convidara a tomar chá comigo. Tem quarenta anos, uma beiçorra enorme, um nariz esborrachado e picado de espinhas. Segura uma balalaica, cujas cordas vai tangendo descuidadamente. Um outro preso, de baixa estatura, notável pela cabeça enorme, acompanha-o como um cão. Esse, mal o conheço. Aliás, ninguém repara naquela criatura. É um indivíduo estranho, desconfiado, taciturno, sempre sério, que trabalha na oficina de costura e procura viver solitário, sem se aproximar de ninguém. Agora, que está bêbado, grudou-se a Varlamov como uma sombra, mas acompanha-o agitadíssimo, gesticulando, esmurrando as paredes e as tarimbas; com um pouco mais estará chorando. Varlamov parece não lhe notar a existência. Coisa curiosa: aqueles dois homens nada tinham em comum, nem no trabalho, nem no gênio; pertenciam, ademais, a duas seções e duas casernas diferentes. O menor chamava-se Bulkine.

Logo que me avistou, Varlamov sorriu. Eu estava sentado à beira da minha tarimba, junto ao fogão; ele se deteve a alguma distância, refletiu, titubeou, aproximou-se mais com passadas incertas, e, espigando o busto, arranhando as cordas da balalaica, batendo no chão com a bota, pôs-se a recitar:

“Cara redonda, cara branca,
“canta como o rouxinol,
“meu benzinho.
“Com seu vestido rodado
“barrado de cetim
“é linda como uma rainha...”

Essa canção teve como resultado enfurecer inteiramente Bulkine: fazendo molinetes e dirigindo-se a todos, ele exclamou:

— São mentiras, só mentiras, rapazes, mentiras somente! Não diz uma única palavra de verdade, só mentiras!

— Meus respeitos ao “velho” Alexandre Petrovitch — diz Varlamov olhando-me no fundo dos olhos; depois, com um riso canalha, inclinou-se como para me beijar. Estava com a sua conta de vodca. A expressão “o velho Fulano” é um sinal de respeito empregado pela gente do povo, na Sibéria, mesmo quando é dirigida a um rapaz de vinte anos. A palavra “velho” tem um sentido de estima, de respeito, até mesmo de lisonja.

— E como vai você, Varlamov?

— Ótimo. Satisfeitíssimo com a festa e bêbado desde que amanheceu. Vá desculpando!

Varlamov falava arrastando um pouco as palavras.

— Já está de novo com a mentirada! — gritou Bulkine presa de um desespero sincero, dando murros na tarimba.

Mas o outro parece que jurara não lhe prestar a mínima atenção. E o mais engraçado é que, desde que amanhecera, Bulkine não deixava os calcanhares de Varlamov, a fim de o impedir de conversar. Vagueava atrás dele como uma sombra, discutia-lhe todas as palavras, torcia os braços, batia nas paredes e nas tarimbas, até ensanguentar as mãos, e sofria, sofria realmente porque na sua opinião Varlamov mentia como um condenado! Se tivesse cabelos na cabeça, arrancá-los-ia, de puro desespero! Poder-se-ia supor que ele tomara sobre os ombros a responsabilidade das ações de Varlamov, e que cada falta do outro lhe pesava na consciência. E o pior de tudo é que Varlamov nem o enxergava.

— Tudo é mentira, mentirada! Nem uma palavra é verdade! — berrava Bulkine.

— E que é que tu tens com isso? — exclamavam os outros forçados, divertidos.

— Quero que fique sabendo, Alexandre Petrovitch, que fui um lindo rapaz; as mulheres eram loucas por mim — começou de repente Varlamov.

— Mentiroso! Olha o mentiroso! — interrompeu-o Bulkine numa espécie de uivo. Todos os detentos romperam em gargalhadas.

— E eu sabia luxar: tinha uma blusa vermelha, calça de veludo bem larga; e me deitava como o conde Butilkin [1], bêbado como um sueco. Afinal de contas... não se pode querer mais!

— Mentira! — afirmou energicamente Bulkine.

— Nesse tempo eu tinha a casa de meu pai, uma casa de dois andares. Mas dentro de dois anosos dois andares vieram abaixo, e fiquei só com a porta, sem os portais. Que havia de fazer?

Dinheiro é como os pombos: quando voou, voou, está acabado!

— Mentira, mentira! — garantiu Bulkine ainda mais enérgico.

— Quando cheguei aqui, mandei uma carta chorona aos parentes, a fim de que me mandassem um dinheirinho. E pensar que eu procedi contra a vontade de minha gente, que lhes faltei com o respeito! E já faz bem sete anos que mandei essa carta!

— E não recebeu resposta? — indaguei, sorrindo.

— Não, não recebi resposta nenhuma — prosseguiu ele sorrindo também, e aproximando o nariz do meu. — E aqui, Alexandr Petrovitch, tenho uma namorada...

— Uma namorada? Aqui?

— Onufriev estava dizendo outro dia: “A minha pode ser feia, picada de bexiga, mas tem os seus trapinhos; e a tua pode ser bonita, porém é uma mendiga, vestida de saco...” — Será possível?

— É verdade, ela pede esmolas — respondeu Varlamov com um riso silencioso.

O alojamento inteiro também ria; todos realmente conheciam a ligação de

Varlamov com uma mendiga, a quem ele dera no máximo uns dez copeques durante seis meses.

— E então? — perguntei, desejoso de me livrar do bêbado.

Varlamov ficou num silêncio reticente, depois falou, apinhando os lábios:

— Será que por causa disso tudo não me emprestará uns cobres para beber um trago, Alexandr Petrovitch? Olhe, passei o dia inteiro bebendo unicamente chá — acrescentou, amável, recebendo o meu dinheiro. — Estou de chá até aqui... Já fiquei sem fôlego, e minha barriga sacoleja como uma garrafa...

No momento em que metia o dinheiro no bolso, o desespero de Bulkine ultrapassava todos os limites. Estava quase chorando e gesticulava como um possesso.

— Criaturas de Deus — berrava ele para o alojamento todo — vejam esse homem! Só diz mentiras! Mentiras e mais mentiras, só mentiras!

— Mas que é que tu tens com isso? — perguntaram-lhe de novo os outros, espantados com aquele furor. — Será que estás maluco?

— Não, não consinto que ele minta desse jeito — urrou ainda Bulkine, revirando os olhos e despejando um murro enorme na tarimba. — Não admito tanta mentira!

Rebentaram de novo as risadas. Varlamov, depois de receber o que queria, inclinou-se diante de mim e tratou de sair da caserna, tropeçando, para ir diretamente ao botequineiro, é lógico. Nesse instante, parece que avistara Bulkine pela primeira vez.

— Vamos, anda — disse detendo-se na porta a fim de o esperar, como se aquele doido lhe fosse indispensável. — Cabeça de pau! — exclamou empurrando Bulkine diante de si, com ar de desprezo, e tocando de novo a balalaica.

Como, porém, descrever o tumulto daquele dia sufocante? Acabou, afinal. Os detentos se estiram pesadamente nas tarimbas, falam, resmungam, sonham mais que de costume. Aqui e além joga-se um pouco, mas a festa, a festa tão longamente esperada, já terminou. Amanhã é de novo dia útil, será de novo o trabalho...

---

1) Alegoria que serve para designar a garrafa. (N. T.)

11

O ESPETÁCULO

No terceiro dia das festas, à noite, nosso teatro deu o seu primeiro espetáculo. Foram inúmeros e ardentes os conciliábulos referentes à organização, mas os atores guardaram tanta reserva sobre os seus problemas que nós não sabíamos sequer o que iriam representar. Durante esses três dias, quando iam ao trabalho, esforçavam-se os atores por trazer a maior quantidade de trajos possível. Quando me encontraram, Bakluchine estalava os dedos bem alto, para significar o seu contentamento. O major parecia estar dum relativo bom humor: contudo ninguém poderia saber se estava a par de tudo, se dera seu consentimento, ou se apenas resolvera fechar os olhos, depois de se certificar de que as coisas correriam convenientemente. Creio que o homem não poderia ignorar a existência do teatro, mas não queria se envolver no caso, compreendendo que, se o proibisse, poderiam surgir surpresas desagradáveis: os forçados se revoltariam ou se embriagariam e, pesado tudo, melhor valia deixá-los entregues à sua distração.

Atribuo este raciocínio ao major, porque é o mais natural e o mais lógico. Pode-se afirmar que se, durante as festas, os detentos não dispusessem do teatro ou de qualquer coisa análoga para os distrair, a administração teria que organizar um sarau. Mas como o nosso major se distinguia por ideias inteiramente opostas às da maioria da humanidade, eu é que dou provas de uma grande falta de discernimento, pretendendo que o homem sabia bem o que fazia. Um indivíduo como o nosso major, sempre, e por toda parte, tem necessidade de esmagar alguém, de retirar qualquer coisa, de suprimir um direito, em resumo, de manter uma ordem rigorosa. Toda a cidade o conhecia sob esse aspecto. Pouco lhe importava que sua opressão acarretasse o risco de provocar uma revolta. “Existe um castigo para os rebeldes (é assim que raciocinam os homens do mesmo calibre que o nosso major) e com esses forçados imundos a gente deve aplicar a lei severa, impiedosamente, ao pé da letra — nada de mais, nada de menos.” Esses executores cegos não compreendem, e jamais serão capazes de compreender, que a aplicação da lei ao pé da letra, sem preocupações pelo seu espírito, leva diretamente à rebelião — e nem pode levar a outra coisa. “A lei o diz — que é que quer mais?”, exclamam eles, sinceramente surpresos ante alguém que lhes peça um pouco de bom senso e sobriedade junto com a aplicação da lei. Essa última condição — sobriedade — é a que lhes parece mais supérflua e revoltante; consideram-na como um vexame, uma falta de tolerância para consigo.

Seja como for, o suboficial não se opôs aos desejos dos forçados; era tudo o que lhe pediam. E afirmo que o teatro e a condescendência que o tolerou foram a razão pela qual durante as festas não houve nem desordens nem roubos. Testemunhei a maneira pela qual os forçados tomavam conta dos bêbados e dos inconvenientes e os faziam desaparecer, alegando que, por causa deles, poderiam proibir a representação. O suboficial fez com que os detentos lhe garantissem que tudo decorreria bem e em calma. Eles concordaram, lisonjeados por essa confiança, e mantiveram religiosamente a promessa. É preciso acrescentar que o consentimento dado não acarretava nenhuma despesa à administração: os lugares tinham sido marcados antecipadamente; a cena se montava e se desmontava toda num quarto de hora; a função deveria durar hora e meia e se sobreviesse bruscamente ordem de interrompê-la, tudo desapareceria num abrir e fechar de olhos, os trajos seriam escondidos nos baús dos detentos. Mas antes de descrever os cenários e os trajos, quero dizer algumas palavras sobre o programa — isto é, sobre as peças que deveriam ser representadas.

Não havia programa escrito. Entretanto, à segunda ou à terceira representação, apareceu um, composto por Bakluchine para uso dos senhores oficiais e outros frequentadores que, desde o primeiro dia, honraram o nosso teatro com sua presença. Nossos espetáculos a princípio foram acompanhados pelo oficial de guarda: uma vez até o oficial da ronda dignou-se comparecer; de outra vez foi o nosso oficial de engenharia; e em honra desses grandes personagens é que se preparou o programa.

Imaginávamos que a fama do nosso teatro se espalharia lá por fora, tanto mais porque na cidade não havia nenhum outro; só de raro em raro algum espetáculo de amadores. E como verdadeiras crianças, os forçados se alegravam com isso, e se envaideciam pelo mais ínfimo êxito.

“Quem sabe?” cochichava-se entre nós, “pode ser que os chefões saibam do teatro e venham apreciá-lo; e, então, vão ficar admirados ao ver o que valem os forçados. O que nós fazemos não tem nada de semelhante com esses teatrinhos feitos pelos soldados; não usamos nem manequins, nem barquinhos flutuantes, nem ursos, nem bodes amestrados; aqui temos atores de verdade, que representam uma comédia de 'cavalheiros' e a cidade não tem nenhum teatro parecido. Uma vez houve uma representação em casa do General Abrossimov, e parece que vão dar outra; mas exceto nos trajos, eles não nos vencem em mais nada, porque no diálogo não têm nada de melhor que nós! E pode até chegar aos ouvidos do governador o boato do que sabemos fazer, e quem sabe se ele não vem ver? Na cidade não há mesmo teatro nenhum!” Em suma: sobretudo depois do primeiro êxito, a imaginação dos forçados subiu ao auge; chegaram quase a esperar recompensas ou diminuição de pena — ao mesmo tempo que tinham bastante juízo para rir das próprias divagações. Sim, eram crianças, autênticas crianças, embora a maioria dentre eles já houvesse passado dos quarenta anos.

Apesar da ausência de programa, eu sabia mais ou menos o que iríamos ver. A primeira peça tinha como título: Filatka e Mirochka, Rivais. Uma semana antes da representação, Bakluchine se gabara diante de mim de que desempenharia o papel de Filatka melhor do que jamais o representariam nos palcos de Petersburgo. Passeava pelas casernas e se jactava despudoradamente, embora sempre de bom humor. Às vezes assumia de repente uma atitude "de artista", ou punha-se a declamar um trecho do seu papel, e todo o mundo rebentava em gargalhadas, fosse a tirada engraçada ou não. É preciso nota, aliás, que os detentos sabiam manter reserva e conservar a dignidade: para apreciar as tiradas de Bakluchine, ou falar do teatro em preparação, era preciso ou ser um mocinho leviano, ou um detento cuja autoridade tinha base sólida e cujos sentimentos se podiam exprimir sem rodeios, nus e crus, por mais ingênuos que fossem (coisa que no presídio representa o pior defeito). Os outros deixavam passar em silêncio os comentários, sem julgar, sem contradizer, tomando todo o cuidado em escutar com indiferença, e até mesmo com desdém. Só no último momento, no próprio dia da representação é que cada um começou a se interessar: que haveria? Que diria o major? Sairia tudo tão bem como dois anos atrás? E assim por diante. Bakluchine me garantiu que a escolha dos atores fora excelente, que todos estariam "no lugar devido", que haveria até mesmo um pano de boca, que Sirotkine faria o papel da noiva de Filatka. "Vai ver como as saias lhe assentam!" acrescentou piscando o olho e estalando a língua. A "barinia benfeitora" usaria um vestido de folhos, uma pelerine, traria uma sombrinha na mão; o "nobre benfeitor" vestiria farda de oficial, com dragonas e um rebenque.

Em segundo lugar dever-se-ia representar o drama: Kedril, o Glutão. Esse título me intrigou muito, mas não me adiantaram perguntas; nada consegui apurar, antes. Soube apenas que a peça não fora tirada de livro, porém de uma "escritura" copiada por um suboficial reformado; o tal suboficial decerto interpretara algum papel numa das representações da peça dada por um grupo de amadores militares. Nas nossas cidades e províncias distantes encontram-se realmente peças desse gênero, que provavelmente ficarão para sempre inéditas; não foram nunca impressas — aparecem apenas para servir ao teatro popular. Falei "teatro popular"; e seria realmente bom que os nossos escritores se ocupassem com pesquisas novas e mais objetivas nesse gênero de teatro que é muito mais vivo e mais rico do que o imaginamos. Disso me convenci diante de tudo que vi nossos forçados fazerem para o seu espetáculo. Há tradições, métodos, noções já estabelecidas que se transmitem de uma geração a outra. Seria possível lhes seguir os rastros por meio dos soldados, dos operários de usinas, e até entre os habitantes dos pequenos vilarejos longínquos. Conservam-se também no campo e nas capitais de províncias, entre o pessoal doméstico dos grandes latifundiários. Creio mesmo que muitas peças antigas só tiveram amplitude e só se disseminaram através da Rússia graças a esses atores improvisados. Os grandes proprietários e senhores moscovitas de outrora

tinham o seu elenco particular composto de artistas servos. E esses teatros foram o berço de nossa arte dramática popular, arte cuja existência é indiscutível. No que se refere a Kedril, o Glutão, apesar de todos os meus desejos, nada pude saber de preciso, senão que apareceriam demônios em cena, que levariam Kedril para o inferno. Mas que significaria esse nome “Kedril”? E por que Kedril, em vez de Kyril (Cirilo)? A peça seria russa ou estrangeira? Não pude obter nenhuma informação precisa. Anunciou-se que, para terminar, haveria uma “pantomima musicada”. O conjunto, pois, prometia muito. Os atores eram em número de quinze, todos espertos e despachados. Esforçavam-se extraordinariamente, ensaiavam às vezes atrás das casernas, faziam-se de misteriosos, em suma, preparavam-nos alguma surpresa extraordinária.

Nos dias de trabalho, fechavam-se os alojamentos ao cair da noite. Por exceção, durante as festas de Natal só eram trancadas as portas depois do toque de recolher. Esse favor especial fora concedido por causa do teatro. Durante o tempo das festas todas as noites mandava-se pedir ao oficial de guarda que autorizasse a representação e deixasse abertas as casernas mais tempo, explicando-lhe que, na véspera, quando houvera espetáculo, se haviam fechado tarde as portas sem que se registrasse desordem alguma. O oficial de guarda dizia então: “Ontem, com efeito, não se passou nada de grave, e se eles me dão a palavra de que não haverá nenhuma infração à disciplina, e que eles próprios farão o policiamento, fico de acordo, e espero que esse policiamento seja muito mais rigoroso que o nosso. Aliás, se proíbo a representação, pode-se lá saber o que acontece com essa gente? Decerto haverá encrenca, e em boa complicação estarei metido! Ademais, é muito aborrecido montar guarda; tenho o direito de assistir a esse espetáculo dado não por simples soldados, mas por presos, que são gente muito mais curiosa. Vamos ver o que é que eles são capazes de arrumar!” E realmente, o oficial de guarda sempre tinha o direito de ir ver.

Aliás, se o oficial de ronda indagava: “Onde está o oficial de guarda?” respondiam-lhe: “Foi fazer a chamada e fechar as casernas”, o que era uma resposta exata e uma fácil justificativa. Assim, durante as festas, o espetáculo foi autorizado, e não se fechavam as casernas senão à hora de recolher. Os forçados sabiam de antemão que a guarda não entravaria nada, motivo pelo qual se sentiam tranquilos.

Pelas seis horas, Petrov me veio procurar, e saímos juntos para a função. Toda a nossa caserna estava lá, exceto o “velho crente” de Tchernigov e os polacos. Estes últimos só se resolveram a vir no derradeiro dia, 4 de janeiro, depois que lhes garantiram detalhadamente que tudo era decente, alegre e sem perigo. O desdém dos polacos irritava os nossos forçados, de forma que os receberam com uma polidez extraordinária; instalaram-nos até nos melhores lugares. Para os circassianos e, principalmente, para Isai Fomitch, o teatro foi uma delícia. Todos os dias o judeu sacrificava três copeques: no último dia, chegou a depor no prato uma moeda de dez copeques — e a gente lia o

deslumbramento no seu rosto. Tinham resolvido os responsáveis que a assistência pagaria o que quisesse, para cobrir as despesas e para “estimular” os atores. Petrov garantiu-me que o teatro ficasse à cunha, porque, sabendo-me mais rico que os outros, esperavam que eu desse contribuição mais generosa — e também porque me consideravam um entendido. E assim sucedeu. Vou primeiro descrever a sala e o arranjo do teatro.

A caserna da seção militar, na qual fora instalado o palco, tinha quinze passos de comprimento. Subia-se do pátio para um pórtico, que dava para uma salinha de entrada, precedendo a sala propriamente dita. Como já o expliquei, essa caserna fora arrumada de modo diverso das outras; a tarimba ficava ao comprido das paredes e o meio do salão era livre. A metade da caserna do lado da entrada fora reservada para os espectadores, e a segunda metade, que comunicava com uma outra peça, servia de palco. A primeira coisa que me impressionou foi o pano de boca, que se estendia dez passos através da sala. Era de uma opulência inaudita, aquela cortina: fora pintada a óleo, e nela se viam árvores, caramanchões, lagos, estrelas. Compunha-se de pano novo e usado, ao acaso dos donativos, velhas tiras de enrolar os pés, camisas velhas remendadas num lençol enorme. Nos trechos em que faltava o pano, tinham simplesmente feito os remendos com papel, mendigado folha por folha nos diversos escritórios da fortaleza. Nossos pintores, na primeira fila dos quais se distinguia o nosso “Brullov”, isto é, A– v, empregaram todo o seu engenho em decorá-lo e colori-lo. O efeito ultrapassava qualquer expectativa. Aquele luxo satisfez até mesmo os mais sorumbáticos e os mais exigentes dos forçados, que aliás, desde o começo do espetáculo, se mostraram tão infantis quanto os mais impacientes e exaltados. Estavam todos de ótimo humor, direi até de um bom humor orgulhoso. Tocos de vela constituíam a iluminação. Diante da cortina ficavam dois bancos tirados da cozinha, e duas ou três cadeiras tomadas à sala dos suboficiais. As cadeiras tinham sido postas ali prevendo uma possível visita dos oficiais superiores. Os bancos eram destinados aos suboficiais, secretários de engenharia, capatazes e outros chefes sem patente de oficial — se lhes ocorresse vir dar uma olhadela — o que justamente aconteceu: mais ou menos numerosos, os visitantes de fora não faltaram durante todos os espetáculos; na última noite, não ficou nos bancos um único lugar desocupado... Atrás dos bancos comprimiam-se os forçados, de pé, em sinal de respeito para com as visitas, sem gorro, de casaco ou de capote, apesar da fumaça e do calor sufocante. Estavam literalmente amontoados uns sobre os outros, sobretudo nas últimas filas, e ocupavam ainda as tarimbas e os bastidores; alguns espectadores até, reunidos na segunda peça por trás do palco, olhavam de lá a função através dos bastidores do fundo. Na primeira metade da caserna o aperto era tão grande quanto o que eu vira nos banhos. A porta da antecâmara estava aberta. Lá dentro fazia vinte graus de frio, contudo também ela estava cheia. Empurraram-nos imediatamente para diante, a Petrov e a mim,

até os bancos, onde se avistava a cena muito melhor que no fundo da sala. Consideravam-me bom juiz, um entendido, que já estivera em grandes teatros; tinham visto Bakluchine várias vezes me vir pedir conselhos, e mostrar deferência para comigo; deveriam, portanto, me honrar com um lugar bom. Os forçados são gente vaidosa, insensata; apenas, porém, na superfície... Podiam zombar do mesquinho operário que eu era, um Almazov tinha direito de nos encarar com desprezo — a nós, os barines — e gabar-se diante de nós de sua habilidade em calcinar alabastro; mas suas zombarias, seus escárnios, provinham de outra causa; nós tínhamos sido nobres, pertencíamos à mesma classe que os seus antigos senhores, dos quais não conservavam nenhuma boa lembrança. Entretanto, ali, no teatro, afastavam-se para me ceder lugar. Reconheciam que, naquele assunto, eu entendia mais que eles. Os menos bem dispostos para comigo (soube-o de fonte limpa) desejavam agora ouvir minha opinião sobre o espetáculo, e, sem o menor servilismo, me empurravam para a primeira fila. Analiso hoje isso, de acordo com as minhas impressões de então. Naquele mesmo momento, compreendi — recordo-o muito bem — que no julgamento sensato que eles faziam sobre si próprios, não havia nenhuma humildade, mas antes o sentimento do próprio mérito. O traço mais característico e mais impressionante do nosso povo é sua consciência e sua sede de justiça. Fazer-se de galo, adiantar-se, disputar o primeiro lugar, quer seja digno ou não de o ocupar — esse defeito não se lhe pode atirar à face. Assim que a gente lhe tira a grosseira casca e estuda atentamente e sem preconceitos o que está em germe por baixo, descobre qualidades das quais não desconfiava absolutamente. Nossos moralistas não têm muita coisa a lhe ensinar. Direi mais: os nossos moralistas poderiam aprender muito em contato com o povo.

Petrov me afirma ingenuamente que me deixariam passar à frente porque eu pagaria mais. Não havia preço fixo: cada um dava livremente o que podia, mas todos puseram pelo menos um copeque no prato, quando este circulou. Na realidade, se me deixaram passar à frente, na certeza de que daria mais que os outros, isso também provinha dum sentimento particular de dignidade. “Tu és mais rico que eu, passa à frente; conquanto sejamos iguais aqui, pagas melhor, e portanto, espectadores como tu são mais agradáveis aos atores. Ocupa o primeiro lugar, porque não estamos aqui devido ao nosso dinheiro, mas em consideração aos atores que representam; nós mesmos sabemos classificar-nos.” Que altivez nessa maneira de agir! Procede não do respeito ao dinheiro, porém do respeito próprio. Aliás, no presídio, não se tinha grande deferência pela riqueza, sobretudo se a gente encara os detentos em bloco. E até mesmo passando-os em revista de um em um, não me recordo de ter visto um único humilhar-se por causa de dinheiro. Não faltavam os pedinchões — e muitas vezes fui vítima deles, todavia agiam mais por esperteza que cupidez. Sabiam pedir com graça, com infantilidade! Não sei se me expresso com clareza... Contudo, voltemos ao teatro, que já ia esquecendo.

Antes de levantar o pano, a sala apresentava um quadro de estranha animação. Em primeiro lugar, a multidão de espectadores amontoados, apinhados, acumulados em toda parte, com as caras impacientes e felizes esperando o início. Nas últimas filas, homens trepados uns em cima dos outros. Muitos tinham trazido toros de lenha da cozinha; encostaram-nos às paredes, e, trepados sobre eles, apoiando os braços nos ombros dos que estavam por baixo, mantiveram-se durante horas nessa posição, satisfeitíssimos consigo próprios e com os seus lugares. Outros, com as pernas apoiadas à borda inferior da estufa, ficaram assim todo o tempo, sustentados pelos que lhes ficavam à frente. E o mesmo acontecia com as últimas filas, junto à parede. De lado, nas tarimbas, havia também uma multidão formigante e compacta, que rodeava os músicos. Lá estavam, aliás, os melhores lugares. Cinco homens tinham trepado e se estirado por sobre a estufa, de onde olhavam para baixo; esses nadavam em beatitude. Nos portais das outras paredes ficava a turba dos retardatários, dos que nada haviam conseguido de melhor. Todos se portavam decentemente, sem fazer barulho; cada um queria mostrar-se sob um bom aspecto aos barines e às “visitas”. As caras vermelhas e lustrosas de suor, devido ao calor sufocante, exprimiam a mais ingênua impaciência. Que estranho reflexo de alegria infantil, que contentamento radioso emanava daquelas frontes marcadas de cicatrizes, ferreteadas, dos olhares daqueles homens até então desolados e sombrios — olhares onde outrora brilharam clarões terríveis! Do lado direito, onde eu estava, as cabeças sem gorro me apareciam completamente raspadas... Mas de repente, na cena, observa-se um movimento, um rumor... O pano vai subir... A orquestra inicia a ouverture. Essa orquestra merece menção especial... De um lado, na tarimba, via-se um grupo de oito musicistas: dois violinos (um pertencente a um detento e outro arranjado na fortaleza — porém o artista era um dos nossos); três balalaicas — obra dos forçados; duas guitarras e um tamboril, fazendo as vezes de contrabaixo. Os violinos rangiam, guinchavam, as guitarras não valiam nada, mas em compensação as balalaicas eram incomparáveis. A agilidade dos dedos que tangiam as cordas tinha algo de prestidigitação. Tocavam principalmente músicas de dança. Nas passagens mais movimentadas, os músicos batiam com os dedos fechados na madeira do instrumento; o tom, a execução, tudo era original, tudo traía o presídio. Um dos guitarristas também entendia maravilhosamente do seu instrumento: era ele o jovem barine parricida. O pandeiro fazia maravilhas: ora girava o disco nos dedos, ora fazia ressoar a pele com o polegar, ora se ouviam pancadas claras, límpidas, monótonas, ora irrompia dele um rumor sonoro que caía como uma cascata e se espalhava num dilúvio de pequenos ruídos trêmulos, em ricochete. Enfim, havia ainda duas sanfonas. Palavra de honra, eu até então não tinha a mínima ideia do partido que se pode tirar desse grosseiro instrumento popular; a harmonia dos sons, a execução, e, sobretudo, a expressão, a compreensão perfeita dos motivos, eram verdadeiramente extraordinários. Foi então que descobri

quanto abandono infinito, quanto amor do risco traduzem as sugestivas músicas de dança da Rússia. Afinal, ergue-se o pano. Todos estremeceram, inquietaram-se; os de trás levantaram-se na ponta dos pés, alguém caiu dum toro, e, do primeiro ao último espectador, ficaram todos de boca aberta e olhos arregalados. Reinava um absoluto silêncio. A função começara.

Ao meu lado estava Ali, no grupo dos irmãos e dos outros circassianos. Todos se apaixonavam pelo espetáculo; não faltaram a uma única das representações. Como já o observei mais de uma vez, os muçulmanos, tártaros, etc., são grandes apreciadores do teatro. Ao lado deles, Isai Fomitch, logo ao subir do pano, esticava o rosto extasiado para os milagres que se iriam produzir. Que desolação se sofresse uma decepção! O belo rosto de Ali resplandecia com um prazer de menino, tão bonito, que dava gosto de vê-lo. Toda vez que uma das tiradas divertidas dos atores provocava o riso geral, eu involuntariamente me voltava para o olhar. Ele não me enxergava, cuidava de coisa bem diversa! Junto a mim, do lado esquerdo, estava um forçado de certa idade, sempre sombrio, descontente, resmungão. Ele também reparara em Ali, e, mais de uma vez, vi-o virar-se com um meio sorriso, para contemplar aquele rosto tão agradável! Não sei por que, chamava-o Ali Semionitch.

Principiaram por Filatka e Mirochka. Bakluchine representava com perfeição o papel de Filatka. Via-se que meditara cada frase, cada movimento. A menor das palavras que dizia, o mínimo gesto, tomavam um sentido inteiramente de acordo com o caráter do papel. Acrescente-se a esse esforço, a esse estudo, uma alegria surpreendente, irresistível, e simplicidade, naturalidade. Quem quer que visse Bakluchine então, afirmaria imediatamente que estava diante de um verdadeiro ator, de um ator nato, dotado de um enorme talento. Assisti mais de uma vez à Filatka, em Moscou e Petersburgo, e afirmo que nenhum dos comediantes de ambas as capitais se igualava a Bakluchine: comparados a ele, eram camponeses à francesa, e não autênticos mujiques. Via-se o esforço que faziam para meter-se na pele do personagem. Bakluchine tinha, ademais, o acicate da emulação: todos sabiam que na segunda peça o papel de Kedril seria desempenhado por um tal de Potseikine, considerado, não sei por que, melhor comediante que Bakluchine — e Bakluchine sofria como uma criança por causa dessa preferência. Quantas vezes, nos últimos dias, não veio desabafar no meu peito os seus ciúmes! Duas horas antes da representação, tiritava de febre. Ante as risadas e os gritos da assistência: “Bravo, Bakluchine! Isso! Muito bem!” o seu rosto resplandecia e a inspiração lhe brilhava nos olhos. A cena dos beijos com Mirochka, quando Filatka lhe recomenda antes que se limpe e acaba limpando-se a si próprio, foi duma comicidade perfeita. Todo o mundo explodiu numa gargalhada. Contudo, o mais interessante para mim eram os assistentes se abandonarem, sem nenhuma censura. Os gritos de aprovação ressoavam cada vez mais copiosos. Cá está um forçado que empurra o vizinho com o

cotovelo e lhe comunica vivamente as suas impressões, sem saber sequer a quem se está dirigindo. Um outro, na sua exaltação, no início de uma cena cômica, vira-se para a assistência, abarca-a com o olhar vivo, gesticula como se a estimulasse a rir, depois torna a fixar avidamente os atores. Um terceiro estala a língua e os dedos, não pode estar sossegado, mas como lhe é impossível mexer-se, fica marcando passo, num pé e noutro. No fim da peça, a alegria atinge o auge. Não exagero, absolutamente. Imagine-se a prisão, os ferros, o cativeiro, os longos anos tristes que devem ser passados lá, naquela vida monótona, semelhante à chuva que cai gota a gota num escuro dia de outono — e de repente todas aquelas criaturas aprisionadas, aferrolhadas, conseguem, durante uma hora, permissão para se expandirem, para se alegrarem, para esquecerem o seu pesadelo e organizarem um espetáculo capaz de despertar a inveja e a admiração da cidade inteira! "Olhem os forçados!" Tudo apaixonava, a começar pelos trajos. Era para eles extremamente interessante, por exemplo, verem Vanka Otpiet, ou Nietsvietaiev, ou Bakluchine, com roupa diferente da que eles estão habituados a usar diariamente, já há anos. É um forçado, nada mais que um forçado, ressonando as grilhetas, e ei-lo que entra no palco vestindo sobrecasaca, cartola e sobretudo, como um cavalheiro. E pintou um bigode, e tem cabeleira! Tira do bolso um lindo lenço vermelho e faz gestos fidalgos, como se fosse um barine autêntico! O entusiasmo chega ao auge. O "nobre benfeitor" entra em cena, com a farda de ajudante de ordens — bem gasta, é verdade, mas com dragonas — gorro com tope militar, e produz um efeito indescritível. O papel teve dois candidatos — e, quem o acreditaria? — ambos brigaram como garotos para ver que o obtinha, tão grande desejo tinham de se exibir na farda de oficial! Os outros atores tiveram que os separar: a maioria dos votos deu o papel a Nietsvietaiev — não porque fosse mais bonito, ou parecesse mais com um nobre; mas persuadira-os de que arranjaria um rebenque com o qual faria molinetes, bateria no chão, exatamente como um barine legítimo, como um elegante autêntico, coisa que Vanka não poderia fazer, pois jamais se avistara de perto com um fidalgo. E realmente, quando apareceu com a sua dama perante o público, Nietsvietaiev passou o tempo todo dando voltas no ar com um leve rebenque de bambu, que ele arranjara sabe Deus onde, certo de que assim dava provas de alta educação, de uma elegância incontestável. Decerto, na infância, pequenino servo descalço, vira um cavalheiro elegantemente vestido divertir-se em girar com um rebenque: ficou-lhe gravada a impressão, e trinta anos depois servia-se dela para seduzir e encantar o presídio inteiro.

Nietsvietaiev estava tão absorto em sua ocupação, que não via nada nem ninguém, e falava com os olhos fixos na barinia. A "nobre benfeitora" também era notável, ao seu modo. Apareceu com um velho vestido de musselina, que mais parecia um farrapo, braço e colo nus, uma cara estranha, pintada de vermelho e branco, uma touca de dormir, de chita, amarrada debaixo do queixo. Com uma das mãos segurava

uma sombrinha, e com a outra se abanava com um leque de papel vistoso. Uma salva de gargalhadas a recebeu, e a nobre senhora, ela própria perdendo a gravidade, diversas vezes pôs-se a rir. O papel era desempenhado por um tal de Ivanov. Sirotkine, vestido de rapariga, estava encantador. E cantou muitíssimo bem as suas coplas. Em resumo, a peça terminou com geral agrado. Não houve a menor crítica, nem poderia haver...

Tocou-se mais uma vez a ouverture Sombras Minhas Sombras 1 e o pano subiu para Kedril. Kedril é uma espécie de Don Juan, pois no fim da peça amo e criado são levados para o inferno. O manuscrito foi representado sem cortes, mas sentia-se que estava incompleto, sem começo nem fim, sem pé nem cabeça. A ação se passava num local qualquer da Rússia, numa estalagem de posta; o estalajadeiro leva para um quarto um senhor que usa capa e chapéu redondo. Nas suas pegadas caminha o criado Kedril usa capote e um gorro de libré: é ele o glutão. Potseikine, o concorrente de Bakluchine, fazia o papel, enquanto Ivanov, "a nobre benfeitora" da primeira peça, representava o amo. O estalajadeiro (Nietsvietaiev) avisa o barine de que o quarto é assombrado por demônios; depois, retira-se. O cavalheiro, preocupado, sombrio, resmunga à parte que já sabe disso há muito tempo. Ordena a Kedril que arrume a bagagem e prepare a ceia. Kedril é um covarde e um glutão. Escutando falar em demônios, empalidece e treme como uma folha. Tem vontade de fugir, mas também tem medo do amo. Ademais, está louco para comer. Adora empanturrar-se, é estúpido, covarde, astuto ao seu modo, engana o amo a todo momento, apesar do medo que este lhe inspira. Nesse tipo notável de lacaio a gente encontra um vago e longínquo parentesco com Leporello. O papel estava realmente muito bem desempenhado: Pai Potseikine tinha um talento indiscutível, superior até o de Bakluchine. É claro que quando no dia seguinte me avistei com Bakluchine, não lhe transmiti esse meu juízo; teria magoado muito o coitado. O preso que representava o amo também se saiu muito bem: seu palavrório desalinhavado não significava nada, porém a dicção era precisa, os gestos adequados. Enquanto Kedril cuida da maleta, o senhor vai e vem pelo palco e anuncia aos quatro ventos que aquela noite porá fim aos seus desregramentos. Kedril escuta com curiosidade, faz caretas, dá apartes, provoca estrondosas gargalhadas. Não sente nenhuma compaixão pelo amo, mas ouvindo falar em diabos, quer saber como são, e faz perguntas sobre perguntas. O amo afinal lhe explica que, encontrando-se outrora em dificuldades, pediu auxílio ao inferno. Os demônios o ajudaram, o libertaram, mas hoje é o dia marcado para o fim, e, segundo o pacto, decerto eles virão para lhe carregar a alma. Kedril põe-se a tremer de verdade, contudo o amo não perde a coragem, e manda-o de novo tratar da ceia. Ouvindo falar em ceia, Kedril se anima; desembrulha o frango, tira uma garrafa, desossa o bicho, não sem provar dele. O público gargalha. De repente range a porta, o vento sacode as janelas; Kedril estremece, e às pressas, quase involuntariamente, mete na boca um tão grande pedaço de frango, que não consegue engolir. Novas risadas. "Está pronto?" indaga o amo

entrando de novo no quarto. “Um instante... barine... estou preparando...” responde Kedril, que está pondo a mesa e com toda a tranquilidade se propõe a devorar a ceia do fidalgo. O público admira a pouca vergonha e a astúcia desse lacaio que de tal modo ludibria o amo. Deve-se dizer que Potseikine merecia todos os elogios. As palavras: “Um instante... barine... estou preparando...” foram admiravelmente ditas. Desde que ele começa a pôr a mesa, põe-se também a devorar, sobressaltado a cada passo do amo, que lhe poderia descobrir as bandalheiras. Cada vez que o barine se volta, Kedril se esconde debaixo da mesa, e puxa um pedaço de frango. Por fim, sacia um pouco o apetite e pode cuidar na ceia do patrão. “Kedril, está pronto?” grita o barine. “Está pronto”, responde Kedril com vivacidade, mas verifica que não resta senão uma coxa no prato... Sempre absorto, sombrio, o fidalgo senta-se à mesa sem nada perceber de anormal, e Kedril, munido de um guardanapo, planta-se por trás do seu senhor. Cada palavra, cada gesto, cada careta de Kedril quando, por exemplo, voltado para o público, abana a cabeça ante a tolice do barine, provoca risadas inextinguíveis. Mas, exatamente no momento em que o amo começa a refeição, aparecem os diabos. A partir daí, não há mais jeito de compreender coisa nenhuma: os diabos não têm absolutamente nada de humanos, a porta do lado se abre, uma coisa branca aparece, com uma lanterna acesa no lugar da cabeça; segue-a um segundo fantasma, que também tem como cabeça uma lanterna e na mão segura uma foice. Por que as lanternas, por que a foice, por que os diabos de branco? Ninguém pode explicar. Tinha que ser assim, e nada mais. O fidalgo se mostra bem valente: encara os diabos e diz que está pronto, que eles só carecem tomar o que é seu. Kedril, ao contrário, é poltrão como um coelho; esconde-se debaixo da mesa, mas apesar do seu pavor, não se esquece de apanhar a garrafa. Os diabos desaparecem um instante, Kedril sai do esconderijo. No momento em que o amo volta ao frango, reaparecem três diabos, agarram-no, levam-no consigo. “Kedril, me acode!” brada o barine. Kedril tem outros cuidados: a garrafa, o prato, o próprio pão, que carrega para debaixo da mesa. Enfim, ei-lo só: já não há diabos, já não há amo. Kedril ergue-se; olha em torno de si; um sorriso amplo lhe ilumina a cara. Canalha que é, pisca o olho, senta-se no lugar do barine, e balançando a cabeça para o público, diz a meia voz:

— Muito bem! Agora já não tenho senhor!

Todo o mundo ri por vê-lo sem amo; então ele acrescenta, sempre a meia-voz, dirigindo-se confidencialmente ao público, com olhares cada vez mais alegres:

— Os demônios o carregaram!

O entusiasmo dos espectadores torna-se indescritível. Além do fato de terem os demônios carregado o barine, as palavras foram ditas num jeito tão canalha, com uma careta tão zombeteira e triunfante, que ninguém pôde deixar de aplaudir. A felicidade de Kedril, porém, não dura muito. Mal apanhou a garrafa e encheu o copo, os diabos retornam, deslizam por trás dele, na ponta dos pés, e o seguram pelas costas. Patife

demais para se voltar, Kedril berra com toda a força de que dispõe. E não pode defender-se: está com as mãos ocupadas pela garrafa e pelo copo, dos quais não tem coragem de se separar. Com a boca escancarada de horror, fica cerca de meio minuto de olhos arregalados, com uma tal expressão de covarde apavorado, que decididamente merece um quadro! Enfim, arrastam-no, carregam-no, com a garrafa que ele não larga; grita, sem parar; seus gritos ecoam nos bastidores. Mas cai o pano, com uma gargalhada geral. A orquestra dá princípio à Kamarinskaia 2.

Começa num pianíssimo que mal se escuta, depois o motivo se amplifica, o compasso se acelera, os dedos dobrados batem ousados na madeira da balalaica. É a Kamarinskaia em todo o seu furor, e seria bom se Glinka por acaso a ouvisse no presídio. Então, inicia-se a pantomima. A Kamarinskaia acompanha-a durante toda a sua duração. A cena representa o interior de um moinho. Sentado a um canto, o moleiro conserta um arreio, enquanto a mulher fica num outro canto. Sirotkine representava o papel da mulher, Nietsvietaiev o do moleiro.

Farei notar que os cenários eram paupérrimos. Nessa peça, como nas precedentes, era preciso completar com a imaginação o que os olhos viam. Em lugar de parede no fundo, pendia uma espécie de tapete, ou manta de cavalo; à direita, tinham posto um biombo desmantelado; o lado esquerdo, que nada tapa, deixa ver a tarimba. Mas os espectadores não são exigentes, e estão dispostos a completar em pensamento as deficiências da realidade. Desde que lhes dizem “isso aí é um jardim, um quarto, uma isbá” — não precisa mais, não adianta tanta cerimônia. Sirotkine, no papel da moça moleira, está um encanto; murmuram-se alguns elogios entre os espectadores. O moleiro acaba o que está fazendo, apanha o chapéu e o chicote, dirige-se à mulher e lhe explica por mímica que precisa sair e se, durante a ausência, ela receber alguém, então... e mostra-lhe o chicote. Ela parece entender muito bem do que se trata, pois assente com a cabeça. Sai o moleiro. Mal transpõe o umbral, a mulher o ameaça com o punho fechado. Batem, a porta se abre, e um vizinho, moleiro também, entra. É um mujique barbudo, vestido num cafetã. Traz de presente um lenço vermelho. A mulher ri, mas no momento em que ele vai abraçá-la, batem de novo. Que fazer? Ela o esconde precipitadamente debaixo da mesa, e volta a fiar. Apresenta-se novo admirador: é um furriel, fardado. A pantomina até então foi irrepreensível, e cada gesto perfeitamente exato. Olhando-se aqueles atores improvisados, a gente tem que se espantar e dizer, malgrado seu: “Quanta força, quanto talento perdido na nossa Rússia, enterrados, por uma insignificância às vezes, no fundo dos presídios ou do degredo!” Porém o forçado que representava o furriel assistira decerto a alguma representação — talvez numa cidade de província, talvez num teatro de barines; achava decerto que os nossos atores, do primeiro ao último, não entendiam nada de palco e não se apresentavam direito em cena. Executou pois a sua entrada à maneira dos heróis do velho repertório clássico: depois de uma vasta passada,

empertigou a cabeça e o busto, lançou em torno de si um orgulhoso olhar circular, e executou afinal a segunda passada, tão majestosa quanto a primeira. Um andar daqueles, já grotesco nos heróis clássicos, ficava-o ainda mais num furriel fardado, representando em cena cômica. Mas o nosso público pensava que devia ser assim mesmo, e aceitava como fato consumado as passadas do homem, sem sombra de crítica. Mal o furriel teve tempo de chegar ao meio da sala, bateram novamente. A dona da casa perdeu de novo a cabeça. O que fazer do homem? Esconde-o num baú, que por felicidade está aberto. Dessa vez aparece uma visita importante, um galã de espécie rara: é um brâmane 3, vestido a rigor. O forçado Kochkine, que tem a cara para o papel, representa maravilhosamente de bonzo. Descreve com gestos a ardência do seu amor, ergue os braços para o céu, aperta-os ao peito, sobre o coração. No momento em que se vai tornar mais afoito, uma pancada violenta ressoa na porta. Pelo modo como batem, reconhece-se que é o dono da casa. A mulher treme de pavor, o bonzo se agita como um possesso e suplica que o esconda. Ela acaba por enfiá-lo de qualquer modo dentro do armário; mas, esquecendo-se de abrir a porta, atira-se à roca, fiando, fiando, sem escutar as repetidas pancadas do marido. Perdeu de tal modo a cabeça que torce entre as mãos um fio inexistente e faz o gesto de girar o fuso, que está caído no chão. Sirotkine representava muito bem o pavor da mulher. O moleiro arromba a porta a pontapés, e se atira à esposa com o chicote erguido. Viu tudo, porque estava escondido; e mostra, portanto, pelos dedos, que ela escondeu três namorados. Procura-os; encontra o primeiro o vizinho que é expulso com um pontapé nas costelas. O furriel apavorado quer fugir: levanta com a cabeça a tampa do baú, gesto que o trai; o moleiro o abarca com o chicote e dessa vez o galante militar esquece as passadas clássicas. Resta o bonzo, que o moleiro procura muito tempo; enfim, descobre-o no canto, por trás do armário. Faz-lhe uma mesura cortês, segura-o pela barba e o arrasta para o meio da cena. O bonzo tenta defender-se e grita: “Maldito! Maldito!” (é a única palavra dita durante toda a pantomima). O marido não lhe dá ouvidos, faz-lhe justiça ao seu modo. Vendo que afinal chegou sua vez, a mulher atira longe o fio e o fuso e foge da sala derrubando o tamborete. Os forçados estalam em risadas. Sem me olhar, Ali me puxa pela manga e diz: “Olha o bonzo, o bonzo!” Não se pode manter em pé, de tanto rir. Cai o pano. Começa outra cena.

Todavia não posso descrevê-las todas. Houve ainda duas ou três, todas de caráter cômico e, com efeito, engraçadíssimas. Se os forçados não as haviam composto, pelo menos lhes acrescentavam muito de seu. Quase todos os atores improvisavam de modo que a cada representação o mesmo papel era desempenhado de maneira diversa. A última pantomima, de gênero fantasmagórico, acabava por um bailado durante o qual enterravam um morto. O bonzo, acompanhado por uma infinidade de servos, faz sobre o caixão uma porção de gestos inúteis. Afinal soa a música do Sol Poente, o morto se reanima; todos trepidam de alegria. O bonzo dança com o morto, mas à sua moda

sacerdotal. E, assim, termina o espetáculo, até a próxima noite. Separamo-nos, risonhos, satisfeitos, elogiando os atores, agradecendo ao suboficial. Nenhuma briga. Todos estão num bom humor raro, todos se sentem como que felizes, e adormecem não com o sono habitual, porém com a alma quase tranquila. Isso não é invenção de minha fantasia; é a verdade, a exata verdade. Foi permitido àquelas pobres criaturas viver, embora por alguns instantes, viver à vontade, divertirem-se, passar algumas horas esquecidas de que são galés — e esses rápidos minutos os transfiguraram moralmente.

Mas a noite já vai alta. Estremeço e acordo de chofre. Junto à estufa o velho reza, e rezará até o amanhecer. Ali repousa suavemente ao meu lado. Recordo a sua conversa com os irmãos a respeito do teatro, as risadas que dava, antes de adormecer. Malgrado meu, fico a mirar aquele rosto plácido de criança. Pouco a pouco, tudo me volta ao espírito; revejo os últimos dias, as festas, o mês que se acaba de passar. Tomado de horror, ergo a cabeça, olho os adormecidos, meus companheiros, à luz trêmula da candeia administrativa. Olho as caras lívidas, o catre miserável, sua nudez, suas misérias expostas. Olho-os bem, para ter a certeza de que não sofro de um pesadelo abominável, mas vejo a realidade. Ressoa um gemido, alguém agita pesadamente um braço, sacode a grilheta. Um detento se sobressalta e se põe a resmungar, enquanto lá na estufa o velho reza por todos os “cristãos ortodoxos”; ouço as palavras da oração, que ele articula lentamente, suavemente, em compasso: “Senhor meu Deus, tende piedade de nós!”

“Não vou ficar aqui para sempre”, cismo. “Estou aqui apenas por alguns anos!” E deixo recair a cabeça sobre o travesseiro.

---

1) Célebre canção popular. (N. T.)

2) Música de dança popular, que inspirou ao compositor Fiodor Glinka (1803-1857) uma “fantasia” célebre. A letra da Kamarinskaia é bastante escabrosa. O mujique de Komarino é um vagabundo originário de Sievsk, antigo lugar de deportação da província de Orel. Dostoiévski fala mais longamente sobre essa canção no livro: A Aldeia de Stepantchikovo. Gogol também a comenta em Almas Mortas. (N. T.)

3) Deve-se entender por brâmane, ou bonzo, um pope. O autor temia a censura. (N. T.)

PARTE 2

1

O HOSPITAL

Pouco tempo depois das festas, caí doente e mandaram-me para o hospital militar, situado num local que ficava a uns quinhentos metros da fortaleza. Era um comprido edifício térreo, pintado de amarelo. No verão, quando chegava o tempo das reparações, gastavam a repintá-lo uma quantidade extraordinária de ocre. No grande pátio ficavam as dependências, a casa da direção médica e as outras construções necessárias. Numerosas enfermarias ocupavam os edifícios principais; duas apenas eram reservadas aos detentos, e estavam sempre cheias, principalmente no verão. Muitas vezes, até, era preciso reunir os leitos. Enchiam-se essas duas salas com os “desgraçados” de toda espécie: os nossos, os detentos militares provenientes dos diversos corpos de guarda, indivíduos em instância de condenação, deportados de passagem. Enviavam-se também os doentes das companhias correcionais, estranha instituição onde são reunidos os soldados de mau procedimento para serem corrigidos — e de tal maneira agem que saem de lá os mais completos bandidos que é possível imaginar. Toda manhã, o forçado que se sente doente previne o suboficial. Imediatamente seu nome é inscrito num registro e ele é mandado ao hospital militar, escoltado por um soldado que leva o registro. Lá, o médico examina atentamente os doentes enviados por todas as unidades acantonadas na fortaleza, e, depois de os identificar, autoriza-os a ficar. Inscreveram-me, pois, no registro, e cerca de uma hora após a partida dos nossos homens para o trabalho da tarde, encaminhei-me para o hospital. O detento enfermo levava em geral consigo o máximo possível de pão e dinheiro — porque no primeiro dia não podia esperar receber ração do hospital; conduzia a mais um cachimbo, uma tabaqueira, um isqueiro — tudo cuidadosamente escondido na bota. Penetrando no recinto do hospital senti despertar em mim certa curiosidade por esse novo aspecto da nossa vida de galés.

Era um desses dias quentes, tristes, encobertos, em que os edifícios daquela espécie assumem um aspecto mais sombrio e mais rebarbativo. Entramos, o soldado da escolta e eu, na sala de visitas, onde se viam duas banheiras de cobre, e onde já esperavam dois enfermos ladeados pela escolta. O enfermeiro apareceu, olhou-nos displicentemente com ar protetor, e mais displicentemente ainda foi prevenir o médico de serviço. O médico, por sua vez, nos examinou com bastante afabilidade e nos entregou “os cartões de moléstia”, nos quais estavam escritos os nossos nomes. O que se deveria seguir — diagnóstico, indicações de tratamento, regime, etc., era trabalho do interno que

dirigia a sala dos forçados. Ouvi os forçados cobrirem de louvores seus médicos. “São uns pais para nós”, disse-me um deles quando me preparava para ir ao hospital. Entretanto, tiraram-nos a roupa externa e interna que vestíamos; deram-nos roupa branca do hospital, e mais umas meias compridas, chinelas, um gorro de algodão, um roupão de grossa lã cinza forrado de não sei quê, parecendo estopa ou emplastro — o seu grau de sujeira era tão grande que ultrapassava todos os limites; todavia apreciei-o bastante depois que o vesti. Fomos, então, levados para a enfermaria dos forçados. A limpeza exterior era agradável de ver — pelo menos tive a impressão de asseio, vindo do presídio. Os dois outros detentos passaram para a sala da direita e eu para a da esquerda. Diante da porta fechada por uma barra de ferro, estava a sentinela armada, e, não longe de lá, o seu substituto. Um jovem cabo, que pertencia ao posto militar do hospital, deu ordem para me introduzirem numa enfermaria comprida e estreita, onde, de ambos os lados, ao longo das paredes, os leitos se alinhavam; havia vinte e dois — e, entre eles, três ou quatro desocupados. Eram catres de madeira pintados de verde — velhos conhecidos de todo o mundo na nossa boa Rússia — desses catres que, por uma espécie de fatalidade, não podem existir sem percevejos. Ocupei um que ficava junto às janelas.

Como já o disse, uns poucos dos nossos companheiros estavam lá; alguns me conheciam, ou pelo menos já me haviam visto. Mas os doentes em instância de condenação e os da companhia correcional eram em número muito maior. Havia poucos gravemente enfermos — isto é, incapazes de deixar o leito. O ar sufocante, nauseante, exalava o cheiro característico dos hospitais. Todas as espécies de emanações deletérias, de cheiro de poções, o infectavam, a despeito da estufa que ardia a um canto durante quase todo o dia. Uma colcha listrada me cobria a cama; avistei por baixo um cobertor de baeta grossa e uns lençóis de estamenha, de asseio duvidoso. Ao lado da cama ficava uma mesinha com um jarro e um caneco de estanho. Tudo isso, por higiene, era coberto com um pedaço de pano, que para esse fim me foi dado. Debaixo da mesa ficava uma prateleira onde os bebedores de chá — uma minoria — arrumavam a chaleira, e os bebedores de kvass o seu púcaro. Cada um, até mesmo os tísicos, possuía o seu cachimbo e a sua tabaqueira, que eram escondidos sob o colchão. O médico e os guardas quase nunca os pesquisavam, e se surpreendiam algum fumando, fingiam não ver. Aliás, os doentes tomavam suas precauções, e iam cachimbar ao lado da estufa. Quase não fumavam na cama, senão à noite, porque já então não havia mais rondas, exceto, às vezes, a do oficial comandante do posto do hospital.

Como eu jamais me tratara num hospital, interessava-me por tudo que via ao meu redor. A princípio compreendi que minha entrada provocava certa curiosidade. Tinham ouvido falar de mim, e me olhavam sem constrangimento, até mesmo com ar de superioridade, como são olhados os novatos nas escolas ou os pedintes nas antecâmaras ministeriais. Eu tinha por vizinho da direita um escrivão, filho natural de um capitão

reformado, preso como moedeiro falso, e que estava há um ano sob observação. Parecia não sofrer de nada e diziam os médicos que tinha um aneurisma. Aliás, conseguira o seu fito: evitou o presídio e a fustigação, e um ano mais tarde foi transferido para T., onde o hospitalizaram. Era um rapaz de vinte e oito anos, atarracado e forte, malandro integral, que conhecia todos os arcanos do código, inteligentíssimo, extremamente inescrupuloso, presunçoso, dum amor-próprio doentio. Convencido de sua absoluta honestidade, jamais se reconhecia culpado, não se afastando nunca dessa negativa. Foi o primeiro a me dirigir a palavra. Interrogou-me com curiosidade, e me deu informações minuciosas sobre os hábitos internos do hospital. Antes de tudo, é claro, fez-me saber que era filho dum capitão. Gostaria que eu o tomasse por um nobre, ou pelo menos por um homem bem-nascido. Depois dele, outro doente, da companhia correcional, veio me dizer que conhecera vários deportados nobres, e os indicou por nome e sobrenome. Era um antigo soldado, chamado Tchekunov; a sua cara respirava hipocrisia: se me procurava as boas graças, é porque farejava o meu dinheiro. Tendo avistado chá e açúcar na minha prateleira, ofereceu-me imediatamente os seus serviços para me obter uma chaleira e me fazer ferver água. M–cki prometera mandar no dia seguinte minha chaleira por intermédio dos forçados que viriam trabalhar no hospital. Mas Tchekunov arranjou tudo. Obteve uma chaleira de folha, até mesmo uma xícara, fez ferver a água e preparou o chá — em resumo, serviu-me com tanto zelo que atraiu os comentários escarninhos dum tal Ustiantsev, tuberculoso, que ocupava a cama defronte. Era aquele mesmo soldado condenado aos açoites que, por medo do castigo, bebera uma infusão de tabaco e vodca. Até então estava deitado, silencioso, respirando com dificuldade, encarando-me, e acompanhando com olhos indignados as manobras de Tchekunov. Um ar extraordinariamente sério lhe tornava cômica a indignação.

Afinal, não se pôde conter:

— Olhem esse lacaio! Arranjou um barine para servir! — articulou com voz entrecortada e sem timbre, porque já estava perto do fim.

Tchekunov, ofendido, voltou-se para ele:

— Quem é lacaio aqui? — disse, lançando um olhar de desprezo.

— Tu — replicou Ustiantsev em tom firme, como se tivesse amplo direito de ralhar com Tchekunov, e como se fosse seu dever fazê-lo.

— Lacaio, eu?

— Sim, tu. Escutem, rapazes: ele acha que não é lacaio! Já se viu!

— Trata da tua vida! Não estás vendo que o barine não sabe fazer nada, que o barine está acostumado a ser servido... Se estou ajudando, ninguém tem nada a ver com isso, focinho peludo!

— Quem é focinho peludo?

— Tu!

— Eu?

— Sim, tu!

— E tu? Pensas que és muito bonito? Se eu tenho focinho cabeludo, tu tens focinho de um ovo podre.

— Cabeludo, cabeludo! Olhem, já está com o pé na cova e ainda apoquenta os outros! Ora que espertinho!

— Sim, sou esperto! Prefiro me curvar diante de umas botas a me curvar diante de um par delapti! Meu pai não gostava de dobrar a espinha diante de ninguém, e me ensinou a mesma coisa. Eu...

Quando ia continuar, tomou-o um acesso de tosse, que o sacudiu durante alguns minutos, provocando um escarro de sangue. Logo depois um frio suor de esgotamento lhe porejou na testa estreita. Apesar da tosse que o torturava, ainda queria rixar, de qualquer modo; via-se nos seus olhos a necessidade de continuar com as injúrias. Mas, esgotado, não pôde fazer senão um gesto com a mão, e Tchekunov acabou por esquecê-lo.

Eu sentia muito bem que o ódio daquele tísico se dirigia muito mais a mim que a Tchekunov.

Ninguém o censuraria, desprezaria, por empregar seus bons ofícios para ganhar alguns copeques. Todos compreendiam muito bem que ele não visava senão meu dinheiro. A esse respeito a plebe não tem falso pudor e sabe pôr as coisas nos seus devidos lugares. O que desagradara a Ustiantsev fora o meu dinheiro, o meu chá, era o fato de, apesar da grilheta, eu continuar a ser o barine incapaz de dispensar criados. Entretanto, eu não procurara absolutamente arranjar quem me servisse: queria sempre agir por mim próprio, fazer com que não me tomassem por nenhum barine cheio de luxos, de mãos delicadas demais; punha nisso todo o meu amor-próprio, se essa expressão pode caber aí. Todavia — não compreendo como foi que isso se produziu — nunca me pude libertar dos vários companheiros condescendentes ou prestimosos que vinham espontaneamente à minha procura, e que me acabavam tratando como se fossem eles meus amos e eu o servidor. E — quisessem ou não — continuava a ser para todos um verdadeiro barine, incapaz de dispensar conforto nem criados. Tudo isso me desgostava muito. Mas Ustiantsev era um tuberculoso irascível. Os outros doentes tomaram um ar de desdenhosa indiferença para comigo. Naquela tarde, eram todos presa da mesma preocupação. Compreendi, escutando-os conversar, que iam trazer para a enfermaria um condenado que nesse momento estava a sofrer os açoites. Os forçados esperavam o novato com certa curiosidade. Pretendiam que a punição era leve — quinhentos açoites, apenas.

Pouco a pouco, fui-me ambientando. Segundo pude compreender, a maioria dos meus companheiros de enfermaria sofria de escorbuto e doenças dos olhos, moléstias

características daquela região. Os outros, os “doentes de verdade”, estavam atacados por afecções do peito ou febres diversas.

Nossa sala tinha a característica de receber toda espécie de enfermos, até os de moléstias venéreas. Falei em doentes “de verdade” porque havia entre nós alguns forçados que tinham conseguido vir “para descanso” e que os médicos admitiam por compaixão, sobretudo quando havia muitos leitos vagos. Apesar da enfermaria ser fechada, apesar da sua atmosfera mefítica, a vida do hospital parecia agradável depois dos rigores do presídio e do corpo da guarda: e por isso muitos detentos se faziam passar por doentes. Havia mesmo verdadeiros habitués dos leitos, vindos na maioria da companhia correcional. Examinei com atenção meus novos companheiros, mas minha curiosidade foi especialmente atraída por um dos nossos presidiários, um agonizante que ocupava o primeiro leito ao lado de Ustiantsev, e, por consequência, ficava defronte de mim. Chamava-se Mikhailov, e, quinze dias antes, eu o vira ainda na fortaleza. Doente há muito tempo, deveria ter-se tratado; porém, com uma espécie de desprezo e uma obstinação inteiramente inúteis, dominava-se, engolia dores, e só no Natal baixou à enfermaria, para morrer três semanas depois, de tuberculose galopante. Derretera-se como cera ao fogo; já não era senão um esqueleto. Ainda lhe vejo o rosto descarnado — um dos que me chamaram a atenção logo à chegada. Ao seu lado estava deitado um preso da companhia correcional, já velho, horrível, repugnante de sujeira... Mas não posso realmente enumerá-los todos. Se me recordo desse velho, é porque no momento me produzia uma maior impressão, e por ele fui iniciado em algumas particularidades da enfermaria. Atingido por um defluxo forte, ele espirrava sem parar (não fez outra coisa durante a semana seguinte), mesmo durante o sono; dava verdadeiras salvas de cinco a seis tiros, e de cada vez repetia conscienciosamente: “Senhor! Tende piedade, que castigo!” Nessas ocasiões sentava-se no leito, e tomava avidamente um rapé que guardava num canudo de papel, a fim de espirrar mais forte e com mais método. Espirrava num lenço de xadrez, sua propriedade particular, e já desbotado de tanta lavagem. O nariz pequeno se pregueava de forma especial, a cara se enchia dum número infinito de rugas, e mostrava alguns dentes negros, nas gengivas vermelhas, escorrendo saliva. Após espirrar, abria o lenço, olhava com muita atenção o catarro copioso, e depois o esfregava no roupão pardo, e de tal forma lhe passava toda a gosma, que o lenço ficava apenas levemente úmido. Vi-o fazer isso durante uma semana inteira. Essa indignidade, para economizar um objeto pessoal em prejuízo dos do governo, não despertava protesto nenhum da parte dos outros doentes, embora algum deles talvez fosse obrigado depois a vestir o mesmo roupão. Mas a nossa gente do povo dá provas de uma ausência de repugnância realmente espantosa. Isso me impressionou tanto que passei a olhar com nojo e curiosidade o roupão que eu próprio vestira. Notei primeiro o odor forte: o pano já tivera tempo de esquentar no meu corpo, e cheirava cada vez mais a remédios, a

emplastros, e (segundo me pareceu) a pus, como se desde tempos imemoriais estivesse a vestir corpos de doentes. Talvez lhe tivessem lavado o forro alguma vez, contudo não o ousaria afirmar. De qualquer modo, era semeado por nódoas estranhas, embebido de exsudações mais ou menos gordurosas, saídas de vesicatórios, de unguentos, de cataplasmas, etc... Como frequentemente nos chegavam forçados que acabavam de passar pela “rua verde”, com as costas cobertas de equimoses, eram tratados com epítemas e compressas — e os roupões, vestidos por sobre as camisas úmidas, não poderiam deixar de se impregnar de tudo. Durante os meus longos anos de detenção, cada vez que devia voltar ao hospital (o que acontecia frequentemente), vestia sempre os roupões com uma desconfiança medrosa. Essa desconfiança provinha também dos piolhos, que pululavam neles, e que atingiam um tamanho enorme... Os forçados os esmagavam com satisfação, e quando os estalavam entre as unhas, adivinhava-se, pela cara do catador, o prazer que sentia. Como os presos também não gostavam de percevejos, todos juntos se ocupavam em destruí-los nos longos e tristes serões de inverno. Contudo, a despeito do odor fétido, reinava um certo asseio na sala, pelo menos na aparência; não se deveria olhá-la muito de perto. Os doentes estavam habituados a considerar natural aquela ordem de coisas. Ademais, os regulamentos não estimulavam o asseio; falarei disso mais tarde.

Quando Tchekunov me serviu o chá (direi de passagem que a água da nossa enfermaria, trazida uma vez cada vinte e quatro horas, contaminava-se rapidamente em contato com o ar ambiente), a porta se abriu de chofre e o soldado que acabara de ser açoitado entrou sob boa escolta. Era a primeira vez que eu via um homem fustigado. Depois, trouxeram muitos outros — alguns até foram trazidos após punição por demais severa, e sempre o preso açoitado representava grande distração para os doentes. Recebiam-se esses infelizes com austera expressão de gravidade e com muita discrição. A recepção dependia em parte do grau da importância do crime e, consequentemente, do número de açoites recebidos. Os condenados que recebiam açoites mais severos, os facínoras legítimos, gozavam de uma consideração que não era dispensada a um pobre recruta punido por tentativa de deserção — e era esse o caso do desgraçado que nesse dia traziam. Mas nem uns nem outros provocavam dó, nem davam lugar a nenhuma observação malsonante. Ajudava-se o fustigado, tratava-se dele em silêncio sobretudo quando o desgraçado não podia dispensar socorros. Os enfermeiros sabiam bem que os depunham em mãos peritas. Os cuidados consistiam principalmente na mudança contínua de compressas, feitas com uma camisa ou com um trapo qualquer molhado, e que se colocavam nas costas magoadas, se o paciente não estava em condições de as aplicar pessoalmente; era preciso, além disso, tirar das chagas as felpas de madeira que lá se introduziam todas as vezes que as varas se quebravam. Essa última operação era dolorosíssima. Mas a extraordinária resistência dos fustigados sempre me deixou atônito.

Entre todos os que vi, alguns tinham sido horrivelmente maltratados, e posso afirmar que bem poucos se permitiam gemer. Só o rosto lívido parecia diferente; os olhos brilhavam, porém, com um clarão desvairado, e o desgraçado era, às vezes, obrigado a morder os lábios até deitar sangue, para os impedir de tremer. O soldado que acabava de entrar era um belo rapaz de vinte e três anos, alto, esbelto, trigueiro, bem feito. Seu dorso fora todo escalavrado. Com o corpo nu até a cintura, trazia nos ombros um pano molhado, sob o qual tremia de febre, e, durante cerca de hora e meia, não fez senão andar dum lado para outro, da sala. Eu o fitava atentamente; parecia não pensar em nada; seus olhos fugidios, perdidos, tinham dificuldade em se fixar em qualquer coisa. Adivinhei que minha chaleira o atraía. O chá estava quente, a fumaça subia da xícara, e o pobre diabo tiritava, castanholando os dentes. Ofereci-lhe o chá. Sem um olhar, com uma volta repentina, ele me encarou, segurou a xícara, engoliu a infusão sem açúcar, às pressas, esforçando-se tremendamente para não me olhar. Depois de beber, repousou a xícara em silêncio, não fez sequer um sinal com a cabeça, voltou a andar pela enfermaria. Não estava em estado de agradecer, nem de fazer reverências. Quanto aos forçados, todos, a princípio, evitaram falar com o recruta punido: aplicaram-lhe as compressas, depois fingiram não lhe prestar atenção, procurando provavelmente deixá-lo em paz, não o importunar com perguntas nem com “compaixão” — o que era precisamente o desejo do homem.

Entretanto, chegou a noite e acenderam a lamparina. Alguns doentes, mais ou menos numerosos, possuíam candeias. O médico fez a visita noturna, o suboficial de guarda contou os doentes e fecharam a sala; depois de trazerem a cuba para as necessidades noturnas... Soube, surpreso, que o tal vaso servia ali, a noite inteira, embora as latrinas ficassem apenas a dois passos da nossa porta, no corredor. Assim o queria o regulamento. Durante o dia, deixavam sair da enfermaria os forçados por um minuto, não mais; porém à noite, não se toleravam saídas sob nenhum pretexto. As enfermarias dos forçados não estavam sob regulamento comum; um detento, mesmo doente, deve sofrer o seu castigo. Ignoro a quem se deve semelhante regulamento, só lhe conheço a absurda aplicação; jamais o pedantismo da burocracia se exibiu melhor do que nesse caso. Tais medidas não emanavam decerto dos médicos, a quem, repito, os detentos não se cansavam de louvar, e que eram respeitados, venerados como pais. Repelidos por todos, os forçados sabiam apreciar as boas palavras e a afeição dos médicos, sentiam-lhes a bondade e a franqueza sob as mais simples palavras, sob os gestos afáveis, que poderiam muito bem não ser feitos. Ninguém se lembraria de ter raiva dos doutores, se eles se mostrassem grosseiros ou brutais; eram queridos, porque eram humanos. Compreendiam bem que um forçado tem tanta necessidade de ar puro quanto qualquer outro enfermo, mesmo de patente elevada. Os convalescentes das outra salas, por exemplo, podiam passear livremente nos corredores, mexer-se um pouco, respirar um ar

menos pesteado que o da enfermaria, saturado sempre de emanações deletérias. Não poderia haver nada mais infecto que o ar podre da nossa sala, depois que o vaso da noite era lá posto; quanto mais avançava a noite, mais esse ar se tornava irrespirável, graças à alta temperatura e às frequentes necessidades provocadas por certas doenças. Se eu disse que o forçado sofre a sua pena até na doença, não quero fazer supor que o regulamento visasse apenas o castigo. Seria de minha parte uma calúnia sem fundamento. Não haveria necessidade de punir um doente. Em consequência, é de crer que um motivo imperioso impõe à administração essa medida tão cruel. Que motivo, porém, será esse? O que há de precisamente irritante, no caso, é que ninguém está em condições de explicar tal medida, como aliás várias outras, tão ineptas e ilógicas que desafiam qualquer compreensão. Como, realmente, explicar crueldade tão inútil? Pensarão eles que os forçados se declaram doentes com a intenção única de enganar os médicos, e aproveitar a noite para fugir do hospital? Mas essa suposição não resiste a um exame. Por onde fugiriam, com que roupa? Durante o dia só se permite sair da sala um homem de cada vez; poder-se-ia fazer o mesmo à noite. Juntinho da porta, a dois passos das latrinas, fica uma sentinela armada. Ela tem, ademais, o direito de acompanhar o doente e não o abandonar de vista. Numa das cloacas há uma janela de vidraça dupla, com barras de ferro. Bem debaixo dessa janela, no pátio, e sob as janelas da enfermaria dos presos, uma outra sentinela vai e vem. Para passar por ali seria preciso quebrar as vidraças e as barras. Quem o permitiria? Mas suponhamos que um doente mata silenciosamente a sentinela sem despertar nenhuma suspeita, admitamos essa impossibilidade; precisará ainda quebrar os vidros e as barras. Observemos ainda que, bem ao lado, dormem os enfermeiros e, dez passos além, diante da outra sala de detentos, velam ainda uma sentinela armada e o seu substituto. Isso soma muitos guardas. E para onde fugir, no coração do inverno, de meias e chinelas, com roupão e gorro de dormir? Se, portanto, o perigo de fuga é mínimo, ou, por assim dizer, inexistente, para que trancar os doentes, para quem o ar puro é mas necessário que os sãos? Com que fim? Nunca o pude compreender.

Todavia, já que propus essa pergunta — para quê? — não posso deixar de dizer uma palavra a respeito de outro problema que jamais consegui resolver. Quero falar das grilhetas, das quais o mais doente dos forçados não se pode libertar. Mesmo os tuberculosos, a cuja morte assisti, ainda as carregavam. Todos estavam habituados a elas, todos as consideravam uma necessidade inelutável. Durante o meu tempo de presídio, nunca que eu soubesse, pessoa nenhuma teve a ideia de solicitar a dispensa da grilheta a um doente — principalmente a um tuberculoso, próximo da morte. Para falar francamente, as cadeias não são tão pesadas assim — não pesam mais de oito a doze libras [1], o que representa um fardo suportável para um homem válido. Entretanto, disseram-me que ao cabo de alguns anos, as pernas começam a definhar. Não sei se isso

é exato, mas inclino-me a crer que o seja: fixado para sempre à perna, um ferro, embora leve, apenas de dez libras, aumenta de qualquer forma o peso do membro de uma maneira anormal, e depois de algum tempo provoca perturbações perigosas. Admitamos, contudo, que as grilhetas sejam uma bagatela para um homem que goze boa saúde. Sê-lo-ão igualmente para um enfermo? Admitamos ainda que elas não pesem quase nada para um doente comum. Porém, repito, para doentes graves, para os tísicos cujos braços e pernas se descarnam, qualquer palha será pesada. Realmente, se a administração médica reclamasse a tirada dos ferros ao menos para os tísicos, teria direito a grande gratidão. Alguém dirá talvez que os forçados são monstros, que não merecem nenhuma benevolência; mas será necessário redobrar o castigo daquele sobre quem já pesa a mão de Deus? Não se pode acreditar que tal maneira de agir vise apenas punir: a lei perdoa ao tuberculoso as penas corporais. Trata-se, portanto, de uma misteriosa medida preventiva: que fim visará, ao certo? Bem inteligente será quem o adivinhe, pois ninguém pode recear a fuga dum tuberculoso. A quem poderia ocorrer semelhante ideia, principalmente quando o enfermo já está gravemente atingido? Os doentes dessa espécie não podem enganar os médicos — são reconhecíveis ao primeiro olhar. Ademais, prendem-se cadeias às pernas de um homem unicamente para que ele não fuja e não possa correr? Absolutamente. A grilheta é um sinal de infâmia, uma vergonha, um fardo físico e moral — é pelo menos assim que a consideram — mas nunca impediu ninguém de fugir. O mais estúpido, o mais desajeitado dos presos, não tem dificuldade em serrar, ou em quebrar com uma pedra o elo de ferro que o prende. Os ferros são pois uma precaução inútil, e já que não representam senão um castigo, novamente pergunto: por que mortificar até os moribundos?

Escrevendo estas linhas, revejo um tísico, agonizante, aquele mesmo Mikhailov que se deitara defronte a mim, não longe de Ustiantsev e que, se bem me lembro, morreu quatro dias após minha chegada ao hospital. E, talvez, agora, falando de tísicos, eu esteja a repetir involuntariamente as ideias que me ocorreram por ocasião dessa morte. Eu conhecia pouco esse Mikhailov, rapaz de vinte e cinco anos no máximo, alto, esbelto, de belíssima aparência, e que pertencia à seção especial. Fazia-se notar por uma estranha taciturnidade, por uma tristeza meiga e tranquila. Tinha positivamente “secado” na prisão como a seu respeito diziam os forçados, entre os quais deixou uma boa recordação. Revejo os seus olhos magníficos, mas a falar a verdade, não compreendo por que guardei dele uma imagem tão clara. Expirou pelas três horas da tarde, um dia muito claro e frio, com o sol a brilhar nas vidraças esverdeadas e cheias de gelo das nossas janelas. Uma verdadeira torrente de luz inundava o desgraçado. Morreu após perder a lucidez e depois de agonizar durante várias horas. Desde a manhã ficou com os olhos vidrados, e não reconheceu mais os que se aproximavam do seu leito. Queriam aliviá-lo, pois compreendiam que ele sofria muito. Estava com a respiração penosa, arquejante,

rouca. Seu peito se erguia muito alto, como se o ar lhe faltasse. Afastou primeiro o cobertor, depois a roupa, e pôs-se afinal a esgarçar a camisa. Nada mais pavoroso do que ver aquele corpo comprido, com pernas e braços descarnados, ventre cavado, peito soerguido, com as costelas salientes como as dum esqueleto. Não tinha mais sobre si senão uma cruz de madeira, um breve de pano e as grilhetas, das quais as pernas ressequidas poderiam sair sem dificuldade. Um quarto de hora antes da sua morte, estabeleceu-se um silêncio na sala: não se falava senão cochichando, não se caminhava senão na ponta dos pés. Os forçados trocavam raras palavras sobre assuntos alheios, lançando olhares de esguelha ao moribundo, que arquejava cada vez mais alto. Afinal, com mão trêmula e incerta, ele procurou o breve no peito para o arrancar, como se aquilo fosse um fardo que o atormentasse, o esmagasse. Tiraram-no. Dez minutos após, o homem expirou. Batemos na porta a fim de prevenir a sentinela. Veio o guarda, olhou o morto, estupidamente, e foi procurar o enfermeiro. Este último, bom rapaz, muito preocupado com seu físico — aliás agradável — depressa apareceu; em passos rápidos, que ressoavam no silêncio da enfermaria, acercou-se do morto; então, com ar desenvolto, como que preparado de antemão, tomou-lhe o pulso, tateou-o, fez um gesto impotente e se retirou. Logo depois foram prevenir o posto da guarda; como o criminoso pertencia à seção especial, a constatação do óbito exigia formalidades de certa ordem. Enquanto se esperava, um dos forçados opinou que se deveriam fechar os olhos do defunto. Um outro, que ouvia atentamente, avançou sem dizer palavra, e lhe baixou as pálpebras. Avistando a cruz que escorregara para o travesseiro, segurou-a, olhou-a bem, e a repôs no pescoço de Mikhailov; e, afinal, benzeu-se. Os traços do morto iam se endurecendo, um raio de sol lhe brincava no rosto; pela boca entreaberta, duas fileiras de dentes brancos reluziam entre os lábios finos, colados às gengivas. Enfim, o suboficial da guarda chegou, armado e de capacete, seguido por dois guardas. Aproximou-se, diminuindo cada vez mais o andar e olhando com embaraço os detentos, que de todos os lados o fitavam em silêncio, com ar sombrio. A um passo do morto se imobilizou, como intimidado e pregado no lugar. Aquele cadáver, completamente nu e ressequido, carregado ainda de ferros, o impressionava; bruscamente levantou a jugular, tirou o capacete — coisa a que não era absolutamente obrigado — e fez um amplo sinal-da-cruz. Era um rosto grave e grisalho, o daquele soldado idoso. Ao seu lado estava Tchekunov, grisalho também; não deixava de fitar o suboficial, e acompanhar cada um dos seus gestos com uma obstinação obsedante. Entretanto seus olhos se encontraram, e de repente o lábio inferior de Tchekunov pôs-se a tremer. O preso mordeu-o até fazer sangue, trincou os dentes, depois, como que malgrado seu, com um gesto involuntário da cabeça, indicou o morto ao suboficial e exclamou vivamente: — Esse também tinha mãe!

Acabando de dizer isso, afastou-se.

Lembro-me que essas palavras me trespassaram... Por que as dissera ele, e como

lhe vieram ao espírito? Porém já vinham apanhar o cadáver. Ergueram-no com o catre, e a palha estalou. No silêncio geral, as grilhetas ressoavam, arrastando-se pelo soalho. Repuseram-nas no lugar. Levaram o corpo. E imediatamente todos se puseram a falar ao mesmo tempo, muito alto. Do corredor nos chegava ainda a voz do suboficial que mandava chamar o ferreiro: era preciso desferrar o morto!

Mas saí do meu assunto...

---

1) Ou seja: de três quilos e meio a cinco e meio. (N. T.)

2

O HOSPITAL
(continuação)

A visita dos médicos se fazia pela manhã: apareciam todos juntos pelas onze horas, acompanhando o chefe de clínica; mas hora e meia antes deles o interno fazia rondas dos leitos. Nessa ocasião tínhamos como interno um rapaz muito expedito, sempre afável e manso. Os forçados lhe queriam muito bem, e só viam nele um defeito: o de ser “sossegado demais”. Realmente, como não tinha o dom da palavra, ele parecia intimidado, corava, apressava-se em modificar os regímens ao primeiro pedido dos doentes; dava a impressão que lhes receitara apenas os remédios que eles quisessem tomar. No fundo era um excelente rapaz! É preciso notar que muitos dos nossos médicos gozam da estima e da afeição popular, pelo que sei, a justo título. Compreendo que estas palavras parecem um paradoxo, mormente se se encara a falta de confiança do nosso povo para com tudo que se refere à medicina e aos remédios de origem estrangeira. De preferência a recorrer ao médico, ao hospital, um homem do povo, embora atacado por dolorosas enfermidades, tratar-se-á durante longos anos com uma feiticeira, ou se encherá com os mais primários remédios de comadre (que aliás não devem ser desprezados). Essa prevenção tem uma causa extremamente grave, inteiramente alheia à medicina: provém da desconfiança geral do nosso povo por tudo que traz uma estampilha oficial. É preciso confessar também que ele tem prevenção contra o hospital graças a uma infinidade de narrativas pavorosas que ouve — frequentemente estúpidas e despidas de qualquer fundamento. O que lhe inspira mais repugnância são os hábitos alemães em vigor nos nossos hospitais, as pessoas estranhas que os cercam durante as doenças, a severidade da dieta, os boatos sobre a dureza das enfermeiras e dos médicos, sobre a dissecação e autópsia dos cadáveres, etc... O povo pensa também que terá um barine a tratá-lo, pois afinal de contas, todos os doutores são barines. Quando, porém, trava mais amplo conhecimento com os médicos (há exceções, embora pouco numerosas), todas essas repugnâncias caem por si, graças, creio eu, à probidade dos nosso clínicos — particularmente os moços. A maioria deles sabe granjear a estima e até mesmo o amor da gente do povo. Em todo caso, escrevo sobre o que vi e experimentei mais de uma vez e em muitos lugares, e não tenho razão para crer que em outra parte as coisas se passem de modo diferente. Sei que em algumas localidades longínquas os médicos podem ser acusados de mercenários: abusam dos rendimentos dos hospitais,

negligenciam os doentes, e chegam mesmo a esquecer inteiramente a medicina. Isso já se tem visto. Mas quero falar aqui da maioria do corpo médico, que se inspira num espírito novo, que se regenera dia a dia. Quanto aos apóstatas da profissão, aos lobos do redil, embalde tentarão justificar-se acusando o meio, responsabilizando-o por sua desgraça; há de ficar sempre no erro, sobretudo se já perderam toda a humanidade. Porque a humanidade, a afabilidade, a compaixão fraternal para com os doentes são às vezes mais eficazes que os remédios. Já é tempo de pôr termo às nossas queixas apáticas contra o meio que nos gangrena. Admitamos que essas queixas tenham base, que o meio nos deforma muito; entretanto, um canalha astuto, que conhece o seu negócio, acusa esse mesmo meio e sua influência a fim de dissimular não só as próprias fraquezas, como também a própria indignidade, principalmente quando sabe falar bem e escrever melhor. Mas estou de novo a me afastar do meu assunto. Queria me limitar a dizer que a gente simples tem menos hostilidade e desconfiança para com os clínicos do que para com a administração médica. Vendo os médicos a trabalhar, eles perdem a maioria dos seus preconceitos. Em muitos detalhes, a administração dos nossos hospitais não está em harmonia com o espírito do nosso povo, vai de encontro aos seus hábitos, e não lhe sabe granjear a confiança e a estima. É pelo menos o que pude concluir das minhas observações pessoais.

Nosso interno tinha o hábito de se deter diante de cada doente, interrogá-lo séria e atentamente, antes de lhe prescrever o regime e o remédio. Às vezes notava que o “enfermo” estava de boa saúde, mas deixava-o ficar assim mesmo. Aquele desgraçado vinha descansar do trabalho forçado, ou dormir num colchão, em vez de numa tábua nua; numa sala aquecida, em vez de num corpo de guarda úmido, onde são atirados em massa os presos preventivos, pálidos e descarnados. (Em toda a Rússia os detentos que sofrem prisão preventiva são pálidos e descarnados, o que prova quanto o seu sustento moral e material é inferior ao dos condenados.) E por isso o nosso interno fazia sem resmungar a inscrição do falso doente, declarava-o afetado por uma febris catarrhalis, depois deixava-o tomar férias durante uma longa semana. Essa febris catarrhalis divertia todo o mundo. Sabia-se muito bem que, por um acordo tácito entre o médico e o seu doente, a fórmula designava uma doença simulada, “a febre de emergência”, como traduzíamos nós.

Algumas vezes o doente, abusando da indulgência do interno, ficava ali até que o expulsassem. Era então que valia a pena ver o nosso interno; parecia intimidado, envergonhado de dizer diretamente ao enfermo que, já que estava curado, tinha de pedir o seu boletim de alta; contudo, poderia sem a menor explicação, sem a menor consideração, obrigá-lo a partir, escrevendo na papeleta: Sanat est 1. A princípio ele insinuava, depois procurava convencê-lo: “Já acabou, hein? Anda, já ficaste bom! E aqui está faltando lugar!” E assim por diante, até que o doente sentia afinal alguns remorsos, e

se resolvia a pedir o papel de alta. O médico-chefe, homem compassivo e honesto (e também muito querido), era muito mais severo e mais resoluto que o interno; em certos casos mostrava uma dureza rebarbativa, que aliás lhe conquistava uma estima especial dos presos. Chegava acompanhado por todo o pessoal médico do hospital, depois do interno ter feito a sua ronda, e se punha a visitar os doentes um após o outro, detendo-se longamente junto àqueles que sofriam mais. E sempre tinha um palavra estimulante para lhes dizer — uma palavra que penetrava até a alma e provocava uma excelente impressão. Não ralhava nunca com os recém-vindos atacados de "febre de emergência", mas se um desses gaiatos se obstinava em demorar mais que a conta, assinava-lhe simplesmente a sentença: "Vamos, meu velho, chega de descanso, não se deve abusar!" Os teimosos eram ou forçados que reclamavam contra o serviço durante a época de maior calor, ou os condenados em instância de castigo. Lembro-me que em relação a um desses foi preciso usar de severidade especial, e até mesmo de crueldade. Ele veio tratar da vista, estava com os olhos vermelhos, e queixava-se de uma dor lancinante. Puseram-lhe vesicatórios, sanguessugas, injetaram-lhe no local um líquido corrosivo; todavia, os olhos do homem continuavam inflamados. Pouco a pouco os médicos perceberam que estavam às voltas com um simulador: a inflamação estacionara e o caso tornou-se suspeito. Já há muito tempo os forçados sabiam que o camarada representava uma farsa, embora ele não houvesse falado nisso a ninguém. Era um rapagão bem bonito, mas que provocava em todos nós uma impressão desagradável; sonso, sombrio, não conversava com os outros, sempre de olhos baixos, sempre afastado, como se desconfiasse de todo o mundo. Lembro-me até que ocorreu a alguns de nós que ele talvez preparasse uma peça. Era um soldado condenado por um roubo grave a mil açoites e à companhia correcional. Como já o contei, para afastar a hora do castigo, os condenados se resolvem, às vezes, a tremendos disparates, na véspera do dia fatal: dão por exemplo uma facada num chefe ou num companheiro, o que lhes acarreta novo julgamento e recua um ou dois meses a execução da pena. E, assim, atingem o seu fito. Não se preocupam ao saber que depois dos dois meses sua penalidade será duplicada ou triplicada; basta que o minuto ameaçador seja afastado por qualquer preço durante alguns dias — de tal modo esses desgraçados carecem de coragem para o afrontar. Alguns dos nossos doentes murmuravam que seria bom vigiar o homem, para o impedir de assassinar alguém, durante a noite. Todavia, ficou tudo em conversa, e mesmo os seus vizinhos de leito não tomaram nenhuma precaução. Tinham-no visto durante a noite esfregar os olhos com a cal raspada à parede, e com outra coisa mais, a fim de os manter vermelhos. Enfim, o médico-chefe ameaçou-o de lhe fazer um sedenho. Quando um doente dos olhos resiste ao tratamento, quando todos os meios médicos já foram empregados para lhe salvar a vista, os médicos se resolvem a essa providência enérgica: tratam o doente como um cavalo e lhe fazem um sedenho; ele então se deixa curar. Mas o rapaz era tão obstinado ou tão covarde que até

mesmo o sedenho, embora doloroso, lhe pareceu preferível às varas. Para essa operação, agarra-se o paciente por trás, segura-se-lhe o couro da nuca, puxam-no o mais possível para o afastar da carne, enterra-se o bisturi naquele lugar de modo a produzir um corte comprido e largo, que ocupa toda a largura da nuca, e, através desse corte, se faz passar uma mecha de algodão da grossura dum dedo; depois, todos os dias, numa certa hora, puxa-se a mecha, como para abrir novamente a ferida, a fim de a fazer supurar, e impedir a cicatrização. O pobre diabo suportou obstinadamente, durante vários dias, essa tortura abominável, antes de se conformar a pedir alta. Um belo dia seus olhos apareceram inteiramente claros, e assim que a nuca sarou, devolveram-no ao corpo da guarda, que ele deixou no dia seguinte para ir receber os seus mil açoites.

O minuto que precede o castigo é horrivelmente penoso; errei, pois em dizer que o medo dos condenados provém da covardia. Deve realmente ser um momento espantoso, já que eles arriscam uma dupla, tripla punição, a fim de o adiar. Já falei, entretanto, dos condenados que pedem que se lhes dê o resto dos açoites, sem esperar que as costas cicatrizem depois de recebida a primeira parte do castigo. Querem acabar o mais rapidamente possível com toda a pena, liquidando assim a prisão preventiva — de tal modo a vida no corpo da guarda lhes parece mais dura que nos trabalhos forçados. Mas, pondo de parte a diferença dos temperamentos, o hábito inveterado de receber pancadas e castigos corporais desempenha um grande papel nessa decisão intrépida. Os que já foram muito açoitados têm a alma e as costas curtidas; acabam por encarar as punições com ceticismo, quase como um pequeno incômodo, que já não provoca nenhum mal-estar. Eis um exemplo: um dos nossos forçados da seção especial, um kalmuk batizado, Alexandre ou Alexandra 2, como o chamávamos entre nós — rapaz estranho, engraçado, atrevido, sempre de bom humor, contou-me, sem deixar de rir e pilheriar, que recebera quatro mil açoites; porém jurou-me que, se desde a mais tenra infância, não o houvessem acostumado com chicotadas na sua horda, se as correias já não lhe houvessem marcado as costas com cicatrizes indeléveis, não poderia nunca suportar esses quatro mil açoites. E, contando-me isso, parecia reconhecido à sua brutal educação. Uma noite, em que estava sentado no meu catre, falou assim: “Olhe, Alexandre Petrovitch, batiam em mim por causa de tudo e por causa de nada, e isso durou sem parar quinze anos a fio; tão longe quanto posso me lembrar, fui açoitado várias vezes por dia; todos que tinham vontade podiam bater em mim, de modo que acabei acostumando!” Já não recordo mais o caso que o fizera soldado, porque, no fundo, ele deveria sempre ter sido um vagabundo; todavia ainda o ouço contar-me o medo que sentira quando se viu condenado a quatro mil açoites, por ter assassinado um superior. “Eu sabia que iriam me a castigar de rijo, que talvez morresse debaixo das varas. Era habituado a pancadas, mas quatro mil, ainda assim... é qualquer coisa, e além do mais os chefes todos estavam umas feras, devido à história. Eu sentia, sabia muito bem que a

coisa não iria correr macia, que deixaria o couro ali. Então tratei de me batizar, pensando: 'Talvez me perdoem!' Os companheiros tinham me prevenido que não adiantava batismo, que não me perdoariam; mas eu cuidei: 'Não faz mal, experimento; eles hão de ter mais pena de um cristão que de um muçulmano!' E foi assim que me batizaram, me puseram o nome de Alexandre, mas as varas são sempre as varas, e não perdoaram uma só varada. E isso me ofendeu tanto que jurei a mim mesmo que eles me haviam de pagar! E, acredite, Alexandre Petrovitch, apanhei-os! Eu sabia fingir de morto — morto propriamente não, porém moribundo. Levaram-me para o pelourinho na frente do batalhão. Deram-me os primeiros mil açoites; parecia fogo, e eu gritava; deram-me o segundo milheiro, e eu vi que o meu fim estava chegando. Tinha pendido a cabeça, as pernas se dobravam debaixo do corpo, e eu ia desfalecendo; meus olhos reviravam, minha cara estava roxa, eu não respirava mais, tinha a boca cheia de espuma; o médico chegou perto e disse: 'Ele está morrendo!' Levaram-me para o hospital e logo tornei a mim. Depois disso, começaram mais duas vezes — estavam com ódio de mim, estavam furiosos, isso lhe garanto. Mas das duas outras vezes consegui enganar novamente a eles todos; no fim do terceiro milheiro, tornei a morrer; porém é preciso notar que quando chegou o quatro milheiro, cada pancada valia por três, era como uma faca que me enterrassem bem no meio do coração, tal a dor! Estavam encarniçados contra mim: aquele cachorro que dava o último milheiro — diabos o carreguem! — valia pelos três outros juntos, e se eu não me houvesse fingido de morto antes do fim (só faltavam duzentos), tinham me acabado de verdade; mas não deixei que eles me liquidassem; dessa vez como das outras — revirei os olhos — e bumba! Pensaram que eu tinha morrido. E como não haveriam de acreditar, se era o médico que estava dizendo? Mas ainda faltavam duzentos, e eles deram esses últimos com toda a vontade — pode-se dizer que duzentos açoites foram dois mil; e, ainda assim, não conseguiram me liquidar mesmo! E por que isso? Simplesmente porque me criei debaixo de chicote! Se ainda estou vivo hoje em dia, devo-o a isso! Ai, sim, sei bem o que é levar pancada", ajuntou pensativo, como se procurasse recapitular todas as surras que recebera. "Não, tornou depois de um minuto de silêncio, ninguém seria capaz de contar as pancadas que deram nestas costas. E, ademais, para que contar? Não haveria número que chegasse!" Olhou-me e soltou uma gargalhada, onde se revelava tanto bom humor, que não pude deixar de lhe retribuir com um sorriso. "Sabe, Alexandre Petrovitch, quando sonho de noite, penso sempre que estão me açoitando — não tenho nunca outro sonho!" Realmente muitas vezes durante a noite ele se punha a urrar, às vezes, muito alto, e era preciso que o acordassem às pressas: "Já paraste de berrar, bicho do inferno?" Era um camarada de estatura média, ágil, alegre, fácil de viver, com uns quarenta e cinco anos de idade; como tinha uma tendência forte para o roubo, isso lhe proporcionava frequente pancadaria. Aliás, quem, dentre nós, não apanhava, não recebia açoites por essa razão?

Não acrescentarei senão uma palavra: a extraordinária bonomia, a falta de rancor com que os açoitados contavam como e por que tinham ido às varas, sempre me espantaram. Nessas narrativas, que às vezes me faziam palpitar o coração como louco, não se percebia o menor indício de rancor ou de ódio. Mas acontecia coisa muito diferente com M–cki quando ele falava em fustigação. Como não era nobre, levou quinhentos açoites; eu soube disso por outros, e lhe perguntei se era verdade. Ele confirmou com duas palavras rápidas, com uma espécie de sofrimento íntimo, esforçando-se por não me olhar. Ficou com o rosto subitamente rubro. Depois de meio minuto, levantou os olhos que reluziam ao fogo do ódio, vi-lhe os lábios a tremer de indignação e senti que ele jamais poderia esquecer essa página do seu passado. Quanto aos nossos forçados (é lógico que havia exceções) viam essas coisas por um ângulo muito diverso. Não é possível, pensava eu às vezes, que eles se reconheçam francamente culpados, e considerem a punição justa, sobretudo se pecaram contra os chefes e não contra os companheiros. A maioria dentre eles não se acusava absolutamente. Nunca, repito, observei entre os meus companheiros remorsos de consciência, mesmo nos casos em que o crime fora perpetrado contra os de sua própria classe. Quanto aos crimes cometidos contra superiores, nesses nem falo. Pareceu-me compreender que os forçados tinham a tal respeito um modo de ver especial e, por assim dizer, empírico; levavam em consideração o destinho, o fato consumado, e, isso, sem refletir, inconscientemente; era, neles, uma espécie de fé. Nessa espécie de crimes, o criminoso dá sempre razão a si mesmo, e a questão de sua culpabilidade nem se propõe ante ele próprio; entretanto, sabe muito bem que os seus superiores não encaram o delito com os mesmos olhos com que ele o vê, e, portanto, deve sofrer um castigo para ficarem as duas partes de contas saldadas. A luta aí é recíproca. O criminoso pensa que um tribunal constituído por gente humilde da sua terra ou o absolveria, ou pelo menos o justificaria em grande parte, contanto que o crime não tenha sido perpetrado contra seus irmãos, contra os seus, contra a plebe. Fortificado por sua consciência, fica todavia sossegado e sem remorsos. É o principal. Sente-se por assim dizer num terreno sólido, e graças a essa convicção, o castigo se transforma numa desgraça inevitável, e mais nada. Ele não é o primeiro nem o último a sofrer tal desventura. Durante muito tempo, muito tempo ainda, prosseguirá o combate; um combate obstinado, imposto pela força. O soldado não tem ódio pelo turco com quem está em guerra, contudo o turco o mata a golpes de sabre ou de baioneta, a tiros de fuzil...

Todas as histórias, aliás, não revelam o mesmo sangue frio, a mesma indiferença. Por exemplo, não se falava nunca do Tenente Jerebiatnikov sem certa indignação recalcada. Travei relações com o tenente durante a minha primeira estada no hospital — por intermédio das histórias dos forçados, compreende-se. Vi-o mais tarde, em carne e osso, uma vez que ele comandava na fortaleza. Deveria ter uns trinta anos. Era alto,

gordo, vermelho, destilando graxa, com uns dentes brancos e a risada estrondosa, intermitente, um riso à Nozdriov 3. O rosto lhe refletia o vácuo absoluto das ideias. Adorava castigar, dar varadas, quando o designavam como executor de uma sentença. Os outros oficiais — apresso-me em dizê-lo — consideravam o Tenente Jerebiatnikov como um monstro, e os forçados mantinham sobre ele idêntica opinião. Evidentemente houvera, nos bons tempos de antanho, “cuja tradição, embora custe crê-lo, ainda está viva” 4, executores que gostavam de realizar escrupulosamente a sua tarefa. Mas em geral as varas eram vibradas com simplicidade, sem nenhuma especialização, nem prazer para o executor. Esse tenente, pois, era uma espécie de gastrônomo refinado, um connaisseur no mais amplo sentido da expressão. Tinha a paixão da sua arte, e amava a arte pela arte. Comprazia-se nela como um patrício entediado da Roma Imperial, inventava toda espécie de requintes sutis, a fim de estimular, animar um pouco a sua alma afundada na banha.

Eis Jerebiatnikov encarregado de uma execução: um olhar atirado à longa fila de soldados armados de grossas varas basta para o encher de inspiração. Percorre a fila com ar satisfeito, reitera a ordem para que todos cumpram conscienciosamente o seu dever, senão... Os soldados sabiam antecipadamente o que significava aquele “senão”. O criminoso é trazido, e se até então ele não travou conhecimento com Jerebiatnikov, se ninguém o pôs ao corrente do que se vai passar, veja-se a peça que Jerebiatnikov lhe prega: é apenas uma peça entre mil, porque àquele tenente não faltava inventiva. Enquanto lhe desnudam as costas, e lhe atam as mãos à coronha do fuzil, por meio do qual os suboficiais o arrastam depois ao longo da “rua verde”, todo condenado se põe sempre, em voz de choro, a suplicar aos executores que não batam com muita força, que não redobrem o castigo com uma severidade supérflua.

— Excelência — grita o desgraçado — tenha piedade, mostre o seu coração de pai, deixe-me rogar a Deus eternamente por si, não me desgrace, tenha dó!

Jerebiatnikov, que não esperava senão essas palavras, suspende imediatamente a execução, e, num tom sentimental, entabula com o forçado o seguinte diálogo:

— Meu querido amigo, que queres que eu faça? Não sou eu que te castigo, é a Lei!

— Excelência, tudo depende de si, seja compassivo!

— E pensas que não sou compassivo? Pensas que tenho prazer em ver te açoitarem? Eu também sou um homem. Vejamos, sou um homem ou não sou?

— Se é, Excelência, se é! A verdade é que os oficiais são os pais e nós somos os filhos; mostre o seu coração paterno, Excelência! — brada o preso, fremente de esperança.

— Mas meu amigo, julga por ti próprio; tens um cérebro para refletir. Sei muito bem que o sentimento de humanidade me ordena que te olhe a ti, pecador, com piedade, com misericórdia.

— O que Vossa Excelência diz é a pura verdade!

— Sim, e devo te olhar com misericórdia, por mais pecador que sejas. Porém não sou eu, é a Lei que te castiga. Reflete! Tenho que servir a Deus e à minha pátria, e cometo um grande pecado se assumo a responsabilidade de atenuar a lei. Pensa nisso!

— Excelência!

— Então não faz mal! Passa por esta vez! Sei que estou errado, mas não faz mal! E, entretanto, se eu te fizer isso, presto-te um péssimo serviço! Pois se te perdoo, se só te castigo um pouquinho, ficarás pensando que de outra vez é a mesma coisa. Tornarás a fazer asneiras, e então como há de ser? Ficará esse peso na minha consciência.

— Excelência, juro que não me há de castigar um segunda vez! Juro-o diante do trono de Deus!

— Muito bem, então, muito bem! Jura que vais te portar direitinho.

— Deus todo-poderoso que me castigue e que no outro mundo...

— Não jure, que é pecado! Acredito, se me deres a tua palavra!

— Excelência!

— Está bem, vou te perdoar por causa das tuas lágrimas de órfão. Porque és órfão, não é?

— Órfão, Excelência, só no mundo, sem pai nem mãe...

— Muito bem, perdoo por causa das tuas lágrimas de órfão, mas é pela última vez, vê bem! Levem-no — diz com voz tão comovida que o forçado já nem sabe com que palavras há de agradecer a Deus, por haver sido entregue a um oficial dotado de tão bom coração. Mal o ameaçador cortejo se põe em marcha, a ordem é dada, o tambor rufa, a primeira vara se ergue...

— Duro com ele! — grita Jerebiatnikov com todas as suas forças. — Surrem-no bem! Arranquem-lhe a pele! Mais, com mais força, liquidem o órfão, liquidem o canalha! Sirvam-lhe a sua ração, sirvam-no bem!

Os soldados dão as varadas com toda a força, os olhos do pobre diabo soltam faíscas, ele começa a urrar, e Jerebiatnikov corre à sua frente, ao longo da “rua verde”: ri, dá gargalhadas, segura as costelas com as duas mãos, ri tanto que até se sente mal. Está no sétimo céu, acha aquilo uma delícia! De tempos em tempos uma risada formidável e sonora, seu riso cascateante de homem gordo retine de novo; e de novo ele berra:

— Arranquem-lhe a pele! Quero vê-lo esfolado! Esfolem-me esse canalha! Pelem-me o lombo do órfão!

Havia ainda outras variantes desse motivo, no seu repertório. O forçado que vai apanhar começa com as súplicas. Jerebiatnikov não faz as palhaçadas costumeiras e lhe diz francamente:

— Não, meu caro, vou te castigar segundo as regras, conforme o mereceste. Mas há uma coisa que posso fazer por ti: não te mando amarrar. Vais caminhar sozinho, à

moda nova. Basta apenas que corras bem depressa pela linha de soldados. Não te livrarás das pancadas, é verdade, porém a coisa andará mais depressa. Que achas? Queres experimentar?

O forçado escuta, incerto, desconfiado, depois medita: “Quem sabe? Talvez seja mesmo vantagem para mim. Se eu correr com toda a força a coisa durará pelo menos cinco vezes menos e talvez nem todas as varadas me apanhem!” — Está bem, Excelência, concordo!

— E eu também! Vamos, marcha! Atenção, vocês lá, atenção! Não estão aqui para dormir! — grita para os soldados, embora saiba muito bem que nenhum dos açoites deixará de apanhar o lombo do culpado: se um soldado erra o açoite, sabe por experiência o que o espera. O forçado põe-se portanto a galopar pela “rua verde” mas não passa mais de quinze filas porque as varas sibilam no ar, as pancadas chovem como geada nas suas costas, e o pobre diabo se abate num urro, como apanhado por uma bala.

— Não, Excelência, prefiro que sigam o regulamento — suplica ele erguendo-se com dificuldade, lívido de pavor, enquanto Jerebiatnikov, que sabia antecipadamente o resultado daquela boa partida, ri a sufocar.

Contudo, eu não poderia descrever todas as direções desse oficial, nem todas as histórias que correm a seu respeito.

De modo muito diverso falavam entre nós do tenente Smekalov, que precedera o atual major nas funções de comandante da praça.

Discorriam sobre Jerebiatnikov num tom calmo, sem lhe gabar as façanhas, sem ódio; não o estimavam, desprezavam-no. E o desprezavam por assim dizer — de cima — enquanto ninguém evocava a lembrança do tenente Smekalov sem lhe fazer o elogio entusiástico. Sendo o oposto do apreciador das varas, esse tenente nada tinha pois em comum com Jerebiatnikov. Não que ele desdenhasse punir; ao contrário, empregava muito bem as varas, mas em vez de lhe guardarem rancor, os presos se enterneciam. Esse homem soubera agradar aos forçados! Como lhes teria granjeado a estima? Nossos forçados, como quase toda gente da plebe, estão prontos a esquecer os piores sofrimentos por amor de uma boa palavra; limito-me a constatar o fato sem procurar analisá-lo. Nada é menos difícil que agradar a essa gente! Mas o tenente Smekalov gozava de uma popularidade especial, pois até suas execuções eram mencionadas com enternecimento. “Era bom como um pai”, diziam dele os galés, e soltavam um suspiro, comparando Smekalov com o nosso major. “Que boa alma!” Era um homem simples, e sem dúvida bom ao seu modo. Contudo, acontece às vezes ninguém querer bem, e mesmo se fazer troça de alguns homens bons — zombam até da sua misericórdia no comando. O fato é que Smekalov de tal modo se portava, que todos os detentos reconheciam nele o “seu homem”, e deve-se dizer que isso representa um grande dom, uma capacidade inata, da qual muitas vezes aqueles que a possuem não se apercebem.

Coisa estranha: entre os oficiais há alguns que, sem serem bons, atraem uma grande popularidade, simplesmente porque não desprezam o povo, porque não o tratam com altivez. Não se sente neles nem o barine mimado, de mãos brancas, nem o espírito de casta; emana das suas pessoas uma espécie de cheiro especial, de simplicidade; isto lhes é congênito, e, meu Deus, como sabe o povo farejar esse cheiro! Que dedicação não é capaz de sentir por tal espécie de criaturas! Com que rapidez sacrificará o chefe mais humano para escolher o mais severo! E se o personagem em que o povo fareja esse cheiro especial é ademais uma boa pessoa, então não tem mais preço!

Como já o disse, o tenente Smekalov às vezes castigava com dureza, mas sabia como o fazer, e em vez de lhe guardarem rancor, todos os presos do meu tempo evocavam rindo as suas “boas peças”. Peças que, aliás, não eram muito variadas, pois o tenente carecia inteiramente de fantasia artística. Na realidade, durante um ano inteiro, ele não se divertira senão com uma única e mesma farsa, que talvez deva o seu prestígio ao fato de ser única. Não lhe faltava ingenuidade. O delinquente é trazido; Smekalov deve assistir pessoalmente à execução. Vai para lá brincando, rindo, interrogando o culpado sobre coisas indiferentes, sobre seus negócios pessoais, sobre os seus trabalhos, e isso sem intenção zombeteira, sem ideia preconcebida, “tão-só porque lhe apraz ficar a par dos negócios daquele homem”. Trazem as varas e uma cadeira para Smekalov. Ele senta-se, acende o cachimbo (cachimbo muito comprido, aliás). O forçado começa as súplicas... — Não, meu amigo, vamos, deita-te, que foi que te deu? — resmunga Smekalov.

O forçado suspira e se deita.

— Escuta, meu amigo, sabes as tuas orações?

— Decerto, Excelência! Sou batizado, aprendi a rezar quando ainda era da altura da sua bota!

— Bem, então reza!

O forçado já sabe o que vai rezar e o que se seguirá, porque a brincadeira já foi repetida pelo menos umas trinta vezes. O próprio Smekalov não ignora que o preso sabe disso e que os soldados, que esperam com as varas erguidas sobre o culpado, estirado no chão, também o sabem, mas isso não o impede de se repetir. A brincadeira lhe agradou de vez, e talvez ele a aprecie principalmente por vaidade de autor. O desgraçado começa a recitar suas rezas, os soldados se imobilizam com as varas, e Smekalov, que já não se pode conter, levanta a mão, para de fumar, espreita a palavra esperada. O forçado a articula afinal: “no céu” 5.

É a palavra de ordem.

— Alto! — grita o tenente cujo rosto se inflama; bruscamente, com um gesto inspirado, dirige-se ao homem que vai bater em primeiro lugar, e brada: — Para o céu vá ele!

E solta uma gargalhada. Os soldados também sorriem, o fustigador sorri, o próprio fustigado se prepara para sorrir — embora à ordem de “para o céu...” a vara tenha sibilado no ar e venha cortar como uma navalha o lombo do paciente. Entretanto Smekalov está satisfeito, porque a pilhéria é de sua invenção, e lhe agrada muitíssimo. E vai para um lado, encantado, enquanto o fustigado segue pelo outro, satisfeito consigo próprio e com Smekalov. Meia hora mais tarde conta-se em toda fortaleza que a famosa pilhéria foi de novo dita, pela trigésima primeira vez.

“Ai, aquele era mesmo um homem de verdade!”

Às vezes as louvaminhas dedicadas a esse tenente chegavam a aborrecer.

— Lembram-se, rapazes, às vezes, quando a gente ia trabalhar — (conta um forçado cujo rosto se ilumina ante a recordação) — via o tenente sentado na janela, de roupão, cachimbo na boca, tomando chá. Tirávamos o gorro. “Para onde vais assim, Aksionov?” ele dizia. — “Vou para o trabalho, Mikhail Vassilitch, mas antes tenho que passar na oficina!” Ele então punha-se a rir.

Sujeito bom! Coração de ouro!

— Dessa espécie já não os fazem mais! — acrescentava pensativo um dos ouvintes.

---

1) Abreviação de sanatus est. (N. T.)

2) Turguenev observa, em Memórias de um Caçador , que a “gente do povo considera mais carinhoso dar a um prenome masculino uma terminação feminina”. (N. T.)

3) Gogol — Almas Mortas — Primeira parte, cap. IV. (N. T.)

4) Verso de Griboiedov, que se tornou proverbial. (N. T.)

5) Trata-se evidentemente do padre-nosso, mas, com receio da censura, a citação é vaga. (N.T.)

3

O HOSPITAL

(continuação)

Se falei longamente sobre as punições e sobre aqueles que as administram, é porque durante minha estada no hospital testemunhei com meus próprios olhos coisas que não conhecia senão por ouvir dizer 1. Traziam para as nossas duas enfermarias os condenados às varas de todos os batalhões, companhias correcionais e outras unidades acantonadas na cidade, e no distrito que dela dependia. Durante os primeiros dias, quando eu estudava ainda com grande avidez os costumes do presídio, todos esses açoitados, todos esses homens na expectativa da “rua verde”, me davam uma impressão horrível. Eu ficava comovido, perturbado, aterrorizado. Lembro-me de que então me pus a refletir febrilmente em todos os detalhes desses fatos novos para mim, a escutar as conversas e as histórias que a eles se referiam, a fazer perguntas aos forçados, querendo descobrir uma solução para esse estado de coisas.

Desejava em especial conhecer minuciosamente os graus das diversas condenações, todas as diferentes cambiantes de castigo, com os modos de ver dos condenados a esse respeito. Esforçava-me por imaginar o estado de alma dos que partiam para o suplício. É raríssimo, já o contei, que um condenado conserve o sangue frio até o momento fatal, embora já tenha sofrido várias outras fustigações. Nesse instante, ele sente um terror puramente físico, agudo, involuntário, inconsciente, e esse terror o aturde. Durante meus longos anos de presídio tive mais de uma vez a oportunidade de observar alguns desses condenados que, entrando no hospital com as costas em carne viva, depois de sofrerem a primeira metade da punição, se inscreviam para a alta logo no dia seguinte, a fim de mais depressa afrontar o resto. Essa interrupção no castigo é sempre devida às ordens do médico que assiste à execução. Quando o número de açoites ao qual foi condenado o criminoso parece elevado demais para ser recebido todo de uma vez, é ele dividido em dois ou três, segundo a opinião do médico que, no decorrer da execução, verifica se o fustigado está em condições de suportar a pena sem perigo de vida. Quinhentos, mil, mil e quinhentos açoites podem ser administrados de uma vez; mas dois mil açoites são em geral distribuídos em duas ou três porções. Em geral, aqueles que, com as costas mal cicatrizadas, saíam para receber a segunda metade do castigo, tornavam-se desde a véspera da partida sombrios, tristonhos, taciturnos.

Observava-se neles uma espécie de embrutecimento, uma distração singular. Não tomavam parte nas conversas e na maioria do tempo — característica curiosa — os companheiros evitavam falar com eles, evitavam fazer a menor alusão ao que os aguardava. Nenhum consolo, nenhuma palavra inútil: parecia que todos tinham combinado não lhes prestar a menor atenção. E era muito melhor assim. Havia, contudo, exceções — Orlov, por exemplo, de quem já falei. Depois da primeira metade da sua punição, ele não parava de gemer, porque suas costas não saravam bastante depressa. Tardava-lhe acabar, e ser metido num comboio de deportados, porque contava fugir durante o caminho. Esse não via senão o fim que visava atingir; e Deus sabe do que era capaz um natureza daquelas, tão apaixonada, tão ardente. No dia em que chegou, parecia satisfeito e muito excitado, embora se esforçasse por dissimular seus sentimentos. Na verdade, Orlov cuidara não sobreviver à primeira metade do castigo, não se poder levantar de sob as varas. Durante a prisão preventiva, chegaram-lhe aos ouvidos boatos sobre as medidas tomadas a seu respeito pela administração, e tinha-se preparado para o fim. Mas o fato de suportar a primeira metade devolvera-lhe a esperança. Quando chegou ao hospital, estava semimorto. Jamais vi na minha vida umas costas tão chagadas, contudo a alegria lhe tomava o coração. Estava certo agora de que lhe tinham contado boatos falsos, e que se sairia da segunda vez como se saíra da primeira. Depois da longa reclusão preventiva, não sonhava senão com o futuro comboio no qual seria incluído, na viagem que faria, na evasão, na liberdade nas estepes e florestas... E dois dias após sua saída do hospital, voltou para morrer no próprio leito que deixara: não pudera resistir à segunda metade do castigo. Já falei, porém, a esse respeito.

Todavia, esses condenados, mesmo os mais pusilânimes, atormentados noite e dia pela expectativa do momento fatal, suportavam a sua dor com coragem, uma vez chegada a hora. Raramente os ouvi gemer durante a noite que se seguia à fustigação, por mais rigorosos que houvessem sido os açoites — tão grande é a força de resistência do nosso povo. Interroguei muitíssimo os meus companheiros acerca dos sofrimentos causados pelos açoites. Queria inteirar-me da sua intensidade e saber a que poderiam eles ser comparados. Não sei realmente que razão me impelia, mas recordo bem que não era simples curiosidade. Repito-o, a emoção e o pavor me estrangulavam. Por mais que indagasse, porém, nunca obtive uma resposta satisfatória. “Queima como fogo”, respondiam sempre. “Queima — e é só!” Nos primeiros tempos, quando me aproximei de M–cki, interroguei-o também. “Dói horrivelmente, confessou ele; sente-se uma impressão de queimadura, como se grelhassem as costas da gente no fogo do Inferno.” Assim, todos se exprimiam de maneira unânime. Lembro-me de ter feito então uma observação estranha, cuja exatidão aliás não garanto, mas que o consenso geral dos forçados confirmava: uma severa flagelação de varas constitui o mais terrível dos suplícios em uso entre nós. A primeiro olhar, a afirmação parece absurda, entretanto

quinhentos açoites, quatrocentos mesmo, bastam para matar um homem; acima de quinhentos, a morte é por assim dizer certa; e o mais robusto dos indivíduos não pode enfrentar de uma vez só mil varadas. De chibata, pelo contrário, suportam-se quinhentos açoites sem perigo para a vida. Um homem de constituição média pode aguentar mil chibatadas, duas mil até, se está de boa saúde. Todos os forçados consideravam as varas infinitamente mais assustadoras que a chibata. “As varas doem muito mais, queimam mais”, explicavam eles. É evidente que torturam muito mais, porque atacam muito mais os nervos, irritam e abalam ao mais alto grau o organismo do paciente. Não sei se ainda existem hoje, mas havia outrora cavalheiros que se deleitavam em fustigar as vítimas — por exemplo, o Marquês de Sade e a Brinvilliers. A emoção do espetáculo provocava, segundo creio, uma espécie de desfalecimento extático, que é ao mesmo tempo perversão e delícia. Há pessoas que, como os tigres, lambem avidamente o sangue que derramaram. Aquele que, embora uma única vez, exerceu um poder ilimitado sobre a carne, o sangue, a alma do seu semelhante — sobre o corpo do seu irmão, segundo a lei de Cristo — aquele que gozou da faculdade de aviltar ao grau máximo um outro ente, feito à imagem de Deus, esse alguém torna-se escravo de suas sensações. A tirania é um hábito dotado de extensão, pode-se desenvolver e acabar afinal se transformando em doença. Sustento que o melhor dos homens pode, graças ao hábito, endurecer-se até se transformar num animal feroz. O sangue e o poder embriagam, engendram a brutalidade e a perversão, fazendo com que a alma e o espírito se tornem acessíveis aos prazeres mais anormais. O homem e o cidadão se eclipsam para sempre no tirano. E a volta à consciência humana, ao arrependimento, à ressurreição, se lhe torna quase impossível. Acrescentemos que o poder ilimitado de gozo tem uma sedução perniciosa, que age por contágio sobre toda a sociedade. A sociedade que encara com indiferença ações desse jaez, já está contaminada até o cerne. Em suma, o direito de punição corporal que um homem exerce sobre um outro é uma das chagas da sociedade, é um meio seguro de abafar, ainda em germe, qualquer civismo e lhe provocar a decomposição.

A sociedade despreza o carrasco profissional porém não o gentleman-carrasco. Quiseram recentemente pretender o contrário, mas de maneira inteiramente abstrata, inteiramente livresca. Os que exprimiram esse conceito não tinham tido ainda tempo de matar dentro de si o instinto de domínio. Qualquer industrial, qualquer diretor de empresa, deve frequentemente sentir uma espécie de satisfação exasperada quando recorda que muitos operários, carregados de família, não dependem senão de si. Não é rapidamente que as gerações extirpam os seus vícios hereditários, nem que o homem renuncia ao que tem na massa do sangue, ao que, por assim dizer, sugou no leite materno. Nenhuma revolução se faz às pressas. Não basta confessar o seu erro, o seu pecado original; é mister eliminá-lo completamente. E isso não se obtém senão com o tempo.

Falei em carrasco. Os instintos bestiais estão em germe em quase todos os nossos contemporâneos, mas não se desenvolvem uniformemente em cada indivíduo. E quando sufocam os demais instintos de um homem, este se torna — é claro — um monstro abominável. Há duas espécies de carrascos: os carrascos voluntários e os carrascos à força, ou por obrigação. Os carrascos voluntários são, é claro, inferiores sob todos os aspectos aos carrascos involuntários. Estes últimos, entretanto, inspiram ao povo uma repugnância que raia ao horror, um receio irrefletido e quase místico. De onde provém esse medo supersticioso por um e essa indiferença quase aprobativa pelo outro? Há casos particularmente estranhos. Conheci indivíduos bons, honestos, estimados no seu meio, que julgavam indispensável que o condenado gritasse debaixo do cnute, que implorasse perdão... Isso era para eles uma coisa estabelecida, regular, necessária. Assim, um executor meu conhecido, que em qualquer outra ocasião passaria por um bom sujeito, sentiu-se um dia pessoalmente ofendido porque a sua vítima não se dignava gritar. De início não tinha intenção de castigar de rijo; não escutando, porém, nenhuma das palavras habituais: “Excelência, paizinho, tenha piedade, rogarei eternamente a Deus por si!” — perdeu o sangue frio e mandou dar cinquenta açoites a mais no recalcitrante para lhe arrancar os gritos e as súplicas de rigor — e arrancou-os...

“Era impossível agir de outra maneira; a insolência do homem ultrapassava os limites”, explicou-me ele com grande seriedade.

Quanto ao verdugo de profissão, sabe-se de onde ele sai. É um condenado que obteve comutação de pena, começou como aprendiz junto a outros carrascos e, uma vez senhor do ofício, instalou-se vitaliciamente num presídio; tem seu alojamento particular, seu quarto, e até mesmo o seu lar, mas anda quase sempre sob escolta. Um homem vivo não é afinal de contas uma máquina; embora comece a açoitar por dever, acontece-lhe ser assaltado pelo furor e sentir prazer nas pancadas que dá, sem por isso alimentar ódio contra a sua vítima. A necessidade de provar que é hábil na profissão, que entende do ofício, a necessidade de se exibir perante os companheiros e diante do público, estimulam-lhe o zelo. Trabalha por amor da arte. Não ignora que, aos olhos de todos, é um réprobo, que um terror supersticioso o acolhe e o acompanha por toda parte, coisa que, sem dúvida é bastante para lhe aumentar a fúria e os instintos bestiais. Até mesmo as crianças sabem que ele “não conhece pai nem mãe”. Fato estranho, todos os carrascos que me foi dado conhecer, deixavam-me a impressão de indivíduos inteligentes, de palavra fácil, dotados dum amor-próprio excessivo. O orgulho crescera neles para resistir ao desprezo geral, fortificara-se graças ao medo que inspiravam às suas vítimas, pelo sentimento do seu poder sobre elas? Não o sei. A encenação teatral com a qual se mostram ao público, no pelourinho, contribui talvez para desenvolver neles certa presunção. Tive ocasião de observar de perto um dos nossos verdugos. Era um quadragenário de estatura mediana, seco, musculoso, cabelo crespo, rosto pode-se dizer

franco, afável. Tinha uns ares graves de pessoa de importância; suas respostas eram breves, cheias de bom senso, amáveis, mas amáveis com altivez, como se ele não se permitisse abrir mão da própria importância. Os oficiais de guarda não desdenhavam falhar-lhe, e lhe testemunhavam até uma espécie de respeito. O homem o compreendia perfeitamente; por isso, quando em contato com eles, redobrava de polidez, de frieza, de dignidade. Quanto mais delicadamente lhe falava um chefe, mais ele parecia inabordável, sem nunca se afastar de uma perfeita amenidade. Estou certo de que, nesses minutos, se considerava incomparavelmente superior àquele que lhe dirigia a palavra: lia-se a consciência disso no seu rosto. Às vezes, num belo dia de verão, mandavam-no sob escolta matar com uma vara comprida os cães vadios que se multiplicavam na cidade com surpreendente rapidez, e que durante o calor forte se transformavam num perigo público. Essa função sórdida não parecia absolutamente humilhar o senhor carrasco. Era de ver o ar grave com que percorria as ruas da cidade, acompanhado pelo seu vigilante, morto de fadiga; espantava com o olhar as mulheres e as crianças que encontrava, e fitava de alto todos os transeuntes. Aliás, os verdugos têm vida fácil: não lhes falta dinheiro, são bem alimentados, e bebem a sua vodca. As suas rendas provêm das gorjetas com que os presos civis lhes abrandam a mão, antes da pena. Os condenados pobres usam para esse fim o seu derradeiro copeque. Quanto aos ricos, o carrasco mesmo lhes extorque uma quantia de acordo com as suas posses; cobra-lhes trinta rublos e até mais. Quanto mais rico é o condenado, maior é o preço. Está claro que o carrasco não pode bater de leve, pois sua própria pele responde por isso. Mas em troca do dinheiro recebido, compromete-se a não bater com força demasiada. E os pacientes ou os seus consentem quase sempre nas exigências do carrasco, porque, se as vê recusadas, ele açoita como um autêntico bárbaro, o que está amplamente dentro dos seus poderes. Consegue até arrancar dos condenados mais pobres quantias importantes; os parentes vêm lhe fazer súplicas, regateiam o pagamento; desgraçado de quem não o satisfaz! Nesses casos, o medo supersticioso que inspira ajuda muitíssimo o verdugo. De que não se acusa um executor? Os forçados me afirmaram que lhe é possível matar um homem ao primeiro açoite; afinal de contas, não é coisa inverossímil, embora eu não disponha de nenhum exemplo a citar; e a verdade é que o nosso carrasco pretendia ser capaz de o fazer. Os forçados contavam ainda que o verdugo é capaz de chibatar com toda a força as costas do criminoso, sem lhe fazer a menor marca, sem lhe causar a mínima dor. Todos esses truques, porém, são por demais conhecidos para que seja necessário insistir. Na realidade, se o carrasco recebe uma gorjeta para bater com menos força, não se exime de dar o primeiro açoite com toda a rudeza. É o uso. Administra os açoites seguintes com mais brandura, sobretudo se lhe pagaram bem. Mas quanto ao primeiro golpe, quer lhe tenham pago quer não, vibra-o com toda a substância. Ignoro por que procede assim. Quer preparar brutalmente a vítima para os açoites futuros, com a ideia de que, depois

de uma primeira vergastada cruel, as seguintes parecerão menos dolorosas e menos violentas? Age assim unicamente para mostrar o seu vigor, para assustar a vítima, para a mortificar desde o início, fazer-lhe compreender com quem está tratando? O fato é que, antes de começar a execução, o carrasco se sente superexcitado, tem consciência da sua força e do seu papel, torna-se um ator que inspira ao público admiração e medo, e não é sem satisfação que grita para a vítima: “Aguenta, que isso queima!” Palavras sacramentais do momento. A gente dificilmente imagina até que ponto um ente humano pode se desnaturar...

Nos primeiros tempos de minha estada no hospital eu aguçava o ouvido para todas as histórias que contavam. Sentíamos todos o mesmo tédio em ficar deitados, e cada dia, tão semelhante ao outro, era de uma monotonia tremenda. Pela manhã, ainda, nos distraíamos com a visita dos médicos e, logo depois, com a chegada da comida, que — compreende-se — desempenhava um papel da maior importância na nossa vida. Os regimes variavam segundo os enfermos. Uns recebiam apenas sopa, outros somente um mingau de cevada, e outros sêmola, de que eram todos gulosos; aliás, no hospital, os forçados acabam ficando gulosos, sobretudo quando lá demoram muito tempo. Alguns recebiam um pedaço de cozido: “vaca”, como se dizia entre nós. Os melhores pratos eram reservados para os doentes de escorbuto — bife com cebola ou rábano, acompanhado, às vezes, de um copo de vodca. A distribuição do pão variava também segundo a moléstia — às vezes pão preto, às vezes pão branco, mas sempre bem preparado. Os presos, de tanto viverem acamados, iam ficando melindrosos, e faziam questão de banquetear-se. Se alguns doentes não tinham apetite, outros o tinham de sobra. E trocavam os quinhões, de modo que o regime destinado a um, ia regularmente para outro. Os que estavam em dieta e recebiam apenas uma ração magra, compravam carne aos doentes de escorbuto, e arranjavam kvass, a cerveja do hospital, com os doentes que a obtinham. Alguns comiam rações duplas. As rações se trocavam por dinheiro; a carne tinha preço bastante alto, até cinco copeques a ração. Se na nossa enfermaria ninguém tinha nada a vender, mandava-se o vigilante indagar na outra sala, e se lá ele não encontrava nada, passava ao salão dos soldados, “aos livres”, como eram chamados entre nós. Encontravam-se sempre pessoas que estimavam vender a sua ração, e que, por amor de alguns vinténs, comiam o pão seco. A pobreza era incontestavelmente geral, todavia os que dispunham de algum dinheiro podiam mandar adquirir no mercado kalatchi e outras gulodices. Nossos vigilantes davam conta dos mandados com um total desinteresse.

O momento mais penoso do dia era o que se seguia à refeição: uns tentavam dormir para matar o tempo, outros conversavam; rixavam, contavam histórias em voz alta. Se não chegava nenhum doente novo, o tédio ainda era mais opressivo. A entrada dum novato provocava sempre uma diversão, sobretudo se ninguém o conhecia:

examinavam-no, procuravam saber quem era, de onde vinha, o que o levara ao presídio. Os mais interessantes provinham dos comboios de condenados. Esses tinham alguma coisa a narrar, mas, é claro, nunca sobre os seus próprios negócios. E se não contavam história nenhuma espontaneamente, a esse respeito, ninguém os interrogava. Perguntavam-lhe apenas: “De onde veio? Por qual estrada? Com quem? Ia para onde?” etc.

Alguns, escutando o que diziam os novatos, recordavam de súbito certos incidentes de estrada: animavam-se, falavam sobre comboios, sobre vigilantes, soldados da escolta. Os homens que haviam sido fustigados chegavam no fim da tarde; como já o contei, produziam sempre uma impressão forte.

Mas nos dias em que não se passava nada, o tédio era intolerável. Todos pareciam fatigados com a presença imutável das mesmas caras, e findavam por procurar briga. Por essa razão nós recebíamos com interesse os loucos que nos eram trazidos. Alguns espertos simulavam loucura para escapar ao açoite. A maioria deles era rapidamente desmascarada, ou antes, resolvia-se espontaneamente a mudar de tática, e depois de dois ou três dias de extravagâncias, o “louco” recuperava de chofre o bom senso e a calma, e, sombrio, pedia a execução da sentença. Nem os forçados nem os médicos lhes faziam censuras, nem sequer os humilhavam recordando as sandices. Eram inscritos em silêncio, em silêncio a gente os acompanhava com a vista, e, dois ou três dias após, eles reapareciam, depois de sofrida a punição. Aliás, os casos desse gênero eram raros. Em compensação, os alienados reais postos em observação na nossa enfermaria eram verdadeira calamidade. Recebíamos a princípio quase com entusiasmo aqueles que tinham a loucura expansiva, os alegres, os vivazes, os que cantavam, gritavam, choravam. “Pelo menos vamos nos divertir!” diziam os enfermos olhando para as contorções do recém-vindo. Mas, a mim, o espetáculo que davam esses desgraçados era sempre terrivelmente penoso; nunca pude olhar com sangue frio para loucos. Quanto aos outros sucedia que, sem demora, em vez de provocar o riso, as caretas perpétuas e os movimentos constantes do doido os cansavam — e ao cabo de dois dias estavam todos fartos. Um desses desgraçados ficou três semanas conosco, de tal modo que já não sabíamos mais onde nos esconder. Nesse intervalo, como de propósito, mandaram-nos um outro, que me provocou uma impressão especialíssima. Isso se passou no meu terceiro ano de presídio. Durante o meu primeiro ano, ou mais exatamente, durante os meus primeiros meses de prisão, na primavera, eu ia para o trabalho com um grupo de presos forneiros, aos quais deveria servir de ajudante. Ficava o local de trabalho a duas verstas de distância, numa olaria cujo forno precisava ser reparado para o verão. Nessa manhã, M–cki e B. me tinham apresentado ao nosso vigilante, o suboficial Ostrozki. Era um polaco duns sessenta anos, alto, magro, excessivamente bem-parecido, e até mesmo imponente. Servia na Sibéria já há muito tempo. Embora fosse de baixa origem — era um

dos insurretos de 1830 — M–cki e B. lhe queriam bem e o estimavam. Vivia sempre mergulhado na leitura da Bíblia. Conversei com ele. Palestrava amavelmente, com sensatez, com interesse, encarando o interlocutor com franca benevolência. Eu já não o revia há dois anos, mas sabia que estava submetido a um inquérito, quando de repente o trouxeram para a nossa enfermaria: enlouquecera. Entrou soltando uivos e gargalhadas, e se pôs imediatamente a dançar, empregando os gestos mais obscenos, mais canalhas, para grande divertimento dos forçados. Quanto a mim, fiquei muito triste. Depois de três dias, nós não sabíamos o que fazer. Ele brigava, trocava murros, urrava, cantava noite e dia; suas repugnantes invenções nos provocavam náuseas. E, além disso, não tinha medo de ninguém. Meteram-no na camisa de força, mas nossa situação piorou ainda mais, porque nem por isso o louco deixou de rixar e de querer trocar pancada com todo o mundo. No fim de três semanas, a enfermaria, num brado unânime, suplicou ao médico-chefe que transferisse aquele tesouro para os nossos vizinhos. De lá, três dias após, o devolveram para nós. Ficamos então com dois agitados ao mesmo tempo, dois brigões, ambos inquietantes, e como eram regularmente devolvidos de uma sala à outra, não fazíamos senão trocar de doido. Eles se equivaliam, e todos soltamos um suspiro de alívio quando nos livraram daquela companhia...

Guardei lembrança de outro maluco. Trouxeram-nos certo dia um preso preventivo de uns quarenta e cinco anos, sujeito forte, com a cara marcada de bexiga, olhinhos vermelhos, inflamados, e expressão excessivamente sombria. Instalaram-no ao meu lado. Mostrou-se muito quieto, não dirigiu-se repentinamente a mim. Diretamente, sem preâmbulo, mas como se me fosse revelar um segredo importante, contou-me que deveria em breve receber mil açoites, e que entretanto a execução não se realizaria porque a filha do capitão G. era sua protetora. Olhei-o inquieto e respondi que, a meu ver, a filha do capitão nada podia fazer num caso desses. Eu não desconfiara ainda da verdade, porque ele fora hospitalizado como simples doente. Perguntei-lhe qual a sua moléstia, e ele me declarou que não o sabia, que não via por que o mantinham na enfermaria, que estava de perfeita saúde e que a filha do capitão o adorava. Quinze dias antes, ao passar diante do corpo da guarda, no momento em que olhava pela janelinha gradeada, ela se apaixonara por ele. Desde então, sob diferentes pretextos, a moça voltara três vezes ao corpo da guarda: na primeira acompanhava o pai, e vinha visitar o irmão, então oficial de dia na caserna; na segunda, viera com a mãe trazer esmolas aos prisioneiros, e, ao passar junto dele, lhe dissera ao ouvido que o amava e o libertaria. Nada mais curioso que a minúcia com a qual ele expunha os detalhes dessa absurda história, nascida e desenvolvida no seu cérebro desarranjado. Acreditava piamente que seria perdoado; insistia, com segurança imperturbável, na paixão que a rapariga sentia por ele. O coração da gente se apertava, ao ouvir aquele quinquagenário, com cara tão horrenda, tão maltratada, forjar ponto por ponto tão extravagante romance de amor:

mostrava muito bem o que o pavor do castigo pode engendrar numa alma fraca. Talvez, com efeito, ele houvesse avistado alguém pela lucarna, e a loucura que crescia dentro de si, alimentada pelo medo, encontrou uma saída, uma forma. Esse desgraçado soldado, que decerto durante sua vida toda não sonhara nunca com lindas barinias, inventava de súbito um romance, e a ele se agarrava, furiosamente. Preveni os outros presos, mas quando estes lhe quiseram fazer perguntas, o homem guardou um silêncio pudico. No dia seguinte, o médico o interrogou longamente, e como ele pretendia não sofrer de moléstia nenhuma, e a auscultação nada revelava, inscreveram-no para a saída. Depois da partida dos médicos, quando já não era possível preveni-los do que se tratava, verificamos que eles haviam escrito na papeleta: Sanat est. Aliás, que poderíamos nós fazer, nada sabendo de preciso? A responsabilidade do caso cabia à nossa administração, que não indicara por que motivo fora aquele homem mandado ao hospital. Cometeram uma negligência imperdoável. Contudo, aqueles que o haviam considerado doente, desconfiavam decerto de alguma coisa, pois tinham querido pôr o desgraçado em observação. Seja como for, ao cabo de dois dias foi ele fustigado. Parece que a punição o deixou atônito: quando o trouxeram ante os soldados, começou a gritar, pedindo socorro. Dessa vez não o mandaram para a nossa enfermaria, onde faltavam leitos; instalaram-no na outra. Indaguei dele, e soube que durante oito dias não proferira uma palavra, de tal forma se sentia envergonhado e triste... Afinal, quando ficou com as costas saradas, mandaram-no não sei para onde. Nunca mais ouvi falar no seu nome.

No que se refere a tratamento e remédios, tanto quanto o pude julgar, os presos que não estavam gravemente doentes não obedeciam nunca ao receituário e não tomavam os remédios; mas os doentes graves gostavam de se tratar e engoliam pontualmente as poções, os pós, embora guardando preferência pelos medicamentos de uso externo. Suportavam de bom grado e não sem certo prazer as ventosas, as sanguessugas, as cataplasmas, as sangrias, tal é a cega confiança que o povo tem nisso tudo. Um fato curioso também me despertou interesse: certos camaradas, que suportavam com paciência as dores abomináveis da flagelação, torciam-se, gemiam com uma simples ventosa. Teriam ficado assim tão sensíveis, ou apenas simulavam? É preciso notar que as nossas ventosas eram de um formato especial. Numa época que ninguém mais recordava, um enfermeiro estragara a máquina que faz com que a pele se abra instantaneamente — ou talvez a máquina se quebrara sozinha. Era pois necessário recorrer à lanceta. Para uma ventosa, são precisas doze incisões que, feitas à máquina, não doem muito: uma dúzia de lâminas fere a pele dum só golpe, sem que se tenha tempo para sentir a dor. Não acontece o mesmo com a lanceta, que corta lentamente e faz sofrer muito; se, por exemplo, para dez ventosas são feitas na pele cento e vinte incisões, a coisa é dura, necessariamente. Eu próprio o experimentei: era bem desagradável de suportar, mas não a ponto do paciente não se poder dominar, e gemer. Nada mais

cômico que ver aqueles rapagões fortes lamentarem-se, torcerem-se. Podiam ser comparados a esses homens que são impassíveis nos negócios graves, e que em casa se mostram incessantemente caprichosos, resmungões, zangam-se por um nada, não querem que se lhes sirva a comida, exaltam-se, queixam-se, tudo está errado, tudo os ofende, os atormenta — em suma, é a fartura que os irrita, segundo diz a expressão popular. No presídio, por causa da coabitação forçada, os temperamentos dessa espécie eram por demais frequentes. E o remédio, na nossa enfermaria, era levar a ridículo um desses impertinentes ou, singelamente, cobri-lo de insultos; ele se calava então, como se só houvesse esperado aquilo para fechar a boca. Ustiantsev, principalmente, detestava caretas, e não perdia oportunidade de rixar com os de “pele fina”. Aliás, não se esquecia nunca de chamar os outros à ordem. Isso era nele uma necessidade, criada tanto pela doença como pela estupidez. Acontecia-lhe olhar fixamente alguém, e depois lhe pregar um sermão, com voz plácida e convicta. Repreendia tão bem, que parecia encarregado da boa ordem geral.

— Tem que meter o bico em toda parte — diziam rindo os forçados. Contudo, poupavam-no,evitavam brigar com ele, e não lhe faziam senão alguma zombaria de raro em raro.

— Como fala! É homem para encher três carradas de mentiras!

— A gente estraga fôlego falando com esse cretino. Por que gritas com a lanceta? Comeste acarne e agora rói os ossos. Aguenta firme!

— Que é que tens com isso, afinal?

— Não, meus filhos — interrompia um dos presos; — ventosa não é nada, já provei delas. O pior de tudo é quando puxam a orelha da gente muito tempo.

Todos desataram a rir.

— Já te puxaram as orelhas tanto assim?

— Então!

— É por isso que elas são desse tamanho?

O detento, que interrompera a discussão, certo Chapkine, tinha com efeito orelhas enormes e salientes. Era um vagabundo ainda moço, ajuizado, manso; falava sempre com imperturbável seriedade, porém com um bom humor disfarçado que dava grande comicidade às suas histórias.

— Mas seu burro, como é que você quer que eu saiba que lhe puxaram as orelhas? — imiscuía-se de novo Ustiantsev, voltando-se indignado para os lados de Chapkine, embora este se houvesse dirigido a todos; contudo Chapkine não se dignava prestar-lhe atenção.

— E quem foi que as puxou? — perguntou alguém.

— Quem? Ora quem! Foi o capitão Ispravnik. No meu tempo de vagabundagem, rapazes!

Estávamos então em K., nós dois, eu e um outro — um vagabundo também. Chamava-se Iefime. Em caminho, em Tolmina, em casa dum mujique nosso amigo, a gente se esquentou um pouco. Há por lá uma aldeia que se chama assim mesmo, Tolmina. Chegamos, e demos uma espiada em redor, para ver se havia alguma coisa a fazer. Todo o mundo conhece como é: no campo a gente tem suas quatro liberdades, mas na cidade é um horror. Ninguém sabe o que fazer! Então entramos num botequim, olhamos, e vimos vir em nossa direção um homem com três buracos no cotovelo, roupa à moda alemã. Veio logo dizendo:

"— Com licença, trazem os seus documentos?

"— Não, não temos documentos.

"— Ah, ótimo! Eu também não os tenho! Andam comigo dois companheiros engajados com o coronel Kukuchkin 2. Assim, queríamos perguntar se podiam nos oferecer um gole... estamos a nenhum...

"— Com grande prazer — respondemos. Então bebemos. Ele nos falou num bom golpe a dar numa casa no fim da cidade, onde um burguês rico morava no meio de tanta coisa boa que até se perdia. E resolvemos ir lá à noite. Mas apenas chegamos, nós cinco fomos agarrados. Levaram-nos à delegacia, à presença do ispravnik. 'Vou interrogá-los pessoalmente', disse ele. Vinha com o cachimbo, e lhe trouxeram uma xícara de chá. Era um homenzarrão gordo, estalando de saúde, a cara enfeitada de suíças. Sentou-se. Fora nós, tinham trazido mais três pássaros, vagabundos também. Bicho esquisito é vagabundo, pessoal, não se lembra absolutamente de nada; nem que leve uma paulada na cabeça, não sai coisa nenhuma, esquece tudo.

"E de repente, o ispravnik pegou-se comigo:

"— Quem és tu? — berrava como um tonel vazio. E é claro que eu respondi como os outros:

"— Não sei, Excelência, esqueci...

"— Espera um pouco que ainda te digo quem tu és. Conheço o teu focinho — falou-me olhando no branco dos olhos. Mas eu nunca lhe pusera a vista em cima. O homem virou-se para outro:

"— E tu, quem és?

"— Sou o Perna-para-que-te-quero, Excelência.

"— É esse o teu nome, Perna-para-que-te-quero?

"— Sim, é o meu nome, Excelência!

"— Bem, vá lá, Perna-para-que-te-quero! E tu? — perguntou a um terceiro.

"— Eu? Vou-com-ele, Excelência.

"— Sim, porém como te chamas?

"— É como eu disse: meu nome é Vou-com-ele, Excelência!

"— E quem te pôs esse nome, cachorro?

“— Gente muito boa, Excelência! Não falta gente boa neste mundo, é coisa sabida, Excelência.

“— Ora, quem era essa gente boa?

“— Não tenho nenhuma memória, Excelência; queira ter a bondade de me perdoar.

“— Então esqueceste essa gente?

“— Isso mesmo, Excelência!

“— Mas decerto tiveste pai e mãe? Com certeza te lembras deles?

“— É de crer que tenha tido, Excelência; mas não me lembro; esqueci tudo!

“— Bem! E onde viveste, até agora?

“— Na mata, Excelência!

“— Sempre nas matas?

“— Sim, sempre.

“— E no inverno?

“— No inverno? Não sei o que é isso, Excelência.

“— Está bem! E tu, como te chamas?

“— Machadinha, Excelência.

“— E tu?

“— Come-e-não-pia, Excelência!

“— E tu?

“— Sai-daí, Excelência!

“— Então estão todos desmemoriados?

“— Isso mesmo, Excelência!

“O homem se pôs de pé, sorriu, de tal modo que nós não pudemos deixar de sorrir também.

“Mas de outras vezes a coisa não corre tão fácil. Batem na gente bem no meio da boca, quebrando os dentes, só para estragar a cara. É um pessoal que vive gordo e sadio!

“— Levem essa turma para o xadrez, que depois cuido deles.

“E o ispravnik virou-se para mim:

“— Tu, fica sentado aí!

“Olhe, havia uma mesa, papel, pena. Pensei: 'Que é que ele quer arrumar?' “– Senta-te à mesa — disse o homem — toma essa pena, escreve, anda!

“Segurou-me a orelha. E pôs-se a puxar por ela. Olhei-o como o diabo olharia para o pope, e falei:

“— Não sei escrever, Excelência!

“— Escreve de qualquer modo!

“— Tenha dó, Excelência!

“— Escreve como puderes, anda, escreve!

“E me puxava a orelha todo o tempo. Puxava e torcia. Isso mesmo, meus irmãos, garanto que preferia trezentos açoites àquilo. Estava vendo estrelas. E ele só fazia repetir: 'Escreve, anda, escreve!'”

— Estava doido ou o que era?

— Doido nada! Mas certo tempo antes, em T., um escrivão dera um golpe: apanhou todo o dinheiro em caixa e fugiu. O sujeito tinha orelhas cabanas; mandaram o sinal para toda parte e eu correspondia à indicação. Por isso o ispravnik queria saber como é que eu escrevia. — Que sujeito! E doía?

— Se doía!

Nova gargalhada estrondou.

— E então, escreveste?

— Quer dizer que fiz a pena andar em cima do papel e, afinal, ele me largou. Deu-me umas dez bofetadas e depois me mandou para o xadrez, é claro...

— E tu sabes escrever realmente?

— Aprendi há muito tempo, mas depois que estão usando penas de aço não tenho mais jeito...

Eis com que histórias, ou melhor, com que tagarelice a gente matava o tempo. Meu Deus, que tédio mortal! Os dias eram compridos, abafantes, monótonos. Se ao menos tivéssemos livros! Frequentemente, de início, eu ia para o hospital, às vezes por doença, às vezes para repousar, para sair do presídio onde a vida era ainda mais dura: sempre a maldade, a inimizade, o ódio, sempre rostos ásperos, ameaçadores; sempre aquelas lutas, aquelas rixas, com que nos perseguiam a nós, os barines! No hospital, pelo menos, estávamos em pé de igualdade, vivíamos como companheiros.

O momento mais triste durante o dia todo, era o cair da tarde e o começo da noite, à luz das candeias. Deitávamo-nos cedo. Uma lamparina baça brilhava ao longe, perto da porta, como um ponto luminoso, e no nosso canto era completa a escuridão. O ar se tornava nauseante. Um doente que não consegue adormecer, levanta-se. Fica hora e meia sentado na cama, de roupão, gorro de dormir, a cabeça inclinada, como mergulhado em suas reflexões. Olho-o durante uma hora, e, para matar o tempo, procuro adivinhar o que ele pensa. Ou então, ponho-me a sonhar, a reviver o passado. O grande, o luminoso quadro das recordações se desenha, e revejo certos detalhes que em outros tempos teria esquecido, ou sentido com menos força. E mais tarde, imagino o futuro. Que me acontecerá, depois do presídio? Para onde irei depois? Poderei voltar à minha terra? Penso, penso tanto que minha alma freme de esperança... Outra vez, ponho-me a contar: um, dois, três... para chamar o sono. Cheguei algumas vezes a contar assim até quatro mil, sem conseguir adormecer. Um doente se mexe, Ustiantsev tosse, com aquela tosse espessa de tísico, depois geme fracamente e resmunga: “Senhor, pequei!” Oh, como é horrível escutar, no meio do silêncio geral, aquela voz desfalecente e quebrada! No canto,

lá ao fundo, também não se dorme; dois doentes conversam, estirados na cama. Um deles se põe a desfiar o seu passado, fala de coisas longínquas, esquecidas, das suas vagabundagens, dos filhos, da mulher, da sua vida arrumada de outrora. Adivinha-se pelos seus murmúrios que tudo de que o homem fala não tornará mais, que ele já não passa dum membro decepado, rejeitado. O outro escuta, calado. Ouve-se apenas um cochicho monótono, regular como o marulho de água que mina da terra. Lembro-me de que eu também, numa interminável noite de inverno, escutei assim uma história que a princípio me pareceu um pesadelo abominável, engendrado pelo delírio e pela febre...

_____

1) O que contei sobre castigos corporais ocorria no meu tempo. Ouvi dizer que tudo foi mudado, ou está em vias de mudança. (Nota do Autor.)

2) Alegoria significando a floresta onde canta o cuco. Quer dizer que também são vagabundos. (Nota do Autor.)

4

O MARIDO DE AKULKA

História

Era hora tardia — meia-noite, talvez. Acordei sobressaltado, depois de um sono curto. A luz incerta da lamparina deixava a enfermaria numa penumbra... Quase todos os doentes já repousavam, inclusive Ustiantsev. Ouvia-se, através do silêncio, sua respiração penosa, o seu estertor a cada golfada de ar. O passo da sentinela que se aproximava para substituir a outra ressoou de súbito no fundo do corredor. Uma coronha bateu pesadamente no soalho. Abriram a sala. O cabo veio fazer o controle dos doentes, caminhando com precaução. Um minuto após, a porta fechou-se, colocaram a sentinela nova, a patrulha se afastou e foi restabelecido o silêncio. Só então notei, perto de mim, à esquerda, dois homens que não dormiam, e conversavam num sussurro. Acontece, às vezes, nas salas de hospital, ficarem dois homens deitados durante dias e meses, um ao lado do outro, sem trocar palavra; depois, de repente, como se obedecessem ao sortilégio da hora noturna, travam conversa. E então, um principia a desenrolar diante do outro todo o seu passado.

A palestra deveria durar já há muito tempo. O começo me escapara, e nem todas as palavras me alcançavam distintamente; mas, pouco a pouco, me habituei ao som delas e acabei entendendo tudo. Não tinha vontade de dormir; que havia de fazer senão escutar? Um dos doentes contava com calor, semi deitado no leito, com a cabeça erguida e voltada para o lado do outro. Via-se que se sentia atormentado, superexcitado, presa da necessidade de desabafar. Seu confidente estava sentado na cama, as pernas estiradas, numa atitude sombria e indiferente. Rosnava de tempos em tempos uma vaga resposta ou um sinal de assentimento, mas fazia-o por polidez, e em todo o tempo metia os dedos na tabaqueira de chifre e enchia o nariz de rapé. Era Tcherevine, um correcional duns cinquenta anos, horrivelmente pernóstico, frio argumentador, pretensioso, ressumando amor-próprio. Chichkov, o narrador, era homem duns trinta anos, um de nossos forçados civis, empregado na oficina de costura.

Até então eu quase não lhe prestara atenção nenhuma, e depois, no resto da minha pena, nunca me despertou o mínimo interesse, por sua vaidade e seu estabanamento. Às vezes ficava taciturno, amuado, assumia uma atitude grosseira e passava semanas sem falar. Outra vezes, engolfava-se todo numa história qualquer,

inflamava-se à toa, corria de alojamento em alojamento para repetir mexericos, calúnias, que pareciam pô-lo fora de si. Depressa fazia com que o espancassem, e de novo se calava, porque era covarde e fraco. Todos o tratavam com grande altivez. Era de estatura média, muito magro, com olhos ora abstratos, ora estupidamente pensativos. Assim que contava alguma coisa, enfebrecia e gesticulava. E não ia muito longe — interrompia-se, mudava de assunto, embrulhava-se nos detalhes ou perdia o fio da história. Rixava com frequência; quando injuriava alguém acusava-o logo de lhe querer mal; fingia, então, um ar comovido, e choramingava. Tocava balalaica muito bem, e durante as festas, era fácil fazê-lo dançar. Aliás era fácil e rápido levá-lo a fazer qualquer coisa, não que fosse obediente, mas porque gostava de conquistar camaradas e lhes ser agradável.

Durante muito tempo, não compreendi nada do que Chichkov contava. Parecia-me que ele a toda hora se afastava do assunto. Talvez houvesse observado que Tcherevine só lhe prestava uma atenção distraída, em vez de se mostrar todo ouvidos, entretanto preferia ignorar essa indiferença a formalizar-se.

— Quando ele ia à feira — narrava Chichkov — todo o mundo o saudava, lhe tirava o chapéu...Era um ricaço!

— Negociava?

— Sim, negociava. E lá entre nós a pobreza é grande. Uma miséria. As mulheres vão buscar água no rio, para regar as hortas; labutam que é um horror, e, assim mesmo, quando chega o outono, não têm um pé de couve para a sopa. É uma desgraça! Porém esse camarada possuía um bom pedaço de terra, três trabalhadores, vendia mel e gado, era por todos muito considerado. Mas já estava com setenta anos, bem velho, e os ossos lhe pesavam. Tinha a cabeça toda branca. Quando chegava na feira, com o capote de pele de raposa, todo o mundo o cumprimentava. Só se ouvia isto: “Bom dia, paizinho Ankudime Trophimytch!” E ele respondia: “Bom dia, meu amigo!” Não fazia pouco de ninguém. “Saúde, Ankudime Trophimytch!” — “E os teus negócios como vão?” perguntava ele. — “Os negócios vão como nozes brancas 1. E os seus?” — “Eh — tornava o velho — nós também vivemos por mal dos nossos pecados, puxando o diabo pelo rabo”. — “Deus o guarde, Ankudime Trophimytch!” Para encurtar a história, fica sabendo que ele não desprezava ninguém, e quando falava, cada palavra que dizia valia um rublo. Lia muito, sabia muito, e entendia dos livros santos que era uma beleza! Mandava a velha dele sentar, e dizia: “Escuta, mulher, procura compreender!” e explicava tudo. A velha, é bom dizer, não era assim tão velha, pois Ankudime casara duas vezes, para ter filhos. A primeira mulher era estéril, mas a segunda, Maria Stepanovna, tinha lhe dado um casal: o último, Vassia, nasceu quando o pai já tinha mais de sessenta anos, porém a filha, Akulka, era garota de uns dezoito anos.

— E era essa a tua mulher?

— Espera um pouco! Foi aí que Filka Morozov foi falar com o velho: “Vamos fazer

contas, Ankudime; devolve-me os quatrocentos rublos, já não sou teu trabalhador, não quero mais negócios contigo, nem quero mais saber da tua Akulka! Agora quero é gozar a vida. Meus pais morreram, vou beber meus cobres; depois, quando acabar, assento praça e dentro de dez anos volto aqui feito marechal de campo". Ankudime devolveu-lhe o dinheiro, tudo que tinha dele, pois negociara de sociedade com o pai de Filka. "Tu és um perdido", virou-se o velho para Filka. E Filka respondeu: "Não me importo; estou farto da tua casa, velho barbudo, velho ladrão! Na tua casa a gente aprende até a beber leite com uma sovela. Tu economizas dois vinténs e juntas até as varreduras, como se quisesses fazer a sopa com elas! Pois vou viver como entendo e não me caso com a tua Akulka! Já dormi com ela, sem precisar de casamento!" — "O quê? Berrou Ankudime. Tens coragem de ofender um pai honrado e uma moça honrada? Quando foi que dormiste com ela, cachorro, velhaco, vagabundo?" O velho tremia de tanta raiva — foi Filka que o contou, mais tarde. — "Isso mesmo, replicou Filka; e não a desejo mais. E agora Akulka não achará mais quem a queira, porque está desonrada — nem mesmo Mikita Grigoritch a quererá.

Desde o outono passado que nós andamos juntos. Agora, não a aceito nem por cem caranguejos... Faze a prova, dá-me os cem caranguejos e verás que não a quero mesmo..." E depois, o rapaz começou uma orgia pavorosa. Fazia tremer a terra, tão grande era a farra. Tinha amigos, tinha dinheiro; durante três meses seguidos desmandou-se sem parar. E dizia: "Esperem um pouco; quando o cobre se acabar eu vendo a casa, liquido tudo e, em seguida, assento praça ou viro vagabundo." Vivia bêbado, de manhã à noite, e passeava de carro, com guizos no pescoço dos cavalos. As garotas eram loucas por ele. Sabia tocar cítara muito bem.

— E ele tinha então andado mesmo com Akulka?

— Cala a boca! Espera que eu conte. Eu também tinha enterrado meu pai; minha mãe fazia doces, trabalhava para Ankudime, e assim íamos tendo com que comer e mais nada. As coisas não andavam muito bem, lá em casa. Tínhamos um campo, por detrás da mata, e nele plantávamos trigo; mas depois da morte do meu pai vendemos tudo, porque eu também andava na farra. E tirava os cobres da velha à força de pancada...

— Fazias muito mal; isso é um pecado muito feio.

— Olha, rapaz, em geral me acontecia estar bêbado de manhã até a noite. Na nossa casa,podiam-se até fazer caçadas dentro! Estava toda indo abaixo, porém era nossa; às vezes a gente passava fome, ficava mastigando trapos durante semanas. Minha mãe me enchia de descomposturas, mas eu pouco me importava. Nesse tempo não me separava de Filka um instante. Ele dizia: "Toca a balalaica e dança, que eu vou ficar deitado, e te jogo dinheiro, porque sou um ricaço". E as coisas que ele inventava! Mas não recebia nada que fosse roubado. "Eu, garantia ele, não sou nenhum ladrão, sou um homem de bem". "Agora, falou uma vez, vamos sujar de alcatrão a porta de Akulka

porque não quero que ela se case com Mikita Grigoritch. Levo isso muito a peito!” Já há muito tempo o velho queria dar a filha a Mikita Grigoritch. Esse Mikita era outro velho, viúvo, que usava óculos e também comerciava. Mas assim que ouviu contar essas histórias a respeito de Akulka, pôs-se de fora! Explicou ao amigo: “Para mim, Ankudime Trophimytch, seria uma grande vergonha, e além disso, na minha idade, não faço questão de casar.” E pintamos de alcatrão a porta de Akulka. Por causa disso, os pais deram-lhe uma surra, mas que surra! Maria Stepanovna gritava: “Dou cabo dela!” E o velho: “Antigamente, no tempo dos santos patriarcas, eu poderia matá-la a machado, em cima de uma fogueira; porém hoje em dia o mundo é apenas corrupção e trevas!” Às vezes os vizinhos da rua inteira escutavam os gritos de Akulka, porque a açoitavam da manhã à noite. E Filka ainda por cima gritava: “A moça é de luxo, meus amigos. Muito limpa, com roupa branca bonita — não se pode pedir mais! Isso mesmo já atirei à cara do velho, para que não o esqueça!”... Certa vez, por essa época, encontrei Akulka carregada com dois baldes, e gritei: “Bom dia, Akulina Kudimova. Saúde, beleza! Deixa de orgulho e dize com quem estás vivendo agora!” Falei só isso, e ela me fitou com uns olhos maiores que dois porões... Aliás, estava magra como um palito. Enquanto ela me olhava, a mãe pensou que a moça estava de prosa comigo, e gritou da porta: “Mostra-lhe os dentes, sem-vergonha.” E nesse dia deram-lhe outra surra. Às vezes, açoitavam-na durante uma hora inteira. “Dou-lhe de chicote até liquidá-la, gritava a mãe, porque já não é mais minha filha!”

— Mas escuta, ela vivia mesmo na pouca vergonha?

— Espera, escuta ainda, meu velho. Filka e eu não parávamos de nos embriagar juntos. Uma vez, quando eu estava deitado, chegou minha mãe ralhando: “Por que estás aí de papo para o ar, desgraçado, porcaria, sujeira! O que deverias fazer era casar! Casa com Akulka; eles terão muito gosto em se livrar da filha, e tu receberás trezentos rublos, sem contar o mais que virá depois.” Eu respondi: “Mas todo o mundo sabe que ela foi desonrada!” “Imbecil, retrucou a velha, a coroa 3 arranja tudo! Não perdes nada: se ela pecou, há de eternamente ter medo de ti. E a gente endireita a vida com o dote. Já falei a Maria Stepanovna, e ela não disse que não”. E então aceitei: “Ponha vinte rublos em cima da mesa, que eu me caso”. Quer acredites ou não, a verdade é que até o dia do casamento estive todo o tempo de pileque. Mas Filka Morozov vivia me ameaçando: “Quando fores marido de Akulka, quebro-te as costelas e dormirei todas as noites com ela.” “Isso só vendo, carne de cão!” — Porém ele me insultou tanto, diante da rua inteira, que corri lá em casa e disse: “Não caso mais se não me derem, já, cinquenta rublos!”

— E deram-te os cinquenta rublos?

— Por que não? Nós não éramos gente à toa. Meu pai, perto de morrer, foi arruinado por um incêndio; contudo, antes disso, era talvez mais rico que eles. Ankudime veio nos chamar de miseráveis, de esfarrapados... “E sua porta (respondi eu)

não está suja de piche?" O velho tornou: "Topete é o que não te falta! Prova que a minha filha está desonrada! A gente não pode tapar a boca do povo com um lenço. Pelas chagas de Cristo, vai-te embora daqui! Mas devolve o meu dinheiro!" Então combinei com Filka mandar dizer ao velho, por intermédio de Mitri Bykov, que o haveria de arrastar na rua da amargura; e até o dia do casamento, não podes calcular quanto bebi, rapaz! Só na igreja foi que voltei a mim. Quando nos trouxeram depois do casamento, mandaram-nos sentar, e Mitrophane Stepanitch, que era tio dela, falou: "Embora o negócio não tenha sido honesto, está fechado, e acabou bem!" O velho Ankudime bebera o seu golezinho, e chorava tanto que as lágrimas lhe desciam pela barba. Mas eu, que não era tolo, meti um chicote no bolso antes de ir para a igreja. Tinha-o levado para o usar em Akulka, para ela ficar sabendo que não se deve apanhar marido com enganos desonrosos, e que eu não era o idiota que ela pensava...

— Muito bem, querias que ela provasse logo do que a esperava!

— Ah, meu velho, tu concluis muito depressa; espera e verás. Em casa, logo que saímos da igreja, levaram os recém-casados para um quarto, enquanto os outros bebiam e esperavam. E então, fiquei sozinho com Akulka na alcova. Ela estava sentada sem se mexer, sem uma gota de sangue no rosto. Tinha um medo pavoroso. Os cabelos claros como linho e os olhos enormes. Não dizia nunca uma palavra, ninguém lhe ouvia a fala, era como uma muda, dentro de casa. Rapariga engraçada! Pois bem — hás de crer? — eu estava com o chicote pronto em cima da cama, e a inocente não tinha culpa nenhuma, nenhuma: era pura como um anjo.

— Não é possível!

— Pura, pura, sou eu que te digo. Honesta como uma filha honesta de casa honesta. E por que sofrera todos aqueles tormentos? Por que Filka Morozov a difamara diante de todo o mundo?

— Sim, sim...

— Então saltei da cama, pus-me de joelhos, juntei as mãos, e exclamei: "Perdoa-me, Akulina Kudimova, fui um idiota em ter acreditado nisso tudo, perdoa ao bandido que eu sou!" Ela estava sentada na minha frente, na cama, olhava-me com as duas mãos nos meus ombros, e pôs-se a rir, chorando ao mesmo tempo. Ah, seu mano, chorava e ria! Então fui procurar os outros: "Escutem, disse eu, Filka que fuja de se encontrar comigo, porque juro que não há de viver muito tempo neste mundo!" Os velhos ficaram sem saber a que santo acenderiam velas! A mãe quase se atirou aos pés da filha, soluçando, e o velho falou: "Se nós soubéssemos, não seria um marido como esse que te daríamos, minha filha querida!" Quando no domingo seguinte fomos juntos à igreja, eu levava um gorro de pele de cordeiro, um lindo cafetã de pano fino, e uma calça de veludo. Ela usava um abrigo novo, de pele de lebre, um fichu de seda — enfim, estávamos dignos um do outro. Não sou mal parecido, e Akulka não era pior que as demais: pode-se dizer

que valia por dez, sem gabolice...

— Então tudo ia pelo melhor!

— Espera o resto! No dia seguinte ao casamento, embora bêbado, deixei os convidados e corri pela rua toda, gritando: “Tragam-me aqui Filka Morozov, apareça-me aqui esse velhaco!” E fui gritando assim até o mercado! Mas como eu te contei, estava bêbado e fui berrar na porta da casa dos Vlassovi; agarraram-me e três homens me trouxeram à força para casa. Todo o mundo falava naquilo, na cidade, e as garotas, quando se encontravam no mercado, cochichavam: “Já soubeste, hein? Akulka ainda tinha a inocência dela!” Algum tempos depois, diante de uma porção de gente, encontrei Filka, que me disse: “Vende-me a tua mulher, que terás com que beber. Faze como o soldado Iachka, que casou de propósito para isso: não se deitou nunca com a mulher, e durante três anos, não ficou a seco um instante.” E eu lhe respondi: “Tu és um sujo!” — “E tu, replicou ele, não passas dum grandíssimo cretino. Casaram-te quando estavas bêbado, hein?” Cheguei em casa e gritei para o pessoal: “Vocês arranjaram um jeitão de me casar quando eu estava bêbado!” A mãe de Akulka agarrou-se comigo, mas eu lhe disse: “Tu, mãezinha, tens as orelhas tapadas com o teu ouro! Traze Akulka aqui!” Então, durante duas horas seguidas, bati nela, bati até rolar no chão. Depois disso, Akulka ficou três semanas de cama, sem poder se levantar!

— É claro — aprovou fleumaticamente Tcherevine — quando a gente não lhes dá pancadas,elas... Então tu a encontraste com um namorado?

— Não, isso não posso dizer — confessou com mágoa Chichkov, depois de um silêncio. — Eu,porém, estava furioso, furioso. Todo o mundo zombava de mim, e o chefe da troça era Filka. “Tua mulher foi feita para os olhos dos homens!” dizia ele. Um dia convidou-nos para beber em sua casa, e pôs-se a falar: “Minha mulher tem bom coração, é bem educada, bem parecida, delicada, amável para todo o mundo”, é esta a cantiga dele, agora! Entretanto não faz tempo que foi sujar de piche a porta de Akulka! Mas como eu estava bêbado nessa hora, ele me segurou pelo cabelo e me derrubou. “Dança, maridinho de Akulka, dança enquanto te seguro pelos cabelos, dança para me distrair!” — “Cachorro, bandido!” gritei. E ele: “Vou contigo a tua casa, e na tua frente darei tanta palmada em Akulka, tantas quanto o coração me peça!” E aí, quer acredites ou não, não me atrevi a por os pés fora na rua durante um mês inteiro, tal o medo que eu tinha que ele me viesse fazer desordem em casa. E também foi por causa disso que comecei a espancá-la...

— Por que a espancavas com tanta força? A gente pode amarrar as mãos das mulheres, mas não a língua. Não se deve surrá-las demais. Corrigir um pouco, e depois acarinhar. É assim que elas gostam! Para isso foram feitas.

Chichkov calou-se um momento.

— Não podia engolir aquela história — tornou ele — e acabei me habituando a

espancá-la; em certos dias, batia-lhe da manhã à noite: porque ela não se levantava na hora, porque não caminhava do meu gosto. Quando não a surrava, fazia-me falta. Às vezes ela ficava sentada junto da janela, chorando como uma Madalena, e doía-me vê-la chorar, tinha pena dela, porém batia assim mesmo. E minha mãe me descompunha por causa dela: “Bandido, dizia a velha, criminoso!” E eu berrava então: “Sim, ainda a mato, e você não tem direito de me dizer nada, pois foi quem me meteu nisso!” No começo, o velho Ankudime também quis dar palpite: “Deus não te fez diferente dos outros, hei de arranjar um jeito de te dar juízo!” Mas teve que dar para trás. E Maria Stepanovna também fiou fino comigo: um dia veio me implorar, banhada em pranto: “Ivan Semionitch, quero te pedir uma coisa; para ti não é nada, mas para mim é muito!” E se ajoelhou aos meus pés. “Abranda esse coração, perdoa a minha filha! Essa gente ruim fala mal dela, contudo bem sabes como a recebeste...” E ficou estirada no chão, chorando. Então fiquei danado: “Cale essa boca, não quero ouvir nada! Agora vou fazer o que me der na cabeça; fiquei doido, doido, ouviu? E Filka Morozov é meu amigo — meu melhor amigo!” — Então vocês andavam de novo bebendo juntos?

— Juntos? Eu não chegava nem perto dele. Filka já bebera tudo o que possuía, e ia assentar praça no lugar do filho dum ricaço. Lá na nossa terra, quando a gente assenta praça no lugar de alguém, fica em casa do engajador como na casa da sogra, e faz-se o que se quer. Recebe-se o dinheiro todo de uma vez, na hora da partida, mas enquanto se espera, fica-se na casa do pai do recruta às vezes até seis meses. O que esses rapazes inventam, o que arranjam, para danar o pessoal, nem se pode conceber! Os velhos só o que podem fazer é cobrir os ícones das paredes, e dar lugar ao homem! E ele berra: “Vocês querem muito que eu vá ser soldado no lugar do seu filho, não é? Então têm que me considerar seu benfeitor e me agradecer muito, senão, nada feito, e vou caindo fora!” E, assim, o nosso Filka ia comendo do bom e do melhor na casa do ricaço, dormia com a moça, e todas as noites depois do jantar puxava as barbas do velho. Divertia-se como diabo! Diariamente queria um banho, e com vapor de vodca, ainda por cima! As mulheres tinham que o carregar no colo. Quando voltava da orgia, ficava berrando no meio da rua: “Não quero entrar pela porta, ponham a cerca abaixo!” Então abria-se uma passagem ao lado da porta e ele entrava por lá... Mas tudo tem um fim. Ele teve que ir mesmo para o quartel, e acabou-se a bebedeira. Tinha um gentão enorme na rua para assistir à partida de Filka, que fazia cumprimentos para todos os lados. Nesse momento, Akulka vinha da horta. Assim que Filka a avistou (ela vinha chegando em frente à nossa porta) gritou ao cocheiro: “Para!” E saltou da telega. Caminhou para ela, e se curvou até tocar o chão. “Minha lindeza, minha alma, meu moranguinho com açúcar, amei-te durante dois anos, e agora estão me levando com banda de música para o quartel! Perdoa-me, filha honesta dum pai honesto, porque muito pequei contra ti. Este que está aqui à tua frente é um canalha, um perdido. Eu é que fui o culpado de tudo.” E de novo se

curvou até o chão. Akulka a princípio assustou-se muito, depois falou, fazendo uma mesura: “Perdoa-me também, não tenho queixa nenhuma contra ti!” E eu, então, entrei atrás dela em casa: “O que foi que lhe disseste, cachorra?” perguntei. E ela, acredites ou não acredites, olhou-me de cara e confessou: “Sim, gosto dele mais que de tudo neste mundo!” — Não é possível!

— E eu, durante o dia inteiro, não abri a boca. Só quando escureceu, foi que disse: “Akulka,ainda te mato!” Sim, falei isso. À noite não pude pregar olho; saí do quarto, fiquei bebendo kvass até o romper do dia. Então voltei ao quarto. “Akulka, chamei, acorda, vamos para o campo!” Já fazia algum tempo que era mesmo preciso ir ver o centeio de modo que a minha velha ficou satisfeita. “Isso mesmo! respondeu ela. É preciso fazer a colheita e já há uns dois dias o trabalhador anda doente.” Preparei a telega, sem dizer nada. No fim da nossa cidade, mesmo na saída da rua, começa uma mata dumas quinze verstas, e depois da mata ficava o nosso campo. Quando estávamos três verstas dentro da mata, parei o cavalo. Akulka me olhou, assustou-se, e ficou de pé, sem dizer nada. “Estou farto de ti, continuei; anda, faze tuas orações!” Segurei-a pelo cabelo — as tranças dela eram grossas, assim, enrolei-as na mão, apertei-lhe o corpo entre os joelhos, puxei a minha faca, derrubei sua cabeça para trás, e enterrei-lhe a faca na garganta. Ela deu um grito e o sangue espirrou. Então, atirei fora a faca, deitei-a no chão, me abracei com ela, beijei-a, e fiquei berrando como um possesso. Ela gritava sempre, eu também, e ela tremia, estrebuchava, e o sangue me salpicava todo. De repente, me invadiu um medo danado, larguei-a, abandonei o cavalo, pus-me a correr, corri até chegar em casa. Entrei pela porta de trás e fui para o banheiro do quintal. Era um banheiro velho, quase caindo. Deitei-me no banco e fiquei lá. Não me mexi até que a noite ficou bem escura. — E Akulka?

— Ela? Ah, sim! Depois que corri, levantou-se, decerto querendo também voltar para casa,pois a encontraram mais ou menos a uns cem passos do lugar onde a feri. — Quer dizer que não estava degolada direito?

— Sim...

E Chichkov calou-se um momento.

— É verdade — observou Tcherevine — a gente tem uma veia que se não é cortada logo ao primeiro golpe, a criatura continua vivendo, e por mais sangue que derrame, não morre.

— Ela, porém, morreu. Foi encontrada à noite. Deram o alarma, procuraram por mim, e me prenderam lá mesmo no banheiro... Já faz uns quatro anos que estou aqui... — acrescentou depois de um silêncio.

— Hum! A verdade é que quando a gente não as espanca, não arranja nada — declarou Tcherevine num tom frio e sentencioso. Tornara a abrir a eterna tabaqueira. Demorou tomando uma pitada, fazendo pausa. — Entretanto, rapaz, foste um tolo. Eu

também apanhei minha mulher com um namorado. Chamei-a para um alpendre, dobrei em duas uma correia, e disse: “A quem foi que juraste ser fiel? A quem, hein?” E dei-lhe com a correia, dei com toda a força do braço, durante uma boa hora e meia, até que ela gritou: “Lavo os teus pés e bebo a água depois!” Chamava-se Avdotia, menino!...

---

1) Provérbio russo que denota impossibilidade. (N. T.)

2) Costume popular apontando ao desprezo público as moças que haviam pecado contra a castidade. (N. T.)

3) A coroa nupcial que as noivas russas usavam por ocasião das bodas. (N. T.)

5

PRIMAVERA

Já começara abril e estava próxima a Semana Santa. Pouco a pouco, íamos iniciando os trabalhos de verão. Cada dia o sol ia se tornando mais quente, mais brilhante; o ar cheirava a primavera e atuava sobre os nossos nervos. A aproximação da primavera perturba até os homens que estão debaixo da grilheta, desperta-lhes desejos, ardores, uma saudade tristíssima. Pensa-se com muito mais força na liberdade sob os raios brilhantes do sol que durante as nevadas do inverno, ou nos dias chuvosos do outono. É um fato que se pode observar entre os detentos: um dia bonito e claro os alegra, mas os torna também mais impacientes, mais irritados. Constatei com efeito que, durante a primavera, aumentavam as brigas. Ouviam-se mais frequentemente barulhos e gritos, surgiam histórias; e ao mesmo tempo, surpreendia-se de súbito, em pleno trabalho, alguém fixar obstinadamente o olhar na distância que azulava ao longe, lá embaixo, na outra margem do Irtych, na qual, na extensão de mil e quinhentas verstas, se desdobrava a vastidão incomensurável das estepes kirghizes. E um pesado suspiro subia ao peito do homem, como se ele estivesse irresistivelmente atraído por aquela planície de ar livre que lhe haveria de curar a alma esmagada e aprisionada. “Ai, meu Deus!” exclamava o forçado, e, como para sacudir os sonhos, segurava com gesto rude a enxada ou os tijolos que deveria transportar dum lugar para outro. Depois de um instante, esquecia aquela impressão fugitiva, e punha-se a rir ou a praguejar, de acordo com o seu gênio; ou, então, atacando a tarefa com uma febre repentina, inteiramente insólita e desmedida, encarniçava-se no trabalho a fim de sufocar à força de fadiga o tormento íntimo que o roía. Os forçados são homens vigorosos, a maioria na flor da idade, em plena posse das suas energias. Contudo, como lhes pesam tremendamente os ferros nessa estação! Não estou poetizando, e garanto a autenticidade do que digo. Quando chegam os dias bonitos, quando o sol clareia, quando se ouve e sente em torno de nós, com toda a alma, com todo o corpo, a ressurreição da natureza e a sua imensidão — o presídio, os vigilantes, a submissão à vontade alheia esmagam muito mais. Além disso, é com a primavera, é com a primeira cotovia que por toda a Sibéria, por toda a Rússia, começam a andar os vagabundos; é então que os “filhos do Nosso Senhor” fogem das prisões, somem-se nas florestas. Depois do ambiente sufocante, depois dos julgamentos, das grilhetas, dos açoites, eles vagueiam à vontade, ao léu, vão onde lhes apraz, bebem e comem o que encontram, o que Deus manda, e, quando chega a noite, adormecem

tranquilamente em qualquer parte, num canto de bosque, num fundo de trigal, sem preocupações, sem angústia da prisão, como os pássaros, dando boa noite às estrelas do céu, sob a guarda do seu Criador. Há momentos, é claro, em que nem tudo são rosas, a fome aperta — pois o serviço do general Kukuchkin comporta as suas fadigas. Passam-se dias inteiros sem um côdea de pão; é preciso fugir de todo o mundo, esconder-se em buracos; é preciso roubar, saquear, matar às vezes. “O colono é como criança, atira-se a tudo que vê”, diz-se na Sibéria. Esse ditado se pode aplicar com toda a sua força, e com mais exatidão ainda, aos vagabundos. São raramente bandidos, porém quase sempre ladrões, mais por necessidade que por prazer, compreende-se. Há vagabundos empedernidos. Alguns fogem depois de terminada a pena, no presídio, quando já se transformaram em colonos. Alguém poderia imaginar que eles se sentem felizes na sua nova situação, na segurança de que têm pão garantido; mas não — há algo que está longe e os chama. A vida na floresta, miserável e terrível, porém livre e aventurosa, tem para os que alguma vez a experimentaram um encanto misterioso, sem o qual não podem mais viver. Entre esses fugitivos a gente se espanta ao encontrar indivíduos sossegados, lavradores já prósperos. Às vezes é um desterrado casado, pai de família, fixado no mesmo local há uns quatro ou cinco anos, que um belo dia desaparece, abandonando mulher, filhos, lavra. Mostraram-me no nosso presídio um desses fugitivos. Não tinha nenhum grande delito na consciência — pelo menos ninguém aludia a nada grave ao falar nele — mas desertara, desertara durante a vida inteira. Estivera na fronteira russa do sul, do outro lado do Danúbio, na estepe quirguiz, na Sibéria Oriental e no Cáucaso — andara por toda parte. Quem sabe se um homem daqueles, em outras condições, e com a mesma paixão por viagens, não se tornaria um segundo Robinson Crusoé? Tudo isso me foi narrado por outros forçados, porque ele falava pouco, não abria a boca senão em caso de necessidade absoluta. Era um homem pequeno, de uns cinquenta anos de idade, muito quieto, com o rosto tão plácido que parecia idiota. No verão gostava de sentar-se ao sol, e logo se punha a resmungar uma cantiga, mas tão baixinho que a cinco passos de distância não se escutava nada. Os traços do seu rosto estavam por assim dizer petrificados; comia pouco, e em geral só comia pão preto; jamais comprava kalatchi ou vodca. Teria dinheiro, acaso? E se o possuísse, seria capaz de o contar? Mostrava-se em tudo de um indiferença absoluta. Às vezes atirava um pouco de comida aos cães do presídio, animais que ninguém pensava em alimentar. (Em geral, o russo tem uma repugnância instintiva em dar comida aos cães.) Contava-se que era casado, que até mesmo o fora duas vezes, e que tinha filhos, em algum lugar. Que delito expiava? Não sei. Todos nós esperávamos vê-lo fugir; entretanto, talvez porque não surgisse ocasião, talvez porque os anos já lhe pesassem, ele continuava a viver, dobrado sobre si próprio, fitando do alto aquele ambiente estranho que o cercava. Contudo, não se deveria confiar muito naquele sossego; que interesse, porém, teria o homem em fugir?

A verdade é que, tomada em conjunto, a vida na floresta, a vida de vagabundo, é um paraíso comparada à do presídio. Nenhuma aproximação é aliás possível entre a vida do presídio e a vida livre, difícil embora, mas livre. E eis a razão por que, em toda a nossa querida Rússia, qualquer detento, seja qual for o local da sua prisão, fica inquieto nos primeiros dias de primavera, com os primeiros raios sorridentes do sol. No entanto, todos estão muito longe da intenção de fugir! Pode-se afirmar que, dadas as dificuldades e os riscos, um só entre cem se decide à fuga; mas isso não impede os noventa e nove restantes de sonhar com a evasão, de procurar onde e como poderiam tentar a empresa, estudar um local onde obteriam refúgio. Essa esperança surda os anima; têm necessidade de calcular suas possibilidades. Alguns tiram coragem da lembrança de uma fuga antiga... Só me refiro aqui aos condenados. Porque, entre os presos preventivos, é muito maior o número dos que se resolvem a fugir. Os condenados, em geral, só o fazem no início da sua miserável vida. Depois de dois ou três anos de presídio, o forçado começa a apreciar os meses de pena já por ele cumpridos e pouco a pouco acha que será melhor terminar legalmente a pena e tornar-se mais tarde colono numa aldeia, do que se desgraçar em caso de fracasso. E o fracasso é sempre possível. Unicamente um forçado, entre dez, consegue, evadindo-se, “mudar de sorte”. Os que se resolvem a fugir são em geral os condenados a longas penas: quinze, vinte anos parecem eternos e essas criaturas estão sempre prontas a “mudar de sorte” mesmo ao cabo de dez anos de prisão. Enfim, o ferrete na testa também constitui um obstáculo. “Mudar de sorte” é a expressão técnica. É essa a ambição que o forçado confessa no interrogatório, se é apanhado. A expressão, um pouco livresca, aplica-se excelentemente ao ato que designa. Todo evadido não visa precisamente a liberdade completa, que ele sabe quase impossível; pretende, principalmente, ou passar para outra prisão, ou ver-se mandado para uma aldeia, ou ser julgado outra vez por um crime cometido ao vagabundar — em suma, ir para qualquer parte, conquanto não seja para a mesma intolerável cadeia de onde escapou. Se, durante o verão, esses fugitivos não encontram um abrigo inesperado para o inverno a chegar, se não descobrem, por exemplo, um camponês que consinta em asilá-los, mediante um arranjo qualquer; ou se não conseguem, às vezes até mediante um crime, um passaporte que lhes permita viver onde quiserem — todos, quando chega o outono, a menos que tenham sido apanhados antes, tornam em bandos numerosos às cidades e às fortalezas e se fazem internar nas prisões para lá passarem o inverno, claro que não sem a esperança de fugirem novamente, quando chega a primavera.

Sobre mim, também, a primavera exercia a sua influência. Vejo-me de novo espiando avidamente o mundo livre através das fendas da paliçada; ficava de pé, com a cabeça apoiada a uma estaca, contemplando com obstinação insaciável a erva que verdejava ao longo do fosso do recinto, e o céu longínquo que se tornava cada vez mais azul. Minha inquietação, minha angústia, aumentavam dia a dia e o presídio ia-se

tornando um inferno sempre pior. O ódio que minha qualidade de barine me granjeara gratuitamente entre os forçados, durante os primeiros anos, envenenara-me a vida e eu já não a sabia tolerar. Muitas vezes, então, pedia entrada no hospital, sem necessidade verdadeira, tão-somente para me libertar daquele ódio obstinado e geral que nada podia amortecer. “Vocês, barines, têm bicos de aço para nos acabar com a raça...” diziam-nos os presos. Como eu invejava às vezes os homens da plebe que chegavam ao presídio! Esses, logo de início, se viam tratados como companheiros...

Assim, na primavera, o fantasma da liberdade entrevista, a alegria de toda a natureza se traduziam para mim numa tristeza, numa irritabilidade aumentadas. Durante a semana da Paixão incluíram-me entre os que deveriam fazer a Páscoa. O velho suboficial dividira o presídio em sete séries, correspondentes às sete semanas da Quaresma. Cada grupo era composto de uns trinta homens que deveriam fazer sucessivamente as suas devoções, e para esse fim eram dispensados dos trabalhos. Essa semana de descanso me fez muito bem. Íamos à igreja, que ficava a pequena distância da fortaleza — duas, e até mesmo três vezes por dia. Já há muito tempo que eu não entrava numa igreja. Os ofícios da Quaresma, tão familiares à minha infância, na casa de meu pai, as orações solenes, as prostrações, tudo isso me revolvia na alma recordações de há muito apagadas, tudo me trazia evocações da meninice. Revivo ainda o prazer que sentia quando, pela manhã, pisando a terra gelada pelo frio da noite nós nos dirigíamos sob escolta para a casa de Deus. Ficávamos num grupo perto da porta, no último lugar; não escutávamos quase a voz grave do diácono; e de tempos em tempos avistávamos por sobre a turba a casula negra ou o crânio calvo do pope. Então eu me revia criança, olhando para a gente do povo, que formava um grupo apinhado na porta da igreja, e que recuava servilmente ante uma dragona dourada, um senhor barrigudo ou uma senhora devota de saia roçagante — os donos das primeiras filas. Lá na porta, junto à entrada, ao que me parecia então, as pessoas não deveriam rezar como nos lugares que nós ocupávamos; prostradas no chão, oravam com fervor resignado, com perfeita consciência da própria humildade. E agora, era eu que lhes ocupava o lugar — e nem sequer o mesmo lugar: nós carregávamos cadeias, éramos os réprobos, todos se afastavam de nós, pareciam nos temer, davam-nos esmolas, e diariamente eu descobria naquilo uma sensação agradável, especialíssima, um contentamento estranho e requintado. “Está muito bem!” dizia a mim próprio. Os forçados rezavam com grande fervor, e todos eles, dia após dia, traziam à igreja o seu miserável copeque, para um círio ou para o peditório. “Eu também sou um homem, pensavam decerto, enquanto davam a esmola; diante de Deus somos todos iguais...” Comungamos na primeira missa. Quando o padre, segurando o cibório, recitou a oração: “Como o ladrão, eu vos digo: lembrai-vos de mim, Senhor, quando estiverdes no vosso reino...” quase todo o nosso grupo se prosternou, com um tilintar de ferros, tomando essas palavras ao pé da letra.

Mas afinal chegou a Páscoa. A administração nos mandou dar a cada um um ovo e um pedaço de pão branco. Novamente as esmolas choveram sobre o presídio, outra vez recebemos a visita do pope com a cruz, e a visita dos chefes; de novo tivemos a gorda sopa de couves dos dias de festa, bebedeira, o dia vadio, como no Natal — com a única diferença de que agora a gente podia passear no pátio e se aquecer ao sol. Tudo parecia mais claro, mais vasto que no inverno, e também mais triste. Os longos dias de primavera eram intermináveis, sobretudo nos feriados; as horas de trabalho passam muito mais depressa, graças ao labor que as encurta.

Os trabalhos do estio, com efeito, se revelaram muito mais penosos que a labuta do inverno. Ocupavam-se principalmente os forçados nas construções de engenharia. Uns edificavam, ou cavavam a terra, colocavam tijolos, realizavam trabalhos de serralheria, de marcenaria, de pintura. Os outros iam às olarias preparar os tijolos — coisa que considerávamos como a mais penosa das tarefas. A olaria ficava a quatro verstas do presídio. Às seis horas da manhã, em cada dia da estação bonita, um grande grupo de forçados — cerca de cinquenta homens — se dirigia para lá. Escolhiam-se para esse gênero de serviço os simples trabalhadores braçais, isto é, os que não tinham ofício, e portanto não pertenciam a nenhuma oficina. Levavam consigo o pão, pois a distância a que ficava a olaria impossibilitava a volta para a refeição; assim, para se pouparem à caminhada de oito verstas inúteis, só comiam o jantar à noite, quando voltavam. Fixavam pela manhã a tarefa do dia, mas tarefa tão grande que dificilmente a executavam. Era preciso primeiro arrancar o barro, carregá-lo para a fossa, em seguida trazer água para molhar aquele barro e amassá-lo com os pés, depois enfim dividi-lo num número respeitável de tijolos, duzentos ou duzentos e cinquenta, se bem me lembro. Só duas vezes fui para esse trabalho. Os que à noite voltavam da olaria estavam extenuados, mal satisfeitos, e a todo o momento se acusavam reciprocamente de se pouparem em prejuízo dos demais. Deveriam encontrar naquilo uma espécie de consolo. Entretanto, alguns iam de bom grado para a olaria: lá, do outro lado da cidade, num local descoberto à margem do Irtych, avistava-se uma paisagem muito mais agradável aos olhos que as construções do governo; ademais, podia-se fumar livremente, e até mesmo sestear durante uma meia hora.

Quanto a mim, ia como antes trabalhar numa oficina, ou preparar alabastro, ou carregar tijolos para os pedreiros, nas construções. Em certa época eu tinha que transportar minha carga de tijolos até a margem do Irtych, a um quartel que estava sendo edificado a cento e cinquenta metros do rio: devia atravessar o fosso da nossa fortaleza, antes de lá chegar. Esse trabalho durou dois meses sem interrupção. Tomei por ele certo gosto, embora a corda com a qual amarrava os tijolos me ferisse os ombros. Sentia que as forças me cresciam: a princípio não podia senão carregar oito tijolos, que pesavam cerca de doze libras 1; depois, consegui chegar a uma dúzia e até mesmo a quinze tijolos —

coisa que me encantava. Para suportar todas as misérias daquela vida maldita, a força física não é menos necessária que a força moral.

É que eu ainda queria viver, depois do presídio!

Se encontrava prazer nesse trabalho, não era apenas porque ele me fortificava, mas porque se realizava na margem do Irtych. Era o único local — e por isso falo nele com tanta frequência — de onde se podia entrever o universo, os horizontes luminosos, as livres estepes desertas, cuja nudez me provocava uma impressão estranha. Era também o único local de onde se podia dar as costas à fortaleza, porque todos os outros pontos de trabalho se encontravam na vizinhança imediata ou no interior daquela casa sinistra. Desde os primeiros dias eu lhe tomara ódio, principalmente a algumas das suas dependências: a residência do nosso major me parecia um local maldito, abominável, e cada vez que lhe passava defronte, atirava-lhe um olhar irado. Na margem do Irtych eu podia esquecer isso tudo, e defrontando a vastidão infinita, olhava-a como o prisioneiro espia para o mundo livre, pela seteira da sua cela. Tudo ali me era querido — os raios cegantes do sol nos abismos azuis do céu, as cantigas longínquas dos kirghizes, que subiam da margem oposta. Quando a gente olhava com paciência, acabava avistando a pobre yurte enfumaçada duma baiguche 2 qualquer; contempla-se a fumaça que sai da tenda, e uma mulher kirghize que lida ao redor de dois carneiros. Tudo aquilo é pobre e selvagem, mas livre. Avista-se um passarinho no azul transparente do céu, e, longa e obstinadamente, acompanha-se o seu voo com o olhar: ei-lo que roça a água, ei-lo que se perde no azul, ei-lo lá longe, como um pontinho minúsculo... Mesmo a florinha doentia que eu encontrava no começo da primavera, em alguma fenda de rocha, me atraía a atenção morbidamente. A angústia daquele primeiro ano de presídio era intolerável, enervante, horrivelmente amarga. Impedia-me de observar uma porção de coisas ao meu redor. Fechava os olhos, recusava-me a ver. Entre os meus companheiros tão hostis, tão odientos, não via, não descobria pessoas capazes de sentir e pensar, apesar da casca repugnante que lhes dissimulava a natureza real. Entre as frases venenosas, não sabia também distinguir as palavras amigáveis, afetuosas, tanto mais apreciáveis porque muitas vezes vinham diretamente do coração de um homem que sofrera mais do que eu. Ai, para que me alongar a esse respeito? Sentia-me muito feliz quando voltava para a fortaleza, exausto: pelo menos dormiria! Porque no verão o sono era mais tormentoso, senão pior que no inverno. Para falar a verdade, nós tínhamos às vezes belíssimas tardes. O sol, que não parara de banhar o pátio da fortaleza, deitava-se afinal. O ar refrescava, e depressa a fria noite das estepes — fria relativamente — nos envolvia. Os presos, esperando que os trancassem, passeavam em bando pelo pátio. A maioria, entretanto, agrupava-se de preferência nas cozinhas. Lá, debatiam-se questões de ordem geral, discutia-se isto, aquilo, recolhiam-se alguns boatos, muitas vezes absurdos, mas que despertavam extraordinária curiosidade naqueles entes segregados do mundo dos vivos;

assim, por exemplo, contava-se que o nosso major fora transferido. Os forçados são crédulos como crianças; sabem muito bem que a notícia é absurda, que Kvassov, seu portador, é um tagarela notório, um mentiroso incapaz de dizer uma palavra a qual se possa dar crédito; entretanto todos tomam conta da notícia, emitem opinião, rejubilam-se; e, no fim, ficam envergonhados por terem se deixado enganar por Kvassov.

— E quem o mandaria embora? — exclama um forçado. — “Oito-Olhos” tem as costas largas, vai aparar o golpe!

— Sim, mas até ele também tem chefes! — brada um rapaz, ardente, que não tem nada de tolo,que já viu muita coisa e dá a vida por discutir.

— Os lobos não se comem uns aos outros! — resmunga um terceiro, homem de cabelo grisalho, que toma a sua sopa sozinho, a um canto.

— E tu achas que os chefes virão pedir tua opinião para saber se podem mandar o major às favas? — acrescenta com impaciência um quarto preso, vibrando com indiferença uma das cordas da balalaica.

— E por que não, se nos juntarmos todos? — torna o segundo exaltado. — Mas aqui o pessoal só presta para bater com a língua nos dentes; quando se chega aos fatos, já não há mais ninguém!

— Esse coitado parece que não sabe que está no presídio — retruca o tocador de balalaica.

— Outro dia — continuou o discutidor sem o escutar — sobrou um pouco de farinha. Juntaram até o último punhado e levaram para vender — era um restinho, não renderia nada. Porém ele soube. Fizeram um relatório e a farinha foi confiscada — “medida de economia!” Isso será justo? — Mas a quem é que tu querias te queixar?

— A quem? Ao inspetor que está para chegar.– Que inspetor?

— É verdade que está para chegar um inspetor, irmãos — explicou um moço forçado, muito bem posto, instruído, antigo escrevente de batalhão, que já lera a Duquesa de La Vallière ou qualquer outro folhetim do gênero. Era um palhaço eterno, mas os forçados gostavam do seu desembaraço. E sem prestar nenhuma atenção à curiosidade geral despertada pela notícia da futura chegada do inspetor, ele se dirigiu ao fogão a fim de pedir à “cozinheira” uma porção de fígado. Os cozinheiros vendiam sempre pratos dessa espécie: compravam por exemplo um bom peso de fígado que iam cortando em pedaços e fritavam para os forçados que os podiam comprar.

— Dois ou quatro copeques? — indagou a “cozinheira”.

— Corta para quatro copeques! Se alguém ficar com a boca cheia de água não tenho nada com isso! — respondeu o forçado. — Um general, meu irmão, um general de Petersburgo está a caminho, vem passar revista em toda a Sibéria. É verdade, disseram isso na casa do governador.

A notícia provocou uma sensação extraordinária. Durante um quarto de hora

cruzaram-se perguntas sobre quem seria esse general, que título usaria, se seria mais importante que os generais daqui... Falar de patentes e chefes, saber quem tem precedência, que pode fazer com que os outros se curvem, diante de quem o comandante terá que se inclinar — são assuntos que os forçados gostam de discutir. É um assunto que os entretém muito; discutem azedamente, injuriam-se, chegam quase a se agarrar; pode-se supor que não têm nisso nenhum interesse, mas é pelo conhecimento minucioso dos fatos administrativos que se mede entre eles o grau de inteligência dos indivíduos, da instrução adquirida antes da prisão, do lugar ocupado na sociedade; falar das altas esferas dá igualmente uma reputação de seriedade e elegância.

— Vocês estão vendo mesmo que é verdade, rapazes: o major vai ser posto para fora daqui! — observa Kvassov, o homenzinho vermelhaço, exaltado e estúpido, que fora o primeiro a agitar a história.

— Ora! Ele solta os cobres e dá um jeitinho! — comentou com voz resfolegante o preso velhusco, que acabara de tomar a sua sopa de couves.

— Sim, bem pode ser! — ajunta um outro. — Faz muito tempo que ele economiza, pois já era major antes que nós chegássemos aqui. Ultimamente, andou arrastando a asa à filha do protopope 3.

— Mas não casou! Mostraram-lhe a porta, o que prova que “Oito-Olhos” não tem vintém.Imagine que lindo noivo! Quando se levanta da cadeira, seu guarda-roupa todo se levanta com ele! Na Páscoa, perdeu tudo no jogo. Foi Fedka que contou.

— Isso mesmo! O camarada não gosta de soltar os copeques, porém desta vez ficou a nenhum!

— Ai, irmãos, coisa ruim é casamento para quem é pobre! Entendo um pouco disso. A noite de núpcias é curta demais — comenta Skuratov, que acaba de entrar na conversa.

— Supões talvez que estamos falando de ti? — retruca o rapaz despachado, o antigo escrevente.– Tu, Kvassov, és um cretino se pensas que um major possa subornar um general, e que um general venha aqui para inspecionar o major. És mesmo um idiota, rapaz!

— E que é que tem? Um general não pode receber nunca uma gorjeta? — indaga um cético.

— Certamente que não. E se recebe, não é nenhuma bolacha quebrada.

— Claro que a bolada é grande — vai crescendo de acordo com a patente.

— Um general recebe gratificação de qualquer um — afirma Kvassov com soberba segurança.

— Já deste gorjeta a algum general: — goza Bakluchine, que entra de súbito. — O que eu quero saber é isto: onde foi que já viste um general?

— Sim, já vi um!

— Mentiroso!

— Mentiroso és tu!

— Bem, rapazes, se ele já viu um, vai nos contar de que jeito é o homem. Anda, fala, eu conheço toda qualidade de generais!

— Vi o general Siebert — respondeu Kvassov em tom hesitante.

— Siebert? Não há general nenhum com esse nome. Decerto estás falando num que te olhou o lombo quando te açoitavam. Siebert poderia ser no máximo tenente-coronel. Foi o teu medo que lhe deu patente de general!

— Não, escuta — grita Skuratov. — Sou um homem sério, sou um homem casado. Havia um general Siebert em Moscou; era alemão, mas agora é russo. Todos os anos, dia da Assunção, confessava-se a um pope. Enchia-se de água como um pato — quarenta copos de água do Moscova, todos os dias. Dizia-se que engolia esse água toda para se curar duma doença, foi o seu criado de quarto que me contou.

— Será que ele tinha peixinhos na tripa? — indagou o preso da balalaica.

— Está aí! A gente falando a sério e eles vêm com canalhismo. Quem é esse inspetor, irmão? — perguntou Martinov, um velho da seção militar, que fora hussardo.

— Tudo isso é mentira — afirmou um dos céticos. — De onde é que essa gente inventa tanta mentira?

— Não é mentira nenhuma! — explicou dogmaticamente Kulikov, que até então se mantivera num silêncio majestoso.

Era um sujeito pesadão, duns cinquenta anos de idade, com feições extraordinariamente corretas e modos desdenhosos — coisa de que muito se orgulhava. Tinha sangue cigano nas veias. Veterinário de profissão, tratava dos cavalos da cidade, o que não impedia de na prisão ser botequineiro. Tinha visto muita coisa, era inteligente, e deixava cair as palavras de boca como se fossem de ouro.

— É a verdade pura, irmãos! — continuou, no seu tom sossegado. — Na semana passada ouvi contar isso mesmo. Um general está mesmo a caminho — general dos de galão grande, a fim de inspecionar a Sibéria de cabo a rabo. Há de ser a coisa de sempre: vai receber seus presentinhos, porém não do nosso major “Oito-Olhos”. Esse não lhe há de chegar nem perto. Há generais e há generais, irmãos. Há generais de toda espécie! Mas posso garantir a vocês que, quanto ao nosso major, fica por aqui mesmo. Nós vamos ficar de bico caladinho, como sempre, e nem os grandolas daqui se atreverão a denunciá-lo. O inspetor correrá toda a fortaleza e irá embora sem dizer nada; depois fará um relatório contando que encontrou tudo aqui em perfeita ordem...

— Sim, entretanto o major está com medo; não é à toa que anda bêbado desde que o dia amanhece.

— E hoje à tarde tomou carga nova; foi Fedka que contou.

— Não adianta esfregar um cavalo preto para ver se ele fica branco! Será que

vocês nunca viram o major bêbado, antes?

— De qualquer forma, será um azar se o general não fizer nada! Porque estava na hora de dar um fim naquele bandido! — comentavam os forçados animadíssimos.

A notícia da vinda do inspetor espalhou-se num piscar de olhos. No pátio, os homens a repetiam com precipitação. Procuravam alguns mostrar silêncio e sangue frio, para se darem ares de importância. Outros ficavam indiferentes. Nas portas das casernas instalavam-se os tocadores de balalaica. Alguns continuavam a tagarelar, enquanto outros entoavam cantigas — todos, porém, naquele serão, se mostravam excitadíssimos.

Pelas dez horas, depois da chamada, eram aferrolhados nas casernas. Apesar das noites curtas, faziam-nos levantar às cinco horas, mas ninguém adormecia antes das onze. Até então havia sempre o vaivém das conversas, e algumas partidas de jogo, como no inverno. Embora entrasse ar fresco pela janela aberta, o abafamento era intolerável. Os detentos se agitavam nas tarimbas, como se delirassem. Milhões de pulgas nos picavam. Já numerosas no inverno, elas pululavam na primavera em proporções inimagináveis; e quando mais avançava o calor, mais agressivas iam ficando. A gente pode se acostumar às pulgas — sei disso por experiência própria — mas o aprendizado é extremamente penoso: o tormento se torna tão insuportável que até febre dá; e através do sono a gente sabe que em vez de dormir está delirando. Enfim, quando à aproximação da madrugada as pulgas fartas se aquietavam e um sono suave nos tomava, a implacável alvorada rufava nos tambores. A gente se enrolava na pele de carneiro, e escutava com pragas as pancadas intercaladas do tambor, como se fosse preciso contá-las; e, ao mesmo tempo, através do resto do sono, vinha-nos a ideia desagradabilíssima de que amanhã seria a mesma coisa, e depois de amanhã e durante muitos anos seguidos, até a hora da libertação. Quando soará essa hora? A gente cisma... E enquanto espera, é mister acordar; a barulhada, o ramerrão costumeiro se iniciam; os homens se vestem, precisam sair depressa para o trabalho.

Por felicidade, poder-se-á fazer uma hora de sesta...

A história da vinda do inspetor era verdadeira. Os boatos se confirmavam diariamente, e, afinal de contas, soube-se com toda a certeza que um alto funcionário de Petersburgo, um general, vinha inspecionar a Sibéria inteira, que já chegara, que já estava em Tobolsk. Cada dia novas minúcias apareciam no presídio. Traziam-se boatos da cidade, contava-se que lá o pessoal administrativo tremia, que todos os funcionários se esforçavam por mostrar-se sob bom aspecto, que as altas esferas organizavam à porfia festas, bailes, recepções. Mandavam-se grupos compactos de forçados aplainar as ruas da fortaleza, arrancar capim e ervas, repintar a paliçada e as estacas, remendar paredes, caiá-las; em suma, procuravam endireitar num abrir e fechar de olhos tudo que poderia ser visto. Os forçados compreendiam a cousa muito bem, e suas discussões iam ficando cada dia mais ardentes, mais audaciosas. Sua fantasia ultrapassava todos os limites. Estavam

dispostos a expor suas queixas, assim que o general lhes perguntasse se estavam satisfeitos. Isso não os impedia de brigar, nem de trocar insultos. O major estava sobre brasas. Vinha com muito mais frequência fazer inspeções, gritava mais, atirava-se com maior furor sobre as criaturas, mandava-as para o corpo da guarda por um nada qualquer, fiscalizava impertinentemente o asseio e a ordem. Neste momento, como de propósito, sucedeu um caso que, longe de comover o nosso chefe como seria de esperar, lhe deu grande prazer. Durante uma briga, um galé feriu um outro, enfiando-lhe uma sovela bem perto do coração.

O forçado que cometera o delito chamava-se Lomov, o ferido Gavrilka, um desses vagabundos empedernidos de que já falei. Ignoro se tinha outro nome, pois entre nós só lhe davam esse. Lomov era um mujique abastado da província de T., distrito de K. Todos os Lomovi viviam juntos, o velho, os três filhos e um irmão. Passavam por ricos. Corria lá pela aldeia que possuíam pelo menos trezentos mil rublos em papel. Lavravam a terra, curtiam peles, comerciavam, mas sua principal fonte de renda era a usura, receptação de objetos roubados, refúgio aos criminosos evadidos, e outras indústrias do mesmo tipo. Metade dos mujiques do distrito lhes pedira empréstimos, e se debatia em suas garras. Dizia-se que eram inteligentes e astutos, porém acabaram ficando muito soberbos, principalmente quando um alto personagem se tomou de amizade pelo velho, por causa da sua finura, da sua esperteza, e deu para se hospedar em sua casa, quando de viagem. Os Lomovi julgaram então que não precisavam temer mais coisa alguma, e cada dia se afundaram mais em negócios escusos. Todo o mundo resmungava contra eles, faziam-se votos de que se sumissem a cem pés debaixo do chão — mas eles iam sempre erguendo a cabeça cada vez mais alto: nem a polícia nem os juízes lhes faziam mais temor. Enfim, perderam o pé, e caíram no fundo do precipício, sem que o motivo fosse o mal que haviam feito ou os seus crimes clandestinos: uma acusação infundada bastou para os desgraçar. Possuíam a dez léguas da aldeia uma grande propriedade, onde seis trabalhadores kirghizes, que eles há muito tempo haviam reduzido à servidão, foram passar o outono. Uma noite encontraram-se os seis homens assassinados. Começou-se um inquérito que durou muito tempo e trouxe estranhas revelações. Os Lomovi foram acusados da morte dos seus trabalhadores.

Eles próprios tinham contado essa história, de modo que todo o presídio a conhecia. O povo maldara que eles deviam muito dinheiro aos trabalhadores; e apesar da sua fortuna notória, a avareza deles, notória também, os tornou suspeitos de se haverem desembaraçado dos kirghizes a fim de não lhes pagarem os salários. Durante o inquérito e a prisão preventiva todos os seus bens se dissiparam. O velho morreu, os filhos foram deportados. Um dos filhos e o tio deram com os ossos na nossa fortaleza, com sentença de doze anos. E contudo, estavam absolutamente inocentes do crime que lhes fora imputado. Um belo dia um dos nossos detentos, Gavrilka, malandro, vagabundo

contumaz, de gênio muito animado e alegre, gabou-se de ser o autor das mortes. Não sei se ele fizera confissão completa, entretanto todo o presídio o considerava o assassino dos seis kirghizes. No decorrer das suas vagabundagens, Gavrilka se acumpliciara às vezes com os Lomovi. Estava preso como soldado desertor e vagabundo. Em companhia de três outros da sua laia, degolara os kirghizes, esperando encontrar boas coisas na propriedade.

Não sei bem por que, mas os Lomovi não gozavam de estima entre nós. O sobrinho era rapaz novo e inteligente, muito dado, enquanto o tio, que acabava de ferir Gavrilka com a sovela, era um sujeito violento e estúpido, e brigava a toda hora com os outros, que aliás o espancavam à vontade. Quanto a Gavrilka, seu gênio alegre lhe conquistara a afeição geral. Os Lomovi sabiam muito bem que era ele o autor do crime pelo qual tinham sido condenados, porém não o provocavam, nem mesmo lhe chegavam perto. Em geral, Gavrilka não lhes prestava nenhuma atenção. A sua briga com o tio Lomov irrompera bruscamente por causa de uma mulher pública: Gavrilka se gabara dos favores que ela lhe concedera, e certa tarde o velho, enciumado, enterrou-lhe a sovela em pleno peito.

Embora arruinados pela justiça, os Lomovi ainda tinham fama de ricos. Deveriam guardar algum dinheiro, porque possuíam um samovar e bebiam chá. Nosso major, que sabia disso, detestava os dois homens; multiplicava-lhes as vexações. Os Lomovi davam como motivo desse ódio o desejo que tinha o major de que eles lhe passassem alguns cobres; todavia recusavam-se obstinadamente a isso.

É claro que se a sovela houvesse penetrado um pouco mais, Gavrilka seria defunto. Contudo a ferida não passou dum arranhão. Fez-se um relatório ao major. Vejo-o ainda irromper no presídio, esfogueado, radiante. Dirigiu-se a Gavrilka, num tom de grande carinho, como um pai ao filho:

— Então, paizinho, será que podes ir caminhando até o hospital? Não, é melhor mandar um carro. Vão depressa! — gritou para o suboficial, com voz arquejante.

— Mas Excelência, não tenho nada, foi só uma picada!

— Nunca se sabe, meu filho, lá é que eles verão. Foste ferido em lugar perigoso. Tudo depende disso: ele procurou o coração, o bandido. Espera, anda, espera! — berrou, voltando-se para Lomov. — Vais te haver comigo, rapaz! Para o corpo da guarda!

E, com efeito, cumpriu a promessa. Lomov foi julgado. Embora a ferida fosse das mais benignas, a premeditação era evidente. O criminoso teve sua pena aumentada, e sofreu dois mil açoites. O major ficou encantado com o incidente.

Finalmente, chegou o inspetor.

Logo no dia seguinte, veio inspecionar a fortaleza. Decretara-se feriado. Já alguns dias antes estava tudo lavado, limpo, reluzente. Os forçados, com a cabeça recém-raspada, vestiam um uniforme imaculado. O regulamento prescrevia para o verão calças

e casaco de linho. Todos levavam costurado no meio das costas do casaco um círculo de fazenda preta de dois viorchkas4 de diâmetro. Durante uma hora inteira nos foram ensinadas as respostas que deveriam ser dadas, na hipótese do general nos dirigir a palavra. Fizeram-se até ensaios. O major se agitava como o diabo na água benta. Uma hora antes da aparição do general, todos os presos estavam em formatura, com a mão na costura das calças; enfim, pela uma hora da tarde, o homem fez sua entrada. Era um general majestoso, tão majestoso que os funcionários da Sibéria ocidental deveriam estremecer de medo, ao vê-lo. Mostrou-se grave e soberbo, acompanhado por uma escolta imponente, solícita, formada por todos os altos magistrados da cidade, e mais alguns generais e coronéis. Entre eles se encontrava também um paisano, bonito homem de elevada estatura, de casaca, sapatos, vindo também da capital. Este personagem tinha um jeito singularmente desembaraçado, e o general frequentemente lhe dirigia a palavra com extrema cortesia. Os forçados, é claro que ficaram intrigadíssimos: tanta consideração por um paisano, e partindo de um general tão importante! Mais tarde, soubemos-lhe o nome e a qualidade, mas até então as línguas fizeram o seu ofício. Nosso major, ostentando as condecorações na farda cor de laranja sob a cara cor de tijolo, parece não ter produzido no general uma impressão muito boa. Como sinal especial de respeito à autoridade, “Oito-Olhos” pusera de parte os óculos. Mantinha-se à distância, erecto como uma estaca, esperando febrilmente, numa atenção tensíssima, o momento em que o chamassem, quando então saltaria para aceder ao desejo de Sua Excelência. Mas não foram precisos os seus serviços. Sem dizer palavra, o general percorreu os alojamentos, deu uma olhadela às cozinhas, chegou a provar a sopa de couves. Mostraram-me a ele, explicando-lhe quem eu era, e o que me trouxera ao presídio — a mim, um nobre!

— Ah! — respondeu o general. — E como se porta ele agora?

— Por ora, porta-se satisfatoriamente, Excelência!

O general meneou a cabeça, e dois minutos depois saía do presídio, deixando os galés deslumbrados, é claro, mas um pouco desapontados também. Quanto a queixarem-se do nosso tirano, não seria possível; aliás, já de antemão o major sabia disso.

---

1) Cerca de cinco quilos e meio. (N. T.)

2) A yurte é a tenda dos kirghizes, povo nômade; seus baiguches constituem a classe mais pobre. (N. T.)

3) O arcipreste. (N. T.)

4) Um viorchka tem 4 centímetros. (N. T.)

6

OS ANIMAIS DO PRESÍDIO

A compra do Gniedko 1, que se fez pouco tempo depois, representou para os forçados uma distração muito mais agradável que a visita do general. Nós empregávamos o cavalo para trazer água, levar o lixo, etc... Um dos presos era encarregado de o tratar e dirigir, escoltado por uma sentinela, naturalmente. Durante o dia inteiro, o pobre animal tinha bastante o que fazer. Era um bom cavalo, mas já gasto pelo demasiado serviço. Um belo dia, exatamente na véspera de S. Pedro, Gniedko, ao trazer a água da tarde, caiu, e morreu no espaço de alguns minutos. Todos lhe choraram a falta. Todos se reuniram para lhe comentar a morte. Os que haviam servido na cavalaria, os ciganos, o veterinário e alguns outros que exibiam conhecimentos especializados a respeito da raça equina — chegaram até a brigar uns com os outros. Mas isso não ressuscitava Gniedko: estava ali, estirado no chão, e todos se consideravam no dever de lhe calcar com o dedo a barriga inflamada. Informou-se o major acerca do acidente, e ele resolveu logo que se comprasse novo animal. Dia de S. Pedro, pela manhã, depois da missa, quando estávamos todos reunidos, trouxeram os cavalos à venda: a escolha era deixada aos forçados. Havia entre nós autênticos peritos, e deveria ser difícil lograr duzentos e cinquenta homens que, na sua maioria, se tinham ocupado outrora com barganhas de animais. Apareceram vendedores kirghizes, ciganos e comerciantes da cidade. Os forçados, alegres como crianças, esperavam com impaciência o aparecimento de cada novo animal. O que mais os lisonjeava era ser-lhes dado comprar o cavalo como pessoas livres, como para seu uso particular. Recusaram-se três rocins, antes de ser decidida a compra. Os vendedores olhavam em torno de si com certa perplexidade, e lançavam aos soldados encarregados de os acompanhar olhares não despidos de medo. Aqueles duzentos indivíduos de cabeça raspada, marcados a ferro em brasa, carregados de grilhetas, dentro de sua própria casa, no seu ninho de presidiários cujo umbral não poderia ser transposto por ninguém, tinham que imprimir certo respeito, ao seu modo. Os nossos usavam uma infinidade de astúcias para examinar cada cavalo oferecido. Consideravam-no por todos os ângulos, apalpavam-no em toda parte, com persistência, com ar preocupado, sério, diligente, como se a prosperidade do presídio dependesse daquela compra. Os circassianos chegavam até a lhe saltar à garupa, com os olhos faiscantes, e discutiam vivamente entre si, na sua língua incompreensível, descobrindo os dentes brancos, meneando as cabeças morenas de nariz curvo. Alguns dos nossos russos mostravam

tanto interesse pela conversa dos circassianos que praticamente os devoravam com os olhos. Não compreendiam uma única palavra, mas procuravam adivinhar através da expressão dos homens a sua opinião sobre o valor do animal. Uma atenção tão intensa poderia parecer estranha ao espectador desinteressado: que adianta gastar tanto ardor e cuidado, quando não se passa de um galé, de um pobre forçado apático, domado, que mesmo diante dos seus próprios companheiros não se atreve a abrir a boca? Parece até que o adquire para si, e afinal de contas lhe deve ser indiferente que se compre este ou aquele cavalo! Além dos circassianos, os ciganos e os antigos negociantes de cavalo se distinguiam especialmente; fora-lhes dada a primeira fila, e eles tinham a sua palavra a dizer. Houve até uma espécie de duelo entre dois presos, o cigano Kulikov, antigo traficante e ladrão de cavalos, e um astuto mujique siberiano, veterinário por vocação, chegado havia pouco tempo ao presídio, e que já conseguira surripiar ao cigano quase toda a freguesia da cidade. É preciso notar que os nossos veterinários “curiosos” eram muito apreciados, não só pelos burgueses e negociantes, mas até pelos altos funcionários, que os chamavam de preferência aos veterinários diplomados. Kulikov, antes da chegada de Iolkine, o mujique siberiano, não encontrara nunca concorrentes; possuía uma rica clientela, que, bem entendido, lhe testemunhava o seu reconhecimento em espécie sonante. Mas, autêntico cigano e charlatão, conhecia o ofício muito menos do que o pretendia. Seus rendimentos tornavam-no entre nós uma espécie de aristocrata. Sua experiência, seu espírito, sua audácia, sua decisão, tinham-lhe conquistado há muito tempo a estima de todos os forçados. Ele aliás falava muito pouco, e só dava opinião nos casos mais importantes. Era um fátuo, porém dotado de real energia. Embora já velho, conservava a beleza e a inteligência de moço. Creio que vestido convenientemente, e apresentado como conde em qualquer um dos clubes de Petersburgo, teria desempenhado muito bem o seu papel, jogaria whist, abriria a boca de tempos em tempos — com pouca frequência — a fim de pronunciar algumas palavras escolhidas, como o deve fazer um homem distinto, e durante todo o serão ninguém desconfiaria que o pretenso conde não passava de um cigano à-toa. Falo a sério: seu espírito, seu tato, sua rapidez de adaptação eram surpreendentes, suas maneiras, de uma distinção perfeita. Provavelmente vira muito mundo, em sua vida, porém jamais desvendava algum recanto do passado. Pertencia à secção especial. Com a chegada do mujique Iolkine, “velho crente” duns cinquenta anos de idade, esperto como ninguém, a glória veterinária de Kulikov empalideceu. Bastaram dois meses a Iolkine para lhe arrebatar a freguesia: os cavalos que o outro já abandonara há muito tempo eram rapidamente curados pelo siberiano; fazia sarar até os que os veterinários diplomados declaravam incuráveis. Ele nos fora mandado com um bando de moedeiros falsos: curiosa ideia, na sua idade, meter-se em semelhante vespeira! Contou-nos, zombando de si próprio, que eram necessárias três moedas autênticas de ouro para fabricar uma falsa! Kulikov tinha motivos para se

irritar com o êxito do recém-vindo, porque o seu prestígio entre os detentos quase declinara: ele, que sustentava amante na cidade, que usava um cafetã de veludo, anel de prata, brincos nas orelhas, botas com cano de cor — devido àquela reviravolta da fortuna, foi obrigado a se fazer botequineiro. Esperava-se pois que os dois inimigos aproveitassem a compra do cavalo para chegarem a vias de fato. E a curiosidade aumentava de vulto porque tinham ambos os seus partidários. Já os chefes dos dois clãs se injuriavam abundantemente, já uma careta sarcástica crispava a cara de raposa de Iolkine; mas as coisas se passaram de modo inesperado: Kulikov evitou brigas, e saiu-se do caso com notável habilidade. A princípio simulou dar preferência ao rival, cujas críticas escutou com deferência, depois o apanhou subitamente pela palavra e em tom modesto, mas firme, fê-lo notar que se enganara. Sem dar ao outro tempo para mudar de ideia, demonstrou-lhe o erro, fornecendo minúcias precisas. Em resumo, Iolkine levou um xeque, dado da maneira mais rápida e mais hábil, e embora tenha ficado de cima, no apurar das contas o partido de Kulikov sentiu-se satisfeitíssimo.

— Não, meus filhos, esse não apanha facilmente, sabe o que faz — diziam uns.

— Iolkine também sabe onde tem o nariz — retorquiam outros, de modo conciliador.

Ambos os partidos discutiam agora em tom de concessão recíproca.

— Não é que ele saiba muito — mas tem a mão mais feliz. E, em matéria de cavalos, Kulikov não tem medo de ninguém!

— É tão forte assim?

— Claro! Não tem quem o iguale...

Enfim, foi escolhido o novo Gniedko. Era um animal bonito, jovem, vigoroso, de aparência muito agradável. Parecia irrepreensível, sob todos os pontos de vista. Começaram imediatamente os regateios. Os donos queriam trinta rublos, nós oferecíamos vinte e cinco. Discutiu-se com calor, longa e acremente, cedendo de uma parte e acrescentando na outra. Afinal os próprios forçados puseram-se a rir.

— Que é que a gente tem com isso? Será que vai sair do nosso bolso? — diziam. — Que adianta regatear?

— Estamos poupando o dinheiro do governo, hein?

— De qualquer modo, irmãos, o dinheiro também é nosso!

— Nosso? Ora bolas! Não, pelo que vejo, raça de cretinos não precisa ninguém plantar — nasce sozinha!

Entraram finalmente em acordo por vinte e oito rublos. Mandaram informar o major, e a compra efetivou-se. Trouxeram o pão e o sal; e o novo Gniedko foi conduzido em triunfo para o interior da fortaleza. Não creio que um único forçado tenha deixado de vir dar-lhes palmadas no pescoço, ou lhe fazer festas no focinho. Nesse mesmo dia atrelou-se Gniedko, e todos olharam curiosamente o modo pelo qual ele arrastava a pipa.

Nosso aguadeiro, Romane, fitava o animal com extraordinária satisfação. Era um labrego duns cinquenta anos, calado, circunspecto. Aliás, todos os cocheiros russos são sérios e até mesmo taciturnos, como para confirmar a opinião corrente segundo a qual o convívio constante com os cavalos acaba por dar juízo ao homem. Romane era pois sossegado, afável com todos, pouco conversador; tomava rapé num tabaqueira de chifre, e, desde tempos imemoriais, cuidava e dirigia o cavalo do presídio; já estava agora no terceiro animal. Na nossa opinião, só um cavalo baio servia para a fortaleza; e, por nada no mundo, teríamos comprado um cavalo ruço, por exemplo; Romane compartilhava inteiramente dessa opinião. Quanto ao lugar de aguadeiro, cabia-lhe em virtude de não sei que direito, e nunca a nenhum de nós ocorreria lho disputar. No momento em que o velho Gniedko morreu, ninguém, nem mesmo o major, pensou em acusar Romane: Deus assim o quisera, e nem por isso Romane deixava de ser um bom cocheiro. Em breve, o novo Gniedko tornou-se o favorito do presídio. Os detentos, embora homens rudes, iam frequentemente fazer-lhe festas. Às vezes, voltando do rio, enquanto Romane fechava o portão que lhe fora aberto pelo suboficial de guarda, Gniedko, depois de penetrar no recinto com a sua pipa, parava a esperá-los, piscando o olho para o cocheiro.

— Adiante! — gritava Romane, e Gniedko ia embora sozinho, até defronte das cozinhas; lá se imobilizava, aguardando que as “cozinheiras” viessem apanhar a água.

— Gniedko é um malandro! — exclamavam os presos. — Sabe andar sozinho! Entende tudo!

— Sim, com efeito, esse animal entende tudo!

— Cavalo inteligente, Gniedko!

O cavalo relinchava, meneando a cabeça, como para mostrar que sabia apreciar as lisonjas. E alguém imediatamente lhe trazia pão e sal. Quando acabava de comer, Gniedko levantava de novo o focinho e parecia dizer: “Bem que te conheço! Bem que te conheço! Eu sou um bom cavalo e tu és um bom sujeito!”

Também ia, às vezes, levar pão ao Gniedko. Gostava de olhar o seu focinho, sentir na palma da mão os seus beiços macios e quentes que lambiam minha oferta.

Nossos detentos tinham muito capacidade para amar animais, e se lhes fosse permitido, teriam de bom grado enchido a fortaleza de bichos domésticos e pássaros. Que outra ocupação seria mais indicada para abrandar, enobrecer o caráter depravado e brutal dos galés? Mas não lhes era permitido fazê-lo. Nem o regulamento nem o espaço o consentiam.

Entretanto, no meu tempo, alguns animais encontraram abrigo no presídio. Além de Gniedko nós tivemos cães, gansos, o bode Vaska e até mesmo, durante algum tempo, uma águia.

Como cachorro titular, possuíamos Charik, de que já falei, cão destemido e inteligente, muito meu amigo. Mas a gente do povo vê no cão um animal impuro pelo

qual não convém criar estima, e quase ninguém cuidava em Charik. Ele vivia ao acaso a sua vida de cão, dormia no pátio, comia as sobras da cozinha, não despertava nenhuma simpatia, contudo considerava como seus donos todos os habitantes do presídio. Na hora em que voltávamos do trabalho, logo que ele ouvia gritar: “Cabo da guarda!” — avançava para o portão e acolhia cada grupo abanando a cauda e fitando alegremente os olhos dos forçados, na expectativa dum carinho. Todavia, durante vários anos, jamais recebeu carinhos de ninguém, exceto de mim. E, por essa razão, me preferia a todos.

Não me lembro agora como foi que trouxemos Bielka, o outro cão. Quanto ao terceiro, Kultiapka, eu próprio o introduzira certa vez em que voltava do trabalho, à tarde. Bielka era um animal estranho. Uma carroça lhe passara sobre o meio do corpo e lhe curvara tanto a espinha dorsal, que de longe, olhando-o correr, a gente supunha ver dois cães brancos, amarrados um ao outro. Ademais, tinha sarna, os olhos lhe supuravam, e a cauda pelada pendia constantemente. Maltratado pela sorte, resignara-se ao silêncio. Jamais ladrava ou grunhia contra ninguém, como se receasse fazê-lo. Vivia sobretudo de pão, que comia por trás das casernas. Se algum de nós se aproximava dele, antes que chegasse junto Bielka procurava mostrar-se amável; rolava de costas, como para dizer: “Faze de mim o que quiseres que eu não me defenderei!” E todos os forçados diante de quem ele rolava assim, consideravam do seu dever lhe dar um pontapé. “Ô cachorro imundo!” Mas Bielka não se queixava; só se a dor fosse muito forte, soltava um ganido rapidamente abafado. Bielka dava suas cambalhotas diante de Charik, ou mesmo de qualquer outro cão que viesse em busca de aventuras defronte à fortaleza. Achatava-se humildemente, mesmo quando um grande mastim se atirava contra ele, rosnando. É de crer que os cães apreciam a humildade e o respeito da parte dos seus semelhantes, porque o mastim furioso imediatamente se aplacava e, meditativo, detinha-se ante o animal estendido aos seus pés com as patas no ar, e então, lentamente, curiosamente, farejava-o por todos os lados. “Este malvado irá me morder?” pensava decerto Bielka, trêmulo. Porém, depois de o farejar com cuidado, o mastim abandonava-o, não encontrando ali nada digno da sua curiosidade. Imediatamente Bielka se erguia nas quatro patas, e, manquejando sempre, juntava-se ao grupo dos outros que partiam na pista de alguma cadela. Certo de antemão de jamais travar relações íntimas com a diva, segui-a de longe, assim mesmo, como se nisso encontrasse algum consolo. Sobre honestidade, só possuía noções por demais vagas. Tendo renunciado a qualquer esperança de futuro, contentava-se em trazer cheia a pança, e nada mais. Tentei certa vez fazer-lhe festa. Mas, para ele, o fato foi tão novo, tão inesperado, que se rojou por terra, e, fremente, pôs-se a ganir de satisfação. Isso me deu piedade e, desde então, fiquei lhe fazendo festas sempre; por isso, assim que me avistava, Bielka iniciava de longe os seus ladridos lacrimosos. Sua vida acabou fora do presídio, no bastião, onde foi destroçado pelos outros cães.

Kultiapka tinha o gênio inteiramente diverso. Não sei por que eu o trouxe para o presídio, certa tarde, levando-o da oficina onde ele nascera. Sentia prazer em alimentá-lo e criá-lo. Charik imediatamente tomou Kultiapka debaixo da sua proteção, e o fazia dormir consigo. Consentia até, mais tarde, que o cachorrinho lhe mordiscasse o pelo e as orelhas, como em geral o fazem os grandes cães com os filhotes. Coisa estranha: Kultiapka não crescia quase nada em altura, mas apenas em largura e comprimento. Tinha o pelo espesso, dum bonito cinzento cor de rato, e uma das suas orelhas ficava pendente, enquanto a outra se erguia. Era igual a todos os cães jovens que, na alegria de avistar o dono, se põem a ladrar, a saltar-lhe ao rosto para o lamber, a expandir diante dele seu ardor e entusiasmo. “Contanto que reparem na minha alegria, pouco me importo com as conveniências!” Onde quer que eu estivesse, se chamasse Kultiapka, ele aparecia aos saltos, como se saísse dum alçapão, e com ladridos ruidosos atirava-se sobre mim, igual a uma bola que vai rolando por um declive. E eu me afeiçoei a esse monstrinho. A sorte parecia tê-lo criado unicamente para a alegria e a felicidade. Porém um belo dia, para desgraça sua, Kultiapka atraiu a atenção especial do forçado Neustruiev, que fabricava calçados de mulher com peles que ele próprio curtia. O homem chamou Kultiapka, tateou-lhe o pelo, deitou-o, fazendo-lhe festinhas. Kultiapka, sem desconfiar, gania de prazer; na manhã seguinte desaparecera! Procurei-o muito tempo, sem encontrar em lugar nenhum, e só soube da verdade quinze dias mais tarde. O pelo de Kultiapka seduzira Neustruiev, que lhe tirara e curtira, para com ele forrar umas botinas de veludo encomendadas pela mulher do auditor do conselho de guerra. Ele próprio me mostrou as botinas, quando as concluiu: o interior forrado ficara uma maravilha. Pobre Kultiapka!

Muitos forçados se ocupavam em curtir peles, e traziam de fora cães de pelo longo, que faziam desaparecer num abrir e fechar de olhos. Roubavam uns, compravam outros. Uma vez, atrás das cozinhas, vi dois detentos conspirando. O primeiro trazia pela trela um cão enorme, magnífico, de ótima raça. Um lacaio ladrão o roubara ao amo e o vendera por trinta copeques aos nossos sapateiros. Estavam tratando de o estrangular. A operação não oferecia nenhuma dificuldade. Esfolava-se o cão e depois se atirava o cadáver no grande fosso que ficava nos fundos da fortaleza, e que no verão, durante o calor, desprendia um cheiro terrível, pois raramente o limpavam. O desgraçado bicho parecia compreender a sorte que lhe destinavam. Olhava para nós três com ar perscrutador, e, de tempos em tempos, se aventurava em agitar a longa cauda, em sinal de confiança. Afastei-me às pressas, enquanto os dois cúmplices terminavam à vontade a execução.

Os gansos se tinham estabelecido por acaso no presídio. Quem os criara? A quem, realmente, pertenciam? Não o sei, mas durante algum tempo eles divertiram os forçados e foram assunto de conversa até na cidade. Nascidos na fortaleza, tinham crescido numa

das cozinhas. Quando ficaram adultos, o bando inteiro tomou o costume de nos acompanhar ao trabalho. Assim que o tambor rufava e os forçados se reuniam, os gansos corriam ao nosso encontro, grasnando, agitando as asas.

Saltavam um atrás do outro o degrau alto do portão, e corriam para a frente das fileiras; lá se agrupavam, aguardando o fim dos preparativos da escolta. Iam-se sempre com o contingente maior, e durante o trabalho esgravatavam pelas proximidades. Assim que os detentos se preparavam para voltar, eles novamente reintegravam o cortejo. Espalhou-se por toda a vizinhança o boato de que os gansos acompanhavam os presos ao trabalho. Os passantes que os viam, comentavam: Olhem os galés e os gansos. Como foi que ensinaram isso a eles? “Tome para os seus gansos!” acrescentava um outro, dando-nos uma esmola. No entanto, apesar da sua dedicação, foram os pobres gansos sacrificados sem dó, no fim da Quaresma.

Quanto a Vaska, nosso bode branco, ninguém se resolveria a matá-lo se não houvesse surgido um circunstância especial. Não sei dizer de onde ele viera nem quem os trouxera ao presídio, ainda cabritinho. Dentro de alguns dias, todos o adoravam, tornara-se o nosso divertimento.

Descobriu-se um pretexto para o guardar: era indispensável um bode na cavalariça 2. Entretanto, não era na cavalariça que ele vivia, e sim primeiro nas cozinhas, depois, em toda parte. Essa criatura graciosa e estouvada acorria à primeira chamada, saltava sobre bancos e mesas, lutava a chifradas com os forçados, provocava incessantemente alegria e risadas. Certo dia, quando os chifres de Vaska já haviam atingido um tamanho regular, Babai, o lezghiano, que estava sentado na entrada de uma das casernas, resolveu lutar com ele, frente a frente. Durante muito tempo mediram forças; era esse o passatempo favorito dos forçados. De súbito, Vaska saltou no degrau mais alto, e sem deixar ao adversário o tempo de se pôr em guarda, erguido sobre as patas traseiras, marrou com os chifres na nuca de Babai, com tanta destreza e força, que Babai rolou escada abaixo, para grande alegria dos assistentes e do próprio vencido. Eram todos loucos pelo animal. Quando Vaska atingiu a idade núbil resolveram, depois de consulta geral seríssima, que o bode seria submetido a uma determinada operação que os nossos veterinários sabiam praticar com mestria. “Pelo menos assim não há de feder!” explicavam os presos. Após a operação, Vaska engordou demais. Aliás, enchiam-no de comida. Enfim, transformou-se num lindo bode, grande e gordo, com chifres de notável grossura. Gostava de dar cabriolas, ao caminhar. Ele também nos acompanhava ao trabalho, para divertimento dos forçados e das pessoas que encontrávamos. Todo o mundo conhecia Vaska, o bode do presídio. Às vezes, por exemplo, se trabalhávamos à margem do rio, um de nós colhia ramos de junco e outras folhagens, ou flores, no fosso, para enfeitar Vaska. Entrelaçavam-lhe flores e ramos em torno dos chifres, teciam-lhe grinaldas em redor do corpo. Na hora da volta, Vaska caminhava sempre em frente da

coluna, pimpão, enfeitado, e os detentos, que lhe acompanhavam o passo, orgulhavam-se dele, ao cruzar com os transeuntes. O amor que tinham pelo bode era tão intenso que alguns de nós, como crianças, pensaram em lhe dourar os chifres. Perguntei um dia a Akim Akimitch, o melhor dourador do presídio depois de Isai Fomitch, se realmente a coisa era praticável. Akim fitou o animal com atenção, refletiu um bom instante, disse que seria possível, sim, mas que o dourado não seguraria, e o resultado não pagaria o trabalho. E o projeto ficou nisso. Vaska poderia ter vivido muito, e morreria de asma e velhice, talvez. Um dia, porém, o major, no seu carro, encontrou na estrada um grupo de forçados que voltavam do trabalho, precedidos por Vaska, engrinaldado e altivo.

— Para! — berrou ele. — De quem é esse bode?

Explicaram.

— O quê? Um bode no presídio? Sem permissão minha? Suboficial!

O suboficial apareceu, e recebeu ordem imediata de abater o bode. A pele seria vendida no mercado, a quantia apurada recolhida à caixa do presídio, e a carne reforçaria a sopa dos presos. Discutiu-se muito, lamentou-se Vaska, mas ninguém se atreveu a infringir as ordens do major. Mataram pois o nosso bode lá do outro lado da fossa do lixo. Sua carne, comprada em bloco por um dos detentos, nos rendeu um rublo e cinquenta copeques — dinheiro que seria empregado em kalatchi. Depois de preparar um saboroso assado, o comprador de Vaska o vendeu a retalho, e todos que dele comeram o acharam excelente.

Durante algum tempo possuímos também uma águia das estepes, de tamanho pequeno. Alguém a trouxera ferida, e em más condições. Todos os forçados a foram ver, porque a águia não podia voar. Sua asa direita pendia por terra e uma das garras estava quebrada. Ainda revejo os olhos furiosos que ela deitava ao grupo de homens ao seu redor. Tinha o bico recurvo entreaberto, pronta a vender caro a vida. Quando a quiseram examinar, afastou-se, mancando, saltitando numa perna e agitando a asa válida, procurando o ponto mais afastado do recinto, e se encostou à cera. Passou três meses seguidos sem sair do lugar. No começo, os presos iam visitá-la frequentemente, açulando contra ela o nosso Charik. O cão se atirava à águia com furor, mas temia evidentemente aproximar-se muito, o que divertia extraordinariamente os forçados. “Que animal!”, diziam. “Não é nenhum tolo!” Aos poucos, entretanto, Charik, curando-se do medo, começou a atormentar realmente a águia, segurando-a pela asa doente. A ave se defendia altiva e selvagemente com todas as forças, com o bico e as garras, como uma rainha ferida; encostada ao seu canto, fixava os curiosos que lhe chegavam perto. Enfim, cansaram-se dela, abandonaram-na, esqueceram-na. Contudo, diariamente se via no seu canto um pedaço de carne fresca e uma tigela de água: alguém ainda a cuidava. Durante alguns dias ela não quis se alimentar, depois aceitou a comida, mas nunca das mãos de ninguém, nem na presença de qualquer um. Mais de uma vez a observei de longe. Vendo

o vazio fazer-se ao seu redor, supondo-se sozinha, ela se resolvia a sair do seu canto, e saltitava dez passos ao longo da paliçada; voltava depois ao ponto de saída, como se estivesse fazendo um passeio higiênico. Assim que me avistava, corria, capengando, saltando como lhe era possível até o seu canto imutável. E, imediatamente, com a cabeça erguida, o bico aberto, a plumagem eriçada, preparava-se para o combate. Meus carinhos foram inúteis; não consegui amansá-la, ela bicava, debatia-se, recusava-se a tocar na carne que eu lhe estendia, e enquanto me mantinha inclinado sobre ela, não deixava de me fitar com seu olhar feroz e penetrante. Odienta e solitária, esperava a morte, todavia continuava a desafiar todo o mundo, a se manter inconciliável. Afinal, após dois meses de esquecimento, os forçados a recordaram; e a onda de simpatia revelou-se de maneira inesperada: resolveram carregá-la dali.

— Até parece conosco! — exclamou um dos presos.

— Ora, ora, descobriste isso sozinho? Mas a águia é uma ave, enquanto nós somos gente...

— A águia, irmãos, é a rainha das florestas... — foi começando Skuratov, contudo, daquela vez ninguém queria escutá-lo.

Uma tarde, quando o tambor rufava para a saída ao trabalho, seguraram a ave enferma, apertaram-lhe o bico com a mão, porque ela procurava debater-se e bicar, e a levaram até o bastião. Os doze forçados que formavam o grupo estavam curiosíssimos por ver aonde a águia iria. Coisa estranha: estavam tão satisfeitos quanto se eles próprios estivessem sendo soltos.

— Ó desgraçada, a gente lhe quer fazer um bem, e ela dá bicada! — disse o homem que segurava a águia, contemplando quase com amor a ave malévola.

— Solta-a, Mikitka!

— Nem o diabo a segurava! Essa precisa de liberdade, só quer liberdade!

Do alto do talude, atiraram a águia para a estepe. Era no fim do outono, o dia estava frio e nevoento. O vento soprava na estepe nua, e gemia através dos altos fetos e da erva ressequida. A águia pôs-se logo a andar, sacudindo a asa machucada, como se tivesse pressa em fugir tão longe quanto seus olhos alcançavam. Os forçados lhe seguiam curiosamente a cabeça que emergia acima do mato rasteiro.

— Hein! Olhem aqui! — exclamou um deles, pensativo.

— Nem se volta para trás! Nem uma vez se voltou para trás, irmãos, tanta pressa tem de fugir!

— Julgavas que ela havia de se virar para te dizer muito obrigada?

— Ela está sentindo o cheiro da liberdade, está farejando o céu!

— Sim, a liberdade!

— Perdeu-se de vista!

— Que é que vocês estão esperando? A caminho! — gritaram os soldados, e os

forçados todos se encaminharam em silêncio para o trabalho.

---

1) Diminutivo de gniedoi (baio). (N. T.)
2) O bode é considerado mascote nas cavalariças russas. (N. T.)

7

A QUEIXA

Começando este capítulo, o editor das memórias do falecido Alexandr Petrovitch Goriantchikov sente-se no dever de transmitir ao leitor a seguinte comunicação: no primeiro capítulo das Recordações da Casa dos Mortos foram feitas certas referências a um parricida de origem nobre; apareceu como exemplo de insensibilidade com que alguns forçados aludem aos crimes que perpetraram. Esse parricida, segundo o vimos, jamais confessou o assassinato, porém as narrativas das pessoas que conheciam minuciosamente toda a história do caso lhe estabeleciam a culpabilidade de modo tão irrefutável, que ninguém o poderia pôr em dúvida. Essas mesmas pessoas contaram ao autor das Recordações que o culpado era um indivíduo desregrado, crivado de dívidas, e matara o pai, aceso pela ânsia de herdar mais depressa. Aliás, toda a cidade natal do parricida era unânime em narrar a história, coisa de que o editor das Recordações se informou ampla e veridicamente. Enfim, o autor das Recordações afirmava que no presídio o assassino mantinha um bom humor constante, que se mostrava leviano, estouvado — mas nada tinha de tolo, e não se notava nele nenhuma crueldade especial. E então, o autor das

Recordações comentava: “E por isso eu não podia acreditar na sua culpabilidade!”

Há alguns dias, o editor das Recordações recebeu da Sibéria a notícia de que esse “parricida” tinha as mãos limpas de sangue e cumprira dez anos de pena no presídio sem os merecer. A própria justiça oficial proclamou-lhe a inocência; os verdadeiros assassinos foram descobertos e confessaram o crime; o infeliz foi solto. O editor não pôde pôr em dúvida a autenticidade dessa notícia. Mas é inútil discuti-la mais. Que adianta deplorar essa existência mutilada em plena juventude, por acusação tão horrenda! Que adianta alongarmo-nos sobre a profundidade trágica desse fato! Ele sozinho fala alto bastante e torna desnecessário insistir. Pensamos, entretanto, que se tais erros ocorrem, a sua simples possibilidade dá um novo e poderoso relevo às cenas da Casa dos Mortos.

Já disse que acabei afinal por me habituar à minha situação. Todavia esse “afinal” foi duro de atingir; exigiu-me quase um ano, o ano mais abominável da minha vida. E por isso esse ano se gravou em minha memória, nos seus detalhes mais íntimos. Parece-me que cada hora, uma atrás da outra, me deixou marca. Já contei aliás que nenhum forçado se poderia “habituar” àquela vida... Lembro-me que, no decorrer desse primeiro ano,

muitas vezes perguntei a mim mesmo: “E os outros, terão a alma tão calma quanto parece à primeira vista?” Essa questão me preocupava muito. Como já o mencionei, todos os forçados viviam ali não como em sua casa, mas como numa estalagem, como numa parada. Os próprios condenados à prisão perpétua, quer fossem agitados ou apáticos, sonhavam com qualquer coisa impossível, que, porém, lhes aconteceria. Essa contínua inquietação, simultaneamente dissimulada e perceptível, esse estranho, esse impaciente ardor de esperança que se traía involuntariamente e era tão quimérico que se assemelhava a um delírio — tudo tinha em si elementos bastantes para espantar até as pessoas mais práticas. Eram traços que davam àquele local um aspecto e um caráter excepcionais; eles constituíam talvez a sua maior originalidade. Sentia-se quase imediatamente que nada de semelhante existia alhures. Não havia ali senão sonhadores, e essa evidência, que saltava aos olhos, produzia sobre os nervos uma impressão tanto mais viva porque esse devaneio dava à maioria daqueles homens um ar de doentes morosos. A maioria, rabugentos e taciturnos até o ódio, não gostava de expor à luz do dia suas esperanças. Desprezavam a ingenuidade e a franqueza; o sonhador percebia que suas esperanças tocavam às raias do inacessível, mas não lograva renunciar a elas; sepultava-as no mais profundo recesso de si mesmo com uma teimosia e um pudor ferozes. Talvez se envergonhasse delas. Quem sabe lá? O temperamento russo é tão positivo, tão sóbrio em sua maneira de encarar as coisas, tão zombeteiro para com seus próprios defeitos!

A hostilidade, a irritação desses homens em suas relações cotidianas provinha provavelmente desse contínuo autodescontentamento. Se por exemplo um de nós, mais pueril ou mais impaciente, se punha repentinamente a descobrir seus sonhos, a proclamar o que todos pensavam em voz baixa, imediata e brutalmente o calavam, cobriam-no de apodos; mas tenho a certeza de que os seus perseguidores mais encarniçados eram justamente os que construíam a sós os mais insensatos castelos no ar. Já contei, aliás, que os indivíduos sinceros e simples de espírito eram considerados entre nós como sinistros imbecis, merecedores apenas de desprezo. Cada qual era suficientemente azedo, suficientemente suscetível para não odiar à primeira vista todo bom camarada desprovido de amor-próprio. Afora esses poucos tagarelas ingênuos e sem malícia, todo o resto dos galés — isto é, os de gênio reservado — se dividia claramente em duas categorias: os bons e os maus, os tristes e os alegres. Os tristes e maus formavam incontestavelmente o grupo maior; se entre eles se encontrava algum temperamento expansivo, trata-se sempre dum sórdido mexeriqueiro, um inquieto invejoso. Mas quanto mais se envolvia no que não era da sua conta, tanto mais recalcava dentro de si o que lhe dizia respeito pessoalmente, o que se referia à sua alma e às suas ideias secretas. Não era uso ninguém se expandir. Os bons — em número ínfimo — tinham modos tranquilos. Dissimulavam profundamente as suas esperanças, e, é claro,

tinham para o devaneio uma tendência muito mais forte que os maus. Devia também haver no presídio criaturas despojadas de qualquer esperança — como, por exemplo, o velho de Starodubov — porém eram em número muito diminuto. Apesar dos ares sossegados desse velho, compreendi entretanto, por certos indícios, que era horrível o seu estado de alma. Restava-lhe um consolo, um recurso: a prece, a ideia da mortificação. O leitor perpétuo da Bíblia, de quem já falei, um belo dia enlouqueceu e atirou um tijolo no major; deveria também ser um daqueles a quem a esperança abandonara. Como fosse impossível viver sem esperança, procurara a morte por intermédio desse martírio voluntário. Declarou que atacara o major sem ódio, simplesmente levado pelo desejo de sofrer. E quem sabe o trabalho que se processara em sua alma? Homem algum pode viver sem um alvo que se esforce por atingir; se não tem mais finalidade nem esperança, o desespero faz dele um monstro... A meta de todos nós era a libertação, a saída da fortaleza...

Estou tentando, neste momento, classificar em categorias o nosso presídio, mas a tarefa é impossível. A realidade é infinitamente diversa, escapa às engenhosas deduções do pensamento abstrato; não suporta nenhuma arregimentação precisa e estreita. A realidade tem tendência para o esfacelamento perpétuo, para a variedade infinita. Mesmo lá, entre nós, cada um mantinha a sua vida distinta, privada, ao lado da vida oficial, regulamentar.

Como já o contei parcialmente, logo à minha chegada eu não soube penetrar nas profundidades dessa vida interior, e por essa razão todas as suas manifestações me provocavam uma angústia indizível. Às vezes odiava aqueles seres que contudo sofriam tanto quanto eu. Acontecia-me até invejá-los, amaldiçoar minha sorte. Invejava-os porque, apesar de tudo, viviam entre si como camaradas, capazes de se compreenderem mutuamente; entretanto, na realidade todos se sentiam tão fatigados como eu, todos se sentiam enojados daquele companheirismo debaixo do açoite, daquela promiscuidade obrigatória; todos sentiam aversão uns pelos outros e não procuravam senão isolar-se. Repito-o ainda, esse ódio que me obsedava nos piores momentos tinha motivos legítimos: erramos quando pretendemos que os nobres, nas prisões, não sofrem tanto quanto os da plebe. Ouvi, ultimamente, sustentada essa afirmativa; li até artigos de imprensa defendendo-a. Mas o princípio “Todos os homens são iguais” (princípio aliás justo e generoso) é por demais abstrato. Perde de vista uma infinidade de fatos práticos, impossíveis de compreender quando nós mesmos não os provamos. Não vou querer afirmar que o homem de classe superior, o homem instruído, sinta as coisas mais intensamente, mais dolorosamente, pelo fato de ser mais desenvolvido. A alma e seu desenvolvimento não se medem por dados fixos. A própria instrução, nesses casos, não poderia servir de medida. Sou o primeiro a reconhecer que entre as pessoas menos instruídas, mais humildes, mais miseráveis, descobri traços do mais perfeito

desenvolvimento moral. Assim, pois, no presídio, conheci os mesmos homens durante vários anos. Desprezei-os, de início, não enxergando neles senão animais ferozes. E de repente, no momento mais inesperado, a alma desses homens involuntariamente se expandia. Revelava uma tão grande riqueza de sentimentos, tanta cordialidade, uma compreensão tão clara do próprio sofrimento e dos sofrimentos alheios, que nos primeiros instantes não acreditava nem nos meus olhos, nem nos meus ouvidos. O contrário também sucede: o homem cultivado desenvolve, às vezes, uma barbárie e um cinismo que nos provocam náuseas, e por mais indulgente, por mais prevenido que se esteja, não se poderia descobrir nele nem justificação nem desculpa.

Deixarei de parte a mudança de hábitos, de gênero de vida, de alimentação, que, para um homem de certo nível social, é infinitamente mais penosa que para um mujique. Este, na prisão, pelo menos come o bastante para satisfazer a fome. Não quero, porém, discutir a tal respeito. Embora essa bagatela não seja tão insignificante quanto se pensa, admitamos que não tenha nenhuma importância para um homem de força de vontade... Mas há uma espécie de sofrimento diante do qual tudo empalidece, de maneira que já não se atenta na sujeira infeta que nos rodeia, nem nas restrições que nos esmagam, nem na comida parca e repulsiva. Depois de trabalhar o dia inteiro, vertendo o suor do seu rosto como nunca o fez em liberdade, o mais efeminado entre os efeminados, o barine de mãos mais brancas, come sem reclamar o pão negro e a sopa fervilhante de baratas. A gente se habitua a tudo, como o recorda jocosamente a cantiga dos forçados sobre o ex-fidalgo cheio de mimos que cai no presídio:

“Dão-me couves com água,

“e eu nelas meto o dente...”

Não, o principal é que duas horas depois de entrar no presídio, o homem do povo, qualquer que seja ele, sente-se colocado no mesmo ponto que os outros: está em sua casa, tem os mesmos direitos que os seus companheiros, pertence à comunidade dos forçados. É compreendido por todos e a todos compreende, todos o reconhecem, todos o consideram um dos seus. Não acontece o mesmo com um homem de classe social superior. Por mais correto, bom, inteligente que seja, ver-se-á odiado e desprezado durante anos inteiros pelos galés em massa, que não o compreendem, e, coisa mais grave, nele não confiam. Não é nem seu amigo nem seu companheiro; e se, com o tempo, consegue afinal que não o molestem, nem por isso continua a ser menos estranho para os demais. Eterna e dolorosamente, tem que confessar a si mesmo que continua solitário, que é mantido para sempre segregado. O vácuo se faz ao seu redor, às vezes sem má intenção da parte dos presos. O novato não é da igualha deles — e é só. Nada mais horroroso que não se viver no próprio ambiente. Transplantado de Taganrog a Petropavlosk 1, o homem do povo encontrará imediatamente outros homens do povo com os quais depressa se há de entender e arranjar. Ao cabo de duas horas estará instalado

entre eles da forma mais pacífica, na mesma isbá ou sob a mesma tenda. Nada de semelhante acontece com um homem educado. Um abismo profundo o separa do homem da plebe; isso se observa amplamente quando ele perde os seus direitos primitivos, e quando entra efetivamente nas fileiras do povo. E mesmo que durante a vida inteira tenha o barine frequentado os mujiques, mesmo que durante quarenta anos tenha estado em contato com eles, ou como funcionário, ou pelo simples desejo de conviver, de obsequiar, jamais os conhecerá a fundo: tudo será apenas ilusão de ótica. Sei muito bem que alguns leitores destas linhas pretenderão que estou exagerando, mas sei que tenho razão. Minha certeza não se baseia em livros ou em teorias; baseia-se em fatos e já tive tempo suficiente para a comprovar. Talvez mais tarde se reconheça o fundamento destas afirmativas...

Como um fato proposital, os acontecimentos confirmaram minhas observações feitas logo aos primeiros dias, e agiram cruelmente sobre os meus nervos. Durante o primeiro verão não fiz senão vaguear, e quase sempre só. Meu estado de espírito não me permitia apreciar, nem mesmo distinguir os forçados que mais tarde se afeiçoaram a mim, e que, entretanto, jamais me trataram em pé de igualdade. Alguns dos meus companheiros haviam, como eu, pertencido às classes superiores, mas seu convívio não me atraía. Eu não queria ver ninguém, nem podia fugir para lugar nenhum. Vou citar como exemplo um incidente que me fez compreender logo toda a estranheza, toda a solidão em que eu caíra. No mês de agosto desse verão, por um dia claro e quente, lá pela uma hora da tarde, quando de hábito a gente fazia a sesta antes de voltar ao trabalho, os forçados se levantaram repentinamente, todos a um só tempo, e se reuniram no pátio. Eu até então nada percebera de anormal. Aliás, nessa época, andava, às vezes, tão profundamente mergulhado nos meus pensamentos que não prestava atenção alguma ao que me cercava. Contudo, havia já três dias o presídio se agitava intensamente. Essa agitação era aliás muito mais antiga, segundo depois o descobri, recordando trechos de conversa, o mau humor evidente dos forçados, a irritação crescente de que davam provas. Eu atribuía isso ao trabalho por demais penoso, aos longos dias esmagadores da estação quente, aos sonhos involuntários de vagabundagem na floresta, em liberdade, às noites curtas durante as quais não podíamos satisfazer o sono. Todas essas causas talvez, reunidas, provocaram uma explosão súbita, cujo pretexto foi a má alimentação. Fazia algum tempo já que os homens se queixavam em voz alta, reclamavam pelas casernas, sobretudo à volta das cozinhas depois do jantar e da ceia, descontentes com as "cozinheiras": tinham até tentado trocar um deles, mas foi preciso demitir imediatamente o novato e voltar ao antigo. Em suma, o mau humor era geral.

— A gente trabalha de morrer, e só nos dão porcarias — resmungava um, nas cozinhas.

— Se a gororoba não te agrada, encomenda manjar-branco! — pilheriava um

outro.

— Não há nada melhor do que couve com sebo, irmãos! — observava um terceiro.

— E se te dessem couves com sebo a vida inteira, continuarias gostando?

— É verdade, bem que podíamos comer um pedaço de carne — comentou um quarto preso. — A gente se estrompa trabalhando na fábrica, e quando chega precisa pôr um bocado na boca.

Essa porcaria não é comida!

— E quando não é sebo que nos dão, são miúdos.

— Sim, ou sebo ou miúdos. A boia é só isso. Será justo?

— É uma imundície!

— E o cachorro vai enchendo o bolso!

— Não tens nada com isso!

— E por que não? A barriga é minha! Se fizermos queixa, todos ao mesmo tempo, hão de ver!

— Fizermos queixa?

— Isso mesmo!

— Está-se vendo que ainda não apanhaste bastante por causa de queixas, cretino!

— É isso — rezingou um outro que até então se mantivera em silêncio. — Quem muito quer, tudo perde. Que é que pretendes dizer, já que és tão esperto? Pois fala tu, anda!

— É claro que falo. Se todos forem comigo, eu falo. Quem é pobre, sofre! Aqui tem gente que enche a barriga do bom e do melhor, enquanto a tripa dos pobres ronca.

— Sujeito invejoso! Vive de olho comprido na comida dos outros!

— Ninguém ponha o olho no prato alheio, acorde cedo e cozinhe o seu!

— Ora bolas! Nós dois poderíamos discutir isso até ficar de cabeça branca! Quem te vê, fica pensando que és rico!

— Sim, rico como Ierochka que tem um cachorro e um gato!

— É verdade, irmãos, que é que a gente espera? Já chega de passar mal! Estão nos tirando o couro e o cabelo! Por que não vamos falar?

— Para quê? Pensas que “Oito-Olhos” vai te meter bons bocadinhos no bico? Não, meu velho, lambe os beiços. Lembra-te que estamos no presídio — e o resto é fumaça.

— É sempre o mesmo: Deus mata de fome o pobre e engorda o voivoda.

— Isso mesmo. “Oito-Olhos” está engordando. Comprou uma parelha de cavalos ruços.

— E beber não lhe agrada, hein?

— Faz dias que ele e o veterinário não se apartam dum baralho.

— Passaram a noite jogando. E durante mais de duas horas o major não teve um trunfo na mão!

— Não admira então que a gente só tenha sopa de sebo!

— Bando de idiotas! Se não estivessem aí, de boca aberta, outro galo nos cantaria!

— Mas se formos lá, todos juntos, vamos ver que é que ele diz. Vamos, vamos de uma vez.

— E que é que o major vai dizer? Tens vontade de levar um murro nas ventas?

— E ir novamente a julgamento?

A agitação ia pois em crescendo. Naquele momento, com efeito, a comida andava pavorosa. Tudo, aliás, concorria para provocar a explosão; a angústia surda, o secreto sofrimento perpétuo enchiam as medidas. Os forçados, por natureza, são rixentos e rebeldes, mas as revoltas em massa são raras no presídio, devido ao eterno desacordo entre os homens. E isso, todos o sentiam muito bem; eis por que havia entre nós mais palavras que atos. Entretanto, dessa vez, a agitação teve consequências. Começaram a se reunir em grupos, puseram-se a discutir nas casernas, a reclamar, a recapitular com ódio toda a administração do major, a sondá-la a fundo até o âmago. Alguns, principalmente, se agitavam muito. Nas questões desse gênero, tanto nas prisões como nas corporações operárias, ou nos destacamentos de soldado, etc., há sempre instigadores, caudilhos, indivíduos em geral curiosíssimos, e pertencentes todos a um tipo idêntico. São almas ardentes, ávidas de justiça — uma justiça da qual esperam o mais ingenuamente, o mais honestamente possível, uma aplicação absoluta, infalível, sobretudo imediata. Não têm nada de tolos; são, às vezes, até muito mais inteligentes que os demais, porém sofrem dum ardor excessivo, que não lhes consente agir com astúcia e prudência. Se, nos casos desse gênero, se encontram sempre homens que sabem dirigir a massa e resolver tudo bem, é porque eles pertencem a outro tipo de chefes populares muito raros entre nós. Porém, esses de quem estou falando agora, esses instigadores de “queixas” perdem quase sempre a partida e vão encher as cadeias e os presídios. A impetuosidade deles os perde, quando lhes dá influência sobre as massas. São de boa mente acompanhados. Seu ardor, sua honesta indignação agem sobre todos; e até mesmo os mais irresolutos os acompanham. Sua fé cega no êxito seduz até os mais empedernidos céticos, embora frequentemente essa fé tenha bases tão pouco firmes, tão infantis que a gente pergunta a si própria como foi que ela os pôde inspirar. O segredo da sua influência está em marcharem à frente e não terem medo de nada. Avançam como touros, cabeça baixa, defesas para cima, sem saberem sequer do que se trata, sem o jesuitismo prático graças ao qual o mais vil, o mais repugnante dos homens às vezes tem ganho de causa e sai da chuva sem se molhar. E, desse modo, quebram infalivelmente a cabeça. Na vida cotidiana, essa espécie de gente é biliosa, de difícil convivência, irritadiça, intolerante, e, na maioria muito obtusa — o que, aliás, é um dos fatores da sua força. O mais lamentável é que, às vezes, em lugar de se encaminharem diretamente à meta, se precipitam para os lados: esquecem o essencial para se prenderem às minúcias, e por isso se perdem.

Entretanto são compreendidos pela massa, e é essa a sua força...

É preciso dizer algumas palavras sobre a significação do termo “queixas”.

Alguns dos nossos forçados tinham justamente sido condenados por um caso dessa espécie: eram os mais excitáveis, sobretudo um deles, Martynov, antigo hussardo, homem ardoroso, inquieto, desconfiado, embora honesto e de boa-fé. Citarei ainda um outro, Vassili Antonov, indivíduo que a sangue frio exibia um olhar sarcástico, um sorriso altivo — muito esperto, aliás, mas igualmente correto. Não os posso citar todos, infelizmente, pois eram numerosíssimos. Petrov ia e vinha, escutando os grupos sem falar muito, mas provavelmente animadíssimo, pois foi ele o primeiro a vir para fora da caserna quando começaram a se reunir os presos.

Nosso suboficial, que desempenhava as funções de sargento-major 2, chegou logo muito preocupado. Uma vez formados, os galés delicadamente lhe solicitaram o favor de dizer ao major que o “presídio” lhe desejava falar e pedir algumas explicações. Por trás do suboficial, puseram-se em fila todos os inválidos, defronte aos forçados. O recado dado ao sargento era tão extraordinário que o encheu de espanto. Mas era-lhe impossível deixar de imediatamente relatar os fatos ao major. Em primeiro lugar, se o presídio se rebelasse, poder-se-ia esperar tudo, e ademais os nossos chefes eram bastante poltrões, quando se tratava de enfrentar os presos. Em segundo lugar, se nada se passava de grave, se dentro em pouco os detentos mudassem de ideia e se dispersassem, o suboficial continuava do mesmo modo obrigado a redigir seu relatório. Muito pálido e tremendo de medo, ele se precipitou para a casa do major, sem fazer interrogatórios, sem discutir com os presos. Compreendera que não era com ele que queriam “falar”.

Ignorando do que se tratava, coloquei-me também em fila. Só mais tarde soube das minúcias do caso. Naquele momento, pensava que iam proceder a qualquer chamada; não vendo, porém, os soldados que de ordinário se encarregavam disso, admirei-me e pus-me a espiar ao meu redor. Notei que muitos me olhavam com grande surpresa, mas se afastavam sem dizer palavra. Não podiam acreditar que eu também tivesse queixas a articular. Entretanto, logo depois, quase todos que me cercavam fixaram em mim um olhar interrogador.

— Que fazes aí? — perguntou-me à distância, em voz alta e em tom grosseiro, Vassili Antonov, e que até então sempre me tratara por “senhor” e com grande cortesia.

Olhei-o, perplexo, procurando perceber o que significava aquilo, já adivinhando, contudo, que se passava qualquer coisa de anormal.

— Sim, é verdade, que fazes aqui? Volta para o alojamento — falou-me um sossegado rapaz da seção militar, que eu até então não conhecia. — Não tens nada que fazer junto de nós.

— Mas estão todos formados! — respondi. — Não vão fazer chamada?

— Vejam! Aquele também saiu da toca! — gritou alguém.

— Nariz de ferro! — bradou outro.

— Papa-moscas — berrou um terceiro, com inexprimível desprezo. Esse novo dito provocou risadas gerais.

— Vai para a cozinha — acrescentou um.

— Estes onde quer que estejam estão muito bem. Aqui no presídio, papam pão doce e leitão de forno. Não comes separado? Que estás fazendo aqui?

— Aqui não é o seu lugar — atalhou em tom amistoso Kulikov. E, tomando-me o braço, me fez sair da fila.

Estava muito pálido, os seus olhos pretos faiscavam, e mordia o lábio inferior. Decerto não esperava o major a sangue frio. Eu gostava muito de o olhar nessas emergências, pois então revelava-se todo.

Estava representando como num palco, mas agia. Creio que iria para o suplício com a elegância de um grão-senhor. Naqueles momentos em que todos me tratavam por tu e me insultavam, ele se esforçava em redobrar de gentilezas para comigo. Ao mesmo tempo, as suas palavras eram tão firmes, tão altivamente resolutas, que não toleravam réplica.

— Estamos aqui para tratar das nossas coisas, Alexandr Petrovitch, o senhor não tem nada com isso. Afaste-se, vá esperar onde quiser. Olhe, os seus colegas estão na cozinha, vá para lá!

— Estão no quentinho, lá dentro!

Pela janela entreaberta da cozinha vi realmente os polacos e, segundo me pareceu, muita gente com eles. Completamente desconcertado, fui para lá. As risadas, as injúrias, os estalidos com a língua (que no presídio substituem os assobios), acompanharam-me.

— Não agradou ao barine! Tiu-tiu-tiu! Anda, agarra!

Jamais, até então, fora tão gravemente ofendido pelos forçados; e, daquela vez, a coisa me feriu profundamente. É que eu surgira num momento crítico. Na entrada da cozinha, encontrei T–ski, um jovem fidalgo sem grande instrução, mas de caráter firme e generoso — o mesmo que era cegamente dedicado a B. Os forçados abriam uma exceção a seu favor, e quase se pode dizer que lhe queriam bem. Cada um dos gestos daquele moço denotava bravura, coragem, vigor.

— Que foi, Goriantchikov? Venha cá! — gritou ele.

— Mas que é que há?

— Querem se queixar, não sabia? Aliás, não vão conseguir nada; quem acredita em forçados?O major manda procurar os instigadores, e se estivermos entre eles, será sobre nós que há de recair a culpa. Lembre-se do que nos trouxe para cá. Eles serão apenas fustigados, mas nós seremos levados a julgamento. “Oito-Olhos” nos odeia e ficará satisfeito se nos desgraçar. Seremos a sua justificação.

— E os “colegas” serão os primeiros a nos entregar de pés e mãos atados —

acrescentou M–cki, quando entramos na cozinha.

— Claro, não terão dó nem piedade — confirmou T–ski.

Além dos nobres, uns trinta presos se haviam refugiado nas cozinhas: uns, covardes demais para queixas, outros, convencidos da inutilidade da medida. Estava lá Akim Akimitch, inimigo fidalgal de qualquer manifestação contrária à boa ordem e à disciplina; esperava sem dizer palavra, numa calma absoluta, tão pouco o preocupava o desenlace do caso, convicto do triunfo inevitável da ordem e da autoridade. Com a cabeça baixa e muito inquieto, Isai Fomitch escutava com avidez medrosa as nossas conversas. Todos os rústicos polacos haviam considerado bom agruparem-se em torno dos seus fidalgos. Alguns forçados russos, tímidos — gente apática, silenciosa, deprimida, que não ousava tomar parte em nada — esperavam com angústia o resultado da reclamação. Entre eles via-se certo número de indivíduos de gênio tristonho e grave; alimentavam a obstinada certeza de que o caso não levaria a nada, que dele só sairia mal. Contudo, embora convencidos de que suas previsões quanto ao resultado da queixa se confirmariam (o que os fatos corroboraram), sentiam-se constrangidos e pareceu-me que o seu olhar carecia de segurança. Consideravam-se renegados que haviam traído a corporação, e vendido os seus companheiros ao major. Entre eles distinguia-se Iolkine, aquele astuto mujique siberiano, condenado como moedeiro falso e que roubara a clientela de Kulikov. Vi também o "velho crente" de Starodubov. Nenhuma das "cozinheiras" se mexera; julgavam decerto que, pertencendo à administração, não poderiam tomar partido contra ela.

— Entretanto — disse eu dirigindo-me embaraçado a M–cki — fora estes, todos estão lá.– Sim, mas que temos nós com isso? — rosnou B.

— Arriscaríamos muito mais que eles, indo para lá; e com que fim? Je hais ces brigands3 — ajuntou M–cki em francês. Você acha que a reivindicação deles dará em alguma coisa? Vão se complicar — é só o que lucrarão.

— É verdade, disso não vai sair nada de bom — apoiou um dos outros forçados, um velho de gênio azedo e teimoso.

Almazov, que também estava entre nós, apressou-se em concordar veementemente.

— É! Uns cinquenta pelo menos irão para as varas — declarou.

— Está aí o major! — gritou alguém, e todos se precipitaram para as janelas.

O major acorria, furioso, desesperado, rubro, com os óculos na cara. Sem uma palavra, porém decidido, avançou até perto dos homens enfileirados. Nesses casos sua bravura era real, e não lhe faltava presença de espírito. Aliás, estava quase sempre embriagado. Até mesmo o seu gorro sebento, com barra alaranjada, e as dragonas de prata tinham naquele instante qualquer coisa de sinistro. Seguia-o o furriel Diatlov, personagem extremamente importante, que dirigia tudo no presídio, e tinha mais

influência que o próprio major. Era um velhaco mas sem maldades, e os forçados sentiam-se satisfeitos com ele. Atrás de Diatlov vinha o nosso sargento, que decerto levara uma boa ensaboadela, e esperava outra, dez vezes pior. Três ou quatro soldados os seguiam. Os presos, que estavam de cabeça descoberta desde o momento em que haviam mandado chamar o major, endireitaram-se rapidamente, enrijaram-se nas pernas, depois se imobilizaram, aguardando a primeira palavra, ou melhor, o primeiro grito do chefe.

Não tiveram que esperar muito: já à segunda sílaba o major berrava como um possesso; sibilava, tão grande era o seu furor. Da janela, podíamos vê-lo correr ao longo da fila, atirar-se para a frente, interrogar. Estávamos entretanto afastados demais para lhe entender as perguntas, bem como as réplicas dos forçados. Escutávamos-lhe apenas o gritar, com voz estridente:

— Uma rebelião!... Às varas... os cabeças! Tu que és cabeça disso, tu! — uivou, atirando-se a um homem.

Não se ouviu a resposta. Mas ao cabo dum momento vimos um forçado deixar a fileira e sair para o corpo da guarda. Um instante após um outro o seguiu, depois um terceiro.

— Todos a julgamento!... Eu... E que está havendo na cozinha? — silvou ele, avistando-nos através das janelas abertas. — Todos aqui! Tragam-me todos!

O furriel Diatlov veio até a cozinha. Alguns dos nossos lhe declararam que não tinham queixa nenhuma a formular. Ele se afastou imediatamente, a fim de dar parte ao major.

— Ah, esses não têm nada que dizer! — comentou o chefe, em voz baixa, evidentemente satisfeito. — Não faz mal, todos aqui!

Saímos. Vi que sentíamos alguma vergonha ao fazê-lo, pois estávamos todos de cabeça baixa.

— Prokofiev! Iolkine e tu, Almazov... por aqui, por aqui, reúnam-se! — ordenou o nosso tirano em voz arquejante mas abrandada, fitando-nos com ternura. — M–cki, tu também. Anda, toma nota dos nomes, Diatlov! Toma nota já dos nomes dos indivíduos satisfeitos, e os nomes dos descontentes, todos os nomes, até o último, e me dá a lista... Vou levá-los todos a conselho de guerra... Vou mostrar do que sou capaz, seus crápulas!...

A lista produziu o seu efeito.

— Nós estamos satisfeitos! — gritou um dos descontentes, mas em voz sombria e incerta.

— Ah, ah! Satisfeito! Quem mais está satisfeito? Quem estiver satisfeito que avance!

— Satisfeito, satisfeito! — bradaram algumas vozes.

— Satisfeitos? Quer dizer que foram açulados por alguém? Quer dizer que têm entre si cabeças, rebeldes? Pior para eles!

— Senhor, que significa isso! — exclamou uma voz, no meio dos homens.

— Quem gritou? Quem foi? — rugiu o major, precipitando-se para o lado de onde saíra a voz. — Foste tu que gritaste, Rastorguiev? Para o corpo da guarda!

Rastorguiev, um moço gorducho, saiu da fila e entrou lentamente no corpo da guarda. Não fora ele que gritara, mas como o major o havia designado, não ousou contradizer.

— Estão rebentando de gordos, por isso reclamam! — urrou “Oito-Olhos”, erguendo-se nos tacões das botas. — Olhem esse focinho roliço: não se lhe dá a volta em três dias! Hei de apanhá-los todos! Saiam os que estão satisfeitos!

— Satisfeitos, Excelência — articularam algumas dezenas de vozes surdas. O resto manteve um silêncio obstinado. Todavia o major nada mais desejava. O que melhor lhe convinha era liquidar esse negócio o mais rapidamente possível.

— Ah, agora todos estão satisfeitos! — disse ele às pressas. — Eu bem que o sabia. A culpa é dos cabeças... Claro que há cabeças de motim entre eles — continuou dirigindo-se a Diatlov. — Temos que descobri-los todos! E agora... agora está na hora do trabalho! Tambor, toca!

Ele próprio assistiu à formação dos grupos. Tristemente, em silêncio, os forçados partiram para o trabalho, felizes pelo menos em fugir ao olhar terrível do chefe. Depois da partida dos pelotões, o major se dirigiu vagarosamente para o corpo da guarda onde tomou suas medidas contra as cabeças, medidas aliás não muito cruéis. Contaram mais tarde que um deles, que pediu perdão, foi desculpado imediatamente. O major, ou tinha pressa, ou não se sentia muito seguro. Quem sabe não estava com medo? Uma reivindicação é sempre coisa espinhosa. A falar verdade, a queixa dos forçados não poderia equivaler a uma reivindicação, porque fora dirigida não à administração superior, mas ao próprio major. Nem por isso, contudo, deixava de ser desagradável, devido à unanimidade dos descontentes. Era preciso pois abafar a coisa, a qualquer preço. Depressa soltaram os cabeças. Logo a comida foi melhorada — infelizmente por muito pouco tempo! Nos dias seguintes o major veio com mais frequência inspecionar o presídio, e também mais frequentemente encontrou desordens a reprimir. Nosso sargento ia e vinha, preocupado, desorientado, como se persistisse no seu estupor. Quanto aos forçados, custaram a se aquietar; entretanto, a agitação silenciosa deles não se parecia com a dos primeiros dias; mas o seu silêncio não traía menos inquietação e embaraço. Alguns se mantinham de cabeça baixa. Alguns resmungavam e aludiam involuntariamente ao caso. A maioria zombava amargamente uns dos outros, como para se punirem do motim.

— Toma, mano velho, toma, come! — debochava por exemplo um deles.

— Quem semeia ventos colhe tempestades!

— Onde está o rato que amarrava o chocalho no rabo do gato? — insinuava um

terceiro.

— Nós cá somos convencidos a poder de vara — todo o mundo sabe disso. Foi sorte que ele não nos mandasse açoitar a todos!

— Se a gente soubesse as coisas adiantado, falaria menos e se portaria melhor! — observou um outro, não sem azedume.

— Queres dar alguma lição? Olha o professor!

— Isso mesmo, quero te dar uma lição!

— Antes disso, podes me dizer de onde vens?

— Posso te dizer que eu, eu sou um homem, e tu o que és?

— Um osso de cachorro, é o que és!

— Osso de cachorro és tu!

— Basta, basta, já berraram demais! — gritavam vozes de todos os lados, acalmando os rixentos.

No mesmo dia da queixa, ao voltar do trabalho, encontrei Petrov, por trás das casernas. Ele já me procurava. Aproximando-se de mim, resmungou duas ou três exclamações incompreensíveis, depois calou-se com ar embaraçado, e pôs-se a caminhar ao meu lado, maquinalmente. Todo o caso ainda me pesava com força sobre o coração, parecia-me que Petrov me poderia dar certas explicações.

— Conta, Petrov, vocês não estão com raiva de nós?

— Raiva de quem? — perguntou ele como se acordasse de súbito.

— Vocês, detentos, de nós, os nobres!

— E por que lhes haveríamos de querer mal?

— Porque não os acompanhamos na queixa!

— E por que nos haviam de acompanhar? — replicou esforçando-se por entender-me. — Vocês comem separado!

— Ora, ora! Há muitos de vocês que comem separado e que, entretanto, se amotinaram. E nós deveríamos também... por companheirismo...

— Ora! Como é que vocês poderiam ser nossos companheiros? — indagou Petrov muitíssimo surpreso.

Atirei-lhe um rápido olhar. Ele decididamente não me compreendia, não ia até onde eu queria chegar. Em compensação, eu o compreendia perfeitamente. Pela primeira vez, uma ideia que me perseguia há muito, sem conseguir tomar corpo, se precisava no meu pensamento. Inteirei-me duma coisa da qual até então tivera apenas uma intuição confusa; compreendi que jamais os forçados me considerariam um companheiro, mesmo que eu passasse ali o resto da vida, mesmo que pertencesse à seção especial. A expressão que se pintou no rosto de Petrov, quando ele me disse: “Como é que vocês poderiam ser nossos companheiros?”, essa expressão me ficou gravada na lembrança. Havia nela tão franca ingenuidade, tão singela surpresa, que perguntei a mim mesmo se não

dissimulava a ironia, o ódio, o escárnio. Mas não: — eu não era companheiro deles, e nada mais! “Segue teu caminho, que eu sigo o meu; trata dos teus negócios, que eu trato dos meus.”

Com efeito, pensei que depois da queixa eles se pusessem todos a nos mortificar, a nos tornar a vida impossível. Não houve, porém, a mínima injúria, a menor censura, nenhuma animosidade especial. Continuaram a nos debicar de bom humor, quando se apresentava ocasião. Não guardaram rancor nem aos que se mantiveram afastados, nem aos que em primeiro lugar se haviam proclamado satisfeitos. Ninguém mesmo deu palavra a tal respeito.

E era principalmente esse silêncio que me deixava atônito.

---

1) Taganrog fica às margens do mar de Azov, cerca de dois mil quilômetros de Petropavlosk, na Sibéria ocidental. (N. T.)

2) Atualmente, o sargento encarregado da contabilidade. (N. T.)

3) “Odeio estes bandidos”; em francês no original. (N. T.)

8

COMPANHEIROS

Entre os companheiros, os que a princípio mais me atraíam eram, é claro, os meus iguais — os nobres. Porém, entre os três representantes da nobreza russa que se encontravam no presídio — Akim Akimitch, o espião A. e o outro, condenado como parricida — travei amizade apenas com Akim Akimitch. A falar franco, só o procurava em desespero de causa, nos momentos mais angustiosos de tédio, quando supunha não me poder entender com ninguém mais. Tentei, nos capítulos anteriores, dividir os forçados em categorias, mas, ao recordar-me de Akim Akimitch, creio dever acrescentar uma categoria, a qual, aliás, ele preencherá sozinho: é a dos forçados indiferentes, aqueles aos quais pouco importar viver em liberdade ou no presídio. Essa espécie de criaturas não poderia existir entre nós, senão na qualidade de exceção. Akim Akimitch, pois, constituía ele só a exceção: instalara-se no presídio como se devesse passar ali toda a existência. Tudo que o cercava, o colchão, o travesseiro, os utensílios, estava sólida e cuidadosamente arrumado, para sempre; nada sugeria uma vida provisória, de acampamento. Akim Akimitch deveria passar ainda muitos anos no presídio, mas creio que nunca sonhou com a libertação. Entretanto, se se acomodara à realidade, era menos por bom coração que por espírito de disciplina — o que para ele dava no mesmo. Esse bom sujeito me amparou, de início; encheu-me de conselhos, prestou-me grandes serviços, mas algumas vezes, confesso-o, me provocava um aborrecimento profundo; agravava, com a sua presença, a minha desmedida tendência para a angústia, essa mesma angústia que procurava esquecer, quando dele me aproximava. Havia momentos em que eu tinha sede de ouvir palavras vivas, mesmo rudes, mesmo impacientes, mesmo duras; poderíamos desabafar juntos sobre a desgraça do nosso destino; ele, porém, calava-se e fazia-se indiferente, ou então narrava minuciosamente a revista militar que tinha sido feita no ano tal, citava os nomes e o sobrenome do chefe de divisão, narrava a satisfação ou o descontentamento testemunhado por esse personagem, discriminava as continências trocadas. Tudo isso em voz igual, monótona, como água que escorre gota a gota. Animava-se só um pouquinho mais quando me contava que, em retribuição ao papel por ele desempenhado em não sei que acontecimento, no Cáucaso, julgaram-no digno de receber a condecoração de Santa Ana. Nesse minuto, sua voz se tornava extraordinariamente grave e séria: baixava-a uma oitava, e assumia um ar misterioso para dizer: “Santa Ana”. Então, durante pelo menos três minutos, guardava severo silêncio.

Durante o primeiro ano passei por instantes absurdos em que, de chofre, eu odiava quase, e sem o menor motivo, o coitado Akim Akimitch; e, então, amaldiçoava em silêncio a má sorte que nos fizera dormir vizinhos, na mesma tarimba. Passada uma hora, envergonhava-me dessa irritação. Aliás, só a sofri no primeiro ano. Depois acostumei-me ao gênio de Akim Akimitch e deixei de sofrer dos antigos acessos de loucura. Acho que nunca brigamos abertamente.

Além desses três russos, tive como companheiros de infortúnio mais oito fidalgos — todos polacos. Travei relações muito agradáveis com alguns deles, mas não com todos. Os melhores eram doentios, exigentes, impacientes ao mais alto grau. Com dois desses acabei rompendo definitivamente relações. Três, apenas, eram realmente pessoas de instrução: B–ski, M–cki e o velho J–ki, outrora professor de Matemática, ótimo velho, muito original e muito pouco inteligente, apesar do seu saber. M–cki e B–ski eram inteiramente diversos um do outro. Com M– cki eu me entendi logo de início, e nunca trocamos uma palavra mais áspera; estimava-o muito, mas quanto a lhe querer bem, a me afeiçoar a ele, disso nunca fui capaz. Profundamente azedo e desconfiado, ele conservava contudo um grande domínio sobre si próprio. Esse controle proposital — talvez excessivamente proposital — era justamente o que me desagradava: sentia-se que jamais, por amor de ninguém, ele poria sua alma a nu. Entretanto, talvez eu me engane, pois ele tinha uma natureza forte e nobre... Sua habilidade extraordinária, talvez um pouco jesuítica, sua reserva nas relações com os outros, traíam um profundo ceticismo. Todavia aquele cético mantinha uma fé inabalável em certas convicções, em certas esperanças. Essa dualidade representava o seu tormento. Apesar do seu tato, vivia em guerra aberta com M–cki e T–ski. B– ski era doente, predisposto à tísica, irritadiço, nervoso, porém, no fundo, generoso e bom. Sua irritabilidade o tornava, às vezes, tão caprichoso quanto uma criança. Não me pude acostumar ao seu gênio, e afastei-me de B–ski, sem contudo deixar de o apreciar. Com M–cki, jamais tive um rompimento às claras, mas não gostava dele. Por causa de B–ski afastei-me também de T–ski, aquele rapaz de quem já falei no capítulo precedente, a propósito da nossa queixa. Isso me aborreceu muito, porque T–ski, embora de instrução precária, era valente, generoso, encantador. Adorava B–ski, venerava-o tanto, que todos os que com ele rompiam, tornavam-se automaticamente seus inimigos. Separou-se também de M–cki, mas dificilmente se resolveu a isso. Devo notar que todos aqueles homens tinham o moral enfermo, o gênio amargo, o temperamento sombrio. E isso se concebe: o presídio era para eles mais penoso que para nós. Estavam muito longe da pátria, alguns haviam sido deportados por muito tempo, dez, doze anos. E, coisa mais grave, vencidos por um preconceito indestrutível, não viam nos forçados senão animais ferozes, e não podiam nem lhes queriam reconhecer nenhum sinal de humanidade. Coisa compreensível também: o seu destino, à força das circunstâncias, os levava por esse caminho; o sofrimento os sufocava. Afáveis com os circassianos, os tártaros, com Isai

Fomitch, fugiam com horror de todos os demais detentos. Só o velho crente de Starodubov lhes conquistara a estima. Entretanto — coisa notável — durante todo o meu tempo de presídio, nunca nenhum dos outros presos lhes censurou a origem, nem a religião, nem as convicções, como o faz frequentemente o nosso povo nas suas relações com estrangeiros, sobretudo com alemães, vítimas principais de zombarias. Nossos forçados mostravam muito mais respeito pelos polacos que por nós, russos; raramente lhes atiravam remoques, coisa em que aliás os polacos não se dignavam reparar.

Mas voltemos a T–ski. Fora ele quem, por ocasião da sua transferência para o nosso presídio, carregara nos braços durante quase toda a noite o seu amigo B–ski, de saúde e constituição débeis, extenuado ao cabo de meia jornada. O lugar para onde os deportavam fora a princípio U–gorsk 1 onde, segundo contavam, viviam bem, pelo menos muitíssimo melhor que entre nós.

Como, porém, tinham iniciado correspondência — aliás inocentíssima — com exilados de outra cidade, as autoridades julgaram necessário transferir os três para a vigilância direta do nosso comandante superior. Até à chegada deles, M–cki vivera só; quanto não devera ter sofrido, durante esse primeiro ano de deportação!

Todos os nossos presos políticos eram jovens. Apenas J–ki, aquele velho de quem já falei, que vivia eternamente a rezar, chegava aos cinquenta anos. Esse homem, decerto honradíssimo, mostrava algumas singularidades. Seus companheiros B–ski e T–ski não o apreciavam; não lhe falavam quase nunca, apodavam-no de teimoso e ferino. Não sei até que ponto tinham razão. Um presídio, como qualquer outro lugar onde as pessoas estão reunidas à força, e não espontaneamente, parece-me lugar adequado ao nascimento de questões e ódio; muitas causas para isso concorrem. Aliás, J–ki realmente era pessoa de espírito obtuso, desagradável; nenhum dos companheiros com ele se entendia. Nunca brigamos, porém nossas relações nunca foram íntimas. Devia ser bom matemático. Lembro-me que um dia se esforçou, na sua língua semirrussa, por me explicar um sistema astronômico de sua invenção. Disseram-me que outrora ele imprimira uma obra sobre esse assunto, mas que todo o mundo científico o levara na troça. Talvez tivesse o juízo um pouco incerto. Passava dias inteiros a orar, de joelhos, o que lhe conquistara o respeito de todo o presídio, respeito que conservou até a morte, pois morreu no nosso hospital, sob minhas vistas, ao fim de tormentosa moléstia. Conquistara a veneração dos forçados logo no dia da sua chegada, devido a uma história que houve entre ele e “Oito-Olhos”. Durante a viagem entre U-gorsk e nossa fortaleza, não haviam raspado a cabeça nem a cara dos deportados; a barba lhes crescera, e como foram levados diretamente para o major, este, ao vê-los, enfureceu-se ante aquela ignominiosa infração à disciplina, da qual entretanto eram todos inocentes.

— Olha essas caras! — rugiu o chefe. — Parecem vagabundos, bandoleiros!

Por essa época, J–ki ainda compreendia o russo muito mal, pensou que lhe

perguntavam:

“Quem são vocês?” e respondeu:

— Não somos vagabundos, somos deportados políticos.

— O quê? Ainda vens com insolência? — berrou o major. — Para o corpo da guarda! Cem vergastadas!

Fustigaram o velho. Ele se estirou sob as varas, mordeu a mão, e recebeu o castigo sem um grito, sem ao menos se mover. Nesse ínterim, B–ski e T–ski chegavam à caserna. M–cki os esperava à porta. Apertou-os nos braços, embora jamais os houvesse visto. Revoltados com a recepção do major, eles lhe contaram o que acontecera a J–ki. Ouço ainda M–cki a me narrar a história: “Eu estava fora de mim; já não me continha mais, de tanta fúria; tremia de febre. Fui esperar J–ki à entrada; deveria voltar diretamente do corpo da guarda, onde estava sendo fustigado. De repente, abriram a porta. Sem olhar para ninguém, J–ki, descoberto, os lábios pálidos e trêmulos, passou diante dos presos que estavam no pátio e que já sabiam que se havia fustigado um barine. Entrou na caserna, foi para o seu lugar, depois, sem dizer palavra, ajoelhou-se e começou a rezar. Os forçados sentiram-se não só surpresos, mas comovidos. Quando vi aquele velho, aquele homem de cabelos brancos, separado da esposa, dos filhos, que ficaram todos na terra natal, quando o vi ajoelhar-se e rezar após a iníqua punição, uma cólera terrível me sufocou; corri para trás das casernas, e durante duas horas fiquei lá, embrutecido, como bêbado.”

Desde então os forçados, conquistados por seu silêncio debaixo do açoite, mostraram por J–ki uma consideração toda especial.

Sejamos justos, entretanto, e não julguemos por esse exemplo a conduta da administração para com os deportados de origem nobre, russos ou polacos. Vê-se apenas que um homem mau, se é o comandante, pode agravar singularmente a sorte dum exilado quando este lhe desagrada. Mas, confessemo-lo, o alto comando da Sibéria, do qual depende a conduta dos subalternos, dá provas de discernimento no que se refere aos deportados dessa espécie; em certas oportunidades, até, por causas bem claras — lhes mostra mais indulgência que aos outros. Em primeiro lugar, esses chefes também são fidalgos; em segundo, citam-se casos em que os nobres, de preferência a receberem os açoites, se atirariam aos executores, o que acarretaria lamentáveis consequências; em terceiro lugar, de uns trinta e cinco anos para cá, a Sibéria recebeu uma grande quantidade de fidalgos 2. Esses barines conquistaram o respeito geral e se fizeram tão apreciados que no meu tempo, graças a um hábito já antigo, a administração encarava os criminosos de origem nobre com olhos bem diversos dos que tinham pelos deportados comuns. Essa atitude passara do alto comando aos chefes subalternos, os quais calcam seus modos e atos pelos dos superiores. Entretanto, muitos dentre os inferiores criticavam sem rodeios o procedimento dos chefes em relação aos nobres. Ficariam

encantados se lhes fosse dada carta branca, em vez de se sentirem assim coagidos. Tenho pelo menos fortes razões para crer nisso, e ei-las aqui: a segunda categoria do presídio, a qual eu pertencia, e que era composta por forçados outrora servos, submetidos à autoridade militar, era infinitamente mais severa que as duas outras, isto é, a terceira (trabalhos de usina) e a primeira (trabalhos de minas); e isso não só para os nobres, mas para todos os forçados, precisamente porque sua organização militarizada se identificava à das companhias correcionais da Rússia. O regime militar é mais severo, a ordem é mais estrita, nunca se dispensam as grilhetas, nem os vigilantes, nem os ferrolhos, o que não se vê com rigor idêntico nas outras categorias. Era pelo menos o que afirmavam os nossos forçados, e não faltavam entendidos entre eles. Teriam passado contentes para a primeira categoria, que a lei considerava no entanto como a mais penosa, e mais de um até sonhava com essa mudança.

Aqueles dentre os nossos que tinham estado nos presídios da Rússia, falavam a seu respeito com horror unânime; garantiam que, em comparação, a vida na Sibéria era um paraíso. Se, pois, apesar da severidade do nosso regime militar e da presença do próprio governador-geral, se apesar do temor de que alguns funcionários, levados por excesso de zelo, por inveja ou por maldade, mandassem relatórios secretos sobre as transgressões de um ou de outro chefe — se nessas circunstâncias ainda se encaravam os criminosos nobres com mais benevolência que os outros forçados, deveriam tratá-los com muito maior indulgência nas duas outras seções.

Dado o lugar em que eu me encontrava, creio poder deduzir o que se passava em toda a Sibéria. As notícias, as narrativas que me chegaram a esse respeito, por intermédio dos forçados da primeira e da terceira categoria, confirmam minhas conclusões. Na realidade, a administração dava para conosco provas de certa habilidade. Nós não gozávamos, é claro, de imunidade nenhuma, no que se referia ao trabalho e à reclusão: a mesma tarefa, as mesmas grilhetas, os mesmos ferrolhos; tudo, conosco, era igual ao dos demais forçados. Era impossível agir de outra maneira: sei que numa época pouco longínqua os delatores, os intrigantes, os cavadores de minas sob os pés dos outros pululavam na cidade, e a administração se mantinha alerta; considerava-se um crime qualquer indulgência com certa classe de detentos. No medo de se prejudicarem, de perderem o lugar, os chefes nos tratavam pois do mesmo modo que aos outros forçados: mas faziam exceções quanto às punições corporais. A falar verdade, seríamos fustigados direitinho, se o merecêssemos, isto é, se cometêssemos a menor falta; o regulamento exigia que a igualdade... Entretanto, não se atreveriam a nos punir sem motivo. E a punição sem motivo não era nenhum mito e permitia a certos chefes subalternos, por demais inclinados ao zelo excessivo, aplicá-la a torto e a direito. Soubemos que, ao inteirar-se do sucedido com o velho J–ki, o governador se indignara com o major, e o intimara severamente a conter-se. Todos me falaram nisso. Sabíamos que o major levara

uma reprimenda do governador-geral em pessoa — contudo, o governador tinha confiança no major. E o nosso tirano não se esquecera disso. Teria muito gosto em fustigar M–cki, a quem odiava, por causa das delações de A.; mas nunca conseguiu satisfazer esse desejo, a despeito das provocações que lhe fazia, da espionagem a que o submetia. Toda a cidade depressa ficou a par do caso de J–ki, e o major teve contra si toda a opinião pública; muitos o censuraram, alguns até lhe fizeram afrontas.

Recordo muito bem o meu primeiro encontro com o major. Durante a nossa estada em Tobolsk, tinham-nos contado terríveis histórias sobre o gênio pavoroso desse homem. Alguns fidalgos deportados, que moravam em Tobolsk havia vinte e cinco anos, e nos vieram visitar várias vezes enquanto descansávamos da jornada, fizeram questão de nos prevenir, para que tomássemos cuidado. Tinham também nos prometido procurar, por intermédio de várias pessoas, poupar-nos às perseguições do major. E realmente escreveram às três filhas do governador geral, vindas da Rússia em visita ao pai, e que provavelmente lhe falaram em nosso favor. Mas que poderia fazer o governador? Simplesmente advertir o major de que mostrasse mais compostura. Foi pelas três horas que meu companheiro e eu chegamos à cidade; os soldados da escolta nos levaram diretamente à presença do tirano. Ficamos em pé, esperando-o, na antecâmara. Já haviam prevenido o suboficial. Assim que este apareceu, surgiu também o major. Aquela cara vermelhaça, avinhada, hostil, nos causou uma impressão dolorosa: parecia uma aranha feroz pronta a devorar uma pobre mosca, presa na teia.

— Teu nome? — perguntou ao meu companheiro. Falava em voz cortante, destacada, que visava produzir um determinado efeito.

— Fulano.

— E tu? — continuou ele, dirigindo-se a mim, e fixando-me através dos óculos.

— Beltrano.

— Suboficial! Que sejam levados imediatamente ao presídio: devem raspar, no corpo da guarda, o cabelo à paisana, isto é, metade da cabeça. Os ferros serão mudados amanhã. Que capotes são esses e de onde vêm? — indagou de chofre, avistando os capotes cinzentos, com círculos amarelos nas costas, que nos haviam sido entregues em Tobolsk, e com os quais nos apresentávamos sob a inspeção dos seus óculos brilhantes. — É uniforme novo?... Decerto está em estudo?... Ordem de Petersburgo? — ironizava, fazendo-nos girar cada um por sua vez... — Não trazem nada consigo? — perguntou depois a um dos guardas que nos comboiava.

— Têm as suas próprias roupas, Excelência — respondeu o guarda, que se endireitou logo, e até mesmo estremeceu de leve. Todos o conheciam, todos o temiam.

— Tomem conta de tudo; deixem apenas a roupa branca. Se a roupa de baixo for de cor, e não branca, tomem também. O resto será vendido em leilão. O dinheiro será inscrito na receita. Um forçado não possui nada — acrescentou, fitando-nos com

severidade. — E cuidado, portem-se bem! Não quero ouvir nada, senão... castigo cor-poral! Ao menor delito — as varas!

Por falta de hábito, aquela recepção me deixou meio doente durante quase toda a noite. O que vi depois, no interior do presídio, só me fez agravar o mal-estar; mas já falei nisso tudo.

Acabo de dizer que éramos tratados em pé de igualdade com os outros forçados. Uma vez, entretanto, procuraram nos auxiliar: durante três meses consecutivos fomos empregados, B–ski e eu, como secretários no escritório de engenharia. A coisa foi feita em segredo, por ordem do engenheiro-chefe — quer dizer, aqueles que deveriam saber da nossa presença lá, fingiam ignorá-la. O caso se passou sob o comando do tenente-coronel G–kov, que nos caiu por assim dizer do céu, mas que demorou muito pouco tempo — seis meses no máximo, se bem me lembro — e retornou à Rússia deixando uma recordação indelével no coração de todos os forçados. Pode-se dizer que o amavam, que o adoravam, se cabe aqui esta palavra. Ignoro como ele o fizera, porém os soubera conquistar à primeira vista. “Um pai, um verdadeiro pai!”, exclamavam os presos a cada instante, vendo-o dirigir os trabalhos de engenharia. Era um homem de pequena estatura, alegre, de olhos atrevidos, farrista despudorado, que se mostrava para com os forçados de uma amabilidade que roçava à ternura. Amava-os realmente como um pai. Não sou capaz de explicar as razões desse amor, mas o fato é que ele não podia avistar um detento sem lhe dizer uma palavra afável, sem rir e brincar com ele; e agia sem mostrar o mínimo espírito de comando, nada que lembrasse o chefe, ou apenas a condescendência do chefe. Sentia-se realmente nele um camarada, um igual. E apesar desse democratismo intenso, nem uma única vez os forçados se atreveram a lhe faltar com o respeito, ou à menor familiaridade. Apenas o rosto dos detentos se iluminava quando avistavam o comandante; tiravam o gorro, sorriam amplamente, só ao vê-lo chegar. Se o comandante lhes dirigia a palavra, parecia que lhes dera um presente! Eis os efeitos da popularidade! Tinha um olhar de criança, caminhava com grandes passadas. “Parece uma águia!” comentavam os forçados. Ele não os podia auxiliar, é claro, não lhes podia minorar a sorte porque dirigia apenas os trabalhos de engenharia, executados segundo formas legais, estabelecidas já definitivamente. Mas se por acaso encontrava um pelotão de forçados cuja tarefa terminara, em vez de os prender inutilmente, mandava-os embora antes do rufar do tambor. Os forçados adoravam a confiança que ele lhes testemunhava, seu espírito sem mesquinharias, seu procedimento irrepreensível nas suas relações de chefe para com os subordinados. Se o comandante perdesse mil rublos e o mais empedernido dos nossos ladrões os encontrasse, creio que os devolveria. Sim, tenho certeza disso. Imagine-se pois com que profunda emoção souberam que o “nosso” comandante estava rompido de fogo e sangue com o odioso major! Foi no primeiro mês depois da sua chegada. O major, não sei quando, fora companheiro de armas do

comandante. Quando se tornaram a encontrar, após longa separação, começaram a divertir-se juntos, mas, em consequência de uma discussão, G–kov ficou inimigo fidagal do antigo camarada. Correu até o rumor de que haviam chegado a vias de fato, coisa muito possível com o nosso major, que tinha a mão leve. Assim que os forçados souberam da história, sua alegria chegou ao auge: “Claro que 'Oito-Olhos' não poderia se dar com um homem daqueles!... Nosso comandante é uma águia, enquanto o major é...!” — a palavra que o qualificava fere profundamente a decência. E os presos desejavam apaixonadamente saber qual dos dois homens vencera o pugilato que lhes era imputado. Se o boato fosse desmentido, teriam sofrido um enorme desapontamento. “Decerto o comandante escangalhou o major”, diziam; “ele pode ser pequeno, mas não sabe o que é medo; o outro é capaz de se ter metido debaixo da cama, para se esconder!” Porém em breve G–kov foi embora, para luto do presídio inteiro. É preciso reconhecer que os comandantes de engenharia eram todos excelentes pessoas. Durante o meu tempo, mudaram-nos três ou quatro vezes! “Não, nunca veremos um igual!” afirmavam os forçados. “Era uma águia, um anjo da guarda!”

Foi pois esse G–kov que nos mandou, a B. e a mim, trabalhar algum tempo no escritório, por simpatia ante os sofrimentos dos deportados nobres. Depois de sua partida, nossa situação ficou de certo modo regularizada. Alguns oficiais de engenharia (um deles, sobretudo) eram muito bondosos conosco. Devíamos copiar relatórios, e nossa caligrafia ia melhorando, quando de súbito veio ordem superior determinando que voltássemos imediatamente às nossas ocupações anteriores. Alguém se dera ao trabalho de nos denunciar! Não nos entristecemos, porque a vida nos escritórios começava a ser fatigante. Depois, durante dois anos seguidos, ficamos nas oficinas. Conversávamos, falávamos das nossas esperanças, das nossas convicções. O meu excelente B. tinha às vezes opiniões estranhíssimas, muito exclusivas. Com frequência pessoas inteligentes se obstinam em defender espantosos paradoxos; é que sofreram tanto por suas ideias que lhes seria por demais penoso, quase impossível, renunciar a elas. A menor objeção feria B., que sempre me replicava com azedume. Talvez muitas vezes ele enxergasse mais claro do que eu, mas por fim tivemos de nos separar, coisa que me fez sofrer enormemente, porque tínhamos muitos pontos em comum.

Entretanto, com o passar dos anos, M–cki tornava-se cada vez mais sombrio. O desgosto o consumia. Nos primeiros meses de minha detenção, ele era mais comunicativo, mostrava mais claramente seus pensamentos. Começava então seu terceiro ano de presídio. A princípio interessava-se principalmente pelo que se passara no mundo durante os últimos dois anos; interrogava-me, ouvia, apaixonava-se. Mas pouco a pouco tornou-se mais fechado, já não se expandia. O exterior ardente cobria-se de cinzas. A amargura crescia nele mais e mais. “Je hais ces brigands!” repetia ele em francês, olhando com horror os forçados que eu já aprendera a conhecer: nenhuma das

minhas explicações a favor daquelas criaturas tinha influência no seu espírito. Ele não compreendia o que eu falava; se concordava, distraído, nem por isso deixava de repetir no dia seguinte: “Je hais ces brigands!” Como frequentemente conversávamos juntos em francês, um vigilante dos trabalhos, o soldado de engenharia Dranichnikov, apelidou-nos, não sei por que, de “os enfermeiros”. M–cki só se animava quando falava em sua mãe. “Está velha, doente, gosta de mim mais do que de tudo no mundo, e eu não sei se ainda é viva ou morta! Foi um golpe forte demais para ela, saber que me haviam açoitado!...” Como M–cki não era nobre, tivera que sofrer antes da reclusão o castigo corporal. Não o recordava nunca sem trincar os dentes e desviar os olhos. Nos últimos tempos, procurava cada vez mais a solidão. Uma ocasião, ao meio-dia, mandaram-no chamar em casa do governador, que o recebeu com um sorriso nos lábios:

— Então, M–cki, com que sonhaste esta noite? — indagou o governador.

(“Quando ele me perguntou isso, estremeci, contou M–cki ao voltar. Era como se me traspassassem o coração.”)

— Sonhei que recebia uma carta de minha mãe — respondeu ele.

— Melhor que isso, muito melhor! — replicou o governador. — Estás livre! Tua mãe fez uma súplica, e sua súplica foi levada em consideração. Está aqui a carta dela, e está aqui a tua ordem de soltura; vais deixar imediatamente o presídio!

Ele voltou para junto de nós, lívido, abaladíssimo pela notícia. Felicitamo-lo e M–cki nos apertou as mãos com os dedos trêmulos e gelados. Muitos forçados lhe deram os parabéns.

Foi ser colono, e ficou na nossa própria cidade, onde lhe arranjaram logo um emprego. De início vinha frequentemente nos visitar, e, quando o podia, comunicava-nos as notícias: o que mais o interessava era a política.

Dos quatro outros polacos (fora M–cki, T–ski, B–ski e J–ki), dois jovens, deportados por pouco tempo, eram ignorantes, porém honestos, simples e francos. O terceiro, A–czukovski, era muito vulgar, mas o quarto, B–m, homem de idade, nos produziu uma impressão abominável. Não pude compreender a presença dele entre aqueles condenados, e ele próprio negava qualquer participação no movimento. Era uma alma grosseira, mesquinhamente burguesa, com hábitos e ideias de vendeiro enriquecido vintém a vintém. Desprovido de instrução, não se interessava por nada, salvo por seu ofício de pintor, no qual era aliás um mestre. A administração depressa se inteirou da sua habilidade, e toda a cidade o reclamou para decorar paredes e tetos. Em dois anos ele pôs novas em folha quase todas as residências dos funcionários; pagavam-lhe bem, de modo que nunca lhe faltava dinheiro. Mas o melhor da história foi que lhe concederam auxiliares. De tanto o acompanhar, dois dos ajudantes acabaram aprendendo o ofício, e um deles, T–czevski, tornou-se tão bom pintor quanto o mestre. Nosso major, que morava numa casa do governo, pediu por sua vez a B–m que lhe pintasse as paredes e o

teto. B–m se esforçou tanto, que nem mesmo a residência do governador-geral se comparava com a do major. Era uma velha casa térrea de madeira, de aspecto decadente e miserável quando vista de fora, porém decorada interiormente como um palácio; o major ficou radiante... Esfregava as mãos, contava a quem queria ouvir que ia casar-se: “Com uma casa assim, não há outra coisa a fazer!”, acrescentava em tom grave. E estava encantado com B–m e seus ajudantes. O trabalho durou um mês, durante o qual “Oito-Olhos” mudou completamente de ideia a nosso respeito, e começou até a nos proteger. Levou as coisas tão longe que um belo dia mandou chamar J–ki.

— J–ki — falou — eu te ofendi, mandei te fustigar sem razão; sei disso e o lamento. Compreendes? Eu, eu o lamento!

J–ki respondeu que compreendia.

— Compreendes que eu, teu chefe, te mandei chamar para te pedir perdão? Sentes isso? Quem és tu diante de mim? Um verme! Menos que um verme! Um forçado! E eu sou major pela graça de Deus! 3 Major, compreendes bem?

J–ki respondeu que também o compreendia.

— Bem, então, agora, faço as pazes contigo; mas estás sentindo isso, estás sentindo de verdade?Em toda a sua grandeza? Serás capaz de o compreender e o sentir? Imagina apenas: eu, eu, um major...

E assim por diante.

O próprio J–ki contou a cena. Via-se, pois, que algo de humano dormia ainda dentro daquela besta avinhada e feroz. Se tomarmos em consideração suas estreitíssimas ideias, seu espírito limitado, devemos convir que aquele gesto não carecia de certa grandeza de alma. Todavia, o álcool contribuíra muito, certamente, para a realização da cena toda.

O sonho do major não se realizou. Não se casou, embora estivesse resolvido a isso, na ocasião em que terminaram as reparações da residência. Em vez de esponsais, foi levado a julgamento e obrigado a pedir demissão. Velhos crimes seus tinham voltado à tona: ele fora outrora comissário de polícia da nossa cidade. O golpe lhe foi vibrado inopinadamente. A notícia provocou na fortaleza uma transbordante alegria; houve uma festa, uma verdadeira solenidade. Contava-se que o major gemia e choramingava como uma velha. Mas em vão: teve que se resignar, demitir-se, e pedir reforma. Vendeu a princípio a parelha de cavalos ruços, depois tudo o que possuía, e acabou caindo na miséria. Nós o encontrávamos às vezes, de sobrecasaca puída, e gorro com tope. Olhava-nos de viés. Porém seu prestígio desaparecera com a farda. De farda ele era um deus. De sobrecasaca, poderia ser tomado por um lacaio. Com quantos outros se dá o mesmo! O hábito é que faz o monge...

---

1) Sem dúvida o autor se refere a Ust–Kamenogorsk, na província de Semipalatinsk. (N. T.)

2) O autor se refere novamente aos “decembristas”. (N. T.)

3) No meu tempo, não só o major, como vários outros chefes subalternos, principalmente os que haviam começado como soldados rasos, empregavam essa expressão. (Nota do Autor.)

9

UMA EVASÃO

Pouco depois da demissão do major, reviraram de alto a baixo o nosso presídio. Suprimiram os trabalhos forçados, e, em vez deles, criaram uma companhia correcional, segundo o modelo das da Rússia. Isso significava que não haveria mais na fortaleza condenados e deportados a galés da segunda categoria; só iam para lá presos militares, isto é, homens privados dos seus direitos civis. Eram soldados iguais aos outros soldados, mas que haviam sido fustigados e condenados a seis anos de prisão, no máximo; quando libertos, voltavam, de pleno direito, para o regimento de onde haviam saído. Entretanto, os que apareciam na qualidade de reincidentes eram, como outrora, condenados a vinte anos. Antes dessa transformação nós já possuíamos uma seção militar, mas os soldados eram deportados para lá por falta de outro sítio próprio; contudo, agora, essa secção tomara conta do presídio todo. É claro que os forçados — os autênticos, os que estavam privados de todos os seus direitos, raspados a navalha e marcados com ferro em brasa — ficaram lá até a expiração da pena; como não eram, porém, trazidos novos contingentes dessa espécie, dentro de dez anos a fortaleza não deveria conter mais nenhum forçado civil. A seção especial também foi conservada, e às vezes chegava para ela um criminoso importante, condenado pelo conselho de guerra, à espera da organização, na Sibéria, de trabalhos forçados particularmente rigorosos. Desse modo, nossa vida continuou exatamente como no passado: a mesma disciplina, o mesmo trabalho, e pouco mais ou menos o mesmo regulamento. Só a administração fora renovada e complicada. Nomeou-se um oficial superior, comandante de companhia, com quatro oficiais que sucessivamente ficavam com a guarda. Substituíram-se os inválidos por doze suboficiais. Dividiram-se os detentos em esquadras de dez homens, comandadas cada uma por um cabo escolhido entre eles próprios — cabo apenas no nome, segundo é fácil de imaginar. Como era justo, Akim Akimitch foi logo um dos cabos. Toda essa nova organização — a fortaleza, os “cabos”, os forçados — continuou como antes sob a autoridade de um governador. E as coisas ficaram nisso. De começo, os forçados se agitaram muito, discutiram, procuraram estudar os novos chefes; mas quando viram que na realidade tudo continuava imutável, aquietaram-se, e a vida prosseguiu o seu curso. Pelo menos tínhamos um lucro: conseguíramos nos desembaraçar do major. Cada um de nós respirava mais livremente, e recuperava coragem. O pavor desaparecera, todos sabiam que agora, em caso de necessidade, a gente

poderia se explicar com os chefes, e, salvo um erro, os inocentes não pagariam pelos culpados. A venda de vodca continuou da mesma maneira, apesar da substituição dos inválidos por suboficiais. Esses suboficiais revelaram-se, na maioria, homens sérios e de juízo, capazes de compreender a situação. É verdade que a princípio houve um ou dois que tentaram tratar-nos como a soldados, mas depressa compreenderam com quem lidavam. Os mais recalcitrantes foram corrigidos pelos próprios forçados, o que provocou alguns incidentes. Tentávamos os suboficiais oferecendo-lhes bebida; depois, quando lhes passava a bebedeira, a gente os fazia compreender, ao nosso modo, que, se podiam embriagar-se com os forçados, nada valiam, por consequência... E os suboficiais acabaram por olhar com indiferença, ou melhor, acabaram esforçando-se por não enxergar mais as tripas cheias de vodca. Melhor que isso, faziam como outrora os inválidos, iam ao mercado trazer kalatchi para os presos, carne e outros artigos, tudo que poderia ser introduzido no presídio sem lhes rebaixar muito a dignidade. Para que servia aquela transformação em prisão militar? Não o sei. A mudança se operou no fim de minha pena, contudo tive que viver ainda dois anos sob o novo regime.

Devo descrever aqui toda a minha vida durante esses anos de prisão? Não o creio. Se devesse contar por ordem tudo que vi e senti durante esse tempo, teria que duplicar, ou até mesmo triplicar o número destas páginas. Ademais, a descrição se tornaria fastidiosa. Todos os acontecimentos assumiam um só e único aspecto, sobretudo se, pela leitura dos capítulos anteriores, o leitor já fez uma ideia suficientemente clara da vida dos forçados de segunda categoria. Eu gostaria de descrever num quadro impressionante pela veracidade a nossa fortaleza e tudo que sofri ali durante longos anos. Consegui esse fito? Ignoro-o; eu próprio não o poderia julgar, mas sinto que posso terminar aqui; revolvendo essas lembranças, a mágoa me sufoca, e como poderia eu recordar todas as minúcias daquela vida? Os últimos tempos, por assim dizer, desbotaram na minha memória. Muitas coisas esqueci de todo. Entretanto esses anos tão uniformes arrastaram-se todos, sombrios, tristes. Tenho lembrança de longos dias de tédio, semelhantes às gotas que, depois da chuva, caem de uma em uma dum teto. Um intenso, ardente desejo de ressurreição, de renovação, de vida transformada, me dava coragem para ter paciência, e esperar. No fim, eu conseguira me enrijecer; esperava a passagem de cada dia, para o descontar; embora me restasse ainda um bom milhar deles a passar no presídio, era sempre com satisfação que eu cortava um algarismo a esse milhar. Cada dia decorrido, acompanhava-lhe o enterro, via-o descer ao túmulo, e, alegremente, me preparava para a chegada do dia seguinte; dizia a mim mesmo que, tirando-se um de mil, ficam apenas novecentos e noventa e nove. Lembro-me também de que, durante todo esse tempo, apesar das centenas de companheiros que me cercavam, eu vivia numa solidão estranha, e estimava essa solidão. Só com minha alma, considerava minha vida anterior, analisava-a nos mais ínfimos detalhes, e me condenava severamente, sem piedade. Em certos

momentos, até, abençoava a sorte que me concedera aquela solidão, sem a qual não poderia meditar assim, nem fazer uma severa revisão do passado. Que esperanças me germinavam então, no peito! Eu pensava, resolvia, jurava que na minha vida futura não haveria nenhum dos erros, nenhuma das quedas de outrora; traçava um programa completo, ao qual prometia firmemente obedecer. Desenvolvia em minha alma a fé cega de realizar, de poder realizar esse programa. Esperava, ansiava pela liberdade, queria ensaiar minhas forças numa nova luta. Às vezes, uma impaciência febril me constrangia... Mas me é muito doloroso recordar isso tudo, que, aliás, só interessa a mim... Se o descrevo, é porque suponho que me hão de compreender, há de sentir a mesma coisa todos os que são atirados numa prisão, na flor da mocidade e do vigor.

Contudo, para que insistir neste assunto? E para não terminar assim, de chofre, vou ainda narrar alguma coisa. É o melhor que posso fazer, a fim de não terminar estas notas de modo excessivamente brusco.

Ocorre-me que talvez alguém pergunte se seria impossível um condenado fugir do presídio, se durante tantos anos nenhuma evasão se deu. Como já o contei, um detento, que passou dois ou três anos numa fortaleza, começa a dar valor a esse lapso de tempo, e põe-se involuntariamente a pensar que melhor será ficar ali até o fim, sem trapalhadas, sem perigos; terminada a pena, sair como colono livre, legalmente. Mas um cálculo dessa natureza só pode ocorrer aos forçados cuja condenação é curta. Os que têm à sua frente longos anos de detenção, estão prontos a correr todos os riscos. Entretanto, no nosso presídio ninguém se evadia, e seria difícil dizer o porquê; sem dúvida, deve-se atribuir essa reserva ao medo inspirado pela inflexível disciplina militar, ou à situação da cidade da qual dependíamos — em plena estepe. Houve, todavia, um caso de evasão, no meu tempo: dois forçados a tentaram, ambos criminosos de importância...

Depois da partida do nosso major, o seu espião, A., viu-se completamente abandonado e sem proteção. O tempo lhe endurecera o caráter: muito moço ainda, era cínico, malicioso, sem escrúpulos, decidido a tudo. Se lhe houvessem dado a liberdade, continuaria decerto a exercer a espionagem e a fazer dinheiro de todas as maneiras mas sem se deixar apanhar estupidamente como da primeira vez, e sem pagar a tolice com trabalhos forçados. Lá no presídio, praticava para o futuro, fabricando passaportes falsos. Aliás, não posso garantir muito isso, porque ouvia a história da boca de outros forçados: a lhes dar crédito, ele já exercia o ofício de falsário na cozinha do major, nos tempos em que ia lá, o que lhe produzia pingues rendimentos. Em suma, estava resolvido a tudo para mudar de sorte. Pude observá-lo bem: e o seu cinismo; que raiava pela mais revoltante abjeção, pela mais fria audácia, despertava-me um horror invencível. Creio que tendo vontade de beber uma garrafa de vodca, e não podendo obtê-la senão graças a um assassinato, ele não recuaria diante do crime, contanto que o pudesse executar em segredo, escondido de todos. No presídio, aprendera a calcular. Foi na sua pessoa que

Kulikov, da seção especial, fixou a escolha para companheiro. Já falei em Kulikov. Homem maduro, mantinha-se forte, apaixonado, ativo, com capacidades extraordinárias e diversas. Parecia dessas pessoas que conservam até a mais extrema velhice a vontade e a força de viver. Eu me sentiria surpreso se o visse resignado a ficar ali, como os outros. Porém Kulikov já tomara a sua decisão. Qual dos dois teve mais influência sobre o outro? Ignoro, mas ambos se equivaliam muito bem. Feitos um para o outro, depressa estreitaram a amizade; penso que Kulikov contava com A. para lhe obter um passaporte. A. era de nobre família, e isso autorizava todas as esperanças — com a simples condição de conseguirem chegar à Rússia. De qualquer modo, essas esperanças deveriam ir mais longe que a simples rotina da vagabundagem siberiana. Kulikov, comediante nato, poderia desempenhar muitos papéis, na vida: pelo menos contava com a variedade das suas aptidões. O presídio sufoca pessoas dessa espécie. E combinaram portanto a evasão.

Mas sem a conivência do vigilante, qualquer fuga seria impossível. Era preciso se entender com o homem. Num dos batalhões sediados entre nós, encontrava-se um polaco enérgico, digno talvez de melhor sorte, indivíduo de certa idade, porém severo, sério. Enviado para servir na Sibéria, quando moço, a saudade o venceu, e o rapaz desertou. Foi apanhado, fustigado, e condenado a dois anos de batalhão disciplinar. Quando o devolveram à tropa, tivera tempo para refletir; entregou-se ao serviço com um interesse, um zelo que lhe valeram as divisas de cabo. Tinha uma exagerada consciência do seu valor; seus modos, suas palavras, respiravam orgulho, confiança própria. Muitas vezes, durante todos aqueles anos, eu reparei nele, entre os soldados da nossa escolta. Aliás, os polacos me haviam falado no seu nome. Parece-me que a saudade da pátria, a nostalgia, se haviam mudado em ódio surdo, irreconciliável. Esse homem era capaz de tudo, e Kulikov mostrou faro, escolhendo-o para cúmplice. Chamava-se Koller. Os três se conluiaram e marcaram um dia. Estávamos no mês de junho. O clima da cidade era quase uniforme, sobretudo no verão: o calor persistente ajuda os vagabundos. Como é fácil de conceber; de modo nenhum poderiam os cúmplices saírem diretamente da fortaleza. A cidade fica numa colina, as proximidades são descampadas, e, numa extensão bastante vasta, floresta alguma prende o olhar. Era preciso pois trocar de roupa, e para isso tinham que ir ao bairro onde Kulikov já há muito tempo possuía um esconderijo. Não sei se os seus amigos do tal esconderijo estavam totalmente a par do segredo. Podem-se fazer suposições, mas a coisa nunca foi devidamente esclarecida. Nesse ano, num dos recantos do arrabalde, uma rapariga moça e agradável, chamada “Vankanka”, começara carreira; dava grandes esperanças — esperanças que aliás cumpriu em parte. Chamavam-na também “Labareda”. Decerto essa mulher desempenhou um papel no caso, pois Kulikov, já há um ano, fazia loucuras por ela. Nossos homens se apresentaram de manhã à chamada, e fizeram com que os dessem como ajudantes ao forçado Chilkine, forneiro e gesseiro de profissão, que estava então trabalhando num quartel vazio; os soldados que o

habitavam já havia muito viviam acampados sob tendas. Koller arranjou também um jeito de ser escolhido para a escolta dos três, mas como para três forçados o regulamento exige duas sentinelas, deram a Koller, soldado antigo e cabo, um recruta que ele deveria iniciar no serviço. Era mister que os nossos forçados exercessem uma enorme influência sobre Koller e lhe inspirassem desmedida confiança, para que aquele velho soldado, com tantos anos de experiência, graduado, austero, ajuizado, se resolvesse a acompanhá-los.

Chegaram ao quartel às seis horas da manhã. O local estava deserto. Depois de trabalhar uma hora, Kulikov e A. disseram a Chilkine que iriam à oficina, alegando a princípio que queriam ver não sei que, e, depois, que iam apanhar uma ferramenta que lhes faltava. Precisavam agir com astúcia — isto é, com naturalidade — enquanto tratavam com Chilkine. Chilkine era um desses astutos artesãos moscovitas, inteligente mas de poucas palavras, de aspecto débil e descarnado, feitos para usar a vida inteira o colete e a blusa da moda, na boa cidade de Moscou; porém o destino resolvera outras coisas a seu respeito; depois de longas peregrinações ele acabara caindo em prisão perpétua, na seção especial, ou seja, entre os mais perigosos reincidentes da justiça militar. Ignoro o ponto de partida de carreira tão lamentável, mas Chilkine jamais demonstrava a mínima acrimônia, o menor mau humor; de tempos em tempos, embriagava-se como uma esponja; fora isso, seu procedimento nada deixava a desejar. Como ele não estava no segredo e não era nenhum tolo, Kulikov lhe piscou o olho, dando a entender que iria buscar aguardente escondida na oficina, desde a véspera. A ideia agradou a Chilkine: ficou só com o recruta, sem alimentar a menor suspeita. E A., Kulikov e Koller afastaram-se em direção do tal arrabalde.

Passou-se meia hora. Como os ausentes não retornavam, Chilkine, subitamente alarmado, e que já vira muita coisa neste mundo, pôs-se a refletir, e tanto refletiu que sentiu que as botas lhe comichavam. Lembrou-se de que Kulikov se mostrara num estado de espírito anormal. Por duas vezes vira A. lhe cochichar qualquer coisa; e nas duas vezes Kulikov respondera ao cúmplice com uma batida de pálpebras significativa; disso Chilkine estava certo, inteiramente certo. Koller também lhe chamara a atenção, porque antes de se afastar com os dois forçados, perdera tempo a ensinar coisas ao recruta, a lhe explicar como deveria agir na sua ausência, fato insólito, sobretudo partindo de homem daquela têmpera. Em suma, quanto mais Chilkine examinava as circunstâncias, mais a desconfiança lhe aumentava. E como o tempo ia passando e ninguém voltava, a sua inquietação acabou por ultrapassar todos os limites. Compreendia muito bem os riscos que corria, naquele caso: as suspeitas dos chefes poderiam recair sobre a sua pessoa, acusá-lo-iam de haver permitido que os companheiros partissem por estar de conivência com a fuga. Se demorasse a denunciar o desaparecimento de Kulikov e A., essas suspeitas tomariam ainda maior consistência. Não tinha pois um instante a perder. Então se lembrou de que nos últimos tempos Kulikov e A. se tinham tornado amigos íntimos,

passavam o tempo cochichando juntos, e iam conversar por trás das casernas, longe de todos os olhares. Recordou-se até de que esse fato lhe despertara a curiosidade... Olhou então para a sentinela; o rapaz bocejava, encostado ao fuzil, e furacava o nariz com o dedo, num jeito tão inocente que Chilkine não considerou oportuno desvendar-lhe os seus pensamentos. Pediu-lhe apenas que o acompanhasse à oficina. Queria saber se os companheiros haviam chegado lá; quando verificou que ninguém os vira, suas dúvidas se confirmaram. “Se eles tivessem ido apenas beber e divertir-se um pouco na cidade, como Kulikov o fazia às vezes, por que me esconderiam isso?” pensava Chilkine. Resolveu-se então: abandonando o trabalho, dirigiu-se diretamente para o presídio.

Eram cerca de nove horas quando Chilkine se apresentou ao sargento e lhe explicou as causas do seu retorno. O suboficial assustou-se, e a princípio recusou acreditar. Chilkine, é claro, só lhe apresentou a coisa sob forma de mera suspeita. O sargento voou à casa do major, o major correu à do governador, e um quarto de hora depois tinham sido tomadas as medidas necessárias. Fizeram um relatório ao governador-geral. Os criminosos eram de importância, e dever-se-ia temer uma reprimenda severa, de Petersburgo. Bem ou mal, A. fazia parte dos condenados políticos. Quanto a Kulikov, pertencia à seção especial, isto é, à seção dos supercriminosos, da qual até então ninguém conseguira fugir; e além do mais, era militar. Recordaram que, de acordo com o regulamento, todos os homens dessa seção, quando iam para o trabalho, deveriam levar um e até dois soldados de escolta. O regulamento não fora pois cumprido, o que agravava o caso. Mandaram-se correios a todas as capitais de distrito, às circunvizinhanças, a todos os povoados, grandes e pequenos. Fez-se conhecer por toda parte a notícia da fuga, e foram dados os sinais característicos dos evadidos; mandaram-se cossacos no seu rastro... Enfim, um pavor horrível se disseminou... Durante esse tempo, no interior da fortaleza, a agitação era grande. À medida que iam voltando do trabalho, os forçados sabiam da notícia, que já corria de boca em boca, e cada um a recebia com uma alegria secreta, mas intensa. Todos sentiam o coração lhes bater com força... Aquela evasão rompia a monotonia da vida no presídio, agitava o formigueiro. Despertava um eco fraternal no peito de todos os detentos, vibrava neles certas cordas há muito tempo adormecidas. A esperança, a audácia, a possibilidade de “mudar de sorte”, faziam fremir as almas. “Se eles puderam fugir, por que não o poderei eu?” E cada um, a esse pensamento, fitava no vizinho os olhos provocantes, cada um se sentia bruscamente tomado de orgulho, e encarava de cima os suboficiais. É claro que imediatamente apareceram os oficiais. O próprio governador apresentou-se. Nós nos divertíamos à grande; encarávamos os chefes com silenciosa gravidade, e com certo desprezo: “Quando a gente quer...” Esperando uma busca, tínhamos corrido a esconder o que era nosso; porque ninguém ignorava que, nesses casos, os chefes tratariam de tudo com grande rapidez. E as previsões mostraram-se exatas: houve um grande rebuliço, puseram tudo de

pernas para o ar, pesquisaram individualmente cada preso, sem nada encontrar, é lógico. À tarde, mandaram os forçados para o trabalho sob escolta redobrada. À noite, os oficiais de guarda fizeram rondas contínuas. Procedeu-se a duas chamadas, contra o costume: e novo rebuliço se registrou; mandaram-nos formar no pátio para nos contar outra vez, e depois novamente verificaram dentro do alojamento... A agitação andava pois no auge.

Mas isso quase não inquietava os presos. Tinham assumido ares indiferentes, e como sempre, nesses casos de “corridas”, portaram-se muito bem durante toda a noite. “Pelo menos não vão poder culpar a gente!” E por seu lado, os chefes meditavam: “Não terão ficado alguns cúmplices aqui?” Foram dadas ordens não só para vigiar os forçados como para lhes espionar as palavras. Isso só os fez divertir: “Eles não seriam tão tolos que fossem deixar cúmplices; esses golpes se preparam na surdina. Camaradas do estofo de Kulikov e de A. não vão mostrar rastro, sabem esconder o jogo! Ninguém soube nem viu! É gente que passa por um buraco de rato, quanto mais por uma porta fechada!” Em resumo, a fama de Kulikov e de A. aumentava sempre; todos tinham orgulho por eles; calculava-se que a façanha dos dois passaria à mais remota posteridade, que sobreviveria ao presídio.

— São uns mestres!

— E os chefes que pensavam que ninguém pode sumir daqui! Agora os dois já estão bem longe! — acrescentavam outros.

— É, estão longe! — repetia um terceiro com ares importantes; — mas isso só aqueles dois eram capazes de fazer! Não vais te comparar com eles, hein?

Em qualquer outro momento, o detento a quem se dirigia a pergunta teria replicado aceso na defesa da própria honra. Desta vez, mantinha um silêncio modesto: “É verdade, a gente não é igual a eles; é preciso passar por muita coisa antes!”

— Afinal, irmãos, para que ficar aqui? — disse um quarto, que até então ouvira em silêncio,sentado sossegadamente na janela da cozinha. Esfregava a face com a palma da mão e falava com voz um pouco arrastada e mole, que traía um secreto sentimento de satisfação. — Que estamos fazendo aqui? Somos vivos sem vida, e mortos que não foram enterrados, não é mesmo?

— O presídio não é uma bota que a gente possa descalçar à toa, não?

— Ora, Kulikov, entretanto... — replicou um mocinho, cheio de ardor.

— Kulikov? — interrompeu um outro, piscando o olho com desprezo para o lado do mocinho. — Kulikov, meu filho, era Kulikov!

Isso significava que os Kulikovi não são fabricados às dúzias.

— Mas A. também tem o seu valor, não?

— A. é esperto como um gato! É capaz de enganar até Kulikov, e obrigá-lo a ver a lua ao meio-dia!

— Será que eles já estão longe? Isso é que eu queria saber!

E logo se puseram a falar do caminho que os fugitivos poderiam ter percorrido. Que direção tomariam? Para onde seria melhor encaminharem-se? Qual a cidade mais próxima? Descobriram-se forçados que conheciam a região, e suas explicações foram avidamente escutadas. Falaram nos habitantes das aldeias vizinhas, declararam-nos inseguros. Perto das cidades o pessoal é esperto; ninguém há de querer ajudar fugitivos; apanham-nos e os entregam sem dó.

— Se vocês soubessem, meninos, quanta gente ruim há neste mundo!

— Esses siberianos são umas feras!

— Gente muito à toa!

— Esses siberianos não têm sal nas orelhas; se a gente lhes cai nas unhas, adeus!

— É, mas os nossos dois rapazes...

— Sim, com eles a coisa é dura. Não é com eles que há de ser fácil.

— Espera! Se não morrermos, logo o saberemos!

— Achas mesmo que não serão apanhados?

— Eu, por mim, tenho a certeza de que não os apanharão nunca! — afirmou um dos excitados,dando um murro na mesa.

— Hum! Isso depende de como andarão as coisas!

— Pois está aqui o que acho, pessoal! — disse Skuratov. — Eu, se fugir, nunca mais ninguém me pega!

— Tu?

Puseram-se a rir e alguns fingiram recusar-se a ouvir mais. Porém Skuratov estava animado.

— Nunca me haveriam de apanhar! — repetiu energicamente. — Penso tanto nisso, irmãos, que às vezes até me admiro. Preferia me enfiar num buraco de rato a deixar me porem a mão em cima!

— Ora, se estivesses morrendo de fome, acabavas pedindo um pedaço de pão por esmola!Novas gargalhadas.

— Pedir esmola! Burrice!

— Burro és tu! Tu e o velho Vassia vingaram a “morte da vaca” 1 e por isso estão aqui!

As gargalhadas redobraram. Os forçados sérios assumiam um ar cada vez mais indignado.

— Mentiroso! — gritou Skuratov. — Mikitka é um mentiroso, e inventou isso contra mim e contra meu tio Vassia. Sei que me complicaram nessa história. Sou de Moscou e desde pequeno corro mundo! Quando o sacristão queria me ensinar a ler, puxava-me as orelhas e dizia: “Repete: Poupai-me, Senhor, na vossa misericórdia”... eu repetia: “Poupai-me, Senhor, da miséria e da corda...” Assim é que sou, desde pequenino.

As risadas continuaram. Era isso que Skuratov procurava. Gostava de servir de

palhaço. Mas depressa o deixaram de mão para voltarem à conversa séria. Os peritos em evasões emitiam pareceres; os mais jovens e os mais calmos escutavam, satisfeitos, o pescoço estendido, os olhos fixados neles. Havia uma multidão na cozinha, porém nenhum suboficial estava lá, pois do contrário os presos mostrariam mais reserva. Entre os que se rejubilavam observei o tártaro Mametka, homenzarrão de pômulos salientes, e aspecto extraordinariamente cômico. Mal falava o russo e não compreendia quase nada do que os demais diziam; entretanto, estirava a cabeça por cima dos outros e aguçava o ouvido com atenção, com beatitude.

— Hein, Mametka, iakchi (que bom) — falava Skuratov, voltando-se para o tártaro.

Abandonado por todos, agarrava-se em desespero de causa àquele ouvinte.

— Iakchi, uch, iakchi! — aprovou ardentemente Mametka, abanando a cabeça grotesca para o lado de Skuratov.

— Não os apanham, iok? (não?) — Iok, iok!

E desta vez, Mametka se pôs a resmungar, gesticulando.

— Isso quer dizer que se um mente o outro não o desmente, não é?

— É, é! Iakchi! — respondeu Mametka meneando sempre a cabeça.

— Então seja iakchi!

E para reforçar o iakchi, Skuratov lhe enterrou o gorro até os olhos, depois, deixando ali Mametka atônito, saiu da cozinha muito bem humorado.

Durante a semana inteira, prosseguiram as providências severas na fortaleza, bem como batidas minuciosas nos arredores. Os detentos imediatamente ficaram a par — não sei como — de todas as medidas tomadas para a recuperação dos fugitivos. Nos primeiros dias, as notícias eram favoráveis aos trânsfugas; tinham desaparecido sem deixar rastro. Nenhum indício, nada! Nossos forçados não se cansavam de zombar dos chefes. Não sentiam a mínima inquietação pela sorte de Kulikov e A.

— Não, ninguém os encontra! Não os apanham! — repetiam uns aos outros, satisfeitos.

— Sumiram como uma bala!

— Até breve, e sempre amigos, não?

Não sabíamos que todos os mujiques dos arredores haviam sido prevenidos, vigiavam todos os lugares suspeitos, batiam florestas e ravinas.

— Para que isto? — troçavam os forçados. — Decerto eles têm um esconderijo em algum lugar.– Claro! — aprovava um outro. — Os rapazes tomaram as suas precauções.

As suposições foram mais longe. Pretendia-se que os fugitivos ainda estavam escondidos num arrabalde da cidade, no fundo de uma adega, esperando que passasse a efervescência, e que o cabelo raspado crescesse. Isso poderia durar seis meses, um ano, e depois eles sairiam do canto.

Todos se mostravam de humor inventivo e romanesco. Mas de repente, oito dias

após a evasão, espalhou-se o boato de que tinham encontrado uma boa pista. Esse boato estúpido foi logicamente desmentido com desprezo; entretanto, na mesma noite, ia tomando consistência, e os forçados começaram a se agitar. Na manhã seguinte, contaram na cidade que os fugitivos tinham sido apanhados, que eram trazidos de volta. Depois do jantar, conheceram-se informes mais circunstanciados: tinham sido presos em certa aldeia a setenta verstas de distância. Enfim, chegou-nos a história autêntica. O sargento, voltando da casa do major, noticiou que naquela mesma noite seriam os fugitivos conduzidos ao corpo da guarda. Não se podia mais alimentar dúvidas. Seria difícil descrever a impressão que essa nova provocou nos forçados; a princípio foi exasperação, depois desânimo, e afinal escárnio. Começaram a zombar, não dos perseguidores, mas dos perseguidos.

De início alguns apenas escarneceram, porém depressa todos fizeram coro. Só uns dois ou três presos ficaram em silêncio; eram homens sérios e obstinados, que não se deixavam impressionar por zombarias, e fitavam com desprezo o grupo estouvado dos discutidores.

Tal como haviam erguido à nuvens Kulikov e A., do mesmo modo se esforçavam agora em rebaixá-los. Parecia até que os dois acabavam de cometer uma afronta contra todos. Os nossos contavam com ar de desprezo que, incapazes de suportar a fome, entraram ambos numa aldeia a fim de esmolar pão — coisa que representa o último grau do rebaixamento para um vagabundo. Aliás, essas histórias eram falsas. Vendo-se caçados, os fugitivos se esconderam numa mata que em breve foi toda cercada; como não dispunham de meio nenhum para fugir, renderam-se espontaneamente. Não lhes restava qualquer alternativa.

Mas quando à noite os trouxeram de pés e mãos atados, escoltados pelos guardas, todos os forçados se encostaram à paliçada para ver através das fendas o que lhes iriam fazer. Não avistaram, é claro, senão os carros do governador e do major parados à frente do corpo da guarda. Os evadidos foram postos na solitária, ferrados outra vez, e no dia seguinte compareceram ante os juízes. A zombaria e o desprezo dos forçados depressa caíram por si próprios. Soube-se melhor do que houvera, soube-se que Kulikov e A. tinham sido obrigados a se render, e todos se puseram a acompanhar avidamente a marcha do processo.

— Vão tomar pelo menos mil — dizia um.

— Mil! — replicava um outro. — Estás brincando? Vão apanhar até morrer. Pode ser que A.tome apenas mil, mas o outro vai deixar o couro nas varas, meu velho, porque é da especial.

Entretanto, não haviam calculado direito. A. saiu-se com quinhentos açoites; era o seu primeiro delito e foi levado em consideração o seu bom procedimento anterior. Quanto a Kulikov, creio que recebeu mil e quinhentos açoites. A punição foi afinal de

contas bastante suave. Como homens sensatos, não denunciaram ninguém. Declararam, clara e resolutamente, que tinham fugido sem se deter em parte nenhuma. Quem mais lamentei foi Koller: perdeu até a última esperança, e o seu castigo ultrapassou os dos outros em severidade: levou dois mil açoites e foi enviado como galé para um outro presídio. Quanto a A., graças aos médicos, não recebeu o castigo senão quase pró-forma. Porém no hospital pôs-se a arrotar fanfarronadas, a se declarar pronto para tudo: não recuaria diante de nada e ainda daria que falar. Kulikov portou-se como sempre — homem de juízo, decente. Ao voltar ao presídio, depois de ser fustigado, parecia que nunca saíra dali. Mas ninguém o olhava mais com os mesmos olhos, embora ele soubesse sempre e em toda parte manter-se no seu lugar. No seu foro íntimo os forçados lhe tinham perdido o respeito; tratavam-no agora de igual para igual, com uma familiaridade sem consideração. O êxito vale tanto, neste mundo!

---

1) Quer dizer que mataram um mujique ou uma baba, suspeitos de jogarem mau-olhado no gado. Havia em nosso presídio um criminoso dessa espécie. (Nota do Autor.)

10

A SAÍDA DO PRESÍDIO

Tudo isso se passou no meu último ano de prisão. Esse último ano, sobretudo no fim, me ficou tão fortemente gravado na memória quanto o primeiro. Mas para que dar minúcias? Direi apenas que apesar da minha impaciência, esse ano foi o menos penoso de todo o meu período de presídio. Em primeiro lugar, eu tinha vários amigos entre os forçados, bons camaradas, que me consideravam todos um ótimo sujeito. Muitos deles me eram dedicados, tinham-me sincera afeição. O ordenança Bakluchine sentiu vontade de chorar quando nos acompanhou a mim e ao meu companheiro para fora da prisão; e como depois, embora já libertos, nós devêssemos passar um mês na cidade num estabelecimento do governo, ele lá aparecia diariamente, com o fim único de falar conosco. Deus sabe por que, entretanto, certos indivíduos rebarbativos nunca, até o fim, me dirigiram a palavra. Parecia que uma barreira se erguia entre nós.

Nos últimos tempos, gozei de muito mais imunidades que nos outros períodos de minha detenção. Tinha encontrado conhecidos entre os oficiais em serviço na cidade, antigos companheiros de escola 1 e reentabulara relações com eles. Por seu intermédio, dispunha de mais dinheiro, podia escrever à minha família e obter livros. Já havia anos que não lia um só livro, e seria difícil reproduzir a impressão estranha e a emoção que me causou o primeiro volume — um número de revista; lembro-me de o ter começado a ler à noite, assim que fecharam as casernas, e continuar na leitura até a madrugada. Era como um mensageiro de outro mundo, que houvesse voado até mim; minha vida de outrora erguia-se diante dos meus olhos num clarão límpido, e eu procurava adivinhar, através da leitura, se me tinha atrasado demais, se eles tinham vivido intensamente sem mim, lá no mundo. Com que se agitavam agora? Que questões debatiam? — detinha-me nas palavras, lia nas entrelinhas, procurava descobrir os pensamentos secretos, as alusões ao passado; procurava os traços do que outrora perturbava e comovia os espíritos... E que tristeza me possuiu quando tive que reconhecer até que ponto estava eu alheio à vida atual! Era um membro mutilado da sociedade. Tinha que me habituar às inovações, travar conhecimento com a nova geração! Enfronhei-me especialmente num artigo assinado por um nome conhecido, o nome dum homem de quem estivera aproximado... Mas já outros nomes eram famosos; novos trabalhadores haviam ocupado os lugares antigos; apressei-me em travar conhecimento com eles, desesperando-me por ter tão poucos livros em mão, e tanta dificuldade em obtê-los. Antes, no tempo do nosso antigo

major, era grave risco introduzir livros no presídio. Em casos de busca, farpeavam a gente de interrogações: “De onde vem este livro? Onde o apanhaste? Quais são teus cúmplices?” E que poderia eu responder a isso tudo? De forma que vivera sem livros, dobrado sobre mim mesmo, malgrado meu. Quantas perguntas fiz a mim próprio sem poder elucidá-las, apesar dos tormentos que me provocavam! Porém isso tudo é impossível de exprimir!...

Como eu chegara ao presídio durante o inverno, deveria também ser libertado nessa estação, no aniversário de minha entrada! Com que impaciência aguardei esse inverno, com que alegria vi morrer o verão, as folhas amarelecerem nas árvores, a erva ressecar na estepe! Mas enfim o verão acabou. O vento de outono gemia, o primeiro floco de neve volitava... O inverno tão longamente esperado chegara... O imenso pressentimento da liberdade me fazia bater o coração em pancadas surdas, violentas. E, coisa estranha, quanto mais o tempo passava, mais se aproximava o momento, mais eu me tornava paciente, mais me acalmava. Durante os últimos dias espantava-me; acusava-me de indiferença, julgava-me de gelo. Muitos dos forçados, quando me encontravam no pátio, na hora do repouso, vinham me falar, felicitar:

— Então vai embora, Alexandr Petrovitch! A liberdade chega, breve estará aí; você vai nos deixar, vai largar os pobres diabos dos seus companheiros!

— E você também, Martynov, muito breve chegará sua vez! — respondia eu.

— Oh, muito breve não, ainda tenho que tirar sete anos!

E ele suspirava, detinha-se, olhava diante de si com ar distraído, como se fixasse o futuro...

Sim, muitos me felicitavam franca e cordialmente. Todos me pareciam mostrar mais afabilidade, sentia-se que eu já não era mais um deles, que já se haviam despedido de mim. K–czinski, um jovem fidalgo polaco, manso e delicado, gostava de, como eu, passear pelo pátio nas horas de repouso. Pensava que o ar puro e o movimento lhe conservariam a saúde, o compensariam das noites sufocantes da caserna.

— Espero com impaciência a sua partida — disse-me ele um dia, sorrindo, durante um passeio. — Ficarei sabendo então que me resta apenas um ano!

Notei de passagem que, graças à longa privação e à nossa tendência para o devaneio, a liberdade, vista da fortaleza, nos parecia mais absoluta do que o era na vida tangível e real. Os forçados viam-na por demais embelezada, coisa bastante natural num prisioneiro. Qualquer bagageiro de oficial nos parecia quase um rei, quase o ideal do homem livre, simplesmente porque ia aonde queria, sem grilheta, sem escolta, sem a cabeça raspada.

Na véspera do último dia, ao crepúsculo, dei pela derradeira vez volta à paliçada. Quantos milhares de vezes fizera eu aquele caminho? Ali, por trás das casernas, vagueara solitário, abandonado, desesperado, durante todo o primeiro ano da minha vida de

presídio. Recordava a época em que ainda contava por milhares os dias que me restavam a cumprir. Senhor, quanto tempo fazia que isto se passara! Cá está o canto onde se debatia a nossa águia — aqui é que Petrov vinha sempre ao meu encontro. Petrov, aliás, não me deixava mais: corria ao meu encontro adivinhando talvez meus pensamentos, espantado malgrado seu, caminhava em silêncio ao meu lado. Despedi-me de todas as vigas enegrecidas e mal esquadrejadas da nossa caserna. Como me pareciam rebarbativas, então, nos primeiros tempos! Sem dúvida tinham envelhecido ainda mais: eu, porém, não o podia notar. E quanta juventude enterrada naquelas muralhas, quanta força inutilmente perdida, sem proveito nenhum! Sim, devo dizê-lo: todos aqueles homens tinham dentro de si recursos maravilhosos, eram talvez os mais dotados, os mais enérgicos filhos do nosso povo, mas suas capacidades soberanas viam-se aniquiladas sem remissão. De quem a culpa?

Sim, de quem era a culpa?

Cedinho, no dia seguinte, antes da hora da partida dos homens para o trabalho, logo que o sol foi nascendo, dei volta às casernas para me despedir de todos os detentos. Muitas mãos calorosas e rudes se estenderam cordialmente para mim. Mas os que me apertaram a mão como companheiros não eram numerosos. Compreendiam que eu iria imediatamente me tornar outro homem. Sabiam que eu tinha relações na cidade, que dentro em pouco iria à casa de alguns barines junto aos quais tomaria lugar, como seu semelhante. Compreendiam isso, e, embora o seu aperto de mão fosse cordial, senti que não se despediam dum dos seus, mas dum barine. Alguns me deram as costas e teimaram em não responder à minha saudação. Outros me lançaram olhares de ódio.

O tambor rufava, todos partiram para o trabalho e eu fiquei só. Suchilov, que nessa manhã acordara antes de todos os outros, arranjara tempo para me preparar o chá. Pobre Suchilov! Chorou quando lhe dei os meus pertences de preso: as camisas, as correias de segurar as grilhetas, e um pouco de dinheiro.

— Não é por isso, não é por isso! — murmurava ele através das lágrimas, mordendo os lábios trêmulos... — Como vou suportar sua perda, Alexandr Petrovitch? Como posso viver sem vê-lo aqui?

Despedi-me de Akim Akimitch.

— Breve será sua vez — disse-lhe eu.

— Ainda me resta bastante tempo, bastante tempo! — murmurou Akim, apertando-me a mão.

Atirei-me aos seus braços e nos beijamos.

Dez minutos após a partida dos forçados, eu e o companheiro com quem viera para o presídio deixamos a fortaleza para nunca mais lá tornar. Fomos diretamente à forja a fim de nos tirarem os ferros, mas já não levávamos escolta armada, e um único

suboficial nos acompanhava. Foram forçados que nos desembaraçaram dos ferros na oficina de engenharia. Esperei que tirassem o grilhão do meu companheiro, depois me aproximei da forja. Os ferreiros me fizeram voltar as costas, seguraram-me a perna por trás, estiraram-na em cima da bigorna... Esforçavam-se em realizar o trabalho da melhor maneira possível.

— Olha a ponta do cravo; vira o primeiro a ponta do cravo! — ordenou o mestre ferreiro. — Segura assim, força! Agora uma martelada...

Caíram os ferros. Ergui-os... Queria segurá-los com minhas mãos, olhá-los uma última vez. Maravilhava-me não os sentir mais nas pernas.

— Bem, vão com Deus! Vão com Deus! — repetiram os forçados, com suas vozes rudes, entrecortadas, nas quais me parecia perceber uma nota alegre.

Sim, íamos com Deus! Para a liberdade! Vida nova, ressurreição de entre os mortos! Maravilhoso momento!

---

1) Principalmente uma meia dúzia de guardas-marinha cujas opiniões avançadas os haviam deportado em 1849 para os batalhões da guarnição de Omsk. (N. T.)

OBRIGADO POR ESCOLHER A

LERIORE

Você acabou de dar um passo importante:
transformar intenção em ação.

Que este e-book continue fazendo sentido
quando você voltar a ele.

"Disciplina hoje, uma vida extraordinária amanhã."

CONTINUE ESSA JORNADA

CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA LERIORE
E MELHORE AINDA MAIS A SUA VIDA

Mais conhecimento

Mais produtividade

Mais bem-estar

Mais resultados

CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA LERIORE →

digital.leriore-contato.workers.dev

LERIORE
E-BOOKS QUE TRANSFORMAM CONHECIMENTO EM AÇÃO

Obrigada por fazer parte dessa história!